

HERMÍNIO C. MIRANDA



# O EXILADO

Converted by

[www.FreeImageConverter.com](http://www.FreeImageConverter.com)

# O EXILADO

(E OUTRAS HISTÓRIAS QUE OS ESPÍRITOS  
CONTARAM

# FICHA CATALOGRÁFICA (Feita na Editora)

Miranda, Hermínio C.

O Exilado (E outras histórias que os Espíritos contaram) / Hermínio C. Miranda; narrativas colhidas durante trabalhos de atendimento mediúnico; Editora Espírita Correio Fraternal do ABC; São Bernardo do Campo, SP.

## BIBLIOGRAFIA

1. Narração 2. Espiritismo I. Título

CDD - 869.3

133.9

✓

## **índice para catálogo sistemático**

1. Narração: Literatura Brasileira 869.3
2. Espiritismo 133.9

Impresso no Brasil

HERMÍNIO C. MIRANDA  
844/018.291

# O EXILADO

(E OUTRAS HISTÓRIAS QUE OS ESPÍRITOS  
CONTARAM)

Edições Correio Fraternal



O Exilado (E outras histórias que os Espíritos contaram)

Hermínio C. Miranda

5ª Edição - do 15º ao 19º milheiro - Agosto de 1991

Editora Espírita Correio Fraternal do ABC

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955, CEP 09850,

Fone 419-2939, São Bernardo do Campo, SP, Caixa Postal 58, CEP 09701

(A Editora Espírita Correio Fraternal do ABC não possui fins lucrativos; seus diretores não percebem qualquer remuneração.

Todos os resultados financeiros se destinam à divulgação do Espiritismo codificado por Allan Kardec e às obras de assistência à criança, em colaboração com o Lar da Criança Emmanuel.)

Produção: W. Garcia

Secretaria Gráfica: I. Pascale

# 1

## PREFÁCIO

A generosa acolhida dispensada pelo público espírita às HISTÓRIAS QUE OS ESPÍRITOS CONTARAM animaram-nos a preparar esta nova seleção de narrativas que, como as anteriores, foram vividas e sofridas em nosso trabalho semanal de atendimento mediúnico.

Neste, como no outro livro, encontramos as mesmas motivações de sempre: o orgulho, o egoísmo, a vaidade, a ânsia de poder e dominação ou vingança e, acima de tudo, a rejeição sistemática da mensagem amorosa de Jesus. O que varia são as histórias pessoais de cada um, as diferentes maneiras de reagir, de fugir ou de revoltar-se, bem como a intensidade do sofrimento ou da perplexidade nos dramáticos primeiros momentos do despertar.

No período coberto pelo primeiro volume cuidamos durante grande parte do tempo do que costumávamos chamar “O Processo da Cruz”, ou seja, de seres que, de certa forma, ligados ao Cristo, rejeitaram-no e passaram séculos a combatê-lo insensatamente, como se estivessem a disputar com ele uma demanda pessoal, a exercitar uma vingança particular. Desta vez é mais ampla a faixa de atividades e objetivos nas diversas organizações que tivemos oportunidade de conhecer.

Encontramos instituições devotadas ao trabalho de infiltração

no movimento espírita e até no movimento cristão como um todo; as que preparam e transmitem esdrúxulas doutrinas de enxertia; as que procuram desviar companheiros em atividade na seara. Cuidamos das que se posicionam como empreiteiras da vinganças, ou como verdadeiros tribunais prontos a assessorar quem quer que seja nos meandros do que se poderia chamar de Direito Cármico. Lidamos com vastos grupos que congregavam antigos sacerdotes católicos e protestantes, ex-muçulmanos, positivistas, teosofistas e mesmo espíritas. Descobrimos até uma espécie de universidade dedicada à especulação filosófica, disposta a realizar ciclos de estudos e seminários para quem os desejasse, encarnados e desencarnados.

Mantivemos debates veementes, fizemos regressões da memória, oramos e ouvimos ameaças e propostas inaceitáveis, divergimos e convergimos, testemunhamos rancores subitamente convertidos em respeito e até em afeições profundas e dedicações comoventes. Suportamos pressões, sofremos vigilâncias que foram verdadeira espionagem. Tivemos alegrias inesquecíveis.

Por isso, cada história destas nos lembra uma emoção, cada um destes seres, inicialmente desarvorado, deixou em nós a marca da sua presença, o tom da sua personalidade e, invariavelmente, a melodia da sua gratidão. Não foram poucos os que nos perguntaram por que não os buscáramos antes para que antes houvessem despertado do longo pesadelo do desvairamento. Houve até quem voltasse em nome de muitos, como a nossa querida Angélica (ANGÉLICA E A FÉ — HISTÓRIAS QUE OS ESPÍRITOS CONTARAM), para dizer-nos que pessoas mais sensíveis e amorosas, ao lerem suas histórias, estavam orando por eles,

transmitindo-lhes vibrações de simpatia, de solidariedade, de compreensão que muito os ajudavam na reconstrução de seus fraturados universos interiores.

Por outro lado, nossos dirigentes espirituais nos confirmaram impressões colhidas entre os encarnados quanto ao impacto que esta ou aquela narrativa ia causando no espírito de muitos. E assim ficamos sabendo que, tal como nós mesmos, numerosos leitores estavam aprendendo com a própria vida importantes lições sobre a difícil arte de viver.

Que outro prêmio poderíamos, portanto, desejar senão esse de partilhar dessas histórias tão belas, tão humanas, tão densas de emoção, de autenticidade, de ensinamentos, de exemplos?

Se e que um livro destes precisa de motivações, aí estão

Não se esqueça, finalmente, o leitor de que não há aqui o mínimo toque de fantasia ou ficção — é tudo vida mesmo, vivida sofrida, é tudo gente mesmo, como você e eu e todos nós.

Gente que continua por aí tão imortal e indestrutível como nós, alguns já de volta à carne, muitos outros ainda na condição de Espírito, preparando-se para retomarem a este "vale de lágrimas" para mais uma tentativa, mais uma esperança,

E assim, querida leitora ou caro leitor, da próxima vez que você contemplar uma criança por aí, no lar remediado, na penúria do barraco pobre ou no orfanato que a caridade criou, e possível que esteja na presença de um daqueles orgulhosos prelados, guerreiros, cientistas e governantes, ou de uma daquelas imponentes damas, com as quais choramos juntos uma lágrima de emoção e de ternura. Não lhe negue o seu gesto de carinho, pois ali estará



alguém que se debate para emergir para a luz em busca do amor perdido, da felicidade sonhada e possível, mas ainda remota...

*Hermínio C. Miranda*

## NOTA DOS EDITORES

Motivos de ordem técnica levaram os Editores a propor o desdobramento desta obra em três volumes, a fim de facilitar o processo de produção, distribuição e comercialização do livro, com o que concordou o autor.

A sequência é a seguinte:

1. O EXILADO
2. A DAMA DA NOITE
3. A IRMÃ DO VIZIR

O subtítulo E OUTRAS HISTÓRIAS QUE OS ESPÍRITOS CONTARAM é comum aos três volumes.

## A INTELIGÊNCIA NÃO CURA

Desde 25 de agosto e sem nenhum marco especial que assinalasse o evento, passamos a cuidar de um novo núcleo de companheiros espirituais que muitas surpresas e alegrias nos reservavam, além de consideráveis emoções. Naquela noite de 24 de novembro, três meses após o início de nosso trabalho com certa instituição do espaço, tivemos a emocionada visita de um de seus integrantes. Como os demais, era educado, inteligente, culto e lúcido. Não trazia ódios, não exibia agressividades incompatíveis com seu temperamento e seu *status* de pensador experimentado. Estava, contudo, profundamente aturdido. Sua emoção era tanta e tão profunda, que a voz lhe embargava na garganta e as palavras saíam aos poucos, como que arrancadas uma a uma do seu espírito em tumulto. Habitado à autodisciplina, à parcimônia no uso da emoção, era agora um vendaval delas e não tinha como exercer sobre elas o poder fantástico da sua brilhante inteligência.

Imagine, pois, o leitor, a sua palavra lenta, arrastada, à beira das lágrimas, que não poucas vezes rolaram mesmo pelo rosto da médium. Imagine-o perplexo, a tatear como que às cegas num mundo amplo, desconhecido que lhe cabia agora explorar para entender e ali viver até.

É assim que ele começa a falar, logo que o saudamos com

muito respeito e carinho, agradecendo, como sempre, a sua presença entre nós:

— Eu... Eu não sei o que vou falar.

— Fale sobre as dores que lhe alcançam neste momento, sobre suas decepções, suas angústias... Vamos tentar ajudar naquilo que for possível. Fale sobre u que está afligindo seu coração e lhe traz tamanho desencanto, e uma atitude de quem se decepcionou... Somos irmãos e amigos.

Com enorme dificuldade as palavras vão saindo:

— Eu realmente tive uma decepção muito grande. Sinto-me como se, de repente, me perdesse num universo desconhecido.

— Você não está perdido. Estamos todos em Deus.

— Eu... eu sempre busquei o caminho... o caminho...

— Da mente? Da inteligência?

— Há muito tempo milito neste campo. Eu já tive bibliotecas que eram o triplo, o quádruplo disso que você tem aqui — diz ele percorrendo com os olhos as estantes do cômodo onde trabalhamos.

— Sempre fui uma alma que pesquisa, que estuda e sempre achei que o caminho era esse.

— Mas, meu irmão, isso não está perdido, o conhecimento que você adquiriu...

— Amei a minha velha Grécia...

— Nossa... nossa Grécia!

— Cultuei... Cultuamos cultura. Era Minerva a nossa deusa, mas se o próprio Universo é sabedoria, é inteligência, é força, é energia e os arcanos da mente sempre nos desafiaram, por penetrá-

los... O senhor sabe o que é isto? Querer saber, buscar... (Pausa).

— Mas, meu querido companheiro. Você sabe muito bem — pois temos um relacionamento muito antigo, muito profundo e muito fraterno — que esses caminhos são os de muitos de nós. Em princípio, não há nada errado em buscar o conhecimento, a interpretação do Universo. Você sabe que toda a filosofia em que se resume? Na observação do homem e do mundo que o cerca.

0 Mas se isso é errado, por que tivemos o poder de fazer o que fizemos? Não somos más pessoas. Homens que buscam saber não podem maltratar, não podem usar de força física. Nunca fizemos isso. Achamos que sempre há um caminho pela inteligência, pelo cérebro, pela mente, pelo entendimento. (Pausa) Estou com dificuldade porque esta semana... esta semana... foi muito difícil. Muitas emoções... emoções que eu já havia esquecido.

Como persiste e até parece agravar-se a dificuldade em falar, o doutrinador pede permissão para ajudá-lo com alguns passes.

Ele se mantém em recolhimento e aguarda, visivelmente agitado interiormente e ofegante. E depois:

— Melho... rou agora... Bastante. Obrigado

— Meu querido companheiro. Como eu dizia, não vejo, na minha maneira de conceber as coisas, nada errado na busca da cultura, da inteligência, do saber. Mas também não vejo porque o saber, a inteligência, a cultura não possam andar de braços dados com o amor. Você não precisa renunciar aos seus conhecimentos, à sua inteligência para *também* amar. Quanto à opção que fizemos — digo nós porque também estive aí nesse grupo maravilhoso constituído por vocês — nessas opções foi respeitado, como em

tudo o mais, o nosso livre-arbítrio. Entendemos, meu querido amigo e irmão, que vocês não são maldosos, artificiosos, não são violentos. Comprendemos perfeitamente isso. E não estamos tentando mudar vocês. Entendem? Estamos tentando levar uma outra mensagem que deve ser somada à sua, não por exclusão.

— Agora me vejo como um trem que escolheu rodar somente numa das linhas, tentando equilibrar-se só de um lado, num dos trilhos.

— É isso! É possível, com as estruturas de sabedoria e de conhecimento que se criaram através desses séculos todos, com a reunião de tantas mentes brilhantes, é possível criar um mundo artificial como vocês fizeram, no qual tudo era válido e parecia ser esse mesmo o caminho. Mas você sabe, meu querido, por compreender bem as belezas da Filosofia, que não podemos colocar o infinito dentro das nossas limitações, mas podemos amá-lo.

— Somos pessoas realistas. Não queremos, não podemos e nem estamos habituados a fugir da realidade. E por isto, fui levado a reflexões que... Não sei quando foi a última vez que a tive e perdeu-se no tempo (a realidade). Não sei... estou meio confuso... Os senhores aí (nossos Mentores Espirituais) me levaram a um lugar onde existe uma vasta biblioteca, com muito saber acumulado, mas um saber que estava sendo utilizado como remédio, como socorro, como... Era como se materializasse saber e forças, mas forças diferentes das que nós materializamos. Uma saber que era, como disse, remédio, lenitivo. E as pessoas não se julgavam inferiores por falar das coisas da emoção. Eu encontrei... não direi um homem... direi um ser... Encontrei um ser... que me foi mestre<sup>11</sup>

Um mestre, cujo saber eu respeitava tanto que quando o encontrava, eu me ajoelhava e lhe beijava as mãos! (Pausa).

O pranto é a custo vencido até às raízes mais profundas do seu espírito.

— E eu encontrei esse ser banhando o corpo ferido de uma criança... Coisa que sempre consideramos trabalho inferior, que outras pessoas deviam fazer. Encontrei este ser que é luz e havia um doente deitado inconsciente. Este ser alçou sua mão e dela saíram jatos de luz que curou o doente. E eu me senti tão pequenino porque havia tantos gritos e eu, com tanto saber, não sabia o que fazer! Temos uma força mental, temos um domínio da mente, mas eu não sabia como exigí-lo para curar. Nunca me senti tão pequeno! Nunca me senti tão inútil! Mas não ficou aí o meu castigo, se posso chamar... a lição... não sei... Levaram-me para ver alguém em quem reconheci um ser a quem eu havia amado muito em uma das vidas. Esse ser estava recém-chegado da carne, mas eu o reconheci apesar da indumentária diferente; ainda trazia os traços da vida recente. Esse ser estava sofrendo e me disseram: “Cura-o!” E eu disse: “Não sei.” E aquele ser iluminado chegou a mim e disse: “Cura-o com o teu amor.” E então eu vi... eu vi...! **EU NÃO SABIA AMAR!** Eu não sabia movimentar a força... (Chora, afinal, vencidas as últimas barreiras da resistência). Eu não sabia movimentar **ESSA** força! Em vão usei a minha força mental. Eu **EXIGI** que ele se curasse, que se levantasse... Mas eu sentia que os jatos da minha mente, quando lhe tocavam, feriam-no ainda mais! (Pausa. O silêncio é total no aposento, pois não desejamos interferir com as sagradas emoções deste amado irmão e companheiro).

Ele suspira e retoma a palavra em tom baixo e perplexo:

— O que é esta loucura em que eu vivi? Esse tempo todo... Em que nós vivemos. O que foi essa loucura? Esse pesadelo... Acho que estávamos no Inferno e julgávamos que estávamos no céu. Os eleitos... Ah! meu senhor, eu lhe digo: aprendi uma coisa! Que a mente pode saber, pode conhecer, *mas a mente não sabe amar! A mente não sabe curar! A inteligência não cura!*

Por isso ensinava o Cristo que o que ama chega primeiro. Mas, meu querido irmão. É preciso que você coloque tudo isso numa perspectiva muito bem ajustada. Por favor. O seu esforço de aprendizado, de acumulação de conhecimento e aperfeiçoamento da sua inteligência não é trabalho perdido. É conquista que fica e está em você.

— Andei uma extensão imensa num só dos trilhos... Ficou todo o outro lado que eu não caminhei. Vou continuar mancando, E o pior é que agora vou mancar, porque antes eu não tinha consciência de que não estava equilibrado. Eu me equilibrava e tudo se resumia naquilo. Agora me sinto mutilado. Eu agora estou mancando porque estou consciente de que me falta uma perna...

— E, Isso é verdade, mas insisto em dizer que o conhecimento adquirido não deve ser jogado fora, não é desperdiçado, não é inútil. Ele servirá nas oportunidades devidas — quando você estiver em condições de retomar a sua caminhada e isso deve ser feito o quanto antes, mas não atabalhoadamente — desenvolva essas belezas que você traz no seu espírito, de sentimento, também, de emoções. Você está nos dando aqui uma comovedora demonstração de amor que traz em si e não sabia. Temos todos dentro de nós



aquela fagulha sublime da essência de Deus. A essência divina é amor e você a tem quanto eu ou qualquer um de nós. É preciso apenas que coloque a serviço do amor todo esse conhecimento que acumulou ao longo dos séculos. Há companheiros seus, além desse que você mencionou, que também foram daquela época, daquela equipe e que escolheram outros caminhos e não renunciaram à inteligência nem ao conhecimento, não é verdade? Como esse amigo que você acabou de citar, aliás, um dos precursores do Cristianismo, reconhecidamente como tal.

— É verdade — diz ele — num suspiro.

— Ele é o nosso pai intelectual. Esse é o nosso grande mestre...

— É-me doloroso lembrar. Eu queria encontrar um buraco para me esconder...

— Não, meu querido. Você não vai fazer isso. Você precisa vestir a túnica pobre, calçar a sandália e trabalhar para construção do amor... Não é tão difícil assim. Você sabe. Como você viu, o mesmo respeito que tinha por aquela figura luminosa, você manteve e até aumentou a sua admiração por ele. Você viu que ele não renunciou à inteligência e desenvolveu o amor. Então, você também pode... todos nós podemos fazê-lo. O mundo está aberto diante de nós. Você sabe dos caminhos. É uma emoção muito grande estar aqui com você e ouvi-lo dizer essas coisas que transbordam de seu coração, o que vem provar que você tem coração, que também ama, que tem emoções. É uma descoberta talvez nova, porque ao longo de muito tempo você ignorou este aspecto...

Ele disse que há muito tempo tentava nos alcançar. Há muito

tempo... mas precisou que o senhor também viesse para o trabalho...

— Quem?

— O senhor.

— Eu? (Agora é o doutrinador que não consegue mais conter as suas lágrimas e as suas emoções mais profundas...)

— ... para nos ajudar a reencontrá-lo. O senhor não é um estranho a nós.

— Eu sei, meu querido. Eu me sinto bem entre vocês. Não senti em vocês nenhuma hostilidade; apenas a reação natural da pessoa que não deseja mudar aquilo que lhe parece certo.

— O senhor já foi dos nossos... mais de uma vez...

— E é por isso que não foi difícil chegar ao coração de vocês. Tenho lá as tomadas, tenho lá os contatos, o calor, as afeições, as compreensões. Não me considero um ser privilegiado senão naquilo que é saber que tenho companheiros tão maravilhosos.

— Fiquei num lugar muito bonito, com alamedas belíssimas, e fiquei sozinho. Deixaram-me em solidão e então vi... Nós lhe falamos aqui dos nossos e falamos de beleza. Cultuávamos o belo, mas vi lá que, enquanto a inteligência, os teoremas, os cálculos constroem belos palácios, só realmente o amor constrói a beleza da forma viva, a forma imperecível do belo real, não o belo impreciso que qualquer abalo desmorona. As construções definitivas não são as da inteligência (Volta a chorar abundantemente)...

— Não, meu querido. Não seja tão radical, elas são definitivas sim... quando...

— Não as construções eternas...

— Sim. É certo isso, mas a inteligência também é eterna como o amor. Um dos ingredientes do nosso bem-estar, da nossa paz. Você me traz hoje uma grande alegria e as emoções mais profundas que tenho experimentado aqui neste trabalho. Muito obrigado pela sua palavra, meu velho amigo e companheiro.

O abismo que se abre à minha frente... De repente, vejo que não tenho nada construído.

Não. Não concordo. Você tem construído...

- Ali! o senhor não sabe! O senhor está numa perspectiva diferente.

Sim, estou num contexto diferente, é claro, porque vejo talvez há um pouco mais tempo do que você, mas insisto em que o seu trabalho não está perdido. É uma aquisição permanente do espírito. É uma conquista a que você tem direito. Só lhe falta — como você sabe — completar, complementá-la com o desenvolvimento do amor. Isto é mais fácil porque trazemos em nós a essência divina.

— Nunca pensei que fosse capaz de chorar. Que fosse capaz de sentir agonias... Eu não pude curar... Não pude!

— Mas você tem os elementos, meu querido, pois você sentiu ressurgir no seu espírito as afeições que o ligaram a esse companheiro. (Acho que sei de quem você está falando). Você poderá demonstrá-lo a si mesmo, não transmitindo comandos com a sua inteligência. Volte a ele e lhe diga: “meu irmão, vem comigo”. E ele se levantará.

— Mas não adianta a simples palavra: “Meu irmão, vem comigo”. É preciso que parta junto uma vibração que ainda não sei movimentar. Você vê, “meu irmão”, simplesmente nada significa.

Você não sente...

— Mas você não sente por nós aqui, e por esse companheiro maior, por mim, por esse outro irmão que você foi lá ver, essa afeição, a vibração de empatia, de amor fraterno? É isso. Você está, talvez, tentando intelectualizar o amor, por uma deformação filosófica. O amor é uma vibração, não uma teoria ou um teorema. Você tem condições de fazê-lo. Esse bloqueio, dizendo que não pode ou que não sabe, deve ser eliminado. Você pode!

— Estou aturdido, completamente aturdido.

— Sim. Vai levar algum tempo até que você possa reordenar o seu pensamento, mas você é um espírito habituado a manipular ideias, conceitos...

— Meu cérebro de repente ficou como um salão belo, iluminado, mas vazio, inteiramente vazio... e não sei como enchê-lo.

— Sim, irmão. Mas você não tinha mesmo de esvaziá-lo daquelas noções que você hoje reconhece inadequadas para bolar outras? É bom que ele esteja vazio. Você vai mobiliá-lo de outra maneira agora. Com outras estruturas de pensamento. Vai decorá-lo com outras formas de beleza. Não é verdade? Por favor, insisto em dizer mais uma vez: você não precisa renunciar ao seu conhecimento, à sua inteligência, a sua cultura. Você precisa reordená-los. Mudar de posição certas ideias.

— Terei de renunciar a elas. Pelo menos por um tempo.

— Sim, por um tempo.

— Porque senão vou recair, pois estão muito estratificadas; estou tão condicionado a elas há muitos séculos...

— É. Isso é verdadeiro.

— Ou eu renuncio ou vou recair e vai demorar muito mais.

— Mas você não vai renunciar a elas — você vai guardá-las por alguns instantes cósmicos — em termos de eternidade não é muita coisa — para que você possa retomá-las naquele ponto em que você deixou o amor. Terá de ir lá buscá-lo e trazê-lo em paralelo. Quando chegar aqui na frente, neste ponto em que a inteligência o trouxe, os dois se unirão e você estará novamente no rumo certo.

— O senhor fala e parece tão simples...

— Não. Não é simples. Não é. É porque estamos nos comparando a seres que já naquele tempo eram grandes. Então — é claro — andaram mais do que nós.

— Oh! o aturdimento... É uma dificuldade... Você pensa que tem um palácio e, de repente, observa que nem uma choupana você tinha.

O doutrinador pede algum tempo para orar, o que faz a seguir, envolvido pelas emoções do ambiente, enquanto o caríssimo irmão chora baixinho a sua perplexidade.

A prece termina com este recado do coração doutrinador ao amigo que os séculos trouxeram de volta:

— Transmita a todos o nosso afeto mais profundo, mas também a nossa profundíssima gratidão pela atitude de coragem que vocês tomaram neste momento.

— Teremos que perder tudo se quisermos ganhar a vida.

— Meu querido, nada do que se conquista é perdido. Tudo isso é material para reconstrução do futuro. Não se aflija demasiadamente, não se desespere, por favor. Precisamos de vocês

e daquele conhecimento tão nobre, tão puro que todos aprenderam a coletar através dos tempos. O de que precisamos apenas é mudar o rumo da aplicação desse conhecimento para que o amor ressurja em corações tão nobres como os de vocês. Por favor, dê-nos essa oportunidade de ajudá-los, de acompanhá-los por algum tempo, para que possamos ir todos juntos para Aquele que nos aguarda. Não tenho nada para te ensinar, meu querido e muito pouco a dizer, porque também a mim as emoções sufocam...

Agora não é o momento de chorar. Sei disso. Não é o instante de lamentar-se.

- Não. Não há senão uma esperança muito grande pela frente. Há uma certeza de reconstrução.

Temos que enfrentar uma realidade. (Longa pausa). A vida é um suceder de perplexidades, de surpresas, de desencantos.

— Não. Não acho assim. Se houvéssemos decifrado todos os enigmas da vida, seríamos deuses e teríamos perdido o encantamento pela própria vida. O que nos estimula à pesquisa intelectual, como você e a todos nós, são os mistérios, as surpresas, as perplexidades da vida. Não é verdade?

— Às vezes penso que a vida é uma eterna esfinge a nos propor problemas não resolvidos.

— É bom que assim seja. Você não acha?

— O pior é que nem sempre atinamos com a solução.

— Sim, mas continuamos a buscá-la. Você queria decifrar tudo? Não teríamos condição para isso.

— Enigmas... enigmas...

— O amor não é um enigma.

— ... a vida é uma esfinge constantemente propondo enigmas.

— E nesta sua retomada, muitos seres estão interessados em chegar até você, para trazerem a sua contribuição de afeto, de compreensão, de respeito pelas suas realizações e conquistas no campo intelectual. Há amores também nas suas vidas. Seres que trouxeram momentos de felicidade, de paz, de entendimento. Nada disso se perdeu, meu amigo, meu querido companheiro. A vida é assim, realmente com suas surpresas, mas também com suas belezas e esperanças.

— Essas emoções me cansaram muito.

— Você quer ir, então?

— Sim. Eu nada mais teria a dizer.

— Querido irmão. Muito obrigado. Haverá tempo para repensar tudo isto e reordenar o seu pensamento. Não se desespere ante a magnitude da tarefa, porque todos os recursos nos são dados para realizá-la, segundo nossos interesses maiores. Tenha confiança. Você já viu a meta — onde podemos chegar. Chegaremos lá, se Deus quiser. E Deus quer.

- Por enquanto não vejo ainda a chegada — só vejo o começo ou o recomeço.

Sim, mas você viu também o que é um espírito pacificado. Chegaremos lá. Deus te abençoe. Vá em paz.

Obrigado. Muito obrigado. Obrigado por sua dedicação, por nos ter ajudado. Obrigado, enfim... O senhor compreende. Não preciso falar...

— Se fosse possível retirar esses espinhos sem dor, nós os teríamos feito, irmão.

-0-

Eis a história. Não me cabe dizer ou escrever nem uma palavra a mais. Seria como que macular a beleza transcendental daqueles momentos ali vividos.



**QUEM AMA CHEGA PRIMEIRO**

A noite de 24 de novembro guardava novas surpresas e emoções. E isso pudemos observar logo que se apresentou um segundo companheiro integrante da mesma instituição espiritual em que estávamos atuando — a fantástica comunidade cultural grega do espaço.

Logo em seguida à nossa saudação inicial, passamos-lhe a iniciativa da palavra, intercalando aqui e ali nossos comentários.

— Diante de tudo que ouvi aí — começa ele pausadamente — que poderia eu dizer?

— Não sei, irmão. Você é livre de dizer aquilo que pensa.

Ele esboça um sorriso contrafeito e diz:

— Eu já não penso mais. Já não quero nem pensar mais, diante de tudo isso que ouvi e que se passou. Não temos mais nada a dizer, não é?

Não, meu caro. Temos muito a dizer. Agora é que temos.

— Fazer o que agora? Defender o que? Que ideais defender se eles foram provados todos estarem distorcidos, numa perspectiva completamente errada?

— Eu não diria que estava totalmente errada...

— Uma perspectiva totalmente diferente...

— Sim, mas isso não impede de formularmos outros.

— É como se você traçasse um triângulo certinho e quando você fosse traçar a hipotenusa, não dava, não caía no lugar. Você estava certo de que ia cair e não caiu no lugar previsto.

— É porque a emoção não é geométrica. O amor não é uma hipotenusa.

Você já imaginou a perplexidade? Você traça um triângulo com todas as normas e todas as medições e na hora que você vai traçar a hipotenusa...

Pois é, mas o triângulo em si terá sempre o mesmo número de graus.

— É, mas de alguma forma, algo saiu errado. Isso é que é inexplicável.

— Sabe por que? Num dos ângulos deixou de ser considerado o fator muito importante da emoção. O erro está no ângulo abandonado, esquecido, sufocado. Por isso é que a hipotenusa não dá. Mas, permita-me novamente voltar — Não concordo com você ao dizer que nada temos mais a fazer ou dizer. Agora é que temos muito a dizer e muito a fazer. Você estava aqui quando o companheiro falou, não é? Você viu que há realmente uma perplexidade muito grande no espírito dele, mas ele captou com muita lucidez toda a amplitude e complexidade de suas responsabilidades, e está disposto a retomar a caminhada.

— É como se, meu amigo, você estivesse adormecido uns 500 anos ou mais e, de repente, você acordasse e estivesse tudo errado, e tudo fosse incompreensível para você, seus valores estivessem todos trocados. Como se você estivesse usando uns óculos que produzissem uma visão totalmente distorcida, e quando você tirasse os óculos você estivesse vendo... tirasse os óculos ou botasse os óculos... não sei muito bem.

— É. E você tem o senso crítico bastante lúcido para saber que aquela visão não estava boa. Logo, é possível partir para uma reconstrução.

— E o tempo, meu amigo? E o tempo perdido?

— Eu sei. Realmente não dá para recuperá-lo.

— E o tempo? Você tem que abrir mão de tudo para voltar ao nada.

— Não. Aí não posso concordar com você.

— Mas você tem que voltar. Tem que ser assim. O senhor ouviu quando o companheiro falou. Tem que voltar, largar tudo. É como se o senhor fosse um homem rico, riquíssimo, milionário e, de repente, o senhor acordasse assim com o seu criado lhe dizendo isto: “Olha, o senhor não tem mais nada. Se o senhor quiser comer hoje, tem que sair p’ra rua e trabalhar”.

- Sei, mas tem o trabalho, tem o sol, o dia, a noite...

- E acontece que o senhor nem sabe o que é trabalho! Nunca trabalhou na sua vida. Trabalhar como? P’ra ganhar o pão? Não sei, é uma coisa difícilima. Ou então, o senhor está usando uma moeda totalmente desconhecida, que não tem valor. O senhor quer comprar; o pão está ali; o senhor tem a moeda; mas essa moeda não compra aquele pão. Como é que vou me alimentar, se a moeda que tenho não compra? Tenho que trabalhar para conseguir a moeda *deles*.

— Sim, irmão. A moeda virá a ter às suas mãos no momento oportuno, quando a fome chegar.

— Mas terei que trabalhar com fome algum tempo.

— Não creio... Você terá, talvez, a fome do intelecto...

— Preciso que alguém me empreste, mas ninguém me emprestaria.

— Deus empresta. O Cristo empresta.

— Ninguém teria confiança de nos emprestar uma moeda, sabendo que não somos bons credores.

— Não, meu querido. Não tenho a moeda e não tenho condições de emprestar, mas o Cristo tem. Ele confiou em nós. Ele nos deu tarefas para executar, não porque sejamos perfeitos, mas sabendo de nossas imperfeições. Portanto, ele confiou. E se falhamos aqui e acolá — é claro que falhamos —, nem por isso ele nos abandonou.

— O senhor nos leu uma lição interessante. — (Trata-se de texto mediúnico lido durante a semana com o pensamento voltado para a comunidade dos queridos companheiros gregos, aos quais nos ligamos por laços de profunda afeição e respeito). — E aquilo foi a maneira de mostrar o que teremos que fazer. Não há outro caminho. Já fizemos os dois caminhos anteriores e falhamos. Mais de dois... os caminhos todos, os caminhos da sua lição.

— Mas falhou o caminho do amor?

— É o único que não fizemos. Por isso estou dizendo: fizemos os dois caminhos anteriores. Não fizemos este...

— Pois é. Este não é tão difícil assim, porque o amor é uma força, uma energia.

— Não tenho mais argumentos para debater com o senhor. Não tenho mais nada a dizer.

— Não, meu querido. Não estamos aqui para debater e sim para levar ao seu coração a nossa mensagem de profundo respeito por essa perplexidade, a nossa vibração de amor fraterno, de gratidão pela oportunidade que vocês nos concedem de trazer aqui, a nós, antigos companheiros de lutas intelectuais, esse testemunho

Muito obrigado. Não se desespere, não desanime. Há um trabalho realmente muito grande a fazer.

Isso é muito, talvez, confort... tativo? Como deverei dizer?

— Confortador.

... confortador. É possível que seja. Na prática, meu caro, quando tivermos que colocar na prática...

— Eu sei. Não estou tentando iludir. Você sabe da sinceridade da nossa maneira de ser.

— Estamos muito condicionados a uma determinada conduta.

— Sim. Vai ser difícil, mas não impossível. O trabalho é longo, um trabalho de reconstrução íntima, mas vocês terão todos os elementos, contarão com a colaboração de companheiros muito esclarecidos. O resto... você sabe. É uma nova fase importante da vida espiritual de cada um de vocês. Sempre costumo dizer que a ave tem que quebrar a casca do ovo para sair para a vida. Ela não pode ser quebrada de fora. E esse esforço pessoal que colocamos naquilo que é preciso fazer é que nos define como seres humanos.. Você diz que não tem nada a dizer. Eu também, querido companheiro, não tenho nada para ensinar-lhe, a não ser essa mensagem de amor.

— Pois é essa que não entendemos ainda. A esta é que não estamos habituados.

— Você não sente essa linguagem inarticulada do afeto em todos nós? Precisa expressar? Isso tem que ser colocado em determinados pontos da Filosofia? O amor simplesmente é, ele não precisa explicar-se.

— Que fazer agora? É isso que cada um de nós se diz. Não

queríamos nos separar. Nós nos estimamos muito. Que faremos? Que faremos? Um olha para o outro e diz: Que faremos?

— Começar a vida, em nova fase. Já se recomeçou tantas vezes, por que não se pode recomeçar mais uma? Isso de você dizer que vão se separar, não é verdadeiro.

— Somos um grupo que vem unido há muito tempo. Podemos ter muitos defeitos, mas temos essa coisa boa entre nós.

Meu querido, neste grupo.. . deste grupo faço parte eu também. E não me considero separado de vocês.

O senhor já seguiu mais na trilha que nós ainda nem começamos.

— Sim, mas não estamos juntos?

— Como juntos?

— Não estamos aqui a conversar? Não estamos unidos pelo pensamento, pelo aprendizado, pelas oportunidades. ..

— Sei... sei... mas vamos recomeçar sozinhos, sei lá...

— Não. Ninguém está sozinho neste universo, meu querido irmão. Por favor, vamos começar a alijar esses conceitos dogmáticos. É uma outra visão da vida.

— Mas eles também são reais. Podem ser dogmáticos, mas são reais.

— Se você considera real um dogma, você não está ainda — e é compreensível que não esteja — não está ainda tendo a visão mais ampla. Como disse a você e repito: somos todos companheiros. Aquele companheiro maior que temos lá no mundo espiritual continua a ser do nosso grupo. Somos um só grupo, não apenas pensadores, trabalhadores do pensamento na Grécia antiga,

mas nós, filhos de Deus.

— Segundo disse nosso companheiro, ele se transformou numa luz e nós não somos ainda nem um pavio. Nem um pavio somos ainda! Nem um pavio apagado...

— Não é tanto assim... Há muita conquista que vocês já conseguiram.

— É uma realidade, meu amigo...

— Há muito trabalho a fazer, de fato, mas nada é impossível.

— Ainda temos que construir o pavio para depois poder acendê-lo....

— Sim, é claro. Não há dúvida alguma, mas não sozinhos... Deus está em nós.

— ... isso para sermos uma vela! Ainda... A primeira etapa para começar qualquer iluminação. Primeiro o pavio.

— É verdade, mas a luz está em nós.

— Sim, mas se falta o pavio, não podemos nem acendê-la.

— Quando o nosso Pai colocou em nós a fagulha da consciência, da sua essência divina, nos deu uma luz inextinguível. Ela está aí no fundo do seu ser, tanto quanto está no meu. É preciso apenas...

— É preciso fazer como o selvagem, não é? Esfregar as duas pedrinhas, esfregar os pauzinhos para poder produzir a faísca.

— Não estamos falando de fogo e sim de luz. A luz está em nós. É preciso cultivá-la dentro de nós.

- O fogo é luz.

- O fogo queima, a luz ilumina.



- É... meu amigo. Estamos assim... Todos nós. Os que restamos ainda. Sentamos em volta daquela mesa... Antes gostávamos de sentar para produzir a força, para provar a cada um de nós... um provar ao outro — o quanto tinha ampliado o seu raio mental. E agora nos sentamos assim... e nos perguntamos: “Que faremos?” Pela primeira vez, nenhum tem resposta. Nenhum de nós sabe o que dizer. É lamentável... Já dispensamos todos os nossos subalternos. Eles seguiram aí os companheiros seus. Todos se foram... são boas almas. E ainda ficaram preocupados conosco. “Ê os senhores?” Dissemos: “Ainda vamos ficar algum tempo”. Precisamos pensar, precisamos reordenar...

— Mas, por favor, irmão. Com toda essa angústia, esse sofrimento, nesse contexto difícil do momento, lembre-se de que não somos máquinas de pensar, somos criaturas de Deus. Voltemos nosso pensamento para Deus. De todas essas experiências na Terra, em várias existências, todos fomos expostos à luz do evangelho do Cristo. Retomem para exame, sob nova visão aqueles ensinamentos que ali ficaram.

— É... uma dificuldade...

— Sim, é difícil. Mas ali está o caminho. Apanhem mais um livro e aprendam o bê-á-bá do amor, o amor fraterno, sem interesses subalternos, sem paixões.

— Não estamos nem pensando nisso. Aquilo que vimos lá é outra coisa. O que o nosso companheiro viu não é amor-paixão, não é nada disso.

— O que é então?

— É algo transcendente. Não estamos pensando em termos de

paixão, de nada disso.

— Sim, meu querido. Onde começou a desenvolver-se aquele amor que ele viu lá? Não foi nas primeiras tentativas de compreensão, de fraternidade, de serviço ao próximo? De, pelo menos, tolerância. Tem que começar nalgum ponto. Tem que começar modestamente... A árvore não sai pronta da semente.

— É uma coisa que talvez o senhor ache interessante. Não somos pessoas voltadas para paixões materiais, para os sentimentos e sensações da carne...

- Mas a paixão não é só a carne.

- Buscávamos outra coisa. Buscávamos o sabor, buscávamos resposta para os enigmas da vida. Queríamos peneirar o Universo para nos sentirmos parte dele. Penetrar nos mistérios da vida, as leis.... Enfim, tudo isso. . .

— Sim, meu querido. A força que sustenta o Universo não é uma energia cega, é uma energia amorosa. Aí é que estaria o erro de avaliação em que vocês permaneceram por mais tempo do que teria sido necessário, mas, por favor, não me excluam do seu grupo. Conheço o pensamento de vocês, sou um de vocês, também. Espero que assim me considerem e continuem a considerar.

— E o que é mais lamentável, meu senhor, é que a maioria dos que estão aí do seu lado. . . (encarnados).

— São companheiros...

— ... Companheiros todos nós somos. Estamos agora entendendo isso. Mas o que quero dizer é que a maioria dos que estão aí, ainda pensam também como nós, ainda buscam as glórias. Nós, pelo menos, não buscávamos a glória, a não ser a glória do

saber. Isso buscávamos. Saber cada vez mais. E foi uma surpresa para nós perceber que quanto mais sabíamos, não sabíamos ainda. Não tínhamos chegado lá... Isso era um incentivo para continuar buscando. Mas muitos aí ainda querem a glória da admiração do homem pelo homem.

— E o poder, o mando. Isso, é claro, vocês não buscaram.

— O poder, sim; porque a mente é um poder, a inteligência... o poder da inteligência.

— Sim, mas não para dominar.

Ele suspira desalentado.

— Esse recomeço é realmente difícil — diz o doutrinador —  
Compreendo.

Ele faz uma pausa e diz:

— Não sabemos orar...

É a sua maneira de sugerir que façamos uma prece juntos e é o que fazemos a seguir. Terminada a prece, ele suspira e diz:

— É.. a vida pregou-nos uma grande peça. E o pior é que não temos nem ninguém a quem culpar. Não podemos nos culpar nem uns aos outros, porque estamos todos metidos nisso.

— É. Foram opções livremente feitas.

— Estamos juntos nisso.

— E vamos continuar juntos.

— É. isso que o companheiro diz. Um deles disse: “Estamos juntos nisso e vamos sair juntos. Temos que sair juntos”.

É. Sair para outras opções. Não é necessário permanecer eternamente preso às nossas ilusões, às maneiras de apreciar as

coisas unilateralmente. Vocês são espíritos habituados a aprender. Temos agora, uma nova lição para estudar. Não há nisso nenhuma humilhação, pelo contrário — aprender é sempre válido.

— Temos um dos nossos muito otimista. Ele tem dito isso. “Não vamos ficar assim, não. Vamos sair. Estávamos numa trilha errada; temos que voltar e pegar outra”.

— Acho até que nem é aprender — é reaprender, é realinhar o pensamento, reordenar as ideias. Já nos diziam na Grécia antiga que aprender é recordar.

— Agora compreendemos porque tínhamos tanto receio do senhor. Acho que intimamente devíamos saber que o senhor ia provocar tudo isso. E não queríamos enfrentar. Por isso, queríamos passar ao largo, não queríamos...

De fato, os líderes da comunidade evitaram-nos enquanto foi possível, preferindo enviar ao nosso encontro servidores, digamos, mais neutros.

— Acho que vocês estão me supervalorizando. O fruto estava maduro.

— Não. Não é supervalorização. O senhor provocou isso tudo.

— Meu querido, levamos a vocês a nossa mensagem. Vocês resolveram aceitá-la. Foram atraídos, sim, mas não forçados, não arrastados.

— Não é isso. O senhor não entendeu. Não queríamos estar envolvidos com o senhor. É porque devíamos imaginar, devíamos saber que algo parecido ia acontecer. Não queríamos acabar com tudo o que tínhamos.

— Insisto em dizer que não vai acabar.

— - Já *acabou* meu amigo.

— Meu querido, acabou aquela estrutura de pensamento, mas as ideias estão aí. Estou dizendo a você: precisamos apenas reordená-las, mudar o nosso enfoque. A cultura adquirida não se perde. Nenhum esforço próprio de construir alguma coisa em nós é perdido. Seja como for, não me reconheço com todas essas virtudes, a ponto de levar...

— Não estamos dizendo que é virtude. O senhor não precisa se autodefender, minimizando a sua posição. Não estamos dizendo que sua posição é esta ou aquela. Só estamos tentando entender por que, de início, tínhamos tantas reservas; não queríamos estar em contato. É isso que queremos dizer. Não queríamos envolvimento. Procuramos evitar de todas as maneiras. É isto.

— Sim, fugindo do amigo e do irmão, que, afinal, tanto os admira e os respeita e os ama. Não é isso? Mais uma lição que ficou.

— O senhor faça por nós, ainda, o que for possível.

— Certamente o faremos. Obrigado. Conte comigo e com os nossos irmãos naquilo que for possível. Você sabe que temos limitações quanto a nós mesmos e temos também limitações quanto às leis divinas, que não nos podem permitir fazer aquele trabalho que compete a cada um de vocês. Mas vocês levam a mensagem do nosso respeito e de nossa ternura mais profunda e a certeza de que haveremos de nos encontrar todos lá na frente, para nos lembrarmos destas horas de dor, é certo, mas que também são renovadoras. Para recordarmos a nossa velha Grécia querida.

— É... Que assim seja! Adeus. Até um dia, talvez, não sei quando...

— Até logo!

—o—

Não é preciso enfatizar — porque o leitor facilmente percebe — o quanto o nosso doutrinador se sentiu inadequado, insuficiente e até mesmo incompetente para tratar com esses companheiros singulares, que um caprichoso conjunto de circunstâncias colocou diante dele. Além de tudo, assaltaram-lhe o espírito as mais agitadas emoções da sua carreira de modesto interlocutor de tantos companheiros espirituais ao longo dos anos.

Não há, pois, o que acrescentar. Deixemos que o diálogo fale por si mesmo e que cada leitor encontre nele as suas próprias emoções, as lições de vida, e motivos para sua própria meditação.

\*

Apenas um esclarecimento final que tornará inteligível certa menção feita pelo Espírito manifestante. O doutrinador costumava, nas suas meditações e preces diárias, como que dialogar mentalmente com esses caríssimos irmãos e milenares amigos, mentalizando-os no seu grupo, em torno da mesa em que debatiam problemas e estudavam temas culturais. Passaram mesmo a se reunir à hora específica das preces, hábito antigo nosso. Naquela semana a que ele se refere, foi lida e como que retransmitida ao grupo a belíssima mensagem “O mensageiro do amor”, que traz o número 9, no magnífico livro de Néio Lúcio “*Jesus No Lar*”, psicografia do nosso caro Chico. Esse é o texto a que ele se refere em nossa conversa, e que, a seguir, transcrevemos:

## O MENSAGEIRO DO AMOR

Falava-se na reunião, com respeito à preponderância dos sábios na Terra, quando Jesus tomou a palavra e contou, sereno e simples:

— Há muitos anos, quando o mundo perigava em calamitosa crise de ignorância e perversidade, o Poderoso Pai enviou-lhe um mensageiro da ciência, com a missão de entregar-lhe gloriosa mensagem de vida eterna. Tomando forma, nos círculos da carne, o esclarecido obreiro fez-se professor e, sumamente interessado em letras, apaixonou-se exclusivamente pelas obras da inteligência, afastando-se, enojado, da multidão inconsciente e declarando que vivia numa vanguarda luminosa, inacessível à compreensão das pessoas comuns. Observando-o incapaz de atender aos compromissos assumidos, o Senhor Compassivo providenciou a viagem de outro portador da ciência que, decorrido algum tempo, se transformou em médico admirado. O novo arauto da Providência refugiou-se numa sala de ervas e beberagens, interessando-se tão somente pelo contato com enfermos importantes, habilitados à concessão de grandes recompensas, afirmando que a plebe era demasiado mesquinha para cativar-lhe a atenção. O Todo-Bondoso determinou, então, a vinda de outro emissário da ciência, que se converteu em guerreiro célebre. Usou a espada do cálculo com maestria, pôs-se à ilharga de homens astuciosos e vingativos e, afastando-se dos humildes e dos pobres, afirmava que a única finalidade do povo era a de salientar a glória dos dominadores sanguinolentos. Contristado com tanto insucesso, o Senhor Supremo

expediu outro missionário da ciência, que, em breve, se fez primoroso artista. Isolou-se nos salões ricos e fartos, compondo música que embriagasse de prazer o coração dos homens provisoriamente felizes e afiançou que o populacho não lhe seduzia a sensibilidade que ele mesmo acreditava excessivamente avançada para o seu tempo.

Foi, então, que o Excelso Pai, preocupado com tantas negações, ordenou a vinda de um mensageiro do amor aos homens.

Esse outro enviado enxergou todos os quadros da Terra, com imensa piedade. Compadeceu-se do professor, do médico, do guerreiro e do artista, tanto quanto se comoveu ante a desventura e a selvageria da multidão e, decidido a trabalhar em nome de Deus, transformou-se no servo diligente de todos. Passou a agir em benefício geral e, identificado com o povo a que viera servir, sabia desculpar infinitamente e repetir mil vezes o mesmo esforço ou a mesma lição. Se era humilhado ou perseguido, buscava compreender na ofensa um desafio benéfico à sua capacidade de desdobrar-se na ação regeneradora, para testemunhar reconhecimento à confiança do Pai que o enviara. Por amar sem reservas seus irmãos de luta, em muitas situações foi compelido a orar e pedir o socorro do Céu, perante as garras da calúnia e do sarcasmo; entretanto, entendia, nas mais baixas manifestações da natureza humana, dobrados motivos para consagrar-se, com mais calor, à melhoria dos companheiros animalizados, que ainda desconheciam a grandeza e a sublimidade do Pai Benevolente que lhes dera o ser.

Foi assim, fazendo-se o último de todos, que conseguiu



acender a luz da fé renovadora e da bondade pura no coração das criaturas terrestres, elevando-as a mais alto nível, com plena vitória na divina missão de que fora investido.

Houve ligeira pausa na palavra doce do Messias e, ante a quietude que se fizera espontânea no ruidoso ambiente de minutos antes, concluiu ele, com expressivo acento na voz:

— Cultura e santificação representam forças inseparáveis da glória espiritual. A sabedoria e o amor são as duas asas dos anjos que alcançaram o Trono Divino, mas, em toda parte, quem ama segue à frente daquele que simplesmente sabe.

## TESOUROS EM CUSTÓDIA

Na noite de 8 de dezembro recebemos mais um daqueles companheiros amados que durante tantos séculos mantiveram na sua comunidade do espaço o mesmo clima intelectual da Grécia Antiga e até a reprodução ambiental em que viveram, nos remotos tempos, cujo clarão enorme ainda hoje pode-se vislumbrar quando os nossos olhos se debruçam sobre as vastas paisagens da história.

Eles nos evitaram a todo custo — como um deles confessou — não porque nos temessem ou nos odiassem, mas porque temiam ser dissuadidos a abandonar toda aquela estrutura de vida que haviam recriado. Não é difícil entendê-los nos seus temores. Aquele era o seu universo, o abrigo, onde realizavam as coisas que sempre desejaram fazer: cultivar a mente, estudar os mistérios da vida, conviver com seres igualmente inteligentes e que se estimavam há muitos e muitos séculos. Não estavam empenhados em nenhum projeto sinistro de domínio do mundo, nem de subjugação de mentes alheias. Mantinham-se abertos a todos aqueles que desejassem aproximar-se para aprender, pois eram mestres milenares, tinham prazer em ensinar tanto quanto em aprender. Viviam um sonho, ignorando o mundo áspero que sabiam existir além dos limites “geográficos” do seu pequeno universo. Estavam agora ante uma realidade nova e chocante: desfizera-se o sonho bom, ruiu o abrigo,

tão penosamente edificado, e pairava sobre todos a melancólica certeza de que terminara para todos uma era de comodidade que subitamente adquirira os contornos de um programa de lutas e aflições para as quais não se sentiam preparados. Era, contudo, esta a realidade que lhes cumpria agora enfrentar. E eles se portaram com uma dignidade e uma firmeza de caráter comovedoras.

Vejamos o que tem mais este amigo a dizer do que lhe vai nas profundezas do ser:

— Está tudo acabado...

— Não. Não está. Estamos começando e não terminando. Estamos concluindo uma etapa, uma fase...

— Está tudo acabado, meu amigo... Eu vou sentir falta. As alamedas não existem mais. As esculturas... tudo ruiu! E ruiu de maneira estranha, se bem que esperada. Não restam resíduos, porque eram formadas de substância mental. De forma que foram destruídas. E por mais que estejamos convictos — pois estamos convictos — de que os senhores têm a verdade, têm a resposta, que não quisemos ver ou não soubemos procurar — não sei — não lamento o que criamos. O que vivemos foi bom, enquanto estava lá. Mas tenho que lamentar que estivéssemos tanto tempo parados. A vida é um movimentar constante e nós paramos. Paramos dentro do tempo que é eternidade. Não que o tempo tenha passado à nossa volta... Isto é mais... é mais... como direi? é o que mais nos deixa perplexos, porque, de certa forma, o tempo não passou. Não foi o tempo que passou e nós ficamos; os outros se foram; foram os outros que caminharam na mesma estrada que continua lá, parada, no mesmo lugar. Só que nós não caminhamos... Só que nós ficamos

atrás porque não fomos.

Ouvimo-lo em recolhido silêncio, em respeito à sua dor, ao seu aturimento. A sua voz é quebrada e lenta, pois é evidente que sentimentos poderosos a sacodem até às estruturas do seu ser. É um espírito habituado a pensar claro e alto, bem como um artista consumado, como ainda se verá. Lamenta a desintegração das belezas “materiais” que haviam criado, pois estavam habituados a conviver com o belo.

— Nossos companheiros estão partindo — retoma ele, após uma pausa — Os outros que aqui estiveram já partiram. E nós tínhamos haveres... não haveres materiais — tínhamos livros, tínhamos... coisas e todos eles têm deixado tudo. Trocam até a túnica. Aquele jovem, a quem todos aprendemos a amar, porque tem uma alma límpida e um coração generoso, estava feliz quando se despiu de tudo e nos disse: “Hoje estou nascendo de novo. Hoje as Parcas me recebem, me fazendo um novo homem”. Compreende o que estou dizendo?

— Sim, claro. Compreendo perfeitamente.

— E se foi, sabendo que vai caminhar para os espinheiros, a dor da dificuldade. (Longa pausa). O fator mais afligente para um coração não é nem a perspectiva das próprias dificuldades que terá que enfrentar, mas sim, antever as dificuldades por que terão que passar aqueles que por nós foram induzidos, e que não podemos evitar. É como se nós criássemos aquela dor.

— Sim, mas certamente será concedida a vocês, mais adiante, a oportunidade de trabalhar junto deles, para ajudá-los a saírem das situações que foram criadas. Você não acha?

Ele parece ponderar sobre essa observação e retorna:

— Tivemos uma reunião dos remanescentes, antes que os dois partissem. Eles estiveram aqui (no recinto do grupo mediúnico) um dia. No outro dia voltaram para a hora da prece (hora em que o doutrinador tem o hábito de orar, à noitinha) e depois juntaram-se a nós porquê... o senhor esteja certo de uma coisa: nós erramos juntos, mas nos amamos.

— Sem dúvida alguma. Entendemos perfeitamente isso.

— Nós nos estimamos... E cada um está procurando ser forte para sustentar o outro. Cada um está procurando ser alegre para não ver o outro triste. É como se fôssemos uma família que, de repente, vê-se desmembrada e nada pode fazer para reter o irmão junto de si.

— Acho que realmente a hora é difícil para vocês e como tenho repetidamente dito aos demais irmãos, os meus irmãos gregos, se tivesse sido possível fazer isto sem toda esta dor, o teríamos feito. Mas esteja certo, meu querido companheiro, que apreciamos muito, do fundo do coração, a nobreza, a dignidade, com que vocês se portaram nesta situação difícil, que reconhecemos ser muito difícil, bastante triste mesmo. Como você sabe, não é fácil contemplar assim o passado e verificar — como você diz — que os outros foram e nós ficamos. Mas tenho procurado também levar a vocês, além desta palavra de respeito e esta vibração de muito afeto, a certeza de que vocês todos têm um potencial maravilhoso de trabalho a realizar. Perdeu-se tempo em relação ao cultivo do amor, é verdade, mas o tempo não foi desperdiçado na conquista do conhecimento que vocês adquiriram. É questão agora de mudar o rumo da aplicação desse conhecimento, pura servir à causa do

Nosso Pai.

— Eu também voltei à Atenas destes dias. À Atenas interior. E só encontrei ruínas... É como o belo templo de Apolo, que era o símbolo da beleza que cultuávamos. É como o belo templo de Apolo que já não existe mais senão em ruínas e escombros e eu sei que se fôssemos reconstruir o templo teríamos antes que acabar de derrubar todos os escombros, porque você não pode por remendo no que está errado. É preciso derrubar tudo para começar de novo. Então, tem que haver um tempo para derrubar os escombros que faltam, para só depois começar a reconstruir. E eu tenho escombros, meu senhor, na minha vida.

— Quando você começa a remover os escombros já está no período da construção.

Ele ouve, faz uma pausa e retoma. A voz vai-se quebrando cada vez mais com os estilhaços da sua emoção, da nossa emoção, pois todos ouvimos no mais respeitoso silêncio:

— Eu, quando na terra fui abençoado com família, mas esqueci que a família era um dever e eu só via a arte; a família eu usava como seres que estavam ali para servir ao grande senhor, quando eu é que fui colocado ali para servi-los.

— Você vê que tudo isso são lições muito preciosas que aprendemos todos pelo processo às vezes difícil da dor, mas são as que mais se gravam em nosso coração, porque vocês precisam, como todos nós, dessas matrizes para não falhar de novo.

— É interessante... Nós que sempre meditamos os ensinamentos do Cristo, que os analisamos, que os estudamos — é claro que, se lidamos com ideias, não podemos ignorar uma ideia — Mas na

verdade, nunca os sentimos. E agora parece que a cada passo que temos de dar, estamos *vendo*... Não é pensando — é *vendo*... É como se seus escritos, que antes estavam na nossa cabeça, agora estivessem materializados ali.

— Você se lembra da passagem em que ele diz que se os homens se calassem, as pedras falaria...

— Estamos vendo! Estamos ouvindo... E cada vez mais nos certificamos de que a inteligência e a mente podem formar, podem modelar, mas só o amor dá o sopro da vida!

— É verdade. E é por isso que aquela região de vocês se desmaterializou. Faltou ali o ingrediente do amor. Mas, graças a Deus, vocês não usaram o ingrediente do ódio. Vocês são seres sem ódio. Isso nos permitiu chegar mais rapidamente ao coração de vocês. E foi mais... não digo mais fácil, mas foi mais possível despertá-los.

— Os senhores tem sido muito bondosos conosco. Achamos que está intercedendo por nós aquele ser a quem tanto amamos,<sup>{2}</sup> porque cada, companheiro está sendo levado ao lugar com o qual suas ideias se afinizam melhor. E eu fui levado a um lugar que não sei como delimitar na geografia do espaço, em que via peças que pareciam vivas. Que *estavam* vivas! Porque foram feitas com... com amor. Há qualquer coisa ali, na expressão, que faz com que as nossas esculturas sejam estertores diante daquela beleza. Há uma luminosidade, algo que transcende. E o senhor sabe? Que nesse parque as esculturas *curam*\ Existem quadros, mas não quadros estáticos numa parede... São quadros vivos, são paisagens criadas para onde eles levam os doentes e os deixam repousar. Não sei

entender o que é isto... Nunca pensei que isto fosse possível... O senhor acha que isto é possível?

— Claro, meu querido. É possível.

— Que se possa criar com a mente quadros vivos que curem?

— Em tudo aquilo em que você coloca o amor, o amor se irradia dali também. Naturalmente, a finalidade foi a de mostrar que você também um dia vai fazer aquilo. Como você sabe, a arte é uma coisa só — ela se manifesta em cada vida de uma forma: na escultura, na poesia, na música...

— Eles nos disseram que no Universo nada é criado sem um fim útil. Que enquanto o homem criar apenas para satisfazer o objetivo do seu próprio orgulho, ele não será capaz de criar a vida<sup>{3}</sup>. Ele não será capaz, oh meu Deus!... ele não será capaz de servir realmente. A minha mente, que eu julgava tão poderosa, não me permitiu apreender tudo o que eu vi, todas as lições que me foram ministradas. E posso até estar transmitindo para o senhor algo distorcido, porque é algo tão grandioso que sinto a pequenez do meu cérebro para guardar e apreender tudo.

— Você observou ainda que mesmo aqueles que estão construindo essas obras maravilhosas, também tiveram de passar pelo aprendizado por que você passou, realizando suas obras aqui na pedra, na tela, na pauta musical. Nada do que você aprendeu é para desperdiçar-se, nada é perdido.

— Sim, mas eu poderia ter usado isso tudo com um fim útil. Eu cultuava a beleza, mas não era o belo, era... Eu queria mostrar a beleza que eu era capaz de criar! Eu queria que através das minhas



obras, vissem o quanto EU era belo! O quanto *eu* era poderoso, por poder transmitir tanta beleza numa forma estática. Eu esqueci que sou... sou uma *criatura*.... Querendo criar, me julguei criador e esqueci que sou uma criatura...

— Sim, mas você aproveitou o aprendizado. Você acumulou. Você sabe que em todas essas nossas vidas utilizamos nossos talentos de maneira imprópria ou totalmente errada, muitas vezes; mas o conhecimento ficou em todos nós... Também já usei a palavra da maneira mais imprópria possível. Estou tentando agora acertar. O dom de criar com a palavra é o mesmo; depende daquilo que você põe ali.

— Sim, mas se você não cria com um fim útil, a sua palavra morre, é vazia e passa a ser *um peso inútil na economia da vida*.

— É. Até que seja compensada pela palavra criativa, que consola; a palavra do amor.

— Disseram-me lá: “Vocês se esquecem de que a natureza é uma eterna doação de Deus”. Senhor! Há mais sabedoria numa árvore que deita seus galhos para o passante sem perguntar quem ele é, sem cogitar se está até sacrificando a postura dos galhos — ela apenas se contenta em dar a sombra — do que na tola fantasia de um homem que se arvora racional, achando que está no mundo para que todos sejam árvores para ele. O senhor me perdoe, mas é que, juntos, nenhum de nós pode expressar-se assim. Nenhum de nós tem coragem. E sinto uma opressão tão grande! Eu precisava tirar essa amargura de dentro de mim.

— Eu sugeri a um de nossos irmãos e companheiros que esteve aqui que, ao voltar para lá, vocês todos se reunissem e fizessem

esse desabafo. Seria mais uma atitude de nobreza, de coragem. Por favor, não pensem que estão se fragmentando. Esta ligação, assim, visível, permanente; a presença de uns perante os outros é claro que, por algum tempo, vai ficar quebrada, mas...

— O senhor já imaginou? Para que o senhor tenha ideia de como estamos nos sentindo, o senhor pode imaginar um pianista que ama a música mais do que tudo e que é levado a um lugar onde encontra pianos transcendentais, capazes de emitir sons que ele jamais ouviu e ele sente a alma tocada, mas quando quer sentar-se ao piano, não pode, porque ainda não tem leveza suficiente e terá que voltar para recomeçar no instrumento primitivo. É assim que vejo as minhas mãos... Terei que transformá-las em instrumentos rudes...

Lembre-se de uma coisa, meu querido. É exatamente a profundidade dessa emoção, dessa frustração que você, de certa forma, colheu ao comparar isso com o que você ainda vai alcançar, que vai fixar no seu espírito a certeza de um ideal que você precisa atingir quando estiver aqui na carne.

— Mas eu podia estar lá....

— Sim, meu querido. Eu sei. Todos nós podíamos estar muito mais à frente. Todos nós. Acho que você está sendo um pouco rigoroso demais consigo mesmo. Claro que todos nós podíamos estar muito mais à frente, mas o tempo não foi todo desperdiçado.

— De repente me dei conta que sinto saudades, que tive amores, que tive família, e simplesmente estou perdido no universo, como uma gota de chuva no oceano.

— A gente nunca deve dizer que *teve* amores; o amor a gente

*tem*, porque ele *é*. Aqueles a quem você amou não desapareceram. São espíritos.

— Sim, mas eu os perdi no caudal do tempo.

— Não. Você não os perdeu. Eles se afastaram porque seguiram outros caminhos. Como você diz, “os outros passaram” e você ficou. Mas eles não deixaram de te amar. Você já se encontrou com alguns deles, a não ser aquele nosso pai espiritual?

— Não, senhor. Não encontrei ninguém.

— Ainda não. É certo que vai estar com eles. Você sabe que enquanto vocês estiverem lá, todos esses irmãos, esses companheiros maravilhosos, tinham um desejo muito ardente de chegar até vocês e ouvir palavras como essas que você acabou de dizer — que tem amores...

— Falo como mendigo que diz: “Tenho tesouros mas não sei onde estão. Não posso movimentá-los e por isso ando em andrajos”.

— Os nossos tesouros de amor estão no coração. E nessa fase em que vocês cultivaram a inteligência, o coração não regrediu, e se o amor esteve lá antes, continua ali. A chama do amor é inextinguível em nós, porque é uma doação direta do nosso Pai.

Meu Deus! Por que alguém não plantou o Cristo em nosso coração?

— Meu querido irmão. Todos nós tivemos oportunidade de ser expostos à sua doutrina. Quando o nosso Paulo levou a mensagem a Atenas, talvez não houvesse entendimento. Eu disse uma vez que os gregos eram muito felizes e o cristianismo medrou mais facilmente no coração dos que sofriam. Você vê que temos, às vezes, que

passar pela dor para entender o amor.

— O senhor sabe? Às vezes penso que... vivemos uma cultura milenar, onde o homem se confundia com os deuses. Acho que isso foi um mal, porque nos movimentávamos tanto no meio das divindades que acabamos achando que éramos parte delas, que éramos também divindades. E que por isso éramos seres de exceção.

— É verdade isso. Também penso assim. Aquilo induziu um certo modo de pensar em todos nós.

— Acho que no fim nos julgávamos filhos dos deuses, como nas lendas... Tínhamos tantas lendas sobre os deuses... Eles se casavam com as mortais. Nós nos julgávamos também deuses.

— É. Aquela mitologia toda tem um simbolismo muito bonito, muito autêntico, muito instrutivo. Um dia construiremos outra Grécia, outra Atenas... com os ingredientes do amor. Espero merecer a alegria de estar junto de vocês todos. Graças a Deus foi possível chegar a vocês antes que venha a hora da separação.

— Vou dizer ao senhor um fato que me aconteceu. Quis uma vez esculpir um Cristo para adornar uma de nossas alamedas. Mas eu não queria um Cristo na cruz. E o mais estranho é que toda vez que eu ia trabalhar naquele Cristo, não conseguia. Ele saía sempre meio Apolo, meio Zêus, meio qualquer coisa, mas não conseguia... Às vezes achava que estava muito boa, chamava um companheiro e dizia: “Você está vendo?” E ninguém via o Cristo. Faltava uma cruz, faltava uma coroa de espinhos, sei lá...

— Você sabe que vemos o Cristo assim como você tentou reproduzir. Não o vemos pregado na cruz.

— Sim, mas acontece que eu acho que era o meu orgulho que assim fazia.

— Você está sendo muito rigoroso, meu irmão. Vamos construir em cima disto alguma coisa, alguma esperança. Você viu os ideais, as metas, nas realizações daqueles companheiros maiores. E isso não lhe causou inveja e sim estímulo para crescer também. Vamos utilizar dessas marcas que ficaram tão fundas na SUA memória espiritual para que sobre elas você possa construir aqui, encarnado, conosco, as coisas com que você sonha. Aquele que traz a beleza no espírito, fatalmente terá que trazer também o amor no devido tempo.

— Tive também esta semana uma entrevista com o senhor que dirige os trabalhos e lhe perguntei: “Nós lemos tantas vezes os escritos dos Apóstolos... Procuramos tanto penetrar na filosofia das ideias, por que não vimos estas coisas?” E ele nos disse: “Ah, meu irmão, infeliz daquele que acredita que precisa apenas ler, pesquisar, e estudar os escritos do Cristo, porque estas coisas os olhos só veem vivendo-as. Não são os olhos da carne e sim os do espírito. E só vivendo as lições poderá um dia o homem chegar a penetrar a sua real significação”. Isto tudo é bastante traumatizante.

— Mas como lhe disse e insisto: É exatamente por causa disso a que você chama de trauma que você vai fixar melhor os seus objetivos, porque aqui na carne a gente esquece. Com esse impacto você vai ter condições de manter acesa essa chama do ideal que está agora bem fixada na sua mente.

— Sempre pensei que o Cristo era grande. Tinha que reconhecer. Mas nunca imaginei que fosse tão grande! Só um ser tão

grande poderia, com tanta simplicidade, mudar o mundo.

— E não mudou mais porque relutamos até hoje.

— Esse senhor me disse também, quando lhe perguntei isso: “A raiz da verdade está nas coisas simples, não nas complexas.”

— Por isso Ele dizia que a verdade se revelava mais facilmente aos pobres e ignorantes, porque ela chega diretamente, através do coração. É por isso que nunca podemos compreender a Deus, mas somos capaz de amá-lo.

— E agora, meu senhor? E agora?

— Agora, é o trabalho. Você não tem medo do trabalho nem de recomeçar e de reconstruir.

— Não. Não tenho medo de nada!

— Pois é. Só o tempo passado, que realmente foi mais do que teria sido necessário; mas a natureza continua aí, como disse aquele outro companheiro, para que, na sua doação constante, nos ensine as lições que nos levem a fazer alguma coisa. A presença da gente no mundo só se revela quando o modificou melhor depois que por aqui passamos, por menor que seja a nossa contribuição de beleza, de amor, de realização humana.

— É. O senhor tem razão. A prova está na nossa própria e amada Grécia. Não existem mais as obras grandiosas do homem, todas ficaram no tempo e perderam-se.

— Pois é, mas muitos daqueles espíritos seguiram à frente e estão em condições de, um dia, reconstruir esse mundo, quando chegar a época certa, que não tarda...

— É estranho isso. Que enquanto as nossas obras finas da beleza, da perfeição da forma se perderam, em cada coração que

ama a gente encontra a imagem do Cristo vivo, que não se perdeu.

Faz-se uma pequena pausa. O amado companheiro continua emocionadíssimo, mas está mais calmo.

— Gostaria tanto de apagar esse passado num instante, e acordar de repente do pesadelo.

— Por favor, não encare isso como um pesadelo. Vamos olhar para frente. Vamos levantar a cabeça. E, como tenho pedido muito a vocês, vamos fazer uma reavaliação, um reexame naquilo que o Cristo deixou como legado de sua sabedoria, para esse trabalho sobre o qual falou o nosso irmão — ver com os olhos do espírito — ver fazendo, realizando, empreendendo dentro das estruturas que ele nos deixou.

— É... eu lhe ouvi esta semana (Refere-se às meditações do doutrinador).

— Lá estão espíritos de muito valor, companheiros nossos antigos que amamos e respeitamos pelos seus legados, não só de beleza material, mas também acerca das suas meditações, de sua cultura, que são válidas, muitas delas, até hoje. O nosso Aristóteles, por exemplo, deixou uma obra que até hoje é lida com respeito, apesar das suas conotações materialistas, mas que beleza de espírito, que nobreza de sentimentos! Tudo isso nos traz um grande respeito pelas tarefas que vocês todos realizaram. Infelizmente, como disse um de seus companheiros aqui, para o vagão que precisava de dois trilhos, apenas um foi usado.

— Foi isso que nós fizemos...

— Mas, nesse trilho em que vocês se desenvolveram, o aprendizado ficou, o conhecimento ficou e será utilizado depois. No

momento em que vocês se dispuserem à tarefa da reconstrução, já imaginou quanta coisa boa podem fazer?

— É senhor, quando se tira de um homem uma perna, ele continuará a caminhar, mas não com tanta presteza. É isso que vai acontecer conosco. Ainda teremos que carregar conosco o peso da mutilação.

— É verdade, meu querido, mas o coxo pode ajudar o cego.

Faz uma pausa e prossegue:

— O senhor tem no seu círculo familiar uma alma muito sensível aprisionada num contexto adverso aos seus anseios interiores. Tenha muito amor para com ele, porque uma alma sensível se alimenta de amor. Oh! a aridez da inteligência! É como um fogo frio, que não aquece...

— É. Uma vez perguntei isso, lidando com alguns companheiros nossos daquela época: que estava fazendo eu no meio deles, de vocês... Eu ainda não sabia das nossas ligações... Um dia voltaremos todos para tentar arrumar o mundo, não é verdade? (Ele chora). Não se desespere.

— Se posso dizer-lhes alguma coisa das minhas experiências, o que vejo agora é que nunca vi maior sabedoria do que nas palavras que disse o Cristo: “Todo aquele que se exaltar, será rebaixado”. O que se exalta nunca o faz por amor aos outros, e sim por amor a si mesmo. O que se exalta não quer subir para ficar mais forte e auxiliar melhor; ele quer subir para que todos vejam o quanto ele é grande. Por favor, ajude-me.

Neste ponto oramos de pé junto dele, e por ele, que ainda não sabe como falar com Deus e com o Cristo.



Depois da prece, nos despedimos:

— Leva o nosso afeto, nosso profundo respeito e carinho a todos aqueles irmãos outros...

— Gostaria de deixar um recado para aquele companheiro (familiar do doutrinador). Diga-lhe, o senhor, que ele também perdeu a perna da arte, mas que é preciso caminhar com uma só com coragem e não se deixar corromper nas sombras do mundo, para não ter o desencanto de aportar na hora da chegada e ver que ainda não pode receber o tesouro que lá ficou em custódia. Eu sei que os tesouros das conquistas não são perdidos, mas ficam em custódia e ficarão até que demonstremos merecê-los.

— Muito obrigado. Você sabe o quanto estimo esse irmão.

— Que o Senhor Jesus possa perdoar-me a insensatez. Adeus, meu amigo e meu irmão.

E assim partiu o amado companheiro, deixando-nos uma lindíssima sensação de emocionada afeição.

**FREI JERÔNIMO**

Trabalhávamos àquela altura junto de uma comunidade organizada e mantida por um grupo de sacerdotes católicos desencarnados, de vários níveis hierárquicos. Segundo conseguimos apurar dos diálogos mantidos com seus representantes, era uma ampla e bem cuidada instituição “religiosa” que procurava duplicar nas trágicas regiões espirituais do desengano, estruturas semelhantes às da terra: igrejas, capelas, conventos, salas de estudo e reunião, parlatórios e tudo o mais, com seus ritos, práticas, posturas, cerimônias, sacramentos, tudo, enfim, para recolher pobres almas intimidadas pela enormidade de seus desenganos, desorientadas, inibidas por séculos de lavagem cerebral.

Naquela noite recebemos a visita de um indignado sacerdote que no decorrer da conversa identificou-se como Frei Jerônimo. Sua irritação levou-o facilmente à truculência e até a certas expressões um tanto rudes, mal condizentes com a sua condição e conhecimento. Viera ao nosso grupo para “botar p’ra quebrar”. Não estávamos querendo problemas? Pois haveríamos de tê-los. E muitos, pois tínhamos as mesmas “podridões” que todos. E para o doutrinador especificamente:

— Arrume sua vida, porque qualquer dia desses vou lhe dar uma rasteira. Você vai cair de quatro! E fala mole comigo não

resolve, não!

Que fôssemos seguidores do Espiritismo, ele não tinha nada com isso, mas que deixássemos que eles seguissem pelos caminhos de sua escolha. O Cristo convidara para segui-lo aqueles que *o quisessem*. Quem não quisesse que ficasse onde bem entendesse.

Eu não quero! — disse firme. Quero ficar onde estou e *vou ficar lá*, está entendendo?

Em suma: não tínhamos o direito de nos metermos em casa alheia, pois eram uma comunidade de grande porte, composta de várias “irmandades”. Se não éramos católicos, não acreditávamos nos sacramentos, não seguíamos a Santa Madre Igreja, e não aceitávamos o Papa, muito bem. Era problema nosso, mas tínhamos de deixar quem aceitasse isso aí, em paz, pois assim haviam escolhido.

— Sou católico — prossegue ele — Dentro da Igreja encontro o que quero. O senhor é espírita e não o estou questionando: fique lá. Lá o senhor encontra aquilo que quer. Siga a sua vida e pare com esse negócio de meter-se na seara alheia.

Nesse ponto — e isso aí é apenas o resumo de todo um difícil diálogo — ele faz uma pausa e se queixa de que se deu nele uma espécie de “desligamento” que descoordenou seu pensamento. Daí em diante, fica um pouco mais contido, mas ainda está firme na sua postura e na defesa do seu ameaçado território.

Demonstrando conhecer bem os antecedentes do doutrinador, menciona, como que por acidente, um qualificativo pelo qual se tornou conhecido no seio da Igreja há um bom punhado de séculos. E prossegue, dizendo que o mal foi deles mesmo. Quando viram o

que estava acontecendo em outras comunidades, por causa da ação de nosso grupo, deveriam ter “posto as barbas de molho” e tomado suas providências, cerrando fileiras na defesa de mútuos interesses.

O doutrinador lhe diz que se são do Cristo, como o dizem, não precisam estar assustados e em guarda, como que de armas nas mãos, pois nada há a temer. Mas não é assim que ele pensa. Os apóstolos não estavam com o Cristo? E como é que foram todos sacrificados? Não tinham de se defender? Paulo não perdeu a cabeça? Se não se defendessem, portanto, iria toda a instituição para o que chamou de “beleléu”.

Já lhes basta os problemas com os “vigilantes” que, de vez em quando arrebatam um ou outro de seus companheiros, sem que possam fazer coisa alguma para evitá-lo. (Eles chamam de vigilantes, aos trabalhadores espirituais em difíceis tarefas socorristas pelas furnas mais hediondas, a recolher espíritos que começam a dar os primeiros sinais de recuperação). Com esses eles não podem, mas conosco é diferente, pois estamos em condições espirituais mais ou menos semelhantes às deles, ou seja, também vulneráveis, em razão de nossas falhas e imperfeições,

Quando pressentem a aproximação dos vigilantes, reforçam as guardas, concentram-se em vibrações defensivas, colocam capacetes fluídicos em certas pessoas para que não “ouçam” determinados apelos ou recomendações.

Além de tudo isso fazem prodígios para se defender do que classifica de “correntes mentais de gente que vive rezando”.

E, afinal, o que queremos nós? Todos tem um ideal na vida. Alguma coisa estaríamos procurando. Quem sabe poderiam chegar

a um acordo conosco?

Pensam, naturalmente, em termos de uma barganha de interesses, algum conchavo ou pacto satisfatório a ambas as partes envolvidas, mas a resposta do doutrinador é um tanto desconcertante para ele:

— Queremos buscar amigos que temos lá. Você, por exemplo...

Ele faz uma pausa, como que tomado pela surpresa do inesperado e deixa escapar um riso seco e curto. Em seguida, refeito, volta à carga: Não respeitamos o livre arbítrio de nossos próprios familiares, deixando-os fazerem o que bem entenderem? Por que, então, também não os deixamos em paz?

O doutrinador justifica-se pacientemente, dizendo que qualquer um de nós ao ver um filho ou um amigo em dificuldades, em apuros, dá uma palavra de alertamento, embora não possa impedir que ele prossiga na direção desejada, se assim entender.

Mas o problema para ele é outro — é o “sentimento de culpa” que “criamos” com as nossas técnicas ardilosas, colhendo os incautos em nossas “malhas”.

— Suponhamos, diz ele — que eu tenha escolhido o pecado? O pecado me agrada mais do que a prática do bem. É direito meu!

O doutrinador propõe que, como ele é um servidor do Cristo, que diga isso, com essas mesmas palavras, a Jesus. E em seguida oramos.

Ao retomar a palavra, diz-lhe o doutrinador que somos, sim, imperfeitos. Perdemos a paciência, nem sempre estamos vigilantes e em harmonia. Somos também criaturas em luta. Desejamos também a paz, mas não estamos pretendendo obtê-la aos gritos.

E ele insiste que o seu problema com o Espiritismo é, basicamente, o conceito do carma, da culpa, que considera extremamente negativo. Por isso prefere a Igreja Católica, que, a seu ver, “dá muito mais à criatura”.

E acrescenta:

— Vou lhe dizer com franqueza: não interessa se, o que ela ensina é verdade ou mentira. É bom que a criatura acredite que tem uma só existência. E que assim vive, e quando morre é julgada e vai para o céu, ou para um lugar onde vai purgar suas faltas, ou recebe uma condenação completa. E pensa: “Só tenho essa vida. Minha oportunidade é esta”. E trata de fazer tudo certinho: penitência, oração, promessas, tudo, para se melhorar, porque está convencida de que no dia em que morrer terá sua situação definida. Agora, vocês ai ficam com esse negócio... “Ora, se vou viver outras vidas, então está bem... Não há castigo!” Quer dizer, vocês tranquilizam a criatura.

Contraditoriamente, porém, diz no mesmo sopro:

— A Igreja não desassossega ninguém. Essas almas que estão lá, por exemplo (na instituição deles) sabem que não estão no paraíso, mas estão “cavando” o paraíso. As que tem pecados estão fazendo penitências, rezando a via sacra... Tem gente que faz isso de joelhos! Outros rezam o rosário... — Não é terço, não. Não sei se você sabe que o terço é uma terça parte do rosário. Terço é comodismo — Sabe o que é rezar um rosário inteiro de joelhos? Já imaginou? Só um terço tem cinquenta aventarias. A pessoa faz aquilo com confiança. É um clima diferente. Vão à capela e fazem as abluções... É um clima de maior pacificação. Já vi coisas lá nas

quais vocês têm muita culpa. Vocês ficam rezando e falando do passado, dizem que têm culpas, mas também contam com o perdão de Deus. Alguns não se deixam impressionar, mas outros...

Nesse ponto ele transmite uma curiosa informação, que precisa de um esclarecimento prévio. É comum encontrarmos na linguagem doutrinária espírita a expressão “*sintonia vibratória*” ou “*envolvimento em determinada faixa*”, ou, ainda, “*elevação do teor vibratório*”<sup>41</sup>. Nunca havíamos, contudo, encontrado um exemplo tão claro e preciso do que isto significa.

Como observamos há pouco, Frei Jerônimo discorria sobre a influência das preces lá na instituição em que vivia, dizendo que ela:, criavam uma “corrente” à qual alguns conseguiam subtrair-se. Se, porém, a pessoa tivesse o “azar” de cair numa delas, começava a questionar-se. E prosseguiu, narrando:

— Um dia desses veio uma irmã para mim e disse: “Frei... (A gente lá — explica ele à parte — tem um parlatório. Ficamos ali em determinados dias e quem quiser ir lá, pode ir conversar. Não para confessar! Se tem alguma dúvida vai ao parlatório e a gente esclarece). Então, foi lá essa irmã. “Frei Jerônimo”. “Pois não. Fala irmã”. “É que eu estava um dia fazendo uma novena e fiquei pensando muito na Virgem”. Até ela disse (a irmã) que não foi só na Virgem que pensava, pois ela tem uma devoção com Santa Clara. “Eu estava pensando tanto em Santa Clara e pedindo...” E aí, de repente, ela disse que escutou assim um barulho passar pela sua cabeça, um negócio como se fosse uma música. Quando ela me disse isso, eu já fiquei desconfiado. Eu já sei o que é: uma “corrente”. Aí eu disse: “E a senhora logo pensou noutra coisa, não

é?” “Não; aí é que eu pensei mais em Santa Clara”. “E veio com aquelas coisas que “passaram” na corrente...

— “Que é isso, Frei, que estão dizendo que eu escutei nessa “coisa” que “passou” quando eu rezava para Santa Clara? Que a gente tem muitas vidas... Como é que o senhor nunca disse isso? A gente não tem que ficar aqui rezando... Não adianta eu ficar rezando o rosário, porque isso não vai acabar com meus pecados.”

E prossegue Frei Jerônimo para o doutrinador:

— E disse uma porção de coisas... O senhor pode imaginar o que eu tive de fazer para poder *esclarecer* aquela criatura? E não esclareci, o pior foi isso. Quer dizer, eu esclareci, mas ela não ficou esclarecida. Eu disse: “Foi quando a senhora estava rezando para Santa Clara? Então não reze mais para ela”.

— Mas isso não é uma organização religiosa? — pergunta o doutrinador.

— É, mas isso estava prejudicando.

— E a prece prejudica? — insiste o doutrinador numa pergunta que ele ignora.

— Eu disse para ela: “Cuidado, que isso são noções negativas, são correntes negativas que vêm e a senhora estava invigilante. Cuidado! que qualquer dia a senhora cai na mão de um vigilante.” (Eles morrem de medo dos vigilantes. Eu digo que os vigilantes torturam as pessoas.) “A senhora vai cair nas mãos dos vigilantes!”

— Mais você não prestou juramento de dizer somente a verdade?

Pausa.

Que juramento? Olha aqui: o próprio Cristo adaptava a



verdade às criaturas!

— Você, então, “adaptou” a verdade a essa irmã...

— Tem que adaptar... O senhor sabe o que aconteceu a ela? Ela caiu na mão de um vigilante. Continuou rezando para Santa Clara e um dia viu um clarão. Está vendo?

Ele sabe muito bem que o “clarão” fora produzido pela presença de um Espírito superior que, aproveitando-se do clima positivo criado pela prece, conseguiu resgatar a freira, mas a “versão oficial” para consumo interno na comunidade é a de que ela se deixou envolver numa faixa vibratória “negativa” e foi como que *raptada* pelos *temíveis* vigilantes, a fim de ser torturada pelos seus pecados...

O objetivo é sempre o mesmo, ou seja, manter aquelas pobres criaturas ali num clima de temor e ignorância dirigida para que se submetam à autoridade dos dirigentes que, com isso, também ali se mantêm prisioneiros de si mesmos, por não se conformarem com a inexorável realidade de que precisam abandonar seus erros, suas posições, suas vaidades e seus próprios temores, a fim de enfrentar corajosamente o penoso mecanismo da correção que a lei impõe aos recalcitrantes.

Veja-se, por exemplo, este fragmento de diálogo:

— Você, então, acha que a gente só tem uma vida... — diz-lhe o doutrinador.

— Olha aqui — responde ele —, não interessa quantas vidas a gente tem, mas se o senhor fica falando que temos muitas vidas, a pessoa acaba se acomodando: “Ah! seu eu tenho muitas vidas, para que vou correr nesta?”

— Então, por que seus sacramentos, sua Igreja, suas missas não o levaram para o céu, se a primeira parte do seu raciocínio está certa? O que você acha que falhou aí?

— Não falhou nada. É porque nós somos responsáveis por essas almas. A gente tem que ajudá-las, tem que trabalhar com elas.

— E essa Irmã? Como é que você não conseguiu retê-la rum a sua verdade “adaptada”?

Por isso é que eu digo: é a invasão dessas "correntes”.

Temos que ficar mais vigilantes. Agora, por exemplo, eu dei uma ordem lá: Quem for rezar, seja na capela, seja nos nichos (A gente tem lá umas grutas, sabe?), ponha o capacete.

— Para rezar precisa capacete?

— Eu disse que o capacete é para defender-se dos vigilantes.

Quando se sente acuado, porém, ele sai com a mesma frase de sempre: “Isso não interessa”. Mais adiante, acrescenta:

— Você está cansado de saber que há coisas que a gente diz e coisas que a gente faz. E que nem sempre uma coisa é necessariamente a mesma.

Seria impraticável reproduzir aqui todo este interessante diálogo com Frei Jerônimo, mas creio oportuno referir mais alguns pontos curiosos. A certa altura, já bem mais razoável, diz ele, após longa pausa em que parece meditar:

— Em uma coisa eu concordo com o senhor. Acho que todas as instituições religiosas criadas pela Igreja — conventos, abadias e não sei mais quê — todas foram um grande engano, compreende? mas já que se criou tem de se dar uma finalidade àquilo. Não deviam ter sido criadas. Não precisava realmente, mas já que foram

criadas, tinha que, em primeiro lugar, ter gente para estar ali e muitos iam para lá contra a vontade; outros iam para fugir de situações embaraçosas no mundo... O que o senhor quer?

— Você por que foi?

E a resposta de sempre:

— Não interessa!

Nesse ponto, contudo, a despeito de suas "defesas", capacetes e demais petrechos, começa a sentir-se sonolento ante a indução magnética, mas ainda reclama de Santa Clara que também criou uma ordem, seu convento e tudo o mais. Já não consegue falar articuladamente, vencido pela sonolência que se apodera de seu ser, enquanto boceja sem parar. Pouco depois está prostrado sobre a mesa.

Começa a regressão da memória, a fim de que possamos buscar ali a causa profunda das suas dores e desenganos, de sua fuga.

—o—

— Quero sair daqui — diz ele — Estou aqui para uma justa.

Preparou-se para lutar com outro cavaleiro. Não são inimigos, trata-se apenas de um torneio, como costumava ocorrer na Idade Média. Ele, é jovem e nobre de nascimento. Não está apenas se lembrando, pois se vê realmente ali, no amplo pátio<sup>{5}</sup> de um castelo em dia de festa, perante uma pequena multidão.

— Estamos disputando a mão desta donzela. É um torneio, o rei é que promove esses torneios.

— O Rei está presente?

— Está.

Segundo informa, a cena se passa na Sérvia. E prossegue:

— Não estou bem, porque aquele maldito sacerdote... Ele é um mago e me deu esse remédio, porque o outro o comprou. Agora estou caído aqui. O outro me venceu, mas eu era o melhor. E agora não sei porque me arrasto. Dizem que estou morto, mas não estou. O outro me derrubou e dizem que me quebrou o pescoço, mas como? se estou vendo tudo aqui? Quero gritar mas não me escutam! Estou vendo este veneno... Como posso estar vendo o veneno dentro de mim? Eu preciso me vingar... Não posso deixar isso assim!... Não posso deixar! Quero levantar mas não posso! Vejo os outros que gritam e que saúdam as bandeiras e saúdam o vencedor, mas vejo... Sim, agora me levanto, mas não tenho mais a armadura. Corro para a tribuna para dizer que fui envenenado, que o torneio está invalidado. O Rei é justo, mas vejo lágrimas nos olhos da minha prometida.

— Ela gostava de você, então.

— Sim. Mas o Rei quis esse torneio porque éramos dois jovens de famílias respeitáveis no reino e ele não queria uma contenda; dando a mão da filha a um, ele iria magoar o outro. Entende?

— Mas a moça é filha do Rei?

— Sim. Foi por isso que houve este torneio, mas eles não sabem que caí por causa desta droga. Eu gritei e ninguém me ouviu. Todos saudavam e riam, compreende? E tomavam os canecos e ela chorava. Depois... eu queria saber o que tinha havido. Por que eu estava assim? Eu não sabia... Cheguei perto do vencedor, meu rival, para gritar a ele que ele não tinha vencido, e eu o vi trocando

olhares com o sacerdote e naquele olhar eu li o que ele queria dizer. Então me lembrei que quando cheguei, e estava me preparando, chegou este menino que vinha da parte do sacerdote com uma ânfora e dizia para mim: “Senhor, manda-me meu senhor saudá-lo e refrescar-lhe com este vinho”.

— E eu agradei e o tomei. Ainda molhei o meu lenço e passei-o na testa...

Sua narrativa interrompe-se neste ponto, como se ele fosse fulminado por um desmaio.

Quando voltamos a falar, já recuado para outra existência terrena, sua voz continua sonolenta e pastosa como a anterior. A primeira palavra, uma espécie de chave com a qual abre este novo e misterioso compartimento da memória, é *alforje*.

— Vou para essa viagem. Vou para a Sicília.

Parece não saber bem que atividade exerce, pois a pergunta que lhe é feita nesse sentido, evidentemente o embaraça. O magnetizador pede que ele descreva seus trajes.

— Tenho estas pantufas... começa ele, hesitante.

— Armas?

— Não.

— O que você vai fazer na Sicília?

— Vou viver... vou trabalhar.

— O que você sabe fazer?

— Tenho um ofício... Sei trabalhar com metais, fazer utensílios...

Vai sozinho, pois é solteiro e não consegue localizar na memória o nome do local de onde está partindo para a Sicília. Só

sabe que tem de caminhar e depois tomar um barco, o que parece indicar que parte do continente, pois a Sicília, como se sabe, é uma ilha ao sul da Itália.

— É muito longe, então. Por que você escolheu a Sicília?

— Porque minha mãe me mandou procurar um homem lá. Levo... Ela o conheceu... não sei ainda. Ele está numa dessas casas de religiosos (convento).

— Mas ele é conhecido dela? Irmão dela?

— Não sei, a minha mãe me deu esse crucifixo aqui quando estava morrendo e me disse para ir e entregar a esse homem. Cheguei lá e este homem... Sim, ele tomou o que eu levava (o crucifixo) e me deu água e me fez sentar e me deu pão. Eu estava com fome... E depois fui dormir e tive um sonho horrível. Este homem me dava um copo de veneno. Ele tinha uma roupa estranha (antiga) e um cabelo estranho que vinha até os ombros. E eu acordei com o gosto daquele vinho horrível na boca e tive medo, mas este homem me disse que eu ficasse ali que eu teria a sua proteção. E fiquei. Eu não sei, mas não gosto desse homem... Sinto uma raiva dele! Ele quer ser bom, mas sinto uma raiva dele, não confio nele...

Como sua mãe o conheceu? Ela nunca lhe falou nisso? Ele era lá da terra de vocês?

Não sei; minha mãe nunca me falou nada.

— E ele reconheceu o crucifixo?

— Sim, mas ele nunca falou.

— Será que ele era seu pai?

— Não sei. Eu tinha essa raiva dele... Eu não queria viver ali, mas vivi. Ele era bom para mim, mas um dia eu quis fugir e apanhei

esses valores, mas ele me surpreendeu e queria que eu fizesse uma penitência e me arrependesse e ele chorou; mas eu tinha aquela raiva e fingi que aceitava, mas não sei o que senti naquela noite... Eu sempre levava para ele um pote com água para a noite. Não sei porque naquela noite eu levei o pote, mas coloquei algo na sua caneca.

— Então ele morreu envenenado. . .

— Sim. E naquela noite eu tive outro pesadelo horrível. Ele me agarrava pelos pulsos e dizia: “Meu filho, por que perdemos a chance de reconciliar?”.

— É. Ele fez o possível, não é? Foi você que não o perdoou.

— Odeio estas paredes escuras. Eu queria tanto a minha mãe! Sempre pedia a ela: “Faça-me um catavento”. E ela me fazia um catavento para eu brincar. Estou cansado... Tão cansado...

-o-

Aí estavam, pois, as raízes mais profundas dos angustiantes problemas de Frei Jerônimo. Vítimado pela traição de um sacerdote venal que manipulava drogas potentes, perdeu numa disputa, a mão da filha do rei, que o amava. Perdeu com ela, provavelmente, a oportunidade de uma existência de fausto e poder, e só depois de “morto” descobriu a trama sinistra que o eliminou.

Em outra existência — a que distância no tempo? — sob romanescas e misteriosas condições, vai ao encontro daquele mesmo sacerdote, novamente vivendo numa comunidade religiosa e ali consuma-se a tragédia da vingança. Ficara o seu espírito marcado com o ódio irracional à vida dita religiosa, aos claustros, conventos e igrejas (“Odeio estas paredes escuras”), mas por

compulsão cármica inexorável, acaba também investindo-se da condição sacerdotal. Aquilo, porém, não era uma punição e sim uma oportunidade. Precisava vencer sua repugnância por tudo aquilo e poderia tê-lo feito, servindo à Causa do Cristo, estudando seus ensinamentos e vivendo a sua doutrina de amor. Saiu tudo errado novamente. Embora condenando aquelas estruturas, serve-se delas e nelas se perde outra vez. Tão fundo que, de regresso ao mundo espiritual, busca instituições semelhantes que ali continuam, teimosamente, a desenvolver a mesma tarefa lamentável de manipular almas temerosas e automatizadas, sob a mentirosa alegação de que precisa orientá-las e protegê-las. A mentira continua, e a fuga, a covardia ante os resgates dolorosos, os remorsos, o desalento. No fim, desaba sobre ele um cansaço opressivo, esmagador e ele se apaga num sopro para repousar e, afinal, repensar a sua vida....



## NOITE DE TREVAS NA CHARNECA

Trabalhávamos àquela altura junto de ampla comunidade dita católica no plano espiritual<sup>46</sup>. Viviam ali sacerdotes de vários níveis hierárquicos e de diferentes ordens, bem como freiras de muitas congregações. Surpreendidos pela desencarnação em pleno exercício de suas atividades religiosas na terra, partiam, contudo, sem o mínimo preparo para enfrentar as perplexidades da vida póstuma, na qual não encontram o céu a que se julgam com direito, e nem o inferno que muitos temem. É compreensível que se busquem uns aos outros, unidos que foram em vida pelo vínculo eclesiástico, e continuem unidos pelas decepções póstumas.

Ali naquela instituição pelo menos podiam praticar um arremedo de culto, tal como estavam habituados na carne; os rituais, as fórmulas, as prédicas, os sacramentos, as missas, as novenas, os debates teológicos. Para isso haviam montado toda uma estrutura semelhante às da terra, com a sua hierarquia, seus formalismos, suas normas, bem como toda a parafernália exigida; igrejas, conventos, claustros e assim por diante.

Certa vez em desdobramento, um de nós foi levado lá. Via-se o nosso companheiro numa sacristia ampla, cujas janelas davam para um pátio interno em nível bem mais baixo do lado de fora. Podia ver ali alguns sacerdotes sentados nos bancos ou a caminhar

de um lado para outro, sem perceber que estavam sendo observados. Nesse momento, chegou uma freira assustada, aflita mesmo, e disse, alarmada:

— O senhor *não pode* estar aqui!

Em suma, funcionava ali uma comunidade religiosa nos moldes das que existem na terra. Com que finalidade? A mesma de sempre: um esconderijo de irmãs e irmãos assustados, temerosos, decepcionados, perplexos, desencantados. Pelo menos ali, havia um arremedo de vida em cujo contexto, antigos prelados de condição hierárquica mais elevada continuavam a liderar, traçando planos misteriosos e procurando levá-los a termo com a ajuda da comunidade.

Já recebêramos em nosso grupo vários deles. Naquela noite que vamos agora relembrar, quem compareceu foi uma irmã.

Tinha a voz doce e pausada, cultivada e suave, própria mesmo para os sussurros do claustro, das sacristias, dos confessionários. Era muito inteligente, bem dotada na utilização da palavra falada. Não lhe faltava, sequer o toque sutil da ironia, quando julgava necessário. Certamente exercia ali alguma função de comando, pois falava com autoridade e segurança.

Declarou, logo de início, que preferia ouvir em vez de falar. Como viera a nós por alguma razão pessoal, apelamos para que falasse dos seus propósitos, mas ela insistiu em que preferia conhecer os nossos. Quando o doutrinador começou a falar sobre a possibilidade de entendimento e compreensão, ela comentou suavemente:

— O mundo é tão grande, não é? O céu não tem limites... Jsus

veio para todos, não é verdade?

— Sim, claro. Especialmente para nós, aqueles que erram mais e mais se transviam nos caminhos da vida.

Embora disposta a ouvir e não a falar, ela vai mansamente tomando a palavra:

— Ele deixou os caminhos abertos para todas as criaturas, não é mesmo? Não vejo porque contendamos. Estamos como que tentando conquistar um lugar no coração do Cristo. Não há necessidade para essa disputa!

— Não é preciso conquistá-lo, pois já temos todos esse lugar ali.

— É o que tenho dito — diz ela com evidente satisfação. Digo a todos. Olha! estamos perdendo preciosíssimo tempo. Por que estamos disputando um lugar no coração do Cristo? Não precisamos disputar o que já temos.

Faz uma pausa e parece agora disposta a desenvolver a sua tese, a sua prédica, que ouvimos longamente com a atenção devida, colocando um ou outro comentário ocasional.

— Nem precisamos disputar as almas, se elas pertencem ao Cristo... Não é verdade, meu irmão? Elas pertencem ao Cristo. Então, nosso poder, nossa influência sobre elas é muito pequena, muito limitada, porque se o Cristo é dono de nossa própria alma, quem nos conduz a ele? Portanto, não vejo por que, meu irmão... Vamos terminar com essas desavenças, esses desencontros! Todos nós queremos a paz do Cristo e a paz do Cristo não é uma paz de contendamos!...

— Mas está havendo desavenças?

— Sim, está havendo. Ora, o senhor me perguntar isso! O senhor mesmo é um que defende certa maneira de conduzir as almas. Outros defendem outra maneira e assim vai e começam a falar e falar... Um fala, outro fala... quando na verdade, podemos trabalhar irmãmente, lado a lado. Numa necessidade, podemos até ajudar-nos. Porque é o que sempre digo: Cristo não teve Igreja, Cristo não teve religião, Cristo foi eclético, em termos de seitas, de religiões. Quando ele esteve na terra havia centenas de religiões, no entanto, ele não se filiou a nenhuma delas.

— Mas isso não quer dizer que ele fosse eclético!

— Não era por que? Tudo aquilo que era bom, ele aceitava!

— Não, minha querida. Ele era tolerante com aquele que pensasse de maneira diferente da dele, mas eclético não.

— Ele não forçou qualquer alma, qualquer criatura. Deu a Pilatos o direito de lavar as mãos; não o criticou. Não censurou Barrabás por ter sido preferido pela multidão. Não castigou a multidão... amou-a do mesmo jeito. Pedro negou-o três vezes e, no entanto, o Senhor o escolheu para pedra angular da sua Igreja, Judas o vendeu e o Senhor o recebeu de braços abertos. Portanto, se o Senhor foi tão tolerante, se o Senhor jamais forçou qualquer criatura... Quando procurado por Nicodemos, esclareceu-o mas não o forçou. Nicodemos voltou para o Templo. Não é verdade? Não disse a ninguém que a sua religião... a sua pregação, era a melhor em detrimento de outras. Apenas pregou a Verdade. Aqueles que o quisessem ouvir, ouviram. E os que não quiseram ouvi-lo, tiveram o direito de viver...

E você o aceitou?

Meu irmão, o que estou querendo dizer é que há lugar neste mundo, neste espaço infinito para todas as Igrejas, porque na verdade, nenhuma delas é dona do Cristo. Eu por mim sou Católica Apostólica Romana, mas nem por isso, jamais forço alguém. Mostro às pessoas, quando a ocasião se nos oferece, que a Igreja Católica Romana é um dos caminhos, o caminho mais... velho, digamos assim. E como mais velho, mais experiente e se mais experiente, é claro que conhece estradas mais fáceis, talvez. do que outras religiões. Porque a Igreja tem uma função maternal... e pergunte a qualquer mãe, quando ela se vê na iminência de conduzir um filho; ela sempre procura facilitar as coisas para ele. Muitos criticam, dizendo que a Igreja é autoritária, que a Igreja cerceia o direito de pensar, que a Igreja exige uma fé cega. Ora! São calúnias! Estive esta semana ouvindo um pregador que se diz espírita, numa tribuna, repetindo essas coisas que estou dizendo. Dizia ele: “No tempo em que fui católico, eu era bitolado como um animal com antolhos. Eu não podia pensar porque estava ferindo os dogmas!!. Não é verdade. Calúnia. Calúnia antifraterna! Porque o que a Igreja faz, que sempre fez e continuará fazendo — porque se ela sair disso, deixará de ser a mãe — o que ela faz é conduzir o filho inexperiente pelo caminho que ela, que é experiente, sabe ser o melhor. Pergunte a qualquer mãe o que ela faz com o seu filhinho ainda inexperiente. Ela o toma pela mão e, muitas vezes, ela o conduz por esse caminho mesmo quando ele chora e diz: "Mas eu quero ir por aquele caminho!" Mas a mãe sabe que aquele caminho que ele quer seguir, embora lhe seja mais atraente porque ali na esquina ele vai encontrar um grupo jogando péla<sup>17</sup> e ele vai querer distrair-se da

caminhada para jogar a péla, ou mais adiante ele vai encontrar atrativos que o convidam a sair da estrada. Guloseimas! Então, o que faz a mãe sábia? Ela o toma pela mão e quando a criança reclama, ela diz: “Meu filho, mamãe sabe! Mamãe sabe o que é melhor para você.” E se ela é uma mãe responsável, ela o levará pela mão até o destino. Quando ele crescer, e já houver aprendido o caminho com sua mãe, então ele poderá fazer a caminhada sozinho. E quando as almas crescem? Custa muito!

O doutrinador observa que, para quem veio apenas para ouvir, até que ela está indo muito bem com a sua prédica, mas ela não se altera. Responde educadamente:

- Já que o irmão não quis falar, eu, então, tomei a palavra. É preciso que compreendam a tarefa da Santa Madre Igreja, que é uma tarefa de mãe responsável, que não pode permitir que as almas que lhe são confiadas, inexperientes como são, sofram as tentações do caminho, abandonadas...

O doutrinador pondera que ela ainda há pouco dizia que as almas são todas do Cristo, não havendo, portanto, necessidade de conduzi-las. Ela, porém, muito ágil, diz que “não somos donos das almas”, mas que “recebemos do Cristo essa incumbência”, havendo, portanto, que prestar contas do mandato confiado.

Como se vê, a querida irmã está se saindo muito bem de sua tarefa junto de nós, e é óbvio que fala para uma plateia atenta e deliciada de ouvintes, pois é comum, em tais casos, nossos dirigentes providenciarem para que o diálogo com o doutrinador seja como que retransmitido à comunidade de onde vêm os espíritos.

O doutrinador aproveita para perguntar-lhe se ela recebeu tal incumbência do Cristo, ou seja, a de conduzir almas pela mão. Mais uma vez ela está firme:

— Desde o momento em que decidi consagrar-me ao Senhor, a ser Esposa de Jesus — vê a aliança do compromisso? diz, mostrando a mão. — É uma aliança de compromisso.

— Mas essa é a única existência que você viveu?

— Que vida, meu irmão? Que diferença faz? Esse compromisso perde-se no tempo, porque quem se entrega ao Cristo uma vez, é para sempre. Aqueles que se consagram ao Senhor, aqueles que são sagrados e que um dia abandonam o compromisso traem os votos sagrados. Este, meu irmão, esta pobre alma terá muito que chorar!

A querida irmã é inteiramente merecedora do nosso respeito, ainda que, obviamente, não possamos concordar com as suas teses. Ela se preparou cuidadosamente para a entrevista conosco, colhendo informações, ordenando seu pensamento, estudando posturas e frases. Ela sabe muito bem por que fala nos que “traem os votos sagrados”, pois não ignora que o doutrinador foi dos que viveram longos séculos a servir à Igreja e hoje está, a seu ver, completamente transviado. Se ela está preocupada com a nossa alma? De forma alguma.

— Não estou preocupada com alma nenhuma, porque cada alma é responsável. Aquele que teve o conhecimento, que esteve no seio da Igreja e a abandonou, deverá assumir a responsabilidade correspondente.

Mas, afinal de contas, da não esta ali para julgar ninguém, nem

para dizer em que estamos errados e sim para terminar com essas contendas tão desagradáveis, tradução: que os deixemos em paz, se não for possível ou não quisermos segui-los ou aderir às suas convicções. O mundo é imenso: há lugar para todos, cada um na sua faixa de trabalho, “na eira que o Custos deu a cada um de nós.”

— Estou aqui, me propus a vir, como porta-voz. pura vos dizer que, por favor, mantenhais vossos pés na trilha que escolhestes, *mas*, deixai aqueles que escolheram o caminho da Santa Madre Igreja sagrada pelo próprio Cristo quando a fundou

— Mas você não disse que o Cristo não fundou Igreja?

— Meu irmão, por favor... Não procure me levar para esse lado! (A voz permanece estudadamente calma mas ela faz uma pequena ameaça:) Poderia apontar aqui criaturas que conheço particularmente e pessoalmente. Poderia expor aqui pessoas que já estiveram dentro de nossos claustros e depois de tomados os hábitos...

— Então você está pregando um princípio espírita, não é? O da reencarnação. Como você explica que pessoas que estiveram no claustro estejam aqui agora?

Faz uma pausa. Pela primeira vez parece hesitar. Mas prossegue:

— Estou dizendo apenas que pessoas que estiveram no claustro estão aqui agora. Pura e simplesmente isso. Não estou dizendo mais nada. Não quero entrar em explicações. Quero sair daqui hoje com um compromisso firmado da parte do irmão e de seus companheiros de que a partir desta data nenhum emissário desta respeitável e respeitosa seita vai invadir os sagrados terrenos da Santa Igreja.



— Mas se os terrenos são sagrados por que estão sendo invadidos? Não há defesas?

— Porque o Cristo nos disse que deixássemos as portas abertas.

— Então, a porta aberta é para entrar. Que mal há em que nós entremos lá?

— Entrar. Não para invadir. Entra o convidado; invade aquele que penetra sem autorização. invade aquele que penetra na horta do vizinho a horas mortas para arrancar suas couves, os seus repolhos, as suas cenouras. Este invade. Aquele que é convidado a comparecer a determinada hora, vai e *recebe* essas mesmas coisas.

Não adianta argumentar que as portas estão abertas para receber a todos os irmãos que os procuram. O problema é que alguns dos seus trabalhadores foram convencidos a se retirarem e eles começam a ficar alarmados. A solução buscada é a mesma de sempre — o acordo, se possível ou a hostilidade aberta. Daí as veladas ameaças.

Ainda calma e de voz pausada, ela começa a ficar um tanto abalada. Sua primeira queixa concreta é a de que não deseja ser tratada com as expressões carinhosas do doutrinador, tal como “irmã querida”. Ela considera isso uma expressão ainda muito humana (terrena), não mais para ela.

— Não posso ser uma irmã muito querida... Meu irmão, se há uma coisa que não tolero é a hipocrisia. Como pode ser irmã aquela que não é conhecida?

— Você disse há pouco que não queria julgar. Por que então me acha hipócrita?

— Porque o senhor está dizendo uma inverdade. Eu não o conheço. Nem sou deste país! Como posso ser para o senhor uma querida irmã?

— Mas você não é filha de Deus, como eu?

— Filha de Deus e irmã, sim; mas não querida.

— Os irmãos não são para se amarem, como nos ensinou o Cristo?

Foi aí que ela parou, sem responder, pela primeira vez e mudou de assunto, ou seja, voltou para o tema obsessivo da sua conversa: se estávamos dispostos a ser companheiros deles.

— Não, minha querida — insiste o doutrinador — Não fazemos negociações com o Cristo. Você está tentando vender ou comprar adesões.

Passa a falar de alguém em nosso grupo que foi outrora sua noviça e lhe ficou subordinada. Recebeu até o dote que, em nome da noviça, foi doado ao convento. E no entanto, essa pessoa também traiu seus votos, seus compromissos. Não importa que ela tenha vindo voluntariamente ou por escolha de alguém...

Novamente o doutrinador interrompe para questionar. Pois não diz ela que cada um deve escolher livremente seu caminho? Ela para e faz a seguinte prece:

Senhor Jesus! Dê-me a fraternidade e a força necessária para não falhar.

Prossegue depois, dizendo que pensou mesmo em reconduzi-la ao aprisco porque “o senhor sabe melhor do que ninguém que uma vez que uma alma passa por nossas mãos, é a nós confiada, nos sentimos por ela responsáveis,”

— E você se sente também responsável por mim? pergunta o doutrinador.

Não, porque ele não teria sido confiado a ela, mas como ela fala em nome da Igreja, é difícil responder e ela sai por outro atalho:

— O senhor também já recebeu almas que lhe foram entregues, e algumas que se entregaram ao senhor para serem conduzidas. O senhor carregou muitas almas consigo.

— Erradamente.

— Não erradamente. Na época, o senhor achava ou pensava que a Santa Madre Igreja era digna. O senhor que teve uma devoção tão entranhada à Santa Virgem...

— Teve, não. Tenho.

Mais uma vez ela sabe muito bem de que fala. Trata-se de uma existência vivida pelo nosso doutrinador na Idade Média, como monge.

— O senhor recebeu almas — retoma ela. Almas se lhe entregaram totalmente. Famílias até se revoltaram porque o senhor seduziu almas, seus filhos, como se dizia, para retirá-las da vida, e criticaram o senhor. O senhor sabe... Continuamos sempre responsáveis pelas almas (que nos foram confiadas).

— Então a Igreja é responsável pela minha alma também. Não você, especificamente, mas a Igreja. Como explicar isso?

Longa pausa e, em seguida:

— Parece que, infelizmente, não vamos chegar a um acordo... porque o senhor está recusando toda proposta sensata e fraternal.

— Se a proposta consiste em cada qual seguir seu caminho, como que pode a Igreja continuar responsável pelas nossas almas?

Irá desistir de nos reconduzir ao aprisco?

Ela manifesta o desejo de recuperar pelo menos a alma da sua antiga pupila.

— Por que você quer reconquistá-la? — pergunta o doutrinador. Acha que ela está perdida? Que vai para o inferno? Você está no céu, como Irmã? Como Esposa do Cristo?

Nova resposta brilhante:

Como posso ir para o céu, que é meu lugar, quando ainda lenho aquelas almas espalhadas por aí? Tenho de recolhê-las. Temos o nosso convento. Temos recolhido ali muitas companheiras. Muitas já se dedicaram a penitências severas.

—o—

Vê-se, portanto, que a querida irmã é muito inteligente e tem a serviço dos seus desenganos toda uma estrutura filosófica muitíssimo bem cuidada, com respostas prontas para situações e interpelações embaraçosas, embora aqui e ali seja confrontada com alguns becos sem saída.

Vejamos por exemplo esta situação. Ela toma o rosário nas mãos e começa a falar sobre ele, dizendo tratar-se de uma peça feita... Interrompe, contudo, subitamente, creio que temendo alguma revelação indiscreta. O doutrinador aproveita a oportunidade para falar-lhe carinhosamente que compreende o valor sentimental daquela peça, mesmo ignorando suas razões.

— Respeito sua posição — diz o doutrinador, — mas gostaria de ver você em outro contexto, porque você sabe, filha, que essa realidade que você tem diante dos olhos é falsa.

— Por que é falsa a minha e não a sua?

— Minha filha, o Cristo não está ali com vocês.

. — Como não? Não está o Cristo em toda parte?

— Não no coração daquele que o nega.

— E quem o nega?

— Aquele que mente diante do Evangelho, filha. Não preciso dizer. Você sabe. Aqueles que constroem organizações para impor a vontade, aqueles que querem conduzir almas pelo jeito que acham que deva ser.

— Não acha o senhor que o irmão maior deve orientar e conduzir o irmão menor?

— Mas não arrastar. E você acha que podemos nos julgar irmãos maiores dos outros? Você, por exemplo, é uma irmã maior?

— Eu tenho mais experiência. Tenho vidas e vidas em claustro, em meditação...

— A Igreja ensina a doutrina de vidas e vidas, a reencarnação?

Não há resposta..

— Você vê, minha filha. Por isso é que digo que você expõe uma realidade e vive outra...

Há uma pausa, mas ainda aqui ela está preparada com a velha tese de que é necessário ensinar as coisas de acordo com a compreensão dos discípulos. “Nem tudo as pessoas podem saber no momento em que não estão preparadas”. Pode-se até “perturbar” uma alma dando-se-lhe uma informação para a qual ela ainda não esteja preparada. “A igreja é sábia”.

—o—

Não seria necessário dizer mais para caracterizar um espírito extremamente difícil de abordar. Não por causa de maldade

intrínseca, pois não se apresentava belicosa e agressiva, a despeito de uma ou outra observação mais severa. Víamos nela a irmã querida encastelada na ilusão, sustentada por uma bem urdida filosofia, longamente amadurecida na experiência do sofisma, da fuga, do temor. Como chegar à profunda intimidade da sua problemática pessoal? Como descobrir o núcleo da sua dor? Pois dor certamente havia ali, e muita. Esgotáramos todos os recursos da argumentação. Para tudo tinha ela a resposta adequada, e dentro da sua lógica particular, oportuna e inquestionável. O único jeito possível de contornar o bloqueio e chegar à sua motivação verdadeira seria buscar-lhe na memória as razões determinantes daquele contexto, as causas daqueles efeitos que ali presenciávamos. Claro que nisso está implícita a dor da operação em si mesma, a ser feita na sensível intimidade da consciência adormecida sem a anestesia da mentira.

Não nos restava alternativa. Induzimos o estado propício por meio da magnetização, à qual, aliás, ela resistiu o quanto pode, recorrendo até à prece, à sua maneira, enquanto o próprio doutrinador também orava. Terminadas as preces e ainda consciente, ela virou-se para alguém ao seu lado e disse com firmeza:

— Irmã Gertrudes, abra o missal, na página marcada, por favor. Leia em voz alta. (Longa pausa. Parece ouvir recolhida e contrita). Não. Leia tudo, toda a página. Não pare aí não. Leia toda a página. Onde está aquela noviça? Não deixe que ela ouça isso. (Nova pausa). Não se respeitam mais as esposas de Jesus. Mande que ela se confesse. Padre Jerônimo vai dar a confissão.

E voltando-se para os participantes (encarnados) em torno da mesa, repetiu:

Padre Jerônimo vai dar a confissão. Alguém aqui quer confessar-se?

- Você quer, irmã? — pergunta o doutrinador.

E ela:

— Eu tenho o meu próprio confessor. Ele vem uma vez por semana.

O diálogo prossegue por algum tempo, nas linhas que já conhecemos. Às vezes ela para para cantar seus cânticos sacros. Enquanto isso, o magnetizador prossegue com seus passes que, aliás, ela percebe, mas parece ignorar, segura de que ele não conseguirá magnetizá-la. E realmente resiste com firmeza, dirigindo uma ou outra observação ou comando à Irmã Gertrudes e à noviça, que começam a ficar um tanto assustadas com o procedimento que presenciavam. Pretende mesmo “dar uma lição” no doutrinador, ao qual chama ironicamente de “hierofante”, na expectativa de que ele fracasse, o que é perfeitamente possível, pois não há infalibilidade em nosso meio.

Aos poucos, contudo, começa a ceder e vai ficando um tanto sonolenta, o que se nota pela voz pastosa e os gestos mais lentos. Subitamente deixa tombar a cabeça sobre os braços estendidos. Mergulhou, finalmente, no transe magnético.

— Minha querida irmã — diz-lhe o doutrinador com voz pausada e carinhosa — Deus nos abençoe. Jesus esteja em nossos corações, e nos permita um entendimento de pacificação, de amor fraterno. Desejo reafirmar meu respeito pelo seu Espírito, meu

profundo sentimento de afeição, pedindo a Jesus que tenha paciência com as nossas imperfeições e que nos ajude a chegar ao seu coração.

É, então, induzida a regressão. Passam-se alguns minutos em silêncio e expectativa.

Quando volta a falar, a voz é seca e dura, dando ordens rispidamente a alguém que obviamente não vemos. A regressão é total e ela parece reviver tudo aquilo:

— Bem quente! diz ela. E traga os panos também. Ponha essa luz aqui. Anda logo! E para você de gritar, sua... desavergonhada! Vai ali, Gertrudes e amordace ela. Amordace, sim. Estou mandando! Desavergonhada! Não tenha piedade, não. É isso. Cria-se os filhos para isso... Está na hora, está na hora! Vai buscar a água. Põe ali. Ali, naquele canto ali. Puxa pra cá esse banco. Amordace-a para que ninguém ouça. É preciso que ninguém saiba. Ninguém vai saber o que vamos fazer. Está na hora, Venha cá. Isso, fique ali naquela posição. E não faz essa cara, você! Você também ajudou, não é? Você também é uma sem vergonha. Vocês vão me pagar! Todas as duas vão me pagar. Vão me pagar caro. Uma sem vergonha assim na minha família... Isso. Aí, aí... Ah! teve um vágado. Ótimo. Assim não vai ver nem o que se passa. Pronto. Está tudo pronto.

— Já nasceu a criança? — pergunta o doutrinador.

— Quem me pergunta? Gertrudes, quem está aí? Não devia ter ninguém aqui. Corre lá. Você já fez o buraco que eu mandei? E não faça essa cara! Se você abrir o bico, mato você também. Vamos lá. Aproveita que é tarde. Tudo está nos ajudando, que está essa noite escura. Veja uma vela, que não chame a atenção. Não leve esse



candeeiro. E não trema tanto, mulher! Que coisa! Estou bem arranjada com estas criadas... Anda, anda, Gertrudes. É para com isso! Saia daí! Vocês não prestam pra nada. Deixa. Eu resolvo. Pronto. Agora está resolvido. (Pausa). Daqui a uma semana chega o senhor e ele não deve saber de nada. Gertrudes, você vai passar duas semanas com a sua família. Vai amanhã. E bico calado! Se você abrir a boca, se eu sequer desconfiar que você pensou alto, você sabe do que eu sou capaz! Deixa que eu arrumo o resto todo. Sai daqui que você já está me incomodando com essa... Que raparigas frágeis!

— E a moça? — pergunta o doutrinador.

— Que moça, que moça? Quem me fala? Quem me está falando aqui? Isto são artes do demônio. Não há ninguém aqui, como é que alguém está falando? Deixa eu olhar na outra sala. Não há ninguém aqui. Quem é você? E por que me interpela e por que não aparece? Só fica falando... Apareça! Não se prevaleça da escuridão.

— Irmã Marcela, por favor...

— Não sou irmã Marcela! Que irmã Marcela? Não sou nenhuma Irmã Marcela. Quem é o senhor para me interrogar? Não posso contar nada e não vou contar nada. Ainda mais para um estranho.

— É sua filha?

— É uma desavergonhada. Por que? É, é, sim. E daí? Já foi feito o que tinha de ser feito. Não preciso mais de ajuda.

— E a moça? Como ela está?

— Está melhor do que devia.

—Morreu também?

—Antes tivesse...

O doutrinador não estava entendendo a tenebrosa cena, por causa da presença de Gertrudes nos dois episódios, ou seja, como irmã de Caridade que leu a página do missal quando a manifestante ainda estava, digamos, em vigília, e como a criada que presenciou o parto, o assassinato e o enterro da criança. Esclarecido esse ponto, ele volta a perguntar:

Por que você não queria que o filho nascesse?

— Porque é uma vergonha!

— Mas não era seu neto?

— Que neto!

— Sim. Se é filho da sua filha, é seu neto.

— Sim, sim! Um filho bastardo! De um sem vergonha, sem nome!

— Mas é preciso matar?

— Matar o que? Não se matou nada! O que o senhor está falando? Não tem nada. Que é isto? Que história é essa? Não aconteceu nada disso!

— O que aconteceu, então, que você está tão aflita?

— Nada, nada, nada. Quem é o senhor, um estranho, para me indagar? Isto é uma coisa que *não aconteceu!*

— Você mora, então, aí nesse local? É uma casa, um castelo, o que?

— Ê uma charneca. Nós moramos aqui.

— Não. Você mora numa charneca? (Silêncio) Ninguém ficou

sabendo disso?

— Claro que ninguém ficou sabendo. Esta desavergonhada está prometida para um senhor. Um senhor importante. Um senhor que vai levantar nossa casa da desonra. E ela me faz uma coisa dessas!

— E quem é o pai da criança?

— Um João-ninguém qualquer aí do campo. Uma criança, mas não é uma criança!

— Ela se casou com esse senhor?

— Teve que casar. Eu a forcei. Depois, ora... Depois ela foi para a cidade, para a capital. E matou-se lá!

— Por que? Não gostou do marido?

— Por que era uma ingrata.

— E você? O que aconteceu com você? Você envelheceu, morreu?

Nada disso. Não morri, não. Sou desgraçada. A Gertrudes... Bem que eu não devia ter confiado nela... Quando eu resolvi silenciá-la, era tarde demais. E aí foram todos a procurar (a criança) e a Gertrudes também.

— Tinha morrido?

— Não. Eu simplesmente quis silenciá-la. Era preciso que ninguém soubesse.

— Mas por que você insistiu em casar a moça com quem ela não queria?

— Oh, mas eu acabei de dizer. Ele ia levantar nossa casa, livrar-nos da desonra. Isso acabou com a minha vida. Desgraçou... Primeiro me casei com um marido estroina, que trouxe a fortuna do

pai e a acabou no jogo. E eu arranjei esse casamento. Que importa se esse homem não era moralmente sadio? Ele tinha dinheiro! E minha filha era bonita.

— E depois disso tudo o que aconteceu?

— Eu tive que fugir. Pedi asilo às religiosas. Fui para lá e elas me acolheram. E nunca mais vi a luz do mundo desde que entrei para lá.

— E você morreu aí nesse convento?

— Nesta prisão, neste cárcere imundo! Morri aí? Que é morrer? Olha, conheço tantas desgraças, tanta miséria, conheço tanta podridão, que nem sei mais o que é morrer. Se já estou morta ou se já estou no inferno. Parece que estou. Essas religiosas... Eu pensei que eram boas, mas elas eram tão podres quanto eu. Me obrigavam a fazer, porque já sabiam do meu passado, todos os seus trabalhos sujos... Eu que tinha de fazer! E eram tantos trabalhos sujos! Já não tenho nem mais coragem de olhar as minhas mãos... Tenho medo de olhar para elas e ver sangue pingando. Caí no inferno e estou dominada por mil demônios. Mil demônios! Mil demônios! Deixem-me! Quero sair e não posso andar porque meus pés estão nesta lama sangrenta e viscosa! Estou presa! Tira-me daqui! Ouço gritos... Este cheiro terrível, este cheiro de sangue podre! Tira-me daqui! Tira-me dos demônios! (Contempla as mãos e fala horrorizada:) Estas garras... estas lâminas! Não tenho mãos. Cortem-me estas mãos! Cortem pelo amor de Deus! Meu Deus! Tirem-me estas visões! Meu Deus, me salva!

Está realmente, literalmente, em pânico.

Nesse ponto é recolhida pelos nossos companheiros espirituais, deixando na médium o resíduo de um terrível pandemônio de gritos a reboar na cabeça.

Querida irmã! Bem desconfiávamos que era muito profunda a sua dor, o que explica também a inexpugnável (ou quase) armadura filosófico-religiosa que ela montara para defender-se de si mesma, para isolar as trevas que trazia no fundo dolorido da memória...

## O IRMÃO QUE VEIO DA ATLÂNTIDA<sup>1</sup>

Frequentemente me refiro, em meus escritos, à admirável inteligência dos espíritos com os quais tenho tido oportunidade de dialogar no correr desses anos todos de trabalho junto deles. É sempre fascinante o espetáculo de uma aguda inteligência em pleno funcionamento. Não se trata, contudo, de nenhum privilégio, a presença de tantos companheiros brilhantes em nossas tarefas modestas. O que de fato acontece é que a inteligência não é exceção nos espíritos e sim a norma, a regra geral. Todos eles, ou pelo menos a esmagadora maioria deles, são seres muito vividos e experimentados. Poderão estar momentaneamente bloqueados, tanto na carne como fora dela, mas as suas conquistas estão subjacentes e não é difícil identificar os sinais inequívocos do conhecimento, mesmo que estejam envolvidos num contexto de aparente ignorância e despreparo. Às vezes a situação chega a ser paradoxal: o espírito esconde-se atrás de uma carapaça de ignorância e exiguidade intelectual, precisamente porque já se feriu demais no uso indevido das suas faculdades.

O companheiro de que trata esta narrativa, contudo, não era apenas inteligente — era excepcionalmente brilhante. Esse, aliás, o seu problema, como veremos.

Ele esteve conosco duas vezes. Da primeira, o diálogo foi mais

curto. Ele compunha, com mais três companheiros, o grupo que liderava a sua instituição. Viera até nós com um deles e ficara profundamente impressionado com a crise em que mergulhara o seu amigo, ao reviver, pelo processo da regressão da memória, uma horrenda cerimônia de iniciação com sacrifícios humanos que ele oficiara em passado remoto como sacerdote de Moloch<sup>2</sup>.

Convencido de que não tinha mais condições de continuar com a tarefa, mesmo porque seu último amigo acabara de “dar aquele vexame”, não tinha mais nada a dizer e nem queria ouvir nada. Desejava apenas sair dali o quanto antes para não cair em situação idêntica à do outro. Toda a sua equipe havia sido recolhida ou debandara e ele se confessava com medo de ficar lá, sozinho. Outra coisa importante: não quer saber de nada de seu passado. Já lhe bastam as dificuldades do momento. Não quer nem imaginar o que lhe estaria reservado numa regressão. Está pronto para fazer qualquer coisa, pois a inação o deixa completamente arrasado. É, portanto, daqueles que se movimentam febrilmente, não por convicção no que estão tentando fazer, mas para manterem-se ocupados, esquecidos da penosa realidade interior, ou por outra, em fuga. Declara-se um indivíduo realista. Fizera uma jogada e perdera. O mundo para ele está dividido em duas partes: os que mandam e os que obedecem. No momento, segundo ele, nós estávamos *por cima* e ele estava ali para obedecer, pois sabia perder também. Na sua opinião, até Deus seria um bom jogador, pois jogava conosco.

Achava que o Cristo fizera um convite apenas. Ninguém era obrigado a segui-lo. Ele, por exemplo, não o seguira porque não lhe

convinha, pois os cristãos eram perdedores natos e o próprio Cristo um perdedor: 'perdeu para Barrabás, para Pilatos e outros.

Às vezes ele se punha a pensar e se perguntava: Por que Deus nos criou para uma vida destas? Para que ele, por exemplo, existiria? O mundo não passava de uma arena, essa luta, que a gente tem de ganhar sempre para não ser esmagado. Qual o objetivo da vida? A criação, a seu ver, era um gesto arbitrário de Deus, pois ele nem fora previamente consultado. Por conseguinte, Deus tinha de tolerá-lo tal como ele era.

Bem que gostaria de ter fé: até mesmo invejava aqueles que a possuíam, mas no seu entender a fé somente é possível para as almas simples: não, obviamente, para ele, com todas as suas sutilezas intelectuais.

O sentimentalismo era, a seu ver, péssimo conselheiro. A pessoa que se deixava dominar pela emoção estava liquidada, como ainda há pouco havíamos presenciado, com o companheiro que o precedera.

Nesse ponto tivemos de interromper nossa conversa, porque o tempo se esgotara. Pedimos — se os nossos companheiros espirituais concordassem e ele quisesse — que ele voltasse em outra oportunidade, a fim de prosseguirmos o debate. Nesse estado de espírito ele se retirara.

Apresentou-se novamente na reunião seguinte. Dizia-se confuso e agoniado, mas não desesperado, pois era frio e mantinha a cabeça no lugar. Nada de lamentações sobre o leite derramado, que nunca podia ser recolhido.

Passara toda aquela semana isolado num cômodo,



completamente inativo. Não que estivesse prisioneiro de nossos mentores — as portas estavam abertas e ele sabia que poderia sair se e quando desejasse. Aquela inação, contudo, era-lhe insuportável. Dentro de si, um vazio imenso. Na mente, pensamentos descontraídos que ele temia estarem prejudicando, por indução, seus próprios amigos (já recolhidos pelos nossos benfeitores). Ele era um homem prático e queria agir, fazer qualquer coisa, pois aquela imobilidade o deixava desesperado.

Seu problema continuava sendo o da busca da fé. O que se deve fazer — pergunta ele — para se encontrar a fé? Deus era, para ele, apenas um nome. O Cristo, outro nome...

O doutrinador lhe explica que ele fora deixado sozinho precisamente porque precisava pensar.

Durante aquela semana que pareceu converter-se em vários anos, em conversa com um instrutor espiritual, pediu que lhe fosse dado um exemplo de fé. Queria ver a fé em ação. Levaram-no a ver uma mulher que chorava a agonia de uma ausência. Nada do que tinha era importante, porque lhe faltava a pessoa que, para ela, era a mais importante do mundo. De repente, as lágrimas cessaram e a mulher sorriu. É que à sua visão espiritual se apresentara um quadro em que ela contemplava uma cena futura, na qual se via unida àquele cuja presença lhe estava sendo negada. Ela então compreendeu que aquilo que ela desejava era seu, já estava lá no futuro; era só esperar. Sua fé estava na certeza desse futuro que, no entanto, era somente esperança naquele instante.

O Espírito ficara impressionado, mas não convencido. Tentara no passado acreditar no Cristo, mas fora tudo inútil. Na sua opinião,

se Jesus tivesse tanta força e poder como se proclama, os que apelavam para ele não deveriam sofrer. Confia-se nele e ele não socorre! Deus é outra abstração. Não que ele descreia de Deus, pois é evidente que ele existe, mas a ideia de Deus não *responde* dentro dele.

Em suma: em tudo aquilo só havia uma realidade, uma certeza — fora a passagem inexorável do tempo. Deixar de ser é que seria o ideal. Fora isso, a melhor solução, no momento, era mesmo a de meter-se num corpo (reencarnar-se) para esquecer.

— O meu mal — suspirou a certa altura — foi querer ser grande demais, penetrar nos mistérios da vida. Só os ignorantes podem ter fé.

Por isso, aliás, no seu entender, é que o Cristo pregara, de preferência, aos ignorantes, pois eram ouvintes mais fáceis de convencer. Quando o doutrinador lhe lembra a cena do apedrejamento da adúltera, ele dá a sua interpretação: o Cristo preferira fugir à responsabilidade, não dizendo que sim e nem que não. Ele preferia Maomé, que fora muito mais objetivo e concreto. Por essas razões ele nunca se interessara pelo problema da fé. Limitara-se sempre a aprender o que lhe pudesse ser útil. Para que serve a fé? Sente-se, porém, como um barco sem rumo, depois que a sua instituição ruiu.

Faz uma pausa e prossegue noutro tom mais pessoal, dirigindo-se ao doutrinador. Naquele cômodo em que ficara em recolhimento havia um livro (O Evangelho), que ele não estava desejando abrir. No entanto, ficara ligado durante a semana ao pensamento do doutrinador e este lhe falara com tamanha ternura e tanta fé que ele

acabara abrindo o livro duas vezes, aliás, em lições perfeitamente adequadas à sua situação. (É preciso esclarecer que ele abriu exatamente nas passagens que o doutrinador abria durante a prece e o seu diálogo mental com o querido e transviado companheiro).

— Me ajude — pede ele — a acordar meu coração.

A seguir, uma trágica e dolorosa confissão: durante o tempo que *trabalhou* junto aos espíritas deu-se bem com muitos deles, que só têm fé na cabeça... Se alguém os interpela sobre certas atitudes, eles respondem cinicamente que isso não tem importância — fica para a próxima encarnação...

Quanto ao amor, não passa de outra palavra sem sentido para ele. Acha mesmo que nunca amou ninguém.

É, pois, extremamente difícil levar algum consolo a este companheiro e muito mais difícil ainda, conseguir instilar um pouco de esperança na crua aridez daquele deserto íntimo; não se vê ali um recanto verde, um ramo de fé, uma florzinha tímida de amor — tudo seco, vazio, árido, mergulhado numa vasta e solitária desolação.

— Acho que nunca amei a ninguém na minha vida diz ele.

— Ah! não. Desculpe, não posso admitir isso. Estamos respeitando totalmente seu desejo de não fazer uma regressão ao passado. Acho que você precisaria tentar esse recurso — pode até fazer isso com a ajuda dos companheiros aí no mundo espiritual — para saber onde foi que você perdeu o fio da meada; mas que há amores nas suas vidas, é claro que há.

— Você acha que se eu a fizesse, isso poderia me ajudar?

— Acho que sim, meu querido, a fim de você entender o

porquê. Você quer sempre saber o porquê das coisas...

— Será que isso é válido?

— Acho que sim.

— Será que eu conseguiria? Tenho muitos bloqueios...

— Você tem que colaborar, tem que ajudar, mas é claro que em algum ponto das suas vidas houve um traumatismo muito grande, um núcleo muito poderoso, muito forte, que você resolveu trancar lá no porão e que está impedindo a visão mais ampla das coisas. A fé é um sentimento espontâneo na criatura. O ser humano mais primitivo tem as suas crenças, a sua fé, num astro, na lua, numa árvore, numa pedra estranha, num totem qualquer. A fé está nas origens do nosso espírito. Você veio de lá dessas origens tanto quanto nós. Então, em algum ponto dessas vidas você se perdeu.

Longa pausa. Ele parece pensar, hesitando, tentando avaliar as opções e medir as possíveis consequências. Sente que o momento é grave. O doutrinador dá-lhe algum tempo para essas especulações e depois prossegue:

— Você naturalmente vem de um passado muito remoto. Nossos espíritos viveram nas selvas, com crenças primitivas que a gente aceitava sem discutir porque não tinha como racionalizá-las. Agora, volvidos tantos séculos, tantos milênios, quando temos condição de racionalizar a fé, você precisava dessa parada, desse silêncio, dessa conversa consigo mesmo para poder colocar um pouco de ordem nos seus pensamentos. É isso que está acontecendo. Não podemos forçar uma decisão rápida e definitiva em você. É um trabalho que você mesmo vai ter que fazer. Mas lembrando-se sempre de que você tem pontos de partida

importantíssimos, mesmo na condição atual.

— Engraçado... De repente, você conseguiu me trazer um pouco de tranquilidade. De repente, senti como se... Não sei lhe explicar, mas sinto que nem tudo está perdido.

— Claro que não tem nada perdido, a não ser o tempo que você passou nessa vida de aflições, de angústias.

— Engraçado... Sinto como se estivessem tirando umas escamas de mim, sabe? Como se eu estivesse olhando para um lugar e nada visse ali e, de repente, saiu aquela parede dali. Estou vendo que a minha visão pode ir até lá no fundo. É essa parede que estava me bloqueando tudo. Não é assim. Não estou numa cela fechada; posso ver através da grade; há uma porta aberta... Não sei... é engraçado. É uma sensação de como se estivessem me libertando. Sabe? É como se abrissem um a porta na minha frente e dissessem: “Sai!” Estou me sentindo bem melhor. Como se estivesse até agora respirando um ar viciado. Estou respirando diferente, sabe? Há quanto tempo eu não sabia o que era respirar assim... Oh! você... você é mesmo um irmão, hein? É como se, de repente, eu ganhasse um irmão, ganhasse alguém. Não estou mais sozinho! Eu tenho você! Tenho vocês todos aqui. Não estou mais só!

Enquanto fica a repetir interminavelmente essa frase mágica — “Não estou mais só” — o doutrinador começa a orar e mansamente a prepará-lo para a regressão: as portas estão agora abertas, temos o seu consentimento explícito, está predisposto ao trabalho e, acima de tudo, confia em nós, naqueles em quem acaba de encontrar irmãos. É chegada, portanto, a hora de descermos às profundezas de

suas agonias, ao denso e escuro núcleo de suas aflições milenares. Após a prece ele retoma a palavra:

— Estou experimentando uma sensação muito estranha, como se houvesse uma aragem à minha volta.

— Outros seres também estão aí com você?

— Sim! Sim! Vejo muitos... Vejo jovens que me chamam Mestre. Mestre de quê?

— Conhecidos de outras eras...

— Sim. Parecem indianos. Jovens. Não, não, não... Não são indianos. É uma tez avermelhada, estranha... Avermelhada. Vestes estranhas... Olhos muito vivos. Vejo uma cena: como se eles estivessem emergindo de dentro d'água. Todos saem de dentro d'água.

Estavam à sua espera?

Longa pausa e depois num tom muito admirado:

- Você sabe quem são eles?

— Sei, mas o importante é que eles sabem quem é você.

— Sim, eles sabem.

— Vamos, então, retomar a partir dali?

— Não... Você sabe quem são eles? Você sabe de onde eles vêm? Da Grande Nação?

— Eu também andei por lá.

Ele vai num crescendo de surpresas.

— Você andou por lá? Você!?!... Sim, eles dizem. Por que me chamam Mestre?

— Porque para eles você era e continua sendo um mestre.

— Era sábio.

— O problema é que você intelectualizou tanto a maneira de ver as coisas, que tentou ser tão grande ou maior do que Deus. E foi aí que você se perdeu.

— Me ajuda. Eu tenho receio de dizer um nome. Queria que você o dissesse por mim. Diga-o. Eu preciso ouvir.

— Atlântida.

Como pode o simples enunciado de uma palavra provocar tamanho cataclisma num ser humano? Nosso irmão tremia e gemia em altos brados como se houvesse perdido o fôlego. Foi um custo acalmá-lo. A impressão que nos ficou da sua terrível aflição naqueles momentos era a de que ele vinha se aproximando cautelosamente, pisando terreno inseguro e perigoso. De repente, faltou-lhe o solo e ele foi tragado por aquele abismo insondável de tempo, sem ter onde agarrar-se. Por alguns momentos ele é o próprio tumulto, um ser sem a mínima noção de tempo ou de espaço. Naqueles instantes ali ele é um mero átomo pensante diante do qual acenderam-se todas as luzes do universo imenso, silencioso, a palpitar de vida. O impacto foi esmagador. Parece que ele precisava ser triturado, pulverizado naquele cadinho cósmico para que, do pó, Deus começasse pacientemente a reconstruí-lo. Poucas vezes tenho presenciado cena tão intensamente dramática e densa de significado. Mesmo habituado às profundas emoções que por vários anos testemunhara ali com meus companheiros, aquilo foi demais. O diálogo reduziu-se quase a um mero solilóquio, pois as nossas emoções eram as mesmas, como idênticas seriam as nossas lágrimas.

— Horror! Horror!... gritava ele.

Em seguida, em voz pausada, palavra por palavra, sílaba por sílaba:

- Eu... Eu... sou *res-pon-sá-vel*. Sou responsável. Não posso fugir agora... Eu tinha o poder da vida e da morte nas minhas mãos! Eu podia prolongar a vida ou *podia cortá-la*. Eu os iniciava nos mistérios da Ciência, do conhecimento, do domínio... Eu causei muito mal. Mas por que eles me olham com tanta doçura, esses jovens que estão aqui? Por que me olham assim? Por que me chamam Mestre? Eu não sou Mestre...

— Escuta, meu caro. O conhecimento que você trazia naquela ocasião não se perdeu. Está em você, no seu espírito. O que é preciso agora é que, com uma nova ética, você saiba usar esse conhecimento.

— Éramos pequenos deuses. Tínhamos um poder incomensurável nas mãos. Você sabe o que é isso? De repente, é como se meu cérebro se expandisse aqui, agora, e crescesse, crescesse, crescesse... Estive bloqueado todo esse tempo por medo de usar... Ou, talvez, não. Talvez seja a Divindade que me tivesse cortado, para que eu não errasse mais.

— Acredito mais nesta hipótese.

— Eu me reconheço agora! Oh! meu Deus! Onde o orgulho e a vaidade levam um homem! Que vou fazer? Onde eu estive todo esse tempo? Perdido... Perdido. Meu Deus... Meu Deus, que horror! Você tem ideia do tempo?

— Sim, isto aí são uns dez... quinze mil anos, seguramente. Doze, talvez. O importante agora é que você teve acesso a esse



conhecimento e provavelmente — é certo isso — o Mundo Espiritual entendeu que você está em condições de prosseguir daí em frente.

— Sim... Mas eu me envergonho diante desses jovens. Meu Deus! o homem não é nada! O homem nada é! Nunca pensei que era um universo inteiro... Mas eu regredi. Eu... Eu esqueci de mim mesmo. Esqueci quem eu era.

— Você esqueceu por uma razão muito sólida: porque precisava esquecer. Senão você talvez não tivesse condições de estar aqui hoje.

— Eu não deveria estar aqui onde estou agora. Meu Deus! que fiz esse tempo todo? Fiquei num vai-e-vem de vidas e não avancei um milímetro. Não avancei. Você entende?

— É porque você tinha avançado demais intelectualmente e precisava equilibrar as coisas.

Fiquei parado no mesmo lugar! Só mudando o pé de posição, mas não caminhei. Ou andei em círculos, não sei. . . Oh!

— Não se deixe paralisar agora. Está tudo entendido?

Sua perplexidade é impressionante:

— Isto me causa um tremendo estupor... Eu me envergonho. Não é possível. Não é possível. Diga-me que não é possível ...

— Não, meu querido. É possível, sim. Esse episódio que, no momento, lhe deixa aturdido e perplexo, tem uma importância muito grande na reconstrução do seu espírito daqui para frente. Você descobriu agora — e entendeu — que amores remotíssimos como o desses companheiros que vieram recebê-lo, neste momento, permaneceram intactos através dos séculos, dos milênios. Então, o

amor também existe, não é?

— Mas eles avançaram... E, de repente, parece que eu adquiri de novo aquele potencial. Eu lhes leio as mentes e os vejo longe, avançados no tempo.

— Vê você quantos amigos tem?

— E terei que caminhar muito para chegar lá. Mas eu posso caminhar *e eu quero caminhar*\

— Vá com calma. Agora que você conseguiu vencer os bloqueios que tinha, por favor, não crie outros. O caminho é o das sandálias nos pés, a túnica pobre, o coração aberto.

— Nós não tínhamos deuses, não tínhamos nada; *nós éramos... tudo. Éramos a força, a lei, a ciência, o direito, o poder, tudo... E agora reconheço que éramos apenas pó... Pó!*

— Mas com os conhecimentos de que você dispõe, a ciência não se perdeu, está no seu espírito... Da mesma forma que você a usou para causar tantos malefícios, tantos desentendimentos, tantas dores, esta mesma Ciência, este mesmo conhecimento poderão ser agora utilizados para reconstruir, para servir, para levantar aquele que caiu, para curar espíritos — almas e corpos.

— De repente estou vendo como que desfilar na minha frente uma série de existências que eu vivi depois daquela. Em todas elas tenho a mesma desilusão, o mesmo pragmatismo, a mesma mente.

— Onde você encontrou o Cristo?

— Acho que nunca encontrei o Cristo... Eu *cruzei* com ele, mas em verdade, nunca o encontrei. Meu amigo! Muito obrigado, muito obrigado... Você acabou de me dar a esperança! Acabou de me dar a fé, porque se este Ser, este Criador é tão poderoso que me

guardou esse tempo todo, que me manteve esse tempo todo e que agora, de repente, me faz encontrar-me outra vez, eu que estava perdido, então é porque Ele se preocupa comigo... Então... então é porque Ele se preocupa com o meu destino. Ele poderia ter-me esmagado e não o fez!

— Poderia ter atendido o seu pedido de não ser. Mas o Cristo disse que o Pai deseja que nos salvemos, não que sejamos destruídos.

— Acho que por isso eu tinha tanto medo. Eu não queria confrontar a minha própria impotência. Eu que me julgava tão grande! Interessante! Agora que me vejo tão pequeno, impotente, é como se tivesse tirado um peso de cima de mim.

E num grito incontido:

— Eu sou livre! *Não sou mais grande* — sou livre! Não tenho o peso do poder em cima de mim. *Posso ser pequeno e não me envergonhar*. Posso me ajoelhar e pedir e não me envergonhar! Eu sei agora que não posso resolver todos os problemas. Que existe alguém acima de mim!

Num tom manso, já em pranto:

— Alguém a quem eu posso me entregar... oh! estou vendo uma cena agora. É um grande gabinete, um imenso laboratório, com todos os recursos, eu os tenho aqui. Tenho todas as drogas. Tenho todos os equipamentos... Tenho tudo. Há alguém deitado numa mesa operatória. Alguém a quem eu amo muito. Que estou certo de poder salvar-lhe a vida. E uso todos os meus recursos. Hoje mesmo eu já salvei outras vidas com esses recursos, *mas não consigo salvar esta vida que me é tão cara!*

Chora desatadamente, à medida que se avolumam as emoções que lhe vêm das profundezas do ser.

— *Esta vida que é a minha própria vida...! Sou forte e nada posso!*

Como se observa, o Espírito está completamente regredido àquela vida na Atlântida, e mais do que isso, àquele momento culminante da sua existência, quando se julgava capaz de ignorar, e até a desafiar, a divindade. Faz uma pausa. O doutrinador respeita o seu silêncio. Momentos depois ele volta a falar;

— Oh! sim, você estava certo. *Eu tenho um amor.* Não estou sozinho. Em algum lugar eu tenho esse amor que não pude salvar. Meu Deus! Como é bom dizer, oh, meu Deus!... Mostraste-me naquele dia a tua força, o teu poder e eu, em vez de pedir, ordenei... Eu não te pedi, eu... oh! meus jovens, meus filhos... Oh, meu Deus! Tanto tempo, tantas vidas inúteis... Eu eslava correndo de mim mesmo, me escondendo de mim mesmo. Eu tinha medo de me encontrar comigo. Você vê? estou chorando, como qualquer mortal. Meus Deus, sou gente, sofro, *sou uma pessoa. Finalmente, sou uma pessoa...* Eu vou com eles. Não tenho ilusões. Sei que não poderei ficar com eles. Conheço o meu fardo, conheço meus erros, conheço a lei. Sempre conheci a lei. Eu usava muitos mecanismos da própria lei canalizados na ciência, mas não tenho medo. Só lamento não ter te encontrado há mais tempo. Alguém que me tivesse ajudado a sair dali. *Alguém que não concordasse comigo.* Alguém que me mostrasse o caminho. Eu lhe agradeço, *meu amigo.* Você terá em mim um irmão, um servo fiel... Um servo fiel, para sempre... Ore por mim. Sei que não vou precisar ficar mais naquele

quarto. Não vou mais ter medo daquele Evangelho. Por favor, não se esqueça de mim. Ore por mim.

O doutrinador pede-lhe um nome — um qualquer — no qual possa fixar o seu pensamento para ajudá-lo. E ele responde:

— Não, por favor. Perdi-me tanto que não quero agora. Chame-me irmão. Quero esquecer o que fui. Só poderei ter um nome quando me julgar digno dele. Tome um número... qualquer coisa. *Quero perder-me na multidão, quero...* Oh! meu Deus! Você está certo. *Deus é bom.* Sinto algo estranho dentro de mim. Uma energia nova, como se uma máquina que estivesse parada, de repente começasse a funcionar. Obrigado a vocês todos. Muito obrigado! Eu vou com eles...

—o—

NOTAS:

### 1 — *ATLÂNTIDA.*

Desde que Platão escreveu sobre a Atlântida em dois de seus famosos Diálogos (“Timeus” e “Critias”) no quarto século antes do Cristo, o lendário Continente Perdido tem inspirado verdadeiras montanhas de livros e publicações. Claro que nessa vasta literatura há muita especulação inútil e não pequena dose de fantasia. Seria difícil, porém, a esta altura, negar sumariamente a existência da Atlântida.

O leitor interessado deve procurar, para uma reavaliação, o livro de Charles Berlitz, cujo título original em inglês é *The Mystery of Atlantis* (O Mistério da Atlântida), edição da Avon Books, New York.

Não dá para discutir numa breve nota como esta nem uma

parte das inúmeras teorias e especulações sobre a Atlântida, sua localização, sua civilização e as causas do seu desaparecimento. Creio que do consenso das pesquisas feitas e das opiniões emitidas, pode-se destilar o seguinte roteiro básico:

A Atlântida foi um continente de proporções razoáveis, localizado no Oceano Atlântico entre a América Central e a do Norte, de um lado, e o Norte da África e a Europa, do outro. Os Açores seriam remanescentes do território submerso que sobreviveu à invasão das águas nos picos mais altos de suas montanhas.

Dos milhões de seres que ali viviam muitos teriam emigrado em várias direções: à América Central, onde deram origem ou impulsionaram as civilizações maia e asteca; ao México e ao Sul dos Estados Unidos, onde os Índios Peles Vermelhas lhes seriam descendentes diretos, nos quais se preservou a cor característica dos atlantes. Grupos sobreviventes teriam alcançado também as praias da Espanha, o que explicaria a misteriosa origem dos Bascos, cuja língua, segundo Berlitz — consumado especialista no assunto — não apresenta encaixes que a identifique com nenhuma das falas europeias.

Até este ponto apresentamos especulações admissíveis apoiadas em indícios e inferências aceitáveis. Bem mais rica, ainda que proporcionalmente mais especulativa para muitos, é a informação de origem espiritual filtrada por médiuns de variada capacidade e credibilidade.

Emmanuel, por exemplo, sempre discreto, refere-se mais de uma vez, em seus escritos, à existência da Atlântida, mas preferiu não expandir o tema.

Já Edgar Cayce, o famoso sensitivo americano, deixou nos seus “readings” inúmeras observações que nos permitem reconstituir um pouco da história do continente submerso. De uma cuidadosa colagem das suas frequentes referências, inferimos que a Atlântida teria alcançado elevadíssimo nível tecnológico por meio de fantásticas descobertas científicas. Com isto, desenvolveu-se uma civilização sofisticada, mas desumana, rica de conhecimento e pobre de amor. Uma elite, prodigiosamente bem informada, reuniu em suas mãos um instrumental de poder jamais alcançado antes ou depois.

Ao que tudo indica, utilizavam-se eles de três poderosíssimas fontes de energia: a solar, a nuclear e a de um cristal, que se supõe ser o que hoje se conhece pelo nome de *laser*. Segundo Cayce, foi precisamente uma rutura no controle dessas ciclópicas formas de energia que teria disparado o cataclisma que, numa única noite, mergulhou a Grande Nação no escuro silêncio do oceano. Cerca de 200 mil anos de civilização ficaram ali sepultados.

Cayce previu em 1940 que aí por volta de 1968-69 a Atlântida começaria a ressurgir das profundezas do mar e precisou até o local, nas proximidades da Ilha de Bimini. Realmente, foi ali que apareceram os primeiros sinais de uma perdida civilização submersa. Daí para cá não apenas objetos tem sido resgatados, mas também, nos dias luminosos de mar claro, tem sido avistadas ruínas de vastas construções no leito do oceano: estradas, aquedutos, esboço de edifício e ruas.

Cayce nos fala também de espantosos desvios de natureza ética naquela elite poderosa e culta. Donos de uma tecnologia

avançadíssima, programavam seres humanos para uma vida sub-humana, para funcionarem como robôs vivos, controlados por dispositivos eletrônicos implantados no cérebro, logo ao nascerem.

Ainda segundo o notável sensitivo americano, uma pequena, mas importante minoria que preservara os valores éticos da vida naquela orgia de abusos, foi avisada em tempo (por processos mediúnicos, ao que parece) do cataclisma iminente e emigrou para o Egito, onde ajudaram a desenvolver a fantástica civilização que ali floresceu. É sintomático, aliás, que haja pirâmides no Egito e no México como as havia na Atlântida. Cayce afirmou, ainda, que documentação confirmando essas informações e contendo revelações importantes sobre a Atlântida estaria encerrada numa câmara subterrânea na areia do deserto de Guiza (Gisé) entre a pirâmide de Queops e uma das patas da esfinge.

Um pouco mais de pesquisa nas profundezas do oceano e nas areias do Saara e o perfil da Grande Nação, como a chamou o Espírito, estará reconstituído para que ninguém mais possa dizer que a Atlântida foi apenas uma lenda.

Quanto ao tempo decorrido, nosso doutrinador arriscou um número entre 12 e 15 mil anos. As melhores estimativas situam o grande cataclisma aí por 8 mil anos antes do Cristo, ou seja, há cerca de 10 mil anos. Por isso, ao olhar para trás no tempo da sua memória, o nosso querido companheiro espiritual sentiu a vertigem dos milênios. E por isso ele perguntou: “Você tem ideia do tempo?”. Poderíamos ter respondido com outra pergunta: “Mas que é o tempo?” Alguém aí sabe?

2 — MOLOCH (ou MOLECH) — Era uma divindade adorada



pelos amonitas e à qual os hebreus da tribo de Judá, nos últimos anos de reinado, sacrificavam seus próprios filhos. Em 2Reis 23:10, a prática é explicitamente condenada, como se pode ver no texto:

— O rei profanou o Tofet (espécie de fornalha na qual eram queimadas as vítimas) do vale de Ben-Enom, para que ninguém mais pudesse passar pelo fogo seu filho ou sua filha em honra de Moloch.

Em 2Reis 3:27, Moab sacrifica seu filho e herdeiro com a intenção de salvar o reino. Já o sacrifício da filha de Ahaz (2Reis 16:3) pode ter sido um ato isolado de desespero, segundo a Britânica, mas a prática durou muito tempo. Em verdade, o horrendo ritual é muito antigo e estava, naquela época, tão intimamente associado ao culto de Jeová que Jeremias (Eze. 23:39) o condena, declarando não ter sido instituído por Deus.

O principal centro desse bárbaro ritual era Jerusalém e sua origem pode ter sido canaanita.

Embora a Britânica rejeite a procedência babilônica do culto, o autor espiritual J. W. Rochester, em ROMANCE DE UMA RAINHA atribui tal prática a Tadar, mago babilônico a serviço de Horeseb, Príncipe egípcio ligado à família real dos Tutmés.

**“SERÁ QUE DEUS ACREDITA EM MIM?”**

Esta é a história de um ser que sofria por não sofrer, por não sentir nas profundezas de si mesmo senão o imenso vazio da aridez, a solidão, o desencanto, a desesperança. Estivera conosco na semana anterior mas não houvera tempo para continuarmos o diálogo e ele retirou-se.

Voltou na semana seguinte, ainda preso às estruturas de pensamento a que se habituara. Continuava sem planos, sem esperanças, indiferente a tudo, inclusive quanto ao que dele pudesse ser feito. De início, não sabia nem o que dizer. Notava, porém, uma coisa estranha: enquanto a regra geral era prometer ajuda e esquecer do prometido no momento seguinte, nós éramos diferentes, porque estávamos realmente nos esforçando por ajudá-lo, com as nossas preces, a expressão do nosso encorajamento na telepatia do amor fraterno. Isso tocara-o bastante, enquanto aguardava uma oportunidade de voltar a falar conosco. Assistira palestras, conversara com nossos companheiros espirituais, fizera perguntas, observara a vida, enfim, de ângulos que lhe eram inusitados. Por isso estava mais calmo, sentia a mente menos sobrecarregada. Vinha agradecer, mas nem tudo estava bem, como que num passe de mágica.

Acreditava, por exemplo, na existência de Deus, mas via agora como as coisas eram difíceis. A gente vem para a vida de encarnado com a impressão de que viver é uma aventura fácil como um cruzeiro, com todo o conforto e as facilidades de uma excursão. E aí começamos a acumular erros em cima de erros e cada vez mais vamos nos enredando pelos caminhos. Acha ele e com ele concordamos — que, em grande parte, a responsabilidade quanto a essa atitude cabe à maneira pela qual, aqui no mundo, somos ensinados a crer. Não pode dar certo um sistema educacional — seja ele qual for — baseado na mentira, pensava ele.

— Desde que você questiona um ponto — prossegue ele — e ele é falso; você questiona outro e ele contém uma meia-verdade e você questiona um terceiro e ele contém, não a meia-verdade, mas uma *falsa* verdade... Que ela é diferente da mentira — Você vai juntando isso e fica difícil saber onde está mesmo a Verdade.

É o caso dele. Perdeu-se tanto nesses meandros que *ouviu* a verdade, mas não consegue senti-la. Por isso, encontra-se agora numa posição *sui-generis*. Aceita a existência de Deus, como vimos. Sabe que ele próprio é um espírito imortal e responsável, está convencido quanto à realidade da reencarnação, mas o resto é tudo uma persistente indiferença.

Lá mesmo, na instituição regeneradora, à qual foi recolhido temporariamente para repouso e meditação, observou durante a semana a movimentação dos seres que ali se encontram — alguns para servir, ajudar, instruir e a maioria para ser preparada para novos cometimentos. Foi-lhes dito que não há mais tempo a perder; que precisavam retornar à carne o quanto antes e que, para isso,

orassem a Deus, buscassem apoio de amigos e protetores, a fim de começar logo a tarefa da recuperação já de muito retardada. Muitos foram os que começaram logo a procurar informações e a fazer planos, a sonhar sonhos e alimentar esperanças. Vira lá um companheiro que, programado para renascer sem os dois braços, pleiteava ansiosamente abrandar a dificuldade em perspectiva, solicitando que ao menos um braço lhe fosse concedido.

Quanto a ele, não. “É pra cortar os dois braços? Pois sejam cortados. Precisa nascer na imbecilidade? Está bem, serei imbecil.” É tudo um só desencanto, uma só indiferença, a secura fria, a ausência da emoção. Aceita tudo, concorda com tudo, não discute, não pondera, não pleiteia nada. Dizem-lhe até que a sua indiferença é uma forma de revolta, uma espécie de protesto de quem não sente necessidade de reformar-se, o que ele admite ser verdadeiro.

O doutrinador pondera que essa ausência incrível de emoção deve ter suas raízes em algum episódio extremamente doloso passado, que resultou num bloqueio assim tão rígido e desesperador. A regressão, contudo, não fora feita com ele no mundo espiritual, embora haja sido promovida em outros de seus companheiros.

— Mas, como é que faço para achar isso? — pergunta ele. Onde que está esse elo?

O doutrinador insiste que esse bloqueio deve ter sido provocado por uma violenta repressão do amor em algum ponto de suas existências pregressas. Ele admite a validade da suposição e prossegue:

— Os senhores me ajudaram muito esta semana com os

pensamentos. Porque antes, sabe, eu sentia um silêncio terrível; agora não. É como se eu sentisse um calor diferente, como se uma “coisa” começasse a falar dentro do meu pensamento. Comecei a ouvir sons, sabe? Não está aquele vazio tão vazio...

— Já sente a presença humana na sua vida.

— É isso.

— Sim, meu caro. Mas além disso, você não é um ser esquecido do amor de Deus. Temos em nós uma centelha que não se extingue, ou então, se extinguiria o nosso ser.

— O senhor sabe? Eu lhe digo que creio em Deus, mas não tenho fé... O senhor sabe qual é a diferença?

— Não. Não sei.

— Crer, eu creio. É como eles disseram lá: fé é como o sangue, que alimenta o Espírito. Então, eu estou anêmico em termos de fé. Eu creio em Deus, como o senhor crê na água, como o senhor crê no que vê, como...

— Sim, meu caro, mas o que vejo no seu espírito, procurando perscrutar a sua alma mais com o coração do que com a mente — pois a mente não penetra nessas coisas — buscando em você sua condição de irmão, de amigo, não é bem isso. Eu não colocaria aí a diferença entre fé e crença. Se você tem a crença, tem também a fé. O que você não está conseguindo ainda é movimentar essa crença, porque a fé tem uma substância emocional, ela não é intelectual. E você...

— O senhor não entende isso... O senhor acredita que a terra é um planeta, que revolve em torno do sol e em torno do seu próprio eixo. O senhor crê nisso, mas isso é fé? É assim que eu creio em

Deus. Sei que Deus é uma força que cria; tanto cria que me criou.

Então, meu querido. Está faltando a emoção. Às vezes me dizem: “Não creio na reencarnação”. “Meu caro, digo eu, não adianta você crer ou não crer. Tanto faz você crer ou não, duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio produzem água, sob determinadas condições. Não é uma questão de fé, é o fator condicionante do afeto, da emoção; é alguém a quem você ame que venha trazer-lhe esta mensagem.

— O senhor sabe que nesta semana eu já me senti melhor? Senti que alguém se interessa por mim. Os senhores pensaram em mim, os senhores conversaram comigo. Já não me sinto tão sozinho. E pensei: alguém pelo menos sabe que não sou maluco! Não sou um bólido no espaço. Porque antes eu achava que era como um meteoro, um meteorito, uma parte da criação que está ali solta, à revelia de si mesma... Isso é o que eu sentia.

— Mas, aqui entre nós, na primeira vez que conversamos, quando você disse que estava sozinho, que não tinha ninguém por você, nós oferecemos nossa amizade e não foi uma oferta só para constar; você viu que ela realmente valeu. Você viu mais, que não houve uma compreensão superficial — você foi entendido em profundidade aqui entre nós. Graças a Deus conseguimos levar a você essa mensagem.

— Eu fui, sim, compreendido. Eu agradeço. Isso foi muito bom, sabe? Inclusive lá, no meio “deles” (no mundo espiritual) eu me sentia assim tão estranho porque todo mundo pelo menos está querendo fazer alguma coisa, ou está chorando, ou está se maldizendo, ou está... sei lá... E eu estou ali como se fosse um peso

morto no meio daquilo tudo. Agora eu sinto que... Bem, pelo menos alguém entende minha posição de peso morto.

— Mas nós não consideramos você um peso morto e sim, um ser que está procurando alguma coisa e nós temos um pouco dessa alguma coisa para lhe dar. Você aprendeu a confiar em nós..., Embora as desconfianças originais fossem grandes, você nos testou e viu que éramos confiáveis. Por isso você cedeu a sua parte. Respeitamos e agradecemos a decisão que você tomou porque sabemos que não foi fácil: Chegar aqui, renunciar àquilo que você vinha fazendo, sem saber ainda o que vai fazer daqui por diante. Sabemos, portanto, que sua decisão foi grave, foi importante para você, como é importante para nós, pois o que está em jogo aqui não é, digamos, o sucesso em nosso trabalho, é você, como ser humano. O que desejamos é que você volte a acreditar em si mesmo.

— Eu pedi para vir aqui. Sabe por que? Porque aqui, com os senhores é como se eu me sentisse humano entre os humanos, pessoas que compreendem que eu tenho essas falhas; gente com a qual eu não tenho vergonha de falar. Lá, eu fico com vergonha. Todo mundo tem fé, todo mundo... a gente acaba se sentindo mal. E eu penso: abro a boca e sou uma incongruência, porque não tenho nada para contribuir ali. Pelo menos aqui sinto que os senhores me entendem.

— Você está sendo muito rigoroso consigo mesmo. Não acho que você esteja deixando de contribuir. Você está contribuindo com uma coisa muito importante que é a lição da busca. Você tem uma busca séria e honesta a fazer.

— Então, *me ajuda*, por favor!

— Você já começou a sentir no seu espírito as primeiras vibrações das respostas que o amor consegue de nós. Aqui entre nós você está como se na sua família, conversando com aqueles a quem você amou. Como se estivesse voltando de uma viagem e começasse a conversar assim: “Escuta, estou com uns problemas... E você é acolhido desta maneira, como irmão, como companheiro que há muito tempo esperávamos que chegasse. Essas respostas que você está suscitando no seu espírito são apenas o prenuncio das identificações que você vai fazer daqui a pouco ou mais tarde, não sei quando, aqui entre nós, de amigos que teve no passado.

— Hoje mesmo, quando eu vim para cá — até estou sentindo uma coisa diferente, uma coisa estranha dentro de mim, sabe? Antes eu não sentia nada. Teve um momento, quando cheguei aqui que senti até... sei lá... uma vontade assim de... coisa estranha... como se eu quisesse chorar, compreende? Houve uma coisa qualquer aí que alguém disse ou pensou que mexeu lá muito fundo, dentro de mim. Senti uma nostalgia... Não foi vazio, não, foi uma nostalgia... Uma coisa assim.

— A gente sempre tem que dar o primeiro passo. Costumo dizer que a ave só nasce quando *ela* quebra o ovo de dentro da casca para fora. Você deu o primeiro passo. Antes, os companheiros que desejavam aproximar-se de você, seus amores do passado — pois você também os tem, é claro — não tinham ali, como às vezes digo, um preguinho para pendurar uma comunicação, uma emoção. Não havia uma tomada onde pudessem ligar-se com seu espírito para deixar fluir novamente a corrente da vida. E agora você já está abrindo essas brechas naquilo que era a sua aridez. Você vai



começar a receber o influxo dessas aproximações. Nós nos colocamos aqui como seus amigos, não com o desejo egoísta ou artificial de realizar um bom trabalho, mas porque você é realmente um irmão nosso. Por isso é que oferecemos a você o abrigo temporário, provisório, do nosso coração.

— É horrível você sentir-se sozinho.

— Eu sei, mas a gente se isola, não é? Nós é que nos isolamos, não *somos* isolados. A gente fecha a comunicação com o mundo exterior... Como é que vai receber? E você, graças a Deus, já está se abrindo e já sente um pouco de afeto por nós e de reconhecimento, de gratidão. E, no entanto, nós é que somos gratos a você por ter renunciado a tanto e ter-nos trazido essa confissão tão bonita, tão honesta, tão sincera e comovente.

— O senhor sabe? Vou lhe dizer uma coisa. Essa semana pensei muito numa coisa que uma pessoa daqui (do grupo mediúnico) pensou e “falou” para mim. Que eu pensava muito em mim mesmo, que eu estava muito concentrado em mim mesmo, que precisava pensar nos outros, que a vida também tem coisas boas, que é bom viver, que há outros aspectos... Eu comecei a pensar nisso.

— É. Para encontrar os outros, a gente tem de sair de dentro de si mesmo.

— Mas aí tenho pensado... Pensar nos outros... Que outros? Onde vou buscar o *outro*? Onde está o outro para eu pensar? Qualquer criatura da qual eu chegar perto para projetar meus pensamentos, vou perturbar!

— Não vai, não. Você não está nos perturbando aqui.

— (Pausa). Não tenho nada ainda com o que possa ajudar.

— Meu caro, você está enganado consigo mesmo. Você tem muito com que ajudar. Por exemplo, essas coisas que você está dizendo, as decisões que tomou...

— Estive pensando... Bom, se é assim, se Deus me criou, devo ter um fim útil.

— Perfeitamente. Ele tem planos a seu respeito.

— É... deve ter, porque ele me criou...

— Ele não iria criar um ser inútil, ou criar para o mal, ou criar para a indiferença. Ele criou porque tem planos a seu respeito. E tem.

E a seguir uma linda pergunta:

— Será que Deus acredita em mim?

— Se não acreditasse você já teria desaparecido. Se ele deixasse de lhe amar um só momento, você deixaria de ser.

Faz-se um longo silêncio e depois ele comenta, meio perplexo:

— É...

— O que nos sustenta é aquela luz que ele colocou em nós; em você, em mim, em todos. Se ele retirasse isso, tombaríamos no nada.

— Eu não tenho nada, mas vou dizer: se tivesse alguma coisa daria tudo que eu tivesse só por um tantinho assim de fé, igual à que vocês têm, um tantinho... Não é fé... É uma coisa que faz com que vocês se conformem, aceitem...

— Você tocou num ponto importante. A aceitação também é ativa, o remorso também precisa ser construtivo. Tudo isso tem de ser positivado. Não se pode cruzar os braços e dizer: “Aceito.

Deixa o que vier...” Porque aí você não constrói. A aceitação é, sim, um fator importante, mas ela tem de ter o seu dinamismo. Você não acha? Você não tem ninguém, um amigo com o qual pudesse trocar ideias...

— A gente aqui, no lugar em que... — pelo menos eu vivia, que eu não vivo mais lá — a gente não tem amigos. Você faz amigos assim: você compra. Compra porque tem medo dele. Antes que ele lhe atinja, você fica amigo dele. Da mesma forma que o outro fica seu amigo porque tem medo de você. Entende? É assim; amizade porque um tem medo do outro.

— É tudo um jogo de interesses. Mas, você vê, em tudo isso, o que falta na sua fé. Falta o amor. Nesse relacionamento com os companheiros... falta o amor.

— Sabe, estive pensando nessa senhora. (Trata-se da companheira que transmitiu mentalmente a ele as observações sobre as quais ele falara há pouco). Ela tem os filhos, ela gosta muito deles. Isso eu percebo. “Eles” (nossos mentores) me ajudaram, sabe, me deixaram ir lá... E eu pensei: “Alguém está pedindo por mim”. Deixa eu falar o seguinte: eles estavam lá me mostrando e perguntaram: “Você quer ver o que é aceitação?” E eu vi. Essa senhora... quer dizer, toda mãe quer para seus filhos o melhor possível, mas nem sempre o que ela acha que é melhor, o filho quer. No entanto, o filho vai, e faz aquilo que ela acha que não é o melhor para ele. E ela continua a gostar dele. Aceitar. Isso é que eles dizem que é aceitar, como se nada houvesse acontecido. E ele disse assim para mim: "Assim é que Deus aceita você. Você foi, escolheu seu destino e ele deixou. Mas continua aceitando você. Está esperando

que você volte. A mãe também espera que o filho, quando sair de lá da experiência dele, volte”. Até digo para o senhor uma coisa: tenho até medo de influenciar o aparelho (a médium) com as minhas ideias, porque tenho estado muito ligado a ela.

— Não, meu querido. Não se preocupe com isso. Nosso trabalho é esse mesmo e você não é nenhum monstro que vem nos perturbar.

— Não quero prejudicar ninguém, não.

— Eu sei. Ao dizer isso você demonstra que está tentando ajudar alguém.

— O senhor disse para mim agora que deve existir na minha vida uma coisa qualquer... O senhor não pode me ajudar a achar isso?

— Podemos.

— Porque eu quero, realmente. Ou eu saio disso, ou continuo nisso. E vou dizer uma coisa: se eu continuar... está *muito* difícil...

— Mas você gostaria de pesquisar esse passado?

— Eu gostaria de achar uma coisa que me desse esperança. O senhor sabe o que é esperança?

— Sei, mas você não se importa se nesse passado houver algum erro clamoroso que vá dificultar-lhe as coisas?

— Que diferença faz? Eu já não errei? Não estou “na pior”?

— Sim, meu querido, mas o erro traz a lição...

— É, mas que importa? Se eu tiver o erro, já fiz mesmo o erro... O fato de não saber não vai tirar o erro de dentro de mim. Porque, é como ele diz... como é? “A mãe espera sempre que o

filho volte. Deus espera também. Só que a mãe não tem certeza se o filho vai voltar. E Deus *sabe* que um dia você volta.” Você sabe qual é a diferença? É que Deus espera que eu volte, mas eu não espero nada!

— Sim, meu filho, mas não depende de você acreditar ou não; a coisa é assim. É aquela história do raciocínio matemático ou químico de que falamos há pouco: tanto faz você acreditar como não, é isto! Você não é caso único no universo; isso acontece com todos nós — o arrastamento para o erro, para o engano, para a falta e depois, a gente para pra pensar como você está parando agora — pode levar mais tempo ou menos tempo — e voltar sobre nossos passos.

— O senhor sabe? O senhor não vai ficar horrorizado se eu falar uma coisa pro senhor? Nenhum dos senhores vai ficar horrorizado? É uma coisa que está dentro de mim; não tenho coragem de falar com- ninguém. Vou dizer pro senhor. Sabe o que eu penso em relação a Deus? É como se, de repente, eu tivesse visto Deus e dissesse assim: “Mas é *isso?*” O senhor está entendendo? Eu esperava muito mais. Agora não me pergunte por que eu sinto isso assim, não. Não sei... não sei por que tenho esse sentimento. Alguma coisa me levou a acreditar que...

— Sim, escuta. Se ele criou você com a capacidade para fazer essa análise aí, é um Ser Superior? Você pode até questioná-lo...

— Olha, não é desrespeito, não...

— Eu sei... Estou entendendo. Bom, vamos, então fazer uma experiência. Não posso lhe garantir o êxito, mas podemos tentar. Vamos procurar essa informação?

— Ah, meu Deus. Eu quero qualquer coisa... Eu queria que quando dissesse isto — Ah, meu Deus! — eu dissesse acreditando, repercutindo lá dentro da minha alma.

—o—

Procuramos transcrever esse interessantíssimo diálogo com o mínimo de comentário para não quebrar o fluxo da narrativa. Ficamos, contudo, impressionadíssimos com a profunda e comovedora honestidade desse companheiro, com a sua franqueza e com a confiança que depositou em nós. E outra observação: embora não seja o único é um dos raros casos em que o próprio espírito nos propõe fazer a regressão da memória para descobrir as raízes negras das suas angústias. Do que se depreende também, como são, às vezes, praticamente inexpugnáveis os bloqueios que nos isolam da lembrança dolorosa dos atropelos mais remotos. Mesmo desejando saber o que se passou com de ele tão tenebroso a ponto de levá-lo e mantê-lo naquele estado de perplexidade, ele não consegue vencer os bloqueios senão com ajuda especializada. É como se precisasse de um companheiro para ir de mãos dadas, tateando com ele na escuridão, onde a cada passo pode-se pisar num escorpião venenoso, ou trombar com um fantasma medonho.

Nesse ponto, ele foi magnetizado e induzido à regressão. O diálogo é retomado no ponto em que ele começa a falar, já mergulhado nas memórias de uma existência na Veneza de muitas belezas, muitos mistérios e muitos crimes. Aliás, Veneza é a primeira palavra inteligível que ele pronuncia, como que a chave daquele arquivo secreto da memória.

— Estou vendo — diz ele, a Ponte dos Suspiros... Sabe onde

é? O Doge (\*) sabe quem é o Doge? Ele...

A palavra ainda é algo errática, mas aos poucos ele vai encontrando o seu caminho, ante as sugestões apropriadas do magnetizador.

— Não consigo lembrar, diz ele. Vejo o Doge. Estou sentado... Vejo segmentos. O Doge... vejo um calabouço. O Doge... E uma água que corre...

— Tem alguém lá?

— Tem. Acorrentado. O Doge... ele fez isso. O Doge, o Homem de Ferro de Veneza... Ele tem um segredo...

— Você sabe qual é o segredo?

— Sei. E por isso ele me acorrentou. Vivo aqui como um cão, acorrentado...

A voz é lenta, meio pastosa, como um lamento.

— O que foi que você fez? Só porque conhecia o segredo?

— É um segredo terrível! Ele me acorrentou aqui. Ele vai mandar matar-me. É assim que ele vai fazer.

— Então, você descobriu alguma coisa a respeito dele.

— Sim.

— E contou para alguém? Não sabe... Vamos ver, então o que aconteceu depois disso aí. Você ficou preso muito tempo?

— Ele, um dia, mandou afundar-me num dos canais... Está confuso isto...

É evidente que o núcleo da sua problemática ainda não está ali, embora seja bem possível o vínculo, ou relação com algum episódio anterior que seria a matriz de tudo aquilo. Resolvemos,

contudo, não aprofundar mais aquelas lembranças, pois ali ele já estava *resgatando* algo e não se comprometendo ainda mais.

Insistimos nos passes e nas sugestões adequadas, projetando seus sensores mais profundamente no passado. Sua primeira reação é ainda de temor, pois ele esboça um recuo, dizendo que não pode e não quer “ir lá”, ou seja, no tenebroso núcleo do seu drama íntimo. Aos poucos, contudo, vai cedendo, mais confiante. É um longo mergulho, pois alguns momentos decorrem antes de sentirmos nele qualquer indício. De repente, nova palavra-chave:

— Mileto (\*).

A voz é mais desembaraçada e ele parece mais lúcido.

— Você está vendo? — pergunta ele. Estou aqui, escondido  
Porque vim vê-las banharem-se aí no rio.

— E quem é você?

— Argo. Sou um jovem e entre elas está a minha prometida.

— Por que então, você vai espioná-la?

— Porque gosto de vê-la. De ver como ela é bela...

— E você se casou com ela?

— Sim.

— E não foi feliz?

— Sabe? Coroaram-nos no dia do casamento. Com flores.  
Felizes?

Ele começa a gemer e agitar-se, à medida que se aproxima do perigoso e misterioso centro de irradiação de todas as suas aflições. Mais uma vez sente-se fraquejar e mesmo em pleno transe magnético, ainda pede temeroso: “Quero voltar!”



— Quero voltar! Não quero entrar ali. Não vou entrar ali. Não de novo...

Sem procurar forçá-lo de qualquer maneira, o doutrinador procura encorajá-lo a prosseguir, pois estamos, afinal, a poucos passos do mistério.

— Tenha coragem. Nós te ajudaremos. Precisamos fazer isso. Por favor.

— Eu creio no amor. Eu creio na beleza. Creio no amor, creio, na virtude. Sabe? Eu creio.

Alcançou, portanto, um período em que acreditava nisso. Como e por que teria tudo ruído diante dele e dentro dele?

— Gosto de ver um corpo belo, não por lascívia, mas porque é como uma escultura, compreende? São as formas dos deuses... perfeitas. Eu acredito... Tudo... Eu quero crer em tudo isto.

— Quer crer? O que aconteceu, então, que pôs você em dúvida?

— Não, não quero entrar lá...

— Vamos, coragem! Vem comigo.

Ainda hesita e reluta, mas, por fim, começa:

— Sabe? Sou muito rico, mas não ligo para essas riquezas. Só ligo para uma riqueza: o amor, a beleza. Ela é como uma ninfa, uma deusa... Está vendo? Eu tenho este palácio. Vivo aqui com meu pai. Sou seu único filho. Herdo tudo. Tenho tudo isso mas não me interessa por isso. Porque acho que existem coisas além de um palácio. Um palácio acaba com o tempo, a beleza não. A beleza se aperfeiçoa com o tempo, fica cada vez mais bela. O amor cresce com o tempo, torna-se cada vez mais profundo.

— Você não me disse nada... Argos é o seu nome, não é?

— Argo.

— Diga-me, então, o que aconteceu aí, depois disso. O que você está temeroso de ver? Vamos, coragem!

— Não... não... (E, de repente, após um espasmo de horror e com voz forte:) Não quero entrar ali, não quero passar por ali!

— Por que? Você não é um jovem corajoso, forte e belo? Vai atemorizar-se apenas por passar ali?

Longos silêncios. E depois, com voz solene e em tom deliberado:

— Eu sei o que está ali... É horrível o que está ali. Sabe? Eu voltava nesta tarde, feliz, trazendo presentes para ela, porque, além de tudo... (pode-se perceber claramente que avolumava-se nele a força de uma represada emoção que ele contém a custo agora)... Temos o nosso primogênito. Eu... eu viajo muito, mas eu confio nela. Eu... voltei nessa tarde e eu... (Falta-lhe a voz). E eu não era esperado. Eu... estranhei este silêncio... E eu... *começo* a subir os degraus para entrar na câmara dela. É estranho, isso... *Encontro* com este... este velho servo, sabe? ele ajudou a me criar, me criou, e ele tenta impedir e diz: “Senhorzinho, não entre! Volte!” E eu estranhei aquilo e tentei afastá-lo com carinho porque gosto dele, tenho respeito por ele. Ele atira-se a meus pés e envolve minhas pernas para que eu não ca-mi-nhe... E eu tenho de fazer um gesto brusco porque estava impaciente e o *atiro* ao chão. Agora *quero* ir mais depressa para ver o que está acontecendo. E eu... oh!... (É um momento dramático. Ele está literalmente sufocado e só consegue emitir uma sílaba de cada vez). Afasto a cortina e... e... lá estão os

dois no meu próprio leito! O meu próprio pai! Compreende? E eu fico louco. E eles também, porque não me esperavam. Eu fico como que naquele estupor, parado. E não posso falar... Não posso dar um passo... Não posso! Não posso ver, compreende? Mas o pior não foi isto... não foi isto... Foi aquilo que eu fiz. Quando eu acordei daquele estupor em que fiquei, avancei para ele e para ela e eu não sabia

Eu não sabia o que fazer. Eu gritava. Ele, então, atingiu-me, jogou-me ao chão, segurou-se pelos ombros, sacudiu-me e disse: “Seu tolo, você não vê que... (não consegue repetir). E eu dizia: “Não. Não. Diga que não é verdade!” Ele disse... não, ele não disse ainda, ele riu e ela riu. E então enlouqueci e tirei da cinta um punhal que eu tinha, todo cravejado. Era uma adaga. Primeiro eu a atingi. Eu a segurei pelos cabelos e a golpeei uma, duas... Eu estava louco e ele também ficou louco e disse para mim: “Seu insensato! O que está fazendo? Saiba que, com toda esta idade, o teu primogênito é meu filho. Antes que tu a possuísse eu já a tinha possuído. “Então eu o matei. E também peguei a criança e a matei. E não apenas os matei, eu os golpeava e golpeava e quanto mais sangue eu via, mais eu os golpeava porque não os matei apenas, eu estava matando a mim mesmo! Eu acho que... acho que enlouqueci, porque... Os gritos deles atraíram os gritos dos servos. Veio o meu pobre velho, arrastando-se e quando me viu e todo aquele sangue, a cabeça dela, sabe? segura pelos cabelos... Eu separei... tirei-lhe a cabeça e mostrava e dizia: “Veja! Aqui está a traidora!” Depois disso, ficou tudo escuro e não vi mais o que aconteceu...

A sua voz vai se apagando, esgarçada e quebrada, como se a

própria vida se fosse extinguindo dele, enquanto se alongam as pausas.

— Tudo escuro... eu ali, prostrado... No outro dia — acho eu... não sei quantos dias se passaram — eu acordei e estava... eu andava e não via. Sabe? eu não podia falar, eu... não sei. Não sei quanto tempo... Não sei... não sei...

Estamos todos impactados no pequeno cômodo em penumbra. Há como que uma densidade no silêncio, uma tensa e hipnótica atmosfera de torpor que não conseguimos sacudir com facilidade, pois todo o seu horror como que se comunicou a nós. Parece mesmo que ele morreu ali, embora continuasse a viver como um sonâmbulo. Após alguns momentos de silêncio e respeito, o doutrinador retoma a palavra, ainda meio aturdido e propõe que ele retorne ao presente com a lembrança de tudo aquilo, a fim de reavaliar seus problemas numa nova, ainda que tão dramática, perspectiva. Não há como deixá-lo *ali*, hebetado e não há como sepultar novamente aquelas pavorosas lembranças, como se nunca houvesse ocorrido nada daquilo. Afinal de contas, fora um ser extremamente sensível e precisávamos ajuda-lo a reconstruir seu mundo interior.

— Eu não matei meu corpo, entende? Eu estou morto por dentro...

— Sim, meu querido. Esses espíritos todos, como você, continuam vivos. Vamos voltar para aqui, onde estamos conversando. Deixa esse passado, lembrando-se dele, contudo, e mais aquele episódio em Veneza... pois ali você resgatou uma parte das suas faltas. Vamos analisar tudo isto agora, com calma, com

tranquilidade. Você deve ter tido outras vidas e novas oportunidades de amar e de reencontrar aqueles espíritos. Acredito que a moça não deixou de lhe amar, você não acha? Foi uma falta grave, é certo, mas...

— Amor implica fidelidade. O amor não pode ser falso. Meu pai era um homem corrupto. Um homem... Ah! tão diferente de mim... Ele era vil.

— O fato de ter ele cometido essa falta, que é muito grave, não justifica que você também se torne vil por causa disso. Pelo contrário, você mesmo faz uma diferença entre ele e você, não é? Você ficou alucinado naquele momento ali, também cometeu suas loucuras, mas a vida tem de prosseguir. Somos espíritos imortais e se tivéssemos tempo de buscar isso mais atrás você iria ver as razões pelas quais passou por aquele episódio. Quer ir buscar também isto?

— Não. Eu não sei... matei a minha vida, minhas aspirações. Dali por diante, eu sinto... estou vendo agora... Eu não sabia que tínhamos muitas vidas. Desencantei-me, porque eu trazia uma descrença. Muitas vezes magoei por causa da minha descrença, fiz sofrer, como se quisesse vingar a mim mesmo. Nunca mais pude amar; fechei as portas do sentimento.

— Mas ninguém lhe amou?

— Sim, mas eu não confiava. Às vezes eu queria... quando eu percebia que estava gostando de alguém, fugia, eu procurava magoar essa pessoa. Não queria mentir a mim mesmo. Tinha medo de uma violência.

— Mas olha aqui, irmão. Nenhum sofrimento desses é inocente,

sem razão. Quando você passou por isso aí em Mileto, já trazia compromissos anteriores que o levaram àquela situação. Assim como você está tendo a chance de recuperar-se, os outros também tiveram. Essa recuperação começa com o perdão, inclusive o perdão de nós mesmos, entende?

— Tenho aprendido, sabe? Estou vendo como que uma estrada, como que vou passando, vou pisando, como pessoas que pisam nos marcos que estão à beira da estrada e os derrubam e passam por cima. Todas as vezes que quis crer depois disso, falhei.

— Mas veja bem: você está jogando toda a sua filosofia de vida — inclusive o seu relacionamento com o nosso Pai, e você admite a existência dele — num episódio passional, não é verdade?

— Não, senhor. Eu agora estou lembrando... Sim, estou revendo. Sou um sacerdote e fui enforcado porque eu era bom e porque acreditava. Era um contexto corrompido.

— Não fez mais do que o Cristo, que também era bom e puro e foi crucificado sem ter culpa. Você tinha as suas.

— Ah! eu já fui morto de tantas maneiras...

— Isso quer dizer, meu irmão, que num passado mais remoto você deve ter assumido gravíssimos compromissos, porque a lei não nos cobra nada que a gente não deva. Você deve ter feito coisa semelhante, mas não é necessário pesquisar. Você localizou aí o ponto traumático da sua problemática.

— Eu me sinto tão só! Estou muito só.

— Você *estava*.

— Você vê? Está vendo? Nessa estrada aí, eu caminhando?

Caminho sempre só.

— Mas você não disse que fechou todas as portas? Comece a abri-las.

— Abri-las para quê? Abri-las para que a agressão volte a entrar por elas? (Novamente se exalta e a voz sai aos arrancos). Abri-las para quê e para *quem*? Para quem, se você não pode confiar sua casa ao seu próprio pai? (Explode, afinal, o choro convulsivo, arrancado das profundezas do seu ser dolorido, sofrido e macerado). Para que você vai abrir a porta? Quem vai entrar por ela? Qual o chacal que vai entrar por ela? Os homens são os próprios chacais. São eles. Eles gargalham e esperam você estar morto para irem alimentar-se do seu ca-dá-ver!

Novamente está sem fôlego e a voz se quebra no final da frase.

— Escuta — acode o doutrinador. Temos de ir, então, um pouco mais atrás.

— Para onde eu vou? — grita ele. Para onde? Chacais... hienas...

Volta o doutrinador a magnetizá-lo, pois, como vimos, não foi possível a ele superar o impacto do episódio em Mileto, como, aliás, temíamos e ele, mais do que ninguém, o temia.

— As hienas gargalham, você sabia? Elas ficam rondando para esperar que você morra. Elas pressentem quando você está impossibilitado... as hienas... as hienas... chacais... Quem cria os chacais não é o homem; é Deus, não é?

Na nova magnetização, vai rapidamente ao transe profundo. Começa a falar uma língua irreconhecível, inteiramente estranha a qualquer entendimento nosso. Não é difícil, porém, compreender

que ele é um brutamontes, e está, evidentemente, vivendo uma situação divertida, se bem que dramática. Ri, com prazer, arrogância e brutalidade. Como lamentamos não entender o que ele fala! É uma língua bárbara e rude. Parece mais conversar consigo mesmo do que com alguém junto dele. A voz é grossa, masculina, áspera. A partir de certo ponto, começa a pronunciar dificultosamente algumas palavras em português:

— Che. . . che. . . chefe hicsó<sup>(3)</sup>. Hic-so... Eu... eu... guerr... guerrei... guerra conquista... eu faz mulher de chefe con-cu-bi-na... Eu possui mulher de chefe na frente de chefe!

À medida que fala, vai marcando as palavras com pequenas palmadas na mesa.

— Ele era o faraó?

— Ele chefe... eu chefe...

— E você o matou também? Matou.

E bate no peito orgulhoso:

— Eu chefe! Eu conquista. Eu, guerra, conquista. Eu forte! Eu ser guerreiro...

Quanto ao nome, ele “não saber dizer”.

— O importante não é você saber dizer o nome; é que você saiba o que se passou aí.

Novamente é trazido à época presente, por passes especiais de despertamento.

Esta foi, portanto, a terrível história pessoal daquele companheiro. Finda a regressão à sua existência como guerreiro hicsó, ele foi retirado. Estávamos agora sabendo — e ele também



— por que razão se fechara tanto num denso e impenetrável casulo de isolamento. Qualquer fresta que deixasse aberta poderia servir de acesso a um dos terríveis “chacais humanos”.

Sua grande surpresa conosco foi a de que deixou cair algumas das suas guardas e depois viu que *não éramos* chacais e sim gente comum, também sofrida e imperfeita que — mais estranho ainda — não queria dele senão que aceitasse o nosso amor, a nossa compreensão. Seria possível aquilo, ou era outra das muitas traições da vida? Era possível, sim e foi possível.

Este é um caso que oferece tantas lições que seria impraticável lembrá-las todas aqui, mesmo porque é bom que fique ao leitor espaço para as suas próprias meditações. Só queria um pouco mais de tempo para expressar nossa gratidão e respeito pela maneira correta e humana com que agem nossos caríssimos irmãos espirituais. Vejam bem: eles não o levaram à regressão no mundo espiritual, pois era preciso primeiro que o querido irmão aprendesse a confiar em nós, seres encarnados, que a seu ver, como humanos estávamos em melhor posição de entendê-lo e aceitá-lo. Foi tão grande essa confiança, que ele próprio nos propõe mergulhar no escuro poço da memória, onde se agitavam medonhos fantasmas do passado remoto.

Meu Deus! que fantástica precisão da lei, que espera milênios para que um pobre ser desvairado se ajuste, mas que vai buscá-lo inexoravelmente, ainda que caridosamente, pois do contrário ele continuaria mergulhado nas trevas. Séculos depois de violar a esposa do faraó na presença de seu próprio marido, o guerreiro hicsu, já mais trabalhado pela sensibilidade — porque senão não

aproveitaria a lição — vê a sua esposa adorada nos braços do próprio pai...

Daí decorriam todos os seus problemas com a fé, com os seres humanos em geral, com a indiferença, que era revolta e inconformação.

Esta história ainda tem um apêndice de emoção e poesia que me sinto no dever de relatar.

Estava eu certa manhã luminosa e pacífica no Parque das águas em Caxambu, a deliciosa estância mineral da minha terra adotiva, quando um sabiá começou o seu maravilhoso recital numa árvore a poucos metros de onde eu estava sentado.

— Meu Deus — pensei eu. Será que esse maravilhoso tenor de plumas não poderia levar para nós, uma mensagem ao Pai?

Claro que podia. E como estivera ali ainda há pouco pensando no-querido irmão que dizia crer em Deus mas não ter fé, “cometi” um dos meus raríssimos poemas, mesmo sem ser poeta. Ei-lo:

### *O Cântico do Sabiá*

Canta teu canto de paz — quero ouvi-lo,

Canta como só tu sabes fazê-lo.

A nota pura do teu peito sobe,

Mensageira fiel da minha prece.

Leva às alturas o meu canto mudo.

P’ra que palavras se já dizes tudo?

Se falas com Deus diretamente,

Na doce língua universal do amor?

Transmite ao Pai Nosso que está no céu

Esta inarticulada gratidão  
Que tão pungente sinto no meu ser,  
Sem saber expressá-la como tu.  
“Vede as aves do céu — disse Jesus —  
E tantos lírios pelo vasto campo;  
Poetisas, elas, espalhando cantos;  
Cobertos, eles, de fulgentes mantos”.  
Soberano e poeta, fala por mim,  
Alado cantor, fala a Deus de mim,  
Pois na ambição da glória me perdi,  
Descendo, passo a passo, a trilha escura,  
Que, em pranto, subirei de volta à luz!

NOTAS:

I — *DOGE*

Do latim *dux, ducis* — líder, condutor, dirigente, duque. O Doge era o principal magistrado nas repúblicas de Veneza (de 697 a 1797) e de Gênova de 1393 a 1707, e depois, de 1802 a 1805.

Era um regime abertamente elitista, ainda que, de início, por eleição direta, sendo o cargo vitalício. Em 1528 Andréa Doria reduziu o mandato para dois anos, declarando inelegíveis os plebeus e determinando eleições indiretas através de um conselho.

Seja como for, sabemos pelo testemunho dos historiadores que a organização administrativa, especialmente em Veneza, era modelar, “provavelmente a melhor da Europa no século XV”, assegura-nos Will Durant em (*The Renaissance*), edição Simon & Schuster, 1953. Governantes de outras regiões enviavam até observadores e estagiários para estudarem ali a arte de governar.

Corroborando a informação dada pelo Espírito manifestante, o eminente historiador americano informa que as leis eram claramente formuladas e o sistema judiciário “eficiente e severo”. As penas eram aplicadas indistintamente a nobres e plebeus. “A prisão — escreveu Durant — era frequentemente em celas exíguas, com um mínimo de luz e ar. O açoite, a estigma com ferro em brasa, a mutilação, a cegueira, a ablação da LÍNGUA o fraturamento dos membros na roda e outras delicadezas faziam parir das punições legais. Gente condenada à morte poderia ser estrangulada na prisão ou secretamente afogada, enforcada em uma das janelas do Palácio dos Doges, ou queimada na fogueira”.

Não há dúvida de que tais penalidades, no dizer de Durant, "refletiam a crueldade dos tempos", mas é igualmente certo que o nosso caro irmão desta história não exagerou o rigor com que foi tratado.

Creio que somente uma pesquisa mais extensa e profunda poderia identificar o Doge que teria tido a alcunha de Homem de Ferro de Veneza, mas a literatura histórica sobre a maravilhosa cidade-estado é torrencial e demandaria tempo de que, lamentavelmente, não dispomos, apenas para apurar um pequeno detalhe.

## 2 — *MILETO*

Antiga cidade da Ásia Menor. Antes da migração iônica, era habitada pelos cários. Consta que invasores gregos originários de Pilos, sob o comando de Neleus, destruíram a antiga cidade para construir outra junto ao mar.

Aí por volta do ano 500 antes do Cristo, já Mileto era a maior cidade grega do lado Oriental e considerada importante centro cultural. Além de Anaximandro, Anaxímenes e Hecateus, é originário de Mileto o famoso filósofo Thales.

Escavações contemporâneas revelaram ali imponentes ruínas e alguns edifícios bem preservados, suficientes para atestarem a importância cultural da cidade.

O nosso visitante daquela noite teria, pois, vivido numa comunidade algo sofisticada, onde havia gente rica com lazer bastante para cultivar a inteligência e a sensibilidade. A tragédia em que se envolveu o nosso companheiro afogou em dor durante milênios o seu espírito sensível traído nos seus mais nobres ideais

de beleza, lealdade e fidelidade.

### 3 — *HICSOS*

Lembra Will Durant, em “Our Oriental Heritage”, que o Estado resulta habitualmente da força e pela força é mantido, como assinalou Summer. E mais: que a sujeição pela violência foi usualmente imposta, no passado, por uma tribo nômade de caçadores e pastores agressivos sobre uma comunidade estável de agricultores.

As canseiras de um longo dia de trabalho no campo não permitiam às populações agrícolas espaço para a belicosidade.

A teoria assenta como luva ao Egito, onde a pacífica gente local foi facilmente dominada pelos hicsos, e depois, por etíopes, árabes e turcos, bem como por civilizações estáveis como as da Assíria, Pérsia, Grécia, Roma e por fim, a Inglaterra.

Os hicsos, nômades da Ásia, invadiram as cidades, arrasaram templos, saquearam o que puderam e destruíram o que não lhes interessava, conto preciosos e irrecuperáveis tesouros artísticos.

Durante dois séculos dominaram o Egito, de onde foram expulsos ao cabo de uma decidida campanha libertadora. Logo em seguida, teve início a valorosa 18a. Dinastia de faraós, que elevaria a civilização egípcia a novos patamares de riqueza, poder e glória até então inatingidos.

O companheiro espiritual que nos visitou naquela noite nos deu realmente a impressão de um brutamontes insensível que se divertia com a própria crueldade, ao violentar a rainha na presença do esposo contido à força, incapaz de uma reação.

## O POSTE DAS CULPAS

A queixa inicial deste irritado companheiro é dirigida ao que chama de (nossos) “métodos primitivos de trabalho”, nos quais a incorporação ainda se faz com as dificuldades inerentes ao processo, com as suas “injunções magnéticas”, diz ele, quando já existem métodos muito mais modernos e eficazes de comunicação entre os dois mundos. Em suma, estaríamos ainda na utilização de “carros de bois, numa época de aviões supersônicos”. Contraditoriamente, contudo, queixa-se também de que somos “uma pedra no caminho” deles, “um espinho em nossa carne”, o que serve para demonstrar que os métodos, embora “primitivos”, são igualmente eficazes. Mas, além das práticas, ele questiona as nossas “crenças”, ou seja, o que pregamos e divulgamos, que, a seu ver, são “atavismos de gente que teima em não evoluir”. Convidado a ser mais específico e objetivo, ele diz que não são propriamente as ideias que pregamos, porque, afinal de contas, toda ideia tem um conteúdo de verdade, mas que nossos métodos são completamente obsoletos. Mal decorridos alguns escassos minutos de conversação, já podemos perceber que ele faz parte da equipe que está procurando introduzir-se no contexto do Espiritismo como Doutrina e como movimento. Em outras palavras: aceitam provisoriamente os

postulados básicos do Espiritismo (“toda ideia tem um conteúdo de verdade”, diz ele), mas questionam os métodos — ou seja: as práticas mediúnicas habituais, a prece, o trabalho da caridade material e espiritual — Começam por introduzir sutis variações e novidades, revestidas com uma aura de revelação de caráter científico que a muitos atraem e fascinam. Dentro em pouco passam a exercer funções de liderança, posando como guias e conselheiros...

— Você sabe que os arqueólogos — diz ele — descobriram aquelas pinturas primitivas nas cavernas que falam do homem nos seus primeiros ensaios de arte, uma maneira de tentar transmitir informações... Aliás, não era bem arte. O que chamamos de arte, para ele, era informação. Para transmitir informação de um que vai sair para outro que vai chegar... É claro que, hoje, quando o arqueólogo estuda tais inscrições, dá-lhes o seu relativo valor. Elas tem valor... Foram usadas na época e atenderam à finalidade, mas seria ridículo, meu amigo — você há de convir — que, hoje, as escolas modernas de arte fossem ensinar aos homens os mesmos métodos usados pelos seres das cavernas. Fossem dizer que pegassem pedras pontiagudas e as polissem e com elas tentassem gravar noutra pedra sinais inteligíveis. Você não acha que isso seria absurdo e inadmissível? Tudo evolui. Assim também as ideias, meu amigo. Uma ideia de 500 anos, uma ideia de 35 mil anos, uma ideia de mil anos, não pode, ainda hoje, ser transmitida com aquelas mesmas garatujas...

— Dá licença — propõe o doutrinador. Estou de pleno acordo com você. Acho muito válido o seu raciocínio, apenas com uma



ressalva: estamos confundindo a *mensagem* com a *maneira* de transmitir a mensagem.

E continua dizendo que a mensagem da sobrevivência do espírito transmitida em remotas eras por meio de pictogramas tem que ser a mesma que hoje se transmite por sofisticados recursos eletrônicos.

Ele fica encantado com a nossa concordância, dizendo que o doutrinador foi muito feliz na sua observação, mas no mesmo fôlego acrescenta:

— Você tem que dizer ao homem hoje que ele dispõe de um poder, um potencial imenso, ou melhor, que *ele é* um potencial. É uma força, uma energia atuante, circulante, que precisa atuar em toda a sua capacidade energética na sua movimentação para que possa evoluir e possa caminhar “*pari passu*” com a sua época, meu amigo. Você tem que dizer ao homem moderno que, com o simples poder da sua mente, ele pode curar a si mesmo de todas as suas mazelas, de todas as doenças.

— Inclusive as espirituais?

— Principalmente. Ele pode! Ele precisa aprender a fazer — digamos assim — um expurgo mental e tirar toda a matéria suja, deletéria que traz dentro de si mesmo em forma de culpa, de sentimentos múltiplos, todos de vibração intensamente negativa. Ele tem que aprender a livrar-se disso! A curar-se! O homem bem orientado, o homem consciente do seu valor, consciente da sua força não precisaria de um só médico! Ele poderia autocura-se. E não estou dizendo nenhum absurdo, porque está lá, o Cristo disse: “Vós sois deuses! O que eu faço, podeis fazer também e muito mais

ainda”. Por que, então, não capacitar o homem para que esta afirmativa do Cristo se materialize já e agora? Hoje é o tempo! Agora é o momento, meu amigo. Não se pode deixar para amanhã, não. É *agora!* Temos que libertar as consciências. Temos que libertá-las para que os seres gozem realmente do privilégio de serem filhos de Deus. Que adianta serem filhos de Deus se continuam todos mendigos? Se continuam todos maltrapilhos, rasgados, feridentos e chagados! Não é possível! Deus não criou o ser para isso, não, meu amigo! É preciso curar o homem dessas feridas, dessas chagas, dessa lepra. Porque a lepra maior é o sentimento de culpa que vocês inculcam na criatura.

Inegavelmente o companheiro é eloquente e seus argumentos podem até impressionar os desprevenidos ou desatentos. Sua voz vai num crescendo de entusiasmo e vibração, enquanto prossegue a dizer que os animais, por exemplo, não são expostos a problemas como o da obsessão e a outras mazelas espirituais.

— Porque não têm sentimento de culpa! — brada ele vitorioso. Porque ninguém incutiu neles tais ideias. Se um cão morder alguém que pisar no rabo dele, ninguém vai dizer-lhe: “Olha, você assumiu um carma com isso; você, amanhã, vai receber outra mordida. Olha, quando você andar por aí, cuidado! Abaixar a cabeça e trinca os dentes para não morder os outros!

O sentimento de culpa é, a seu ver, o ponto crítico, o erro fundamental da filosofia doutrinária e todos os métodos modernos deveriam ser empregados para convencer ao ser humano de que ele deve expurgar a sua mente dessa verdadeira “nódoa preta que está lá”.

— E, no entanto, vocês continuam escrevendo, falando e instruindo sempre sobre o mesmo aspecto. Não é possível!

Como vemos, portanto, não são apenas os nossos métodos que ele questiona, mas os conceitos também.

— E quando alguém se propõe a esclarecer essas consciências, a mostrar a esses seres que eles são importantes, que são *importantíssimos na criação*, que estão aqui para vencer, para serem grandes, para serem donos do Reino que Deus concedeu a eles, quando alguém chega para pregar isto, colocando o homem no *seu devido lugar* de criatura divina — criatura divina, que é isto que todos nós somos. Quando alguém chega disposto a fazer isto, esbarra com toda uma avalanche de incompreensão, que além de nos atacar por todos os meios, escrito, falado, televisado, enfim, seja lá do que for, até em conversa ao pé do ouvido, conversa ao telefone... Tudo isso para nos combater... E ainda não ficam satisfeitos de pregar só aí junto de vocês encarnados; ainda vêm pregar aos nossos companheiros que estão se levantando, que tiveram a “chance” de nos encontrar, que tiveram a grande “chance” da vida deles, de, por uma vez, ouvir alguém dizer: “Você é importante. Você é grande! Você não precisa crescer, não. Você já é grande hoje!”

Em seguida, informa que tem uma “Academia”, onde ensinam e fazem suas pregações, evidentemente, em torno do tema central da “superação do carma”, da grandeza intrínseca do homem, que precisa como que despoluir sua mente do desagradável negativismo do sentimento de culpa, a fim de manifestar-se nele toda a grandeza de Deus, pois o próprio Cristo ensinou que somos deuses.

Sua filosofia, contudo, não nos impressiona da maneira que ele desejaria, pois vemos por trás dela o negro vulto do desespero ante a enormidade das faltas cometidas. Que bom seria se pudéssemos ignorá-las todas, como se jamais tivessem existido! Mas a lei suprema de respeito à vida pede-nos a reparação, depois de nos ensinar a doutrina da inalienável responsabilidade pessoal.

Na “Academia”, prossegue ele,

— ... temos nossas reuniões, falamos, fazemos o que vocês chamam de doutrinar, não só aos desencarnados, como também aos encarnados que se... (ligeira hesitação) se *simpatizam* com nossas ideias, que também vêm aqui e ouvem. Muitos estão sendo treinados para falar e já falam para os nossos aqui para amanhã chegarem aí *E* falarem para os de vocês. Isso é necessário! Temos uma Academia lá, meu amigo. Se você quiser visitá-la estará à sua disposição. Não temos preconceitos, não temos prevenções. Queremos apenas O DIREITO (muita ênfase nesta palavra) de servir. Só isto, mais nada. Temos lá os nossos jovens para preparar, porque são os jovens que vão começar a surgir, que vão começar a pregar. Queiram vocês ou não, eles vão falar!

Há gente em preparo para sacudir o que ele chama de "marasmo", numa doutrina cheia de dogmas, de verdadeiros "cânceres doutrinários".

A essa altura, o caríssimo irmão está falando em altas vozes, em crescente estado de exaltação, como se estivesse pregando a um vasto auditório.

É hora de tentar "esfriar" um pouco o seu entusiasmo. Por isso, o doutrinador fala com voz pausada e tranquila:

— Em primeiro lugar, acho que quem discute ideias não precisa gritar. Ou o seu argumento é válido e pode ser dito em voz civilizada, ou então...

Ele interrompe para dizer que não está esbravejando, mas sim levado pelo entusiasmo natural pela sua causa.

— Se a ideia é válida, retoma o doutrinador, o tom da voz tem que estar à altura da ideia: tranquila e serena...

— Meu amigo, você quer ser um super-homem.

— Não, não... O Cristo sabe muito bem o que faz e não é com a minha colaboração modesta aqui que vamos mudar as coisas. Ele sabe o que faz.

— Ele sabe, mas você... tenho minhas dúvidas...

— É possível que eu não saiba, realmente. Admito isso. Como é que a gente progride, como é que a gente aprende coisas novas? É pondo em questionamento aquilo que sabe. Eis aí uma sugestão que posso oferecer a você também. Parar um pouquinho e questionar-se: “Estou bem? É isto mesmo? Estou de acordo com o pensamento que vem do Alto? Ou estou apenas promovendo meus interesses pessoais? Estou buscando o que? Ele perguntou para nós: “Que buscais?”

O manifestante procura manter elevada a temperatura do debate com a continuidade da sua irritação, mas começamos a sentir que caiu um pouco a densidade do seu entusiasmo. Mostra-se ressentido com o tom algo conselheiral do doutrinador, a quem acusa de tomá-lo por uma criança, um aprendiz inexperiente.

— Não, meu querido. Você nunca mudou de ideia? Claro que mudou e graças a Deus que mudou, pois a gente só cresce

espiritualmente mudando de conceitos, substituindo conceitos antigos por novos.

Isso ele não pode contestar porque é da essência de sua própria tese, mas põe em dúvida a isenção do doutrinador em suas posturas que, a seu ver, estariam influenciadas pelos seus preconceitos pessoais.

— Você não estará, por acaso, influenciado por seus próprios preconceitos? Você é um homem muito preconceituoso, diz ele.

— É possível... Todos nós sofremos a influência de nossos preconceitos. Todos nós, não é, meu querido? Você também... Mas, o fato de nossas ideias divergirem não quer dizer que não sejamos irmãos, que não nos respeitemos, que não nos estimemos...

O debate prossegue nesse rumo por mais algum tempo, porque ele acha que a influência que seu grupo exerce é alcançada através daqueles que vão lá, espontaneamente e aceitam livremente suas ideias e se incumbem de divulgá-las entre os encarnados, enquanto que nós saímos em busca de prosélitos, “armando barracas” junto de suas instituições para atrair seus companheiros. O doutrinador concorda com ele, contudo, em que é um homem falível cheio de pontos fracos, mas não que seja temerário, porque deposita sua confiança no Cristo.

A certa altura do diálogo ele não sabe ao certo se o doutrinador é um “débil mental rematado, ou uma raposa astuciosíssima”. Aproveitando uma pausa, o doutrinador retoma o esforço de conduzir a conversação para o terreno pessoal, mas ele sente bem o risco que isso representa. E reage:

— Meu amigo, acontece o seguinte: se estou no trabalho, não

interessam minha vida e meus problemas pessoais — interessa a *causa* geral. É isso que está em jogo, não a minha vidinha particular, com meus problemas ou não-problemas, minhas dificuldades ou não-dificuldades.

— Sim, mas por que, então, você invocou as minhas dificuldades, as minhas fraquezas e imperfeições?

— Ah!, mas não é possível... — suspira ele desalentado. Será que eu estou maluco, ou vocês todos estão ouvindo a confusão que este homem está tentando fazer?

Quando o doutrinador se prepara para magnetizá-lo, ele vai logo avisando que é um bom magnetizador, conhecedor de todos os segredos e trâmites do processo e, portanto, dotado de defesas pessoais que o tornam fora do nosso alcance. A seu ver, será um esforço inútil e exaustivo.

— Não tente nada comigo! Não estou ameaçando; estou apenas prevenindo. Se você tentar alguma coisa, claro que vou me defender e tenho métodos que você não conhece. Posso provocar ruturas seríssimas num cérebro humano.

Sua intenção é retornar ao terreno neutro da argumentação meramente filosófica, o debate de ideias, onde ele se sente mais seguro, mais preservado de qualquer envolvimento pessoal. Nesse sentido, o doutrinador lhe fala das responsabilidades pelos nossos atos e questiona o processo preconizado por ele de eliminar com o mero poder da mente o sentimento de culpa causado pelas faltas cometidas. Acha, por exemplo, que ele pode bloquear as memórias e tentar esquecer os seus erros, mas não conhece nenhum processo pelo qual possamos eliminar a culpa com um mero impulso da

vontade. Eis a sua contestação:

— Olha aqui, meu amigo. Suponhamos que você se mude para uma casa... ou melhor que você não se mude, porque aí você vai dizer que carrega a sua sujeira... Você mora numa casa muito tempo e não é uma pessoa muito limpa. Então, acumulam-se detritos de toda natureza. A casa está cheirando mal... Daí, em vez de você dizer: “Bem, agora tenho que aguentar esse cheiro, porque fui eu que juntei esse lixo e tenho que sofrer as consequências desse lixo que fica exalando aqui.” Ou, chega alguém e diz assim: “Você é forte! Levanta e você pode, num instante, botar esse lixo todo lá fora.” E o “cara” se levanta e varre o lixo todo para fora. E fica com a casa limpa! Você diz para ele: “Você não tem que ficar aí inalando essa pestilência.”

— E onde você joga esse lixo?

— No primeiro terreno baldio que encontrar, você o joga. Varre tudo para fora da sua casa. Não interessa para onde, desde que sua casa fique limpa! Um dia o lixeiro vai passar e vai recolher aquele lixo.

— Que lixeiro?

— O lixeiro, meu amigo, o lixeiro... Ah! não é possível... Eu *de-sis-to*... É impossível fazer essa criatura entender qualquer coisa.

Nesse ponto interrompemos o diálogo para orar. Quanto à magnetização, esperamos uma longa batalha, mas insistimos docemente, enquanto lhe falamos continuamente, embora ele reitere suas ameaças. Após resistir e protestar por muito tempo, resolve desafiar a capacidade do magnetizador e deixar que ele dê seus passes à vontade. Dali a alguns momentos começa a ceder,



demonstrando certa sonolência e a bocejar. Fala, em solilóquio, dos companheiros que “aliciamos” lá na sua instituição. A perda de um deles lhe foi particularmente penosa — era um rapaz brilhante, apto já a “assumir uma cátedra”. Considerava-o mesmo um filho e ele tinha tudo quanto um pai pode desejar e esperar de um filho. E, no entanto, foi-se... Outro, era um homem de ação, corajoso, competente, dinâmico. Foi-se também...

A certo ponto mergulha fundo no sono magnético. Reagiu e resistiu bravamente. Ainda nos últimos momentos reclama, enfático:

— Tira essas patas de cima de mim, seu cão danado!

Como costuma acontecer, pelo menos em nossa experiência, a narrativa em regressão começa a desdobrar-se a partir de uma palavra-chave, uma espécie de código de arquivo morto. No caso deste irmão, a chave é:

— Sacrílego!

E prossegue:

— Anda por aí, dizendo coisas que são todas contra os livros da Lei. A Lei é de Justiça. Se há uma adúltera, ela tem que ser punida. Tem que ser. A Lei manda apedrejar, então a gente tem que apedrejar. Claro, a Lei é que manda.

— Tem de apedrejar? Mas você não pode decidir *não apedrejar*?

— Temos de obedecer à Lei. A Lei foi feita por nossos maiores e deve ser respeitada. A Lei não pode ser afrontada dessa maneira. Todas as adúlteras agora vão atrás desse homem. Ele deve ser um adúltero para poder mancomunar-se com elas.

— Mas você estava lá também, quando foi apedrejada a moça?

— Claro que não... Eu ia me misturar com essa turba?

— Mas você aprovou o apedrejamento?

— Claro! Mas não estava lá para presenciar. Temos as pessoas encarregadas de executar essas coisas. Não vamos nós. A Lei foi afrontada.

— Mas, escuta, você conhece a moça?

— Ora, uma qualquer...

— Não. A resposta não me satisfaz e nem a você.

— Por que não?

— Você a conhece? Queremos mostrar o componente pessoal, humano. Ela é um ser humano também, como somos todos nós.

— É uma mulher adúltera. Pecou contra a Lei, pecou contra o seu marido.

— Você a viu pecar? Não importa? Então você não precisa antes comprovar que ela pecou contra a Lei?

— Ela foi apanhada em flagrante adultério. Fornicação. É isso que a Lei diz. O marido deu testemunho. Marido ultrajado.

— Você conhece o marido dela?

— Ora! o que interessa? Você não pode me questionar. Eu sou um Doutor da Lei. Você não é meu igual. Se é, mostra suas credenciais. Eu não o conheço.

— Ninguém pode conversar com um doutor da Lei?

— Mas não questionar...

— Como vamos conversar sem fazer perguntas um ao outro?

— Você não pode me questionar. Tem que ouvir o que eu digo. Quem faz perguntas sou eu.

— Para decidir um caso perante a lei você não tem que fazer perguntas?

— Eu faço as perguntas, não você. Você ouve.

— Como você vai me explicar o funcionamento da lei, se...

— Não tenho que lhe explicar nada... Tenho que *aplicar* a Lei. Quem é você para botar em questão minha decisão? Se minha decisão foi tomada é porque era certa e você quer saber por quê?

— Ah, então foi você que decidiu pelo apedrejamento... Com base em quê? O marido foi a você para queixar-se?

— Claro. A gente tem um parlatório público, onde as pessoas vão e fazem as queixas.

— Mas porque ele escolheu a você e não outro doutor da Lei?

— Não é possível! Você não pode me inquirir.

— Não, meu irmão. Quero saber apenas das motivações. — Por quê? — Porque você é um dos adúlteros, não é?

— É possível. E você conhece, então, o marido?

— Conheço. É meu amigo. De muito tempo. E ela também, de muito tempo.

— Você a acha bonita?

— Ela é uma adúltera. Não te interessa. Um ser humano que vende seus carinhos. Ela vende.

— Sim, é uma fraqueza moral, na estrutura do seu ser, mas...

— Ela devia ser apedrejada até à morte. Tem que ser apedrejada... Ninguém pode fazer a apologia de uma adúltera. Ninguém pode dizer que as adúlteras não são criminosas, porque

elas *são* criminosas.

— Mas não são criminosos também aqueles que praticaram o adultério com ela?

— Não. Claro que não.

— Você acha isso certo na Lei?

— Acho, acho... Principalmente porque se ela é uma adúltera ela não tem que escolher os seus... tem que aceitar todos eles. Por que ela vai recusar um determinado? Não pode recusar.

— Ah! Estou entendendo.

— Não pode recusar, sob alegação nenhuma. Se ela recusou alguém sob qualquer alegação temos que condená-la.

— Espera aí. Deixa eu ver se estou entendendo bem. O marido é que foi a você para pedir a condenação. Não é bem isso, não é? Conte-me a verdade.

— Ora... Ora... Eu sou um doutor da lei e você...

— Sim, você é um doutor da lei, mas é também um homem.

— Ela não podia recusar ninguém. Só porque esse homem anda pregando por aí, ela também achou que...

— Vamos, então, à verdade: ela recusou você?

— Ela foi apedrejada, até o fim!

— Ela recusou a você, então?

— Ela se atreveu! — disse ele após uma pausa maior.

— Como você explica que a lei seja aplicada à mulher e não ao homem? É assim que diz a lei?

— A Lei diz A ADÚLTERA...

— Mas o adultério não pode ser cometido sozinho.

— E daí? A Lei diz isso, a Lei exige assim. A lei está certa

— Então, você escapou. Você, então, não participou do adultério?

— Eu não. Claro que não participei de adultério nenhum.

— Mas não foi porque você não quis...

Ele faz uma pausa e sai com uma pergunta:

— Você sabe como se apedreja uma mulher dessas? Não? Você precisava ver. É público!

— Ela é amarrada num poste?

— É. Junta muita gente... Todo mundo... A família do marido ultrajado... Toda.

— Inclusive aqueles que praticaram com ela o adultério, não é?

— Isso eu não sei.

— Não sabe? Você não pode ignorar isso, pois você é um doutor da lei.

— Não sei. Eu não estava lá. Não sei os que foram. Vai quem quer ir.

— Mas qual foi a recomendação do Profeta? Ele não proibiu que ela fosse apedrejada, não é?

— Não é dessa mulher que eu falo. É da outra que simplesmente estava se fiando nessa pregação. Esse homem é um sacrílego! Ele é contra os cânones mais sagrados da Lei!

— Mas essa foi ou não apedrejada?

— Foi... Foi...

— E morreu?

— Como devia.

— O adultério é, portanto, uma traição ao marido.

— Claro.

— E como você quis trair o seu amigo?

— Eu falei alguma coisa? Não falei nada.

— Quer dizer que você está inocente?

— Estou.

— E você conheceu pessoalmente o Profeta? Você o ouviu pregar?

— Não.

— E por que você o detesta?

— Por que ele prega contra a lei antiga.

Pouco adiante ele retorna o fio da narrativa.

— Fui traído. Você sabe que a gente tem muitos inimigos. Muitos... Essa população infecta! Principalmente essa população que ficou infectada por este homem louco e suas loucas ideias.

Acho que se esse homem tivesse tido o pescoço cortado no início, não teria acontecido nada. O mal corta-se logo; a uma serpente corta-se a cabeça.

— Como foi, então, essa traição feita a você?

— Olha, essa é uma história muito suja... Você não vai querer saber. Quem é você para me obrigar a falar? Ninguém me obriga...

— Não estou obrigando, meu irmão. Estou pedindo a você. Claro que você não é obrigado a falar. Mas, me diga, você diz que é uma história...

— É uma história suja. Mas o que está feito, está feito. Não se pode voltar atrás. (Paula). Essa mulher era inocente. Foi uma

vingança, a acusação. Eu, depois, já tinha feito, não havia jeito.

— Você se arrependeu?

Não me arrependi, mas podia não ter feito. Esta mulher carregava no seio uma criança. E depois, alguém foi ao marido e contou a verdade. E este marido ameaçou-me de acusar-me publicamente de perjúrio perante a Lei. É uma acusação muito séria! Então, não tive outra maneira. Marquei um encontro secreto com ele para resolvermos o problema. Tive que eliminá-lo... E acusei um dos seguidores do... desse profetazinho louco... Ih! foi uma confusão danada! Confusão na qual eu me enleei todo. Tive de fazer isso e depois tive de acusar outros e tive de mandar executar outros... Foi uma cadeia...

— Você continua dizendo que não se arrependeu de nada disso?

— De que me adianta isso agora? O que está feito, está feito. Você não pode desfazer.

— Mas, como terminou aquilo? Morreu tanta gente e você também. Como foi concluída aquela existência? Você viveu muitos anos?

— Vivi bastante tempo. Infelizmente vivi anos bastantes para ver a minha Jerusalém deteriorar-se cada vez mais, perder a sua realeza, cada vez mais perder a sua autenticidade, a sua cidadania.

— E você chegou a ocupar uma posição de relevo no Templo?

— Não, não. Eu era apenas um dos sacerdotes.

— Mas um Doutor da Lei.

— Sim, todos nós somos doutores da Lei. Temos de ser.

— E ao chegar no mundo espiritual o que aconteceu? Você encontrou esses companheiros?

— Que é mundo espiritual?

— Quando você morreu?

Pausa.

— Quando eu morri? (Pausa). Não... só encontrei uma escuridão terrível, uma lama fétida em que eu pisava e que se colava em mim.

— Sim, mas você não defendeu a Lei? Não teve a proteção de Deus? Você não tinha direito a... (um lugar melhor?)

— Não sei o que aconteceu — interrompe ele. Não sei.

— Como você explica isso? Você não é um doutor da lei?

— Não sei explicar isso. Não estava na Lei... Não estava. *Não está* na Lei.

— Mas, segundo a lei, a gente responde pelos atos que pratica, não é? Como a adúltera respondeu. Então você também não responde pelos seus?

Relutantemente ele o admite, mas, em seguida, acrescenta:

— Mas ninguém soube do meu ato.

— E Deus? Não soube?

— Ninguém o cobrou de mim.

— Nem Deus? Você não acredita em Deus?

— Deus? Quem é Deus?

— Não sei. Você é um sacerdote.

— Deus? Não conheço esse nome.

— Javé.



— Javé. Javé eu sei quem é.

— Então? Ele não lhe ajudou? Você não chegou até Ele?

— Não sei... Não cheguei, não o encontrei. Não entendo isso.

Não entendo o que aconteceu.

— Então a lei não lhe ensinou isso também...

Diz chamar-se Isaac e o magnetizador procura projetar sua memória no que, para ele, como Isaac, é ainda futuro, a fim de que ele relacione uns com os outros os episódios que explicam sua atual condição espiritual e por que tão desesperadamente foge ele do reconhecimento dos erros cometidos.

Faz-se uma longa pausa e, em seguida, ele pronuncia nova palavra-chave, com a qual parece abrir outra urna secreta da memória:

— Um cálice...

Ele vê diante de si um cálice, mas não está ainda compreendendo o que se passa.

— O que há dentro desse cálice? — pergunta o doutrinador.

— *Dizem* que é sangue. Acho que é sangue ou lágrima... uma coisa assim. Não sei... É uma coisa confusa. Não estou entendendo bem.

Experimenta dificuldade em identificar-se, em saber o que está fazendo ali perante aquele cálice. Parece pensar. Quando o doutrinador lhe pergunta como ele está vestido, ele responde, após nova pausa:

— Sou um sacerdote. Onde? Na minha câmara.

Põe vinho no cálice. Pouco a pouco vão se desdobrando as lembranças.

— Alguém que conhece um segredo meu vai chegar por aquela porta ali. Eu preciso silenciá-lo.

— Vamos ver. A porta se abre, chega a pessoa e então...

— Que segredo é esse que você não quer que seja revelado? Não precisa me dizer. O importante é que você saiba. Você sabe do que se trata, não é? Senão você não iria colocar o veneno nesse vinho. Você sabe porque está fazendo isso. (Pausa). Então, meu irmão, mais um crime aí, não é? Mais uma eliminação de um companheiro que se atravessou no seu caminho por ter descoberto algo que você não gostaria que fosse revelado. Como você também, no passado, revelou segredos e condenou várias pessoas por isso, baseando-se numa fantasia, numa mentira. Meu querido, não estamos acusando-o, nem lhe condenando, mas todas essas dúvidas, essas inquietações estão ainda depositadas na sua consciência.

— São essas joias e bens do conde... Eu quis. E havia, em especial, um crucifixo cravejado... Ele é todo de ouro, cravejado de pedras... esmeraldas, rubis, diamantes...

— Eliminando o conde você ficaria com essas joias?

— O conde era simpatizante do condenado do Santo Ofício.

— Ah! sim, você era um inquisidor, então?

Ele responde um tanto obliquamente, mas sem hesitação:

— Mas em vez de arrolar os bens para a Igreja, eu os tirei para mim e disse que não havia nenhuma joia, nada, no espólio; mas alguém sabia e ameaçou-me. Mas as joias eram para uma... As joias não eram para mim. Eram para uma... uma donzela.

— De quem você gostava?

— É. Oh, mas que confusão! Vejo minha vida como se

estivesse cheia de nós e nós e nós... Estou cercado de nós... Ela era muito linda e eu queria as joias para comprar-lhe os encantos.

—• Mas você não era um sacerdote?

— Ora, mas que tem isso? À noite você tira o manto e é um homem.

— E você obteve as joias?

— Claro que obtive as joias.

— E também a moça?

— Sinto um mal-estar. Não sei... Está confuso...! Esse que morreu era... Oh! Deixa-me! Deixa-me!

— Está bem. Não quero forçá-lo, irmão, a dizer aquilo que você não quer dizer. Apenas aquilo que a sua consciência determinar, mas peço a você, por favor...

— Matei o mesmo homem duas vezes. Duas vezes!

— O conde?

— Não; o outro. Eu não matei o conde. Foi a Lei que o matou.

— Um momento. Vamos agora, quando isso tudo está presente na sua consciência, na sua memória, vamos concluir para que você possa...

— Ah! — geme ele — esses nós à minha volta... Tantos nós! Estes nós! E este cálice... Sempre usei um cálice. Duas vezes. Ora, tirem esses nós que estão me atando, apertando... Ai... Ai...! Estou me sentindo mal, muito mal... É uma teia à minha volta... Que mal-estar! Os nós estão me apertando! Ai!

Começa a chorar e gemer em espantosa crise de desespero.

— Me solta! Me solta! Estão apertando! Estou amarrado! Esses

nós...

Faz uma pausa e acrescenta em voz mais lenta;

— Estou amarrado ao poste da culpa. Estou amarrado... Quem vai me apedrejar? Estou amarrado... ai!... ai! Solta minhas mãos. Juro que nunca mais vou botar veneno na taça de ninguém. Você me levou a isso! Você me amarrou ao poste de culpas.

Não, meu querido. As culpas estão na sua consciência. Fui eu quem inventou essas culpas?

O doutrinador começa a fazê-lo adormecer, enquanto ele é retirado, deixando a médium compreensivelmente aturdida por alguns momentos.

Eis a dramática história de um companheiro espiritual que de tal maneira enleou-se na trama de seus erros que julgou não dispor de nenhuma opção a não ser a de bloquear em algum compartimento da memória a lembrança dos horrores cometidos em mais de uma existência na carne. As recordações eram tão incômodas que ele próprio as compara a lixo malcheiroso, com o qual não poderia conviver sem repugnância intolerável. Para livrar-se disso, junta-se a uma comunidade espiritual cuja filosofia de vida é precisamente essa — a de ignorar os erros cometidos para suportar a convivência de cada um consigo mesmo. A técnica desenvolvida para alcançar esse objetivo consiste em convencer a criatura desarvorada de que ela é grande e divina, deve e pode levantar a cabeça e seguir em frente. Os apoios para essa estranha filosofia de vida julgam encontrar no Evangelho de Jesus, em passagens cuidadosamente escolhidas, de forma que, isoladas do contexto e deformadas na interpretação, sirvam para justificar a atitude adotada.

Não contentes com isso, procuram, ainda, inocular sutis dosagens de veneno no corpo vivo da Doutrina dos Espíritos, na desesperada tentativa de apossarem-se também das novas e emergentes estruturas de poder religioso que julgam encontrar no movimento Espírita.

No caso pessoal do narrador desta história vemos o Espírito desinteressado dos conceitos religiosos autênticos, mas certamente ávido de utilizar-se do poder que tais organizações proporcionam, exatamente para continuar no exercício de suas paixões. Ao tempo do Cristo é um doutor da lei. Sinceramente convicto da validade da lei? Sim, até o ponto em que os dispositivos legais não interfiram com suas paixões. A lei manda condenar a adúltera, diz ele, mas nada prescreve quanto àquele que leva a mulher ao adultério. .No caso, ele é juiz em causa própria e a condena. Quando alguém descobre que o filho que ela trazia em gestação é dele, uma taça de vinho envenenado elimina não um homem, um ser humano, mas o que, para ele, é apenas um risco, um perigo.

Na situação que, a seguir, emerge das profundezas da memória integral, ele é novamente um sacerdote, desta vez na tenebrosa época da Inquisição. E outra vez o mesmo Espírito reencarnado se lhe atravessa no caminho: é alguém que sabe demais, ou seja, sabe que as joias do conde foram escamoteadas para comprar os encantos de uma jovem. E ocorre nova e “providencial” eliminação do “risco”, por meio de mais um copo de vinho envenenado...

E assim, vai se desdobrando uma tenebrosa cadeia de erros e cada um deles é um nó que o acaba atando irremediavelmente ao que ele chama de o “poste das culpas”.

Por algum tempo ele consegue iludir a si mesmo, pensando que já se livrou da lei, pois os crimes estão (temporariamente) esquecidos. Ele é grande, ele pode, ele é deus, como disse o Cristo: “Vós sois deuses...” Até que, um dia, acontece o reencontro com a sua realidade indestrutível... É hora de começar o resgate, não mais apenas dos crimes cometidos aqui, na carne, na ilusão da matéria, mas dos desacertos que cometeu e ajudou a cometer em razão da nova filosofia de vida na influência de companheiros encarnados e desencarnados que, como ele, também se transviaram.

A lei deu o “basta” e começa a viagem de volta...

## O TRISTE BALIDO DA OVELHA DESGARRADA

O companheiro cuja história nos propomos a reproduzir aqui integrava um grupo de espíritos desencantados (ou assim se apresentavam) com as religiões em geral, embora, contraditoriamente, mantivessem procedimentos ditos religiosos na instituição em que viviam, com pregações, cultos, rituais e estruturas eclesiais.<sup>{8}</sup>

Era polido, falava pausado e seguro. Comparecia — fez questão de afirmar logo de início — para desculpar-se de "alguns senões" de companheiros seus desavisados, que em reuniões anteriores não "tiveram comportamento cavalheiresco" conosco. Parecia preocupado com a imagem de sua instituição que não desejava ser avaliada pela atitude dos ditos companheiros. Afinal de contas, estavam todos "abertos ao entendimento, dispostos e predispostos até a cooperar conosco no que fosse necessário". Ademais, não havia razão alguma para hostilidades. Éramos todos irmãos e havia ideais nobres e dignos de parte a parte, pois nossos objetivos eram análogos, ou seja: o desejo da fraternidade, em nome da caridade e da melhor compreensão quanto à destinação do ser humano, obviamente criado para a grandeza. Apenas nos "separava" — se esse era mesmo o verbo — dizia ainda, era a diversidade de métodos operacionais, pois nós seguíamos caminhos com base

numa religião, na qual confiávamos e eles eram “arreligiosos”. Mas afinal, somos todos irmãos e nossa destinação final era a mesma, ou seja, a perfeição. Então, para que aquela divisão ideológica? Pelo sentido etimológico, lembrava ele, religião é um processo de religação da criatura com Deus, mas religar como, se o elo com o Criador nunca foi quebrado? Sob certo aspecto, o doutrinador concorda com tal conceituação, porque, na verdade, não há *desligamento* entre o homem e Deus, mesmo porque nele vivemos e nos movemos, como tão bem ensinava Paulo. Se o vínculo entre Deus e o ser humano se rompesse, este deixaria de ser, pois nada há senão em Deus. Daí, porém, a considerar a prática religiosa desnecessária, vai uma distância enorme, donde se depreende que não estávamos concordando era na conceituação de religião. Entendida a religião como uma estrutura hierárquica, de apoio, e, de outro lado, como um conjunto de rituais, dogmas e sacramentos, realmente, poderíamos até concordar com ele, mas não é disso que cuida o Evangelho do Cristo, que pregou uma ética religiosa e um plano de ação moral consubstanciados na prática universal da doutrina do amor que se transmuta em caridade, tolerância, serviço ao próximo, paciência, etc.

Mas ele não estava disposto a deter-se nesses aspectos que, por certo, considerava irrelevantes. Aliás, afirmava mesmo que “por mais importante que seja o Cristo, ele não está entre a criatura e Deus”, ou seja, ninguém precisa ficar na dependência do Cristo para alcançar o reino de Deus. As religiões, a seu ver, prendem a criatura que é, em essência, divina.

De todas as religiões, porém, o Espiritismo era, na sua opinião,



“a mais perniciosa”, pois é a que mais chama o homem para a sua degradação, para os piores aspectos de sua personalidade, “fixando sua atenção na ideia do erro”. A doença, por exemplo, seria um estigma que vinha como provação que era preciso aceitar. Interpelado com dificuldade, pois somente queria falar, concordou que temos, sim, aspectos negativos, mas “desde que alguém atue positivamente, a parte negativa é anulada.”

Vemos, pois, que o problema era o mesmo de sempre. Quanto mais profunda a dor, mais aflitivo o passado de culpas e mais angustiosa a expectativa do resgate, mais esses pobres irmãos desarvorados se agarram à trágica filosofia da fuga que ignora deliberadamente a responsabilidade pelas faltas cometidas como se o simples fato de verbalizar o conceito de que somos deuses, nos redimisse, por um passe de mágica, de todas as culpas acumuladas pelos séculos afora. Daí o implacável combate ao Espiritismo, essa doutrina incômoda, que está sempre a nos lembrar nossas imperfeições e, conseqüentemente, o trabalho árduo que nos incumbe fazer para conseguir a realização da paz em nós mesmos. Para isso, há um esquema que vem da identificação da falta, passa pelo reconhecimento de nossas responsabilidades e vai à aceitação da correção de rumos, muitas vezes, mas não necessariamente, dolorosa. Não há como fugir à lei de causa e efeito, de ação e reação, ou seja, ao princípio cármico. Isso é o que mais assusta e acovarda aqueles que se embrenharam tão fundo no cipoal dos erros que não sabem como e nem desejam tentar voltar sobre seus passos em busca do rumo perdido. Vivem, assim, em bolsões de rebeldia, em verdadeiras penitenciárias do medo, onde passam séculos a

articular e promover a implantação das mais estranhas filosofias, desde que fiquem por ali mesmo, vivendo uma imitação da vida, adiando o quanto possam o inexorável encontro com a verdade, mais cedo ou mais tarde.

Por isso, quanto mais firme a obstinação em torno desses esdrúxulos conceitos, mais aflitivas as suas angústias, mais paralisantes os seus temores, mais agoniados os seus remorsos, por mais arrogantes e seguros que nos pareçam de início. Pensando em tudo isso é que ouvimos com paciência e atenção, colocando apenas uma ou outra observação ou comentário para dar rumo ao diálogo e aferirmos a profundidade de suas dores. Poucas coisas merecem e precisam tanto do nosso respeito e carinho quanto a dor, especialmente a dor moral.

Esgotado o nosso tempo, vimo-nos forçados a convidar o companheiro a retirar-se, o que ele fez, educadamente, colocando-nos à sua disposição para eventual retomada do diálogo, se ele assim o entendesse.

Como era de esperar-se, tivemo-lo de volta em nossa reunião da semana seguinte. Apresentava-se sensivelmente agitado, aflito mesmo, e a palavra, antes fluente, em frases bem torneadas, era agora gaguejada com esforço.

Queria saber se havíamos meditado acerca das alternativas que nos propusera na semana anterior — mudar a natureza do nosso trabalho, acabar com o grupo ou, ainda, desenvolver um trabalho conjunto, no qual haveria espaço para eles colaborarem conosco. Que decisão havíamos tomado?

— A decisão é uma só, meu querido — foi a resposta -, é a de

continuarmos a oferecer a você nosso afeto, o nosso res peito, o desejo de uma aproximação e entendimento.

Ele rejeitou a contraproposta com energia: não estava disposto a começar com “panos quentes” e nem com “conversinhas” como aquela, destinadas a “conquistar os tolos e incautos”, o que não era, como afirmou, o seu caso.

A certa altura, ressentiu-se do tratamento que lhe dava o doutrinador, tomando a paciência e a voz calma, por superioridade. Protestou energicamente:

— Quero que o senhor me trate como pessoa de certa posição. Como adulto. Não sou um doente, não sou um deficiente, não sou um delinquente, nada disso, para ser tratado paternalmente de filho. Não preciso desses termos.

— Desculpe. Foi um lapso de minha parte. Mas você não aceitou também o de irmão. Então, como devo lhe chamar? Se você prega a fraternidade, como recusa o tratamento de irmão? Vamos conversar com mais calma?

— Eu estou calmo, muito calmo. E lhe digo mais uma coisa: queiram os senhores espíritas ou não, as suas casas vão todas se transformar. Ou os senhores se transformam, ou os espíritas vão sair, porque aqueles que têm mente mais aberta vão sair e vão fundar instituições livres de limitações, livres de dogmas kardecistas, livres, enfim, da canga de que você tem de sofrer porque é carma. Ninguém tem que sofrer, não! que ninguém foi criado para sofrer e o senhor sabe disso.

Na sua opinião, o primeiro passo será dado, substituindo-se instituições limitadoras como Centro ou Grupo Espírita por

Fraternidade Cristã ou Evangélica, ou o que seja. Em seguida, tais Fraternidades se ampliariam em Comunidades e daí por diante, até que, a seu ver, se cumpra o que afirmou o Cristo: um só rebanho e um só pastor. Ele não diz, mas evidentemente, o que pretendem é descaracterizar pouco a pouco a prática espírita, interessando as pessoas em estruturas doutrinárias mais vagas, ou em pesquisas ditas científicas. Tudo serve, contanto que os deixem em paz — se é que essa é a expressão adequada — com as suas tarefas inglórias. O objetivo final é um só: a fuga, pois chega a ser obsessiva a preocupação deles com a responsabilidade cármica que o Espiritismo faz questão de enfatizar no seu contexto doutrinário.

A eles, prossegue, não importam os rótulos, pois aceitam todos aqueles que queiram “desenvolver suas potencialidades”. O homem não precisa crescer porque já é grande; ele precisa é desenvolver-se.

- Se o senhor não quer ser grande, se o senhor se compraz em ser pequeno, em humilhar-se, é problema seu! Mas deixe que os outros cresçam!

Como “condutor de almas” ele tem que estar alertado para tais aspectos, mesmo porque conhece todas as religiões e todas são perniciosas, mas o Espiritismo — repete — é das piores, porque “é uma das que mais limitam o homem”, é a que aponta o homem e diz: “Você é um João-ninguém!” Sua exaltação vai num crescendo impressionante e a palavra começa a sair com maior facilidade, em apaixonado tom oratório. “O Cristo não disse que somos deuses?” — O que oferecem àqueles que os procuram — pois diz não fazer proselitismo — é desenvolver as potencialidades de cada um.

Quando o doutrinador o adverte de que está gritando, ele fica um tanto desarmado e reconhece, para logo em seguida, dizer que foi levado àquele entusiasmo pelas observações do próprio doutrinador. É claro que a sua imagem de agora não confere mais com a que procurou revelar nos primeiros momentos de nosso encontro anterior, quando teria vindo principalmente para apresentar-nos suas escusas pelo comportamento inadequado de companheiros seus que anteriormente nos visitaram. Parece falar a um grupo grande de espíritos atentos e repete a sua proposta-chave:

— Eu digo: quem quer aceitar o que falo, que dê um passo à frente. Quem *quer* aceitar. Eu não digo *tem* de dar! Quem quer aceitar a libertação, quem quer sair das trevas para a luz, aquele que quiser verdadeiramente conhecer a si mesmo, dê um passo à frente! Aqueles que dão um passo à frente, são os iniciados e passam a ser orientados. Vão para as nossas classes para aprender.

O doutrinador lhe faz um apelo em voz pausada e firme, para que ele se porte com mais serenidade. Ele se tranquiliza um pouco e, como que se desculpando acrescenta que se deixou levar pelo entusiasmo, pois é um pregador e tem que ser veemente naquilo que diz. Reitera o ponto de vista anteriormente expresso de que não tem interesse em “entrar em contenda” conosco.

— Não quero me envolver com os senhores, porque... porque...

Embora não consiga articular o que pensa, não é difícil imaginar o que seja — o verdadeiro pânico em face da dura realidade íntima, da responsabilidade cármica ante o erro cometido, o medo da dor, enfim.

— Eu sei irmão — diz o doutrinador. Desculpe. Não leve a

mal a observação que foi apenas para conter um pouco a sua veemência. Acho, e sempre digo isso, que a veracidade, a veemência daquilo que dizemos não está no grito.

O debate continua em tomo das mesmas teses por mais algum tempo. Ele é um vivo argumentador, eloquente expositor e parece legitimamente convicto de sua postura aos que não suspeitam das aflições e angústias que deve carregar nas profundezas do ser. Às vezes, temos a impressão de que fala para ouvir seus próprios argumentos e não aqueles que a consciência um tanto dopada pela maciça auto doutrinação procura igualmente colocar, pois é impossível fazê-la calar-se.

A partir de certo momento começa a indução magnética, pois não há como alcançar o núcleo de seus problemas apenas com o diálogo mais ou menos filosófico. Embora resista, como de esperar-se, pouco a pouco vai cedendo, o que percebemos pelos bocejos e pela maior dificuldade em articular o pensamento e em falar. Daí a uns poucos momentos mergulha fundo no sono magnético. A regressão é induzida. Há uma longa pausa e, para surpresa nossa, quando volta a falar expressa-se em perfeito inglês com óbvio sotaque britânico.

É necessário esclarecer aqui que não consideramos o fenômeno como de pura xenoglossia porque a médium conhece bem a língua inglesa e o espírito manifestante encontrou nos seus arquivos mentais condições que lhe permitiram falar a língua que foi a sua naquela existência à qual se achava ali regredido. Estou propondo a expressão xenoglossia pura para conceituar o fenômeno

de uso de língua estrangeira quando o médium desconhece a língua na qual o espírito se expressa, o que não é o caso aqui, como vimos. Cabe acrescentar ainda, que o doutrinador também fala fluentemente o inglês e por isso o diálogo que a seguir reproduzimos em português, foi todo em inglês.

— I must perform a service for the Queen — diz ele, com excelente pronúncia e ênfase, ou seja: “Tenho que prestar um serviço à Rainha!

A uma pergunta do doutrinador, esclarece que se trata da Rainha Victoria.<sup>(1)</sup>

— Que espécie de serviço é esse? — pergunta-lhe o doutrinador.

Ele não parece inclinado, de início, a contar exatamente o que se passou, limitando-se a dizer que se trata de algo sem importância, bobagem (*rubbish*), mas o doutrinador insiste para que conte mesmo assim, e pergunta:

— Ela pediu a você para fazer alguma coisa?

Longa pausa e, por fim, a mesma palavra: *rubbish*...

— O que aconteceu? O que você teve de fazer?

— Batizar uma criança.

— Você é um sacerdote? Por que parece não gostar da ideia de batizar uma criança?

Ele repete a palavra de sempre: *rubbish*!

— Por que?

— Não acredito nisso.

— Você não acredita? Que sacerdote estranho é você...

Ele ri, e o doutrinador segue questionando:

— De quem é essa criança?

Ele continua desinteressado de contar a história. Queixa-se de que está com a mente confusa.

— Descobri que a criança... você sabe... A Rainha — diz ele em tom confidencial, como se contasse um segredo terrível — a Rainha não quer que eu batize a criança. Ela quer que eu a faça desaparecer.

— A Rainha Victória? Ela pediu a você para fazer isso? Que criança é essa? Quem é a mãe dela?

— Uma dama de companhia.

— Foi ela quem lhe disse o que fazer com a criança?

— Sim. Ela me disse assim: “A Rainha quer que o senhor preste esse serviço a ela. A Rainha mandou-lhe este dinheiro”. E disse: “A Rainha diz que está criança não pode.. ” (viver?) (Pausa) Oh... isto tudo...

— Mas o que você fez?

— Sabe, eu... bem... Eu sufoquei a criança.

— Você fez isso? E depois...

— Coloquei-a numa cesta e joguei-a no canal que vai dar no rio Tâmis.

— Estou muito admirado de que a Rainha tenha pedido a você para fazer isso. Você tem certeza de que foi ela quem mandou?

A moça *disse* que a Rainha mandou. Ela trouxe o dinheiro e trouxe o selo real, por isso pensei que foi a Rainha que mandou.

— Mas quem é a mãe da criança? A moça que a trouxe?



— Sim.

— E o pai?

— É um membro do Conselho (de Ministros).

— Você sabe quem é?

— Não. Não lhe perguntei.

— E depois disso o que aconteceu?

— Depois daquilo eu tive de fazer um sermão na igreja. Abri, então, o Livro (a Bíblia) e li: “Não matarás!”

— E você pregou um sermão sobre esse tema?

— Sim. E eu disse que às vezes temos de matar, em nome de Deus. Sabe, tive aí um problema de consciência, mas eu queria o dinheiro...

— Era muito dinheiro?

— Quem é você? — pergunta ele, já desconfiado com tantas perguntas.

— Sou apenas um amigo.

— Amigo? Então eu o conheço?

— Talvez.

— Não o conheço! Você não é meu amigo. (Pausa). De nada vale a religião.

— Mas, então, por que você se tornou um religioso?

— Eu tinha de ser.

— Como profissão?

— Eu tinha de ser. Tive de fugir. Fugir de minha terra.

— Você foi infeliz lá?

— Ora, não me pergunte...

— Por favor, vamos em frente. Conte tudo.

— Canterbury.<sup>(2)</sup>

— Por que você teve de fugir? Você cometeu lá algum erro grave, algum crime ou coisa assim?

— Eu... Ora, deixa isso pra lá. Sinto como se algo estivesse prendendo minha língua. Não posso falar...

— Não. Não há nada prendendo a sua língua. Você pode falar perfeitamente. Vamos, por favor.

— Juliet — diz ele. Uma menina... Eu a usei. Ela tinha apenas cinco anos, sabe?

— Cinco? *Cinco* anos de idade?

— É. Acharam que eu era um tarado.

— E você, quantos anos tinha?

— Vinte e cinco.

— E por isso você se tornou um sacerdote?

— Ninguém sabe que não sou um sacerdote de verdade. Não tive nenhuma iniciação. Eu queria apenas um lugar para esconder-me.

— Mas você se tornou mesmo um sacerdote?

— Eles me fizeram sacerdote. Eu tinha de fazer todo o trabalho sujo ali. Você sabe... Todos aqueles nobres, até mesmo sacerdotes, você sabe... E me diziam: “Isso não tem nada a ver com...” (religião?). Mesmo porque eu não creio em nada disso. Deus é apenas um nome. Só os tolos acreditam.

— E você? Tornou-se um velho ou morreu jovem? O que aconteceu?

— Fui assassinado.

— Como foi isso?

— Sabe, eu tinha minha predileção por meninas... doze, treze, quatorze anos. E um dia o pai de uma delas me matou.

— E então? O que aconteceu com a sua alma, seu espírito?

— Alma? Espírito?

— Você não acredita nisso também?

— Não. Acredito no corpo e nos prazeres do corpo.

— Como é que você foi assassinado e está falando comigo agora?

A pergunta, obviamente, pega-o de surpresa.

— É mesmo! Não havia pensado nisso...

Na pausa que se segue ele parece adaptar-se a esta nova e sensacional ideia de que continua vivo depois de “morto”. Sua reação, afinal, é de alegria. Ri de satisfação.

— Puff! Está brincando... Então, ele apenas pensou que me matou!

— É o que você acha, então? E onde está você agora enquanto fala comigo?

Ele está realmente perplexo. Contempla as mãos da médium, olha em volta de si.

— Eu *estava* em algum lugar. Eu estava sentado ali vendo todas essas coisas. Agora não sei mais... Estou aqui. O que aconteceu comigo? Por que... Ei!... Que lugar é este? (Longas e perplexas pausas) Eu não deveria ter me descoberto assim... (Longo silêncio).

Nesse ponto o doutrinador tenta trazê-lo para o seu contexto atual e lhe pergunta o que acha ele de tudo aquilo e se está entendendo melhor as coisas agora. Ele assume sua postura normal e parece despertado, embora não o esteja, como veremos a seguir.

— Deixe-me dizer-lhe então. Isto significa que você é um espírito imortal, responsável pelas suas faltas, por seus atos bons ou maus. Que você necessita do perdão divino, mas não apenas isso: que você precisa refazer os seus passos...

— Lembro-me agora... Os demônios... os demônios vieram... Gente correndo atrás de mim, armados de paus a me baterem... E gritavam: “Assassino! Tarado!” E eu corria e corria e não tinha onde esconder-me.

— Sim, mas afinal você encontrou um lugar onde esconder-se. Onde foi isso?

— Uma caverna...

— Sim, mas você não está mais lá. Onde você está agora? Alguém tirou você de lá?

— Não sei.

— Onde você estava antes de vir aqui hoje?

— Eu fiquei lá naquela caverna muito tempo, muito tempo... Tinha medo de sair. Um dia uma menina... eu acho que era Juliet, aquela menina, sabe? Ela veio me buscar. Deu-me a mão e me conduziu não sei para onde, mas ela me guiou para fora dali. Não sei... Ela me disse: “Vou levar você para dormir. Vou botar você na cama e você vai dormir. E quando acordar, tudo isso terá passado. Você será outro homem, numa nova vida e então você aprenderá a amar.”

— Essa é a história toda? Como foi, então, que você foi encontrar-se naquela Fraternidade?

— O que? Que Fraternidade?

Isto quer dizer que ele ainda não venceu o espaço de tempo entre aquela vida tenebrosa na Inglaterra vitoriana e o momento presente. Faz uma longa pausa e repete a palavra misteriosa: Fraternidade...

— Você disse que é um pregador que proclama a liberdade do espírito e tem muitos seguidores. Foi o que você me disse.

— Não me lembro...

Apesar de aparentemente despertado, ainda se conserva preso às memórias da vida na Inglaterra. O doutrinador lhe transmite, então, a sugestão necessária para trazê-lo de volta ao momento em que ali estamos a falar, conservando, porém, todas as lembranças do que acaba de narrar. Só então ele desperta e assume a sua consciência do momento presente.

A primeira reação é de indignação, que procura expressar, novamente em luta com terrível inibição da gagueira, *e novamente em português*:

— Ora, isso não quer dizer nada... Nada!

— Meu caro irmão. Desculpe. Não nos leve a mal. Aceite nosso respeito pela sua dor.

— Eu não tenho dor! Religiões são coisas sem sentido...

— Sim, mas os nossos crimes não são sem sentido, não é? Eles nos seguem através da voz de Deus em nós mesmos.

— Não há crimes. Ninguém pode ficar preso a um passado. Precisa libertar-se, sair da caverna do medo para a liberdade,

compreende? Engraçado... tenho visão clara de vários episódios de minha vida passada, mas não tinha esse fato... Sabe? Eu vou lhe dizer: fui daqueles... numa vida... engraçado! Estou vendo agora! Fui um daqueles homens do Norte (Nórdicos), sabe? que vinham nos barcos... e saqueavam cidades...

— E na Alemanha?

— Alemanha? (Pausa) Eu agora vejo que daí para traz sempre fui um homem... digamos... de ação. Não um homem necessariamente violento. Fui um “Alderman”. Sabe o que é um “Alderman”? [\(3\)](#)

— Onde você vivia? Você era, então, um homem de respeito e merecia a estima da comunidade.

— Eu era um “Alderman” — repete ele. Onde? Não estou conseguindo me lembrar.

— Em que época foi isso? Quem você conheceu lá? Quem era o seu rei?

— Está tudo confuso. Você fala em rei, mas quando fui um Alderman, eu mandei queimar vários... eh, eh, eh... sabe? aqueles... Mandei queimar casas e todas as pessoas que me negavam o imposto que era de direito.

— Meu querido irmão. Não queremos, por favor, que você se deixe levar pelo desalento em face dessas dores tão profundas que traz no seu espírito. Queríamos apenas chamar a sua atenção...

— Que realidade pode ter uma religião, quando o homem precisa é de viver, quando tem de se alimentar, vestir-se e prover a todas as suas necessidades? Se houvesse realmente uma divindade

como querem fazer crer, o homem não precisaria disso. Teria todas as suas necessidades providas e atendidas.

— Você, então, não acredita em Deus. Como que você foi criado? Quem sustenta a chama de sua inteligência? Você não tem amor no coração, meu querido irmão?

Nesse ponto ele leva terrível e inesperado choque ante uma visão que o põe realmente desesperado, a gritar de espanto, de dor, literalmente arrasado.

— Que horror! — consegue dizer, enfim. Não! Não! Que horror! Tirem essas imagens daqui da minha frente! Não! Não pode ser... Que vocês estão fazendo? Por favor, tirem essas imagens da minha frente Nããã! Isso não pode ser verdade! Sabe o que puseram aqui na minha frente? Eu, quando fui um Alderman... (Arrebenta, afinal, o pranto agoniado, terrível, incontrollável, que mal permite que ele fale, mesmo aos arrancos). Quando fui um Alderman — repete — tive uma família e tive uma filha... E agora me mostram que foi esta filha que eu violentei e sacrifiquei aos cinco anos na outra existência! Não! Isto é muito horror! Eu tinha uma vida pervertida na Alemanha e a única coisa sagrada era esta criança. E agora me mostram que ela veio para me despertar o sentimento, para que eu me libertasse e eu a matei! Oh, foi horrível... foi horrível... Eu falhei... Que horror! Que arquivo maldito é este que se revela... ? E sabe o que vejo agora? Aquela outra criança que botei na cesta, tinha sido uma de minhas vítimas do passado. E foi levada para que eu lhe desse proteção, e eu...

O doutrinador interrompe-o na tentativa de fazer parar por um momento que seja aquele dramático relato de horrores, mas ele

prossegue inexorável:

— Que sou eu? Um homem? Um monstro? Ou uma fera selvagem? No que me transformei e como pretendia dirigir almas? Eu, um réprobo! Eu... eu... eu... É para isso que Deus existe? Para criar monstros? Ou será que eu fui uma aberração da criação?

— Nem uma coisa nem outra. Você errou gravemente, como você mesmo está reconhecendo hoje. Isto não quer dizer que você deixou de ser um filho de Deus. Não quer dizer que não tenha oportunidades de recuperação, mas é claro, meu querido, se você insiste em permanecer no erro, quando é que vai começar a reconstruir a sua vida?

— Você acabou comigo! Você vibrou-me um golpe por baixo, tirou-me dos pés o chão. Você sabe o que eu fiz? Eu estava com todas as antenas de lá ligadas aqui para me ouvirem e você fez com que essas coisas fossem reveladas. (Pausa) Diga-me uma coisa: que posso eu querer de um Deus que me permitiu fazer o que fiz? Como posso crer num Deus que cria monstros como eu? Eu escarneço mesmo, eu zombo, eu o destruo. Porque essa imagem... não pode, não...

— Deus cometeu os erros por você? Você pode fazer o bem também; por que não o faz? A opção é sua, você é o pregador da liberdade, meu querido irmão. E eis aí a liberdade de agir. Você teve exemplos dramáticos disso nas suas vidas. Você recebeu espíritos para proteger, para amar, para encaminhar e trucidou-lhes os corpos.

— Mas a culpa não foi minha porque se você manda uma criança para uma fera, sem antes ter-lhe cortado as garras e



arrancado os dentes, que você quer senão que ela seja destruída? Por que as mandaram? Por que? Se Deus me conhece, se Deus sabia, por que não me cortou as garras?

— Escuta: Deus não vai lhe arrancar à força do local onde você se encontra agora. Você terá que sair de lá por seus próprios pés. Você *quer* sair?

— Não. Quero ficar. Não há lugar para mim. E o pior é que você me tirou de lá o lugar. Agora terei que voltar para outra caverna e meter-me lá, até quando?

— Não, meu querido. Isso não é verdadeiro. Você não precisa voltar para caverna alguma. Vamos propor uma coisa. Em primeiro lugar: dê-nos uma oportunidade de lhe ajudar. Fique conosco algum tempo, procure tranquilizar-se, meditar sobre tudo isso para que você possa resolver com calma (o que tem a fazer).

— O que vocês fizeram comigo? De repente, é como se... Não sei... eu... Não sei o que vocês fizeram comigo! Vocês me prenderam...

Nesse ponto, o querido irmão é adormecido e retirado.

As lições que esse terrível episódio deixou conosco são dramáticas, e inesquecíveis. Em primeiro lugar, na reiteração do sutil e complexo mecanismo da fuga: para tornar tolerável a convivência consigo mesmo, o espírito como que lacra num compartimento indevassável da memória a lembrança dos crimes mais hediondos que tenha cometido. Isto é conseguido, usualmente, por hábeis manipuladores da hipnose que criam bloqueios de difícil remoção em torno de lembranças penosas como aquelas.

Tais infelizes são recolhidos como verdadeiros farrapos humanos nos mais escusos porões da espiritualidade e trazidos para organizações como aquela de que cuidávamos no momento, onde os réprobos de muitos crimes se reúnem acovardados perante a enormidade de seus erros e assustados ante a perspectiva do resgate que os aguarda inexoravelmente. Ali todos encontram uma filosofia de vida que consiste basicamente em ignorar o passado e convencer o homem de que, tendo em si uma centelha divina — o que é verdadeiro — ele é também um deus e que, portanto, não precisa nem do próprio Deus, quanto mais do Cristo, para ajudá-lo nas dificuldades da redenção espiritual.

Outro aspecto importante aqui: o bloqueio da memória neste caso fora tão bem elaborado que ele próprio confessa que embora com acesso a lembranças de tantas vidas, nada sabia daquela durante a qual mais hediondo fora o seu erro. Ficou-nos disso um veemente indício, de vez que foi preciso mergulhá-lo tão fundo nas memórias daquela vida trágica que ele somente soube expressar-se na língua que então foi a sua — o inglês, que, felizmente, conheciam tanto médium quanto doutrinador.

Ainda um pormenor cujas amplas implicações se percebe de seus comentários finais. Notáramos a eloquência, a veemência com que se expressava. Parecia falar a uma atenta plateia cativa e de fato o fazia, porque por um processo que às vezes empregam nossos orientadores espirituais, o diálogo manifestante/doutrinador estava como que sendo “retransmitido” para a instituição a que o Espírito pertencia. Isto acontece usualmente quando o Espírito que comparece aos nossos trabalhos vem tão convicto de que vai sair-se

bem do contato conosco que deseja que seus companheiros e subalternos assistam ao vivo sua “vitória” sobre os “adversários”. Por isso, mantêm-se ligados ao grupo que, ao mesmo tempo, procura proporcionar-lhe “cobertura” e apoio moral. E assim, o dispositivo montado para transmitir o espetáculo de arrasadora batalha verbal, da qual o emissário das sombras voltaria coberto de glórias, converte-se no próprio instrumento do que eles entendem como sua perdição.

Uma observação final: não ficou bem claro para nós o papel do nosso caro irmão no seio da Igreja da Inglaterra naquela época. Diz ele que “fizeram-no sacerdote”, mas ao mesmo tempo declara que não foi “iniciado”. Parece querer dizer que não fora regularmente “ordenado”, mas que exercia ali algumas funções sacerdotais, pois até pregava. Deixa entender ainda que era utilizado em certas tarefas escusas por nobres e sacerdotes pouco escrupulosos que sabiam, por certo, da sua própria ausência de escrúpulos. Tudo isso, afinal de contas, com trágica consequência da sua total descrença em Deus e da ausência do amor em seu coração empedernido. É impressionante a minuciosa frieza com que narra suas escabrosas aventuras, tanto quanto foi dramática a explosão do seu desespero ao acordar para aquela realidade quase insuportável das suas angústias até então aprisionadas nos subterrâneos mais profundos da memória.

E, por fim, a reiteração de um constante ensinamento: o de que a misericórdia de Deus é infinitamente maior do que a enormidade de nossos crimes e de que o Cristo vai *mesmo* buscar a ovelha extraviada, onde quer que esteja, sejam quais forem suas condições,

tão logo ouça à distância, o balido aflito do ser que se perdeu no espinheiro e quer voltar e não sabe por onde...

NOTAS:

### 1 - *VICTORIA*

Rainha da Inglaterra de 1837 a 1901, nasceu em 24 de maio de 1819, filha única de Edward, Duque de Kent, quarto filho do Rei George III. Tal como Elizabeth I, ainda que em diferente conjunto de circunstâncias, eram remotas suas chances de tornar-se rainha, de vez que na rígida escala de precedência, muita gente havia entre ela e o trono, mas foi o que aconteceu. Governou a Inglaterra e a Irlanda, suas colônias e possessões durante 64 anos, até o primeiro ano do século XX.

Apesar de coroada com apenas 18 anos de idade e ser uma jovem relativamente inexperiente e até modesta, no meio de toda aquela pompa, Victória soube ser rainha desde os primeiros atos até o último suspiro.

Casou-se em 1840 com o Príncipe Albert, a quem *ela* pediu em casamento em outubro do ano anterior. Amaram-se ternamente, mas nunca houve dúvida de que ela era a rainha. Da mesma idade que ela, Albert morreu em 1861, deixando-a viúva aos 42 anos de idade, com 9 filhos e ainda 40 anos de vida e saudade intensa.

Seu reinado foi o mais longo da História da Inglaterra. A Britânica informa com singela eloquência que ela “restaurou a dignidade e a popularidade a uma deslustrada coroa, proeza tanto de caráter quanto de longevidade”.

Ainda que os historiadores possam divergir quanto à sua

acuidade política, ninguém jamais questionou “seu elevado senso de dever como esposa, mãe e rainha, ou sua transparente honestidade e a sólida simplicidade de seu real caráter”.

Não há como atribuir-lhe o escuso episódio relatado pelo Espírito de que ela, a rainha, tenha mandado pedir-lhe o sacrifício do recém-nascido. Obviamente o nome da rainha foi usado indevidamente e ele sabia disso.

## 2 — *CANTERBURY*

É o nome de uma cidade e respectivo condado em Kent, na Inglaterra, a 55 milhas (cerca de 90 quilômetros) de Londres e a 16 milhas de Dover.

A região é muito bonita e sua história rica e antiga, dado que escavações ali feitas revelaram vestígios de uma comunidade cerca de 200 anos antes do Cristo.

Muitos vultos importantes da História da Inglaterra ali viveram. Em Canterbury está uma das mais famosas catedrais inglesas, cujas origens remontam à missão do Santo Agostinho ali enviado pelo Papa Gregório I em 597.

## 3 — *ALDERMAN*

Nas suas origens, a palavra significa “o mais velho”, pois nas antigas comunidades certas funções — especialmente as de aconselhamento — eram reservadas às pessoas mais idosas, nas quais se presumia maior saber, experiência e serenidade.

No contexto dos povos de língua inglesa, o termo identifica o membro do corpo legislativo nos municípios, ou seja, algo correspondente ao vereador no Brasil.

Entre os anglo-saxões mais antigos (alemães, inclusive, é

claro), assim eram conhecidos os condes, governadores de províncias e outras pessoas de *status* semelhante. Posteriormente o título passou a ser aplicado ao principal magistrado de uma comunidade (vila, cidade, condado) ou de um pequeno grupo delas na região, onde exercia o Alderman sua autoridade em nome do rei ou de um príncipe local.

É neste sentido, que parece ser utilizado pelo nosso companheiro, cuja história ficou relatada páginas atrás, pois cabia-lhe até o poder de tributar, além do poder maior de vida e morte.

**NAIM VIU A LUZ E PREFERIU A TREVA**

Naquela noite de 29 de setembro manifestou-se, pela segunda vez, um dos integrantes de novo núcleo espiritual que nos reservava dramáticas surpresas, profundas emoções e lições inesquecíveis. Na semana anterior não tivêramos oportunidade de entendimento mais amplo, porque parte considerável do tempo fora consumida com a irmã espiritual que o antecederá. O Grupo do qual ele fazia parte não era composto de espíritos maldosos, agressivos e essencialmente perturbados, embora às vezes bastante veementes na exposição de suas idéias. Eram extremamente cultos e inteligentes, dotados de boa agilidade mental e de impressionante habilidade na manipulação da palavra. Incumbiam-se, segundo apuramos, da tarefa de trazer para os meios espíritas menos vigilantes novos conceitos e maneiras de apresentar o Espiritismo, cujas estruturas e práticas julgavam obsoletas e necessitadas de ampla reformulação.

Essa, contudo, era apenas uma tarefa particular, específica, dentro de um plano geral bem mais vasto, como viemos a descobrir mais tarde. Em verdade, nossos queridos irmãos mantinham uma espécie de Universidade do espaço, na qual mestres de muito saber filosófico e científico ministravam cursos, faziam conferências, cultivavam a própria mente, desenvolviam teorias, reexaminavam os

velhos problemas humanos de todos os tempos. Afora uma equipe de servidores menores que se incumbia de afazeres mais prosaicos — contatos, segurança, execução de tarefas previamente estudadas e decididas pelos dirigentes — dedicavam-se os demais ao culto da mente, da inteligência. Segundo teríamos oportunidade de apurar, os líderes dessa estranha comunidade eram remanescentes da Grécia Antiga: filósofos, escritores, artistas, pensadores, cientistas, poetas, cristalizados todos numa cômoda e trágica postura mental que os mantinha no contexto de sofisticado materialismo teórico, ainda que conscientes da condição espiritual de cada um dos seus componentes.

O companheiro daquela noite, por exemplo, era um tremendo argumentador, senhor de lúcida dialética, brilhante, seguro, um tanto impaciente ante as nossas posições que considerava retrógradas e superadas. Começou queixando-se do próprio mecanismo da mediunidade que considerava um método primitivo de comunicação. Como o doutrinador cortezmente agradeceu a sua presença ali em nosso modesto grupo, ele retrucou prontamente que não tínhamos nada que agradecer e sim pedir desculpas por submetê-lo àquele verdadeiro vexame, mesmo porque estava ali muito a contragosto, pois éramos um “espinho na carne”, uma pedra no sapato de sua comunidade. Somente mais tarde na conversa, veríamos a descobrir por que razão, logo de início, empregou essa expressão tipicamente pauliniana: o espinho na carne. No decorrer do nosso diálogo — quase um monólogo a despeito dos esforços do doutrinador — ele revelou verdadeira fixação na personalidade de Paulo de Tarso.



Sim, reiterava ele, os nossos métodos eram primitivos. Estávamos como que empregando carro de bois, quando já havia aparelhos supersônicos. Vinha mais para colher observações que instruísem as decisões que certamente tomariam contra nós. O Planejador, aliás, já estava trabalhando no assunto. E outra coisa: não tinham o menor interesse em se envolverem conosco. O envolvimento resultara de um risco calculado a que resolveram expor-se ao oferecerem ajuda a outro grupo, junto ao qual estivéramos trabalhando. Embora não o confessasse, naturalmente esperavam resolver com presteza e eficácia a dificuldade e retomarem suas tarefas normais. Infelizmente para eles, os acontecimentos tomaram rumo inesperado e eles se viram envolvidos conosco. Lamentavam sinceramente o ocorrido, porque não eram homens de ação e sim intelectuais. Quanto à sua presença ali, fora também de certa forma imprevista, pois viera apenas para acompanhar e assessorar alguém — não estando programado para falar-nos. Nada tinha contra o doutrinador e não desejava nenhuma questão com ele. Demonstrava, contudo, certa apreensão quanto ao desenrolar do diálogo.

— Você — diz ele ao doutrinador — usa a palavra como uma arma. E como você maneja bem essa arma!

Achava ele que aquela voz pausada e inalterável ia abrindo caminho, penetrando sorratamente. Declarou, com honestidade, que não tinha rancor algum — apenas divergia no campo das ideias, ou melhor ainda, dos métodos. Apelava para o mútuo respeito e propunha que cada um seguisse seu caminho. (Aliás, nem deveria estar ali porque tinha outro compromisso para aquela noite).

Achava que mesmo o Cristo fizera algo parecido: veio, pregou, mostrou o caminho e “foi embora”. Nunca exigiu de ninguém que o seguisse. Não exigiu nem mesmo fidelidade, pois admitiu a traição de Judas e a negação de Pedro! E mais: não chamou ninguém para ouvi-lo. Ia quem assim o desejasse. Seguia-o quem quisesse.

Nesse ponto, atacou o velho e persistente problema da culpa, tema quase inevitável em todos estes veementes diálogos. A mesma doutrina de sempre, exposta, contudo, com o seu incrível poder verbal e sua fascinante dialética. O sentimento de culpa enfraquece e paralisa o indivíduo, pois em vez de franquear à pessoa o uso da sua liberdade, põe-lhe a canga ao pescoço. Veja-se, por exemplo, o caso de Pedro. Negou a Jesus três vezes e, no entanto, o Cristo fez dele um pilar na difusão do seu pensamento, em vez de ficar a lembrar-lhe a culpa. Do contrário, Pedro ficaria a lamentar-se e nada teria feito.

— Errei, sim — teria pensado — mas vou em frente!

Enquanto isso, nós, espíritas, fazemos do carma um grilhão que prende a uma bola de ferro pelos pés e impede de caminhar. Não sua opinião, o Cristo não libertou ninguém — limitou-se a mostrar o caminho. Quem quisesse que o seguisse. Não que ele tivesse algo contra o Cristo. Não.

Outro exemplo: o de Paulo. Paulo era um homem terrível. Declara tê-lo conhecido muito bem. Terrível, repete. Rancoroso, cruel, incapaz de dobrar-se ante a compaixão. Quando, ainda como Saulo, perseguiu os cristãos, não hesitou em recorrer a métodos de extrema crueldade, o que é verdadeiro.

— Segundo a sua teoria — diz ele ao doutrinador — Paulo

ficaria ali, parado a pensar: “Matei cristãos, falei mal do Nazareno. Como posso agora pregar a sua doutrina?” Nada disso — teve que ignorar tudo e seguir em frente!

Atacaram-no na sinagoga porque sabiam com quem estavam lidando. E no entanto, foi o primeiro pregador do Cristianismo,

— Onde fica a sua teoria da culpa? — pergunta ele, vitorioso, ao doutrinador. \_

E prossegue: quando Paulo retornou a Jerusalém, já convertido, foi recebido com as maiores desconfianças e reservas pelos seguidores de Jesus. Viu-se preliminarmente recusado, mas afinal de contas, era um doutor da Lei, orador notável, grande manipulador da palavra. Quando começou a trabalhar, quis logo a tribuna, a pregação. Quanto à assistência social, Pedro que cuidasse dela, pois, na sua opinião a caridade “alimenta a inércia”.

Embora com uma ou outra deformação evidentemente tendenciosa e proposital, observamos que o Espírito manifestante está bem familiarizado com homens e eventos daquela época. Identificamos, também, nele, uma curiosa fixação na figura de Paulo.

Após os exemplos com os quais ilustrou seu raciocínio, prosseguiu na exposição de suas ideias. Considera-se um cultor da mente; é o intelecto, a seu ver, que imprime direção ao ser humano.

— O coração — acrescenta enfático — é apenas uma válvula hidráulica destinada a fazer circular o sangue. Só. Para que atribuir-lhe sentimentos?

Entendia que, se o coração fosse a sede da emoção, os doentes mentais deveriam ser criaturas maravilhosas, pacíficas, doces, boas,

pois, uma vez danificado e bloqueado o cérebro, o domínio do coração seria inquestionável. E, no entanto, são agressivos, e até maus. “Sem a mente — insiste — o homem é um mero monte de carne!” Por isso combatia o sentimentalismo, que, a seu ver, prejudica o desenvolvimento dos aspectos científicos do Espiritismo. Diz mesmo já haver conseguido excluir muita fantasia da cabeça de muitos. Reuniões baseadas na fé, podem ser bonitas, mas não são *inteligentes*. No exercício da mediunidade, o ser fica apassivo, sujeito a *vibrações negativas*. Admite até mesmo a fé, que não será prejudicial, se for *inteligente*. Quanto ao doutrinador, tem-lhe até alguma simpatia pessoal — para não dizer piedade — lembra um Dom Quixote romântico e anacrônico em pleno século 20. Um horror! Quando “Dom Quixote” propõe orar, ele faz um apelo para que não faça uma prece-petição: que seja ela uma força.

— Devo, então, dar ordens a Deus? — é a pergunta. Por que você não ora, você mesmo, para a gente ver como é a sua prece-força?

Recusa-se. Oramos e, em seguida, damos início à indução magnética, visando à regressão da memória. Dentro de alguns momentos ele se queixa de calor. Como estamos em uma sala refrigerada, não é difícil depreender que ele começa a mergulhar em um contexto diferente. Ainda reage, porém, à indução e resiste ao aprofundamento da magnetização, mas é evidente que vai cedendo e inexoravelmente. Ele próprio o admite, ao dizer que o doutrinador o está dominando através do instrumento mediúnico. Esta, aliás, é uma observação até certo ponto aceitável, pois, seria muito difícil, senão impraticável, magnetizá-lo senão incorporado ao médium.

Não, porém, que haja *domínio*, sujeição, imposição.

— Você me domina através dela — diz ele com a voz sonolenta.

Em seguida, mergulha, afinal, no passado e começa a revivê-lo:

— Preciso preparar-me — diz.

— Preparar o quê?

— Minhas lições.

— O que você está estudando?

— Os textos sagrados.

— Que Escola você frequenta?

— Sai daí, bicho! (Parece escorraçar um animal. Cão? E comenta:) Estou impaciente hoje, muito impaciente. Não vou conseguir este lugar.

— Ah! você está estudando, então, para obter um lugar?

— Claro!

— Onde é esse cargo?

— No templo... Onde mais você pensa? No templo.

— Você é, então, um sacerdote?

— Não sou um sacerdote — quero ser. Quero ser um doutor da Lei.

— É um templo da Lei Moisaica, então? Da Lei Antiga?

— Claro! — diz ele ainda mais impaciente. O que você pensa que é?

— E onde você vive?

— Onde é que você está que não sabe das coisas?

— Desculpe. Preciso perguntar para poder lhe ajudar. É em

Jerusalém?

— Isso mesmo...— diz com evidente má vontade. E hoje tem um debate. Com aquele *pre-sun-ço-so*...! Com aquele... Esse presunçoso que acha que só porque ele tem parente lá ele vai conseguir o lugar. Aliás, não deveria ser permitido isso: um deixar o lugar para outro.

— Mas de quem você está falando? Não estou entendendo.

— Ora! Você não sabe de quem? Esse frangote aí, de quem todo mundo fala porquê...

— Mas você quer ser o que? Quer ser o Sumo Sacerdote?

Ele deve estar impressionado ante a ignorância do perguntador.

— Quero o meu direito de defender a lei, ter um lugar entre os doutores!

— Sim, mas você não me disse quem é o jovem. Você está se preparando para debater com ele, não é?

— É. Não gosto dele. Não gosto, porque ele é muito presunçoso.

— Mas você tem receio de dizer o nome dele?

— Não. Mas pra que? Você pode ser amigo dele... Não quero confusões porque não confio nele.

— O debate é só entre vocês dois?

— Não, não. Tem lá os outros, os sacerdotes, os doutores, os conhecedores.

— Vão examinar vocês? Há mais de um candidato?

— Tem eu, tem ele... O que é um estudante, que é um candidato? você parece que não conhece as coisas! Tem que

conhecer bem os textos.

— Se conseguir passar nesse exame o que você vai ser? Qual a posição que vai ter?

— Vou ser admitido ao Conselho de sacerdotes.

— Ao Sinédrio?(1)

— Claro que é! Claro que é o Sinédrio! Onde mais você pode exercer o poder, pode defender a lei, pode conhecer os textos? Onde mais?

— Mas você já tem idade suficiente para isso?

— Tenho vinte e quatro anos.

— Vinte e quatro anos e já está ambicionando o Sinédrio?

— Já estou sim.

Com quem você estudou? Qual o seu Mestre?

Tem vários mestres aí.

Diga o nome de um deles.

— Não vou dizer nada. Por que você está me... me... inquirindo? Quem é você? Por que não posso?

— Pode sim. Claro. E esse companheiro é também daí de Jerusalém?

— É, ele é daqui... (E noutro tom:) Olha, não me interessa... Não vou pesquisar a vida de ninguém. Me deixa. A gente não é... Você não conhece as leis. Você não é logo admitido ao templo, mas pode participar, ter credenciais...

— Mas não tenho conhecimento de um sacerdote tão jovem participando do Sinédrio.

— Sou jovem. Não sou um sacerdote ainda! — diz ele num

crescendo de impaciência e mau humor. Sou um estudante da lei.

— Sim, mas você com vinte e quatro anos está mencionando o Sinédrio!

— Mas, meu amigo, se eu não fizer os contatos, não fizer as amizades, não impressionar com o meu saber, não poderei mais tarde... Isso é uma coisa de tradição. Você não chega num dia e toma o lugar. Você tem de chegar lá e eles lhe observam. Você fica sendo observado sempre. E é chamado quando tem as questões. É chamado a opinar e eles observam como você está agindo.

— E você também estuda com Gamaliel?

Pausa, e noutro tom, algo mais brando, respeitoso e até admirado:

— Você o conhece?

— Sim. Claro. Quem não conhece Gamaliel? <sup>(2)</sup>

Silêncio mais prolongado. Parece meditar. E inteiramente mudado:

— Ele é um senhor respeitável! É venerável! Ele é venerável! Mas é ele, é justamente ele que tem um parente e eu não tenho parente lá dentro...

— Mas isso não tem importância. Se você souber direitinho os textos não precisa de parentes, não é?

— Mas é difícil conseguir lugar lá. Tem que esperar a vida inteira. Até que vague um lugar.

— Esse outro rapaz é que é parente dele?

— É. Estuda com ele e com os outros.

— Então você o conhece há muito tempo...



— Ele é muito brilhante!

— E de onde ele é?

— Você sabe de onde ele é, não sabe? Não quero dizer, mais agora está aí... Não importa. Não importa onde ele tenha nascido. Não importa que ele seja meio grego...

— ... meio romano...

— ... meio romano. Não importa. Ele é um oportunista.

— Mas ele não pertence à raça judaica legítima?

— Sim, é da raça, mas é um estrangeiro. Não nasceu aqui. Eu teria mais direito: nasci e me criei aqui. Fui alimentado aqui. Fui ungido no templo, quando era pequeno.

— Sim, meu querido, mas a disputa é pelo valor intelectual, não é pelo direito de nascimento. Você pode provar o seu valor. Mas... Como é que você se chama?

— Naim.

— Naim, vamos, então, para frente, para que você me diga o que aconteceu depois disso.

— Mais para frente? Para onde?

— No tempo. O que se passou depois disso.

— Depois disso?

Outra pergunta “cretina”. Como pode alguém saber do que passou *depois* daquele momento que está *vivendo*? Ele está evidentemente algo aturdido. Apesar do absurdo da situação, acaba entendendo a pergunta e, após uma pausa, prossegue:

— Ora! Depois disso... Ora! quem que estivesse em Jerusalém não saberia do que se passou? Todos sabem. Aquele Carpinteiro...

Aquele Carpinteiro que agitou a placidez das nossas cidades, do nosso povo... Aquele Carpinteiro maldito! Eu o abomino...!

— Você o conhece pessoalmente?

— Conheço os efeitos da maléfica presença dele.

— Você já o ouviu pregar!

— Fui uma vez a uma praça porque eu queria saber usar os termos dele para combatê-lo, mas ele me... Mas ele carregou consigo a minha velha mãe. Ele a enlouqueceu.

— E porque ela foi procurá-lo? Ela estava doente ou com algum problema?

— Coisas de velhice... Ela disse que tinha visões. Via um jovem que chamava por ela e pedia que ela O procurasse. Que “ele” era o Enviado (Messias)... Ora! Onde já se viu um Enviado que não vai nascer no nosso seio?

— Você então, tornou-se um sacerdote?

— Tornei-me um sacerdote menor.

— E aquele outro companheiro com o qual você disputou?

Como foi aquela história?

— Bom... Há males que vêm para bem. O Carpinteiro me causou um grande pesar, me levou a velha mãe. Ela reuniu os nossos haveres, distribuiu-os e foi embora. E eu ainda tive que dizer que ela havia partido para a casa de parentes, porque não podia... Você sabe, eu deveria denunciá-la, mas não podia denunciar minha própria mãe! Corria o risco de perder tudo, ser excomungado, ser expulso. Mas, depois... depois que passou um tempo, eu disse que recebi uma carta contando que ela havia morrido lá. Mas esse

maldito Carpinteiro por um lado me beneficiou, porque depois desse jovem estar já prestes a assumir, ou já havia assumido, não sei... Um dia ele foi em viagem e parece que... Ele tomou muito sol na cabeça compreende? Pelo menos foi isso que disseram os criados que voltaram... (Os que foram com ele, cameleiros...) Que ele tinha tomado sol na cabeça. Você não sabe o que é o sol daqui do deserto!... Pode enlouquecer, pode cegar...! E parece que ele teve uma miragem e na miragem, ele... não sei. Naturalmente... Porque o sol naquela areia e o reflexo podem cegar uma pessoa... Você já andou por ali? A gente sempre usa protetores nos olhos. E ele parece que não usou nada. Ele ficou doente e depois parece que enlouqueceu e acabou virando-se para o lado...

— Do Carpinteiro.

— Exatamente. E isso foi bom para mim, porque então, eu assumi o lugar que lhe estava reservado...

— Sim, mas de qualquer maneira você tinha condições...

— Sim, mas eu não tinha influência. Você não sabe o que é isto aqui! É uma casta terrível. *Terrível!* Se você é de uma família de sacerdotes, isso influencia... Eu não era.

— E você foi, então, escolhido para o Sinédrio?

— Fui. Eu também sou brilhante.

— E que notícia você me dá de Gamaliel, seu mestre? O que aconteceu com ele?

— Coitado... O velhinho... Não vou dizer o que aconteceu, porque eu o respeito muito. Sei que ele... ele estava muito velho, você sabe. Ele foi embora... Quando poderia, na velhice colher todos os louros... Ele era muito respeitado!

— Mas você não' está dizendo o principal. É que ele também aceitou...

— Não, não! Ele não faria isso! Aquilo é coisa de... Isso é da idade! Velhice, senilidade...

— E no Sinédrio? O que você fez lá de importante?

— Meu amigo! — exclama ele com evidente desdém.

— Você estava lá quando o Carpinteiro foi trazido a julgamento?

— Não. Isso foi antes de eu assumir.

— Mas você o teria condenado também?

E ele muito enfático e com presteza:

— Claro! Eu teria... Eu participei de debates. Não estou dizendo que fui assisti-lo numa praça pública? Foi para poder usar as palavras.

— E o que foi que ele falou naquele dia em que você foi ouvi-lo?

— Ora, ele estava dizendo que podia curar, e que o Pai o enviava. Ora! Onde já se viu isso? Um simples mortal! Não pode! Temos que cortar esta praga pela raiz, porque isto se enraíza por Israel inteira. Não é só Jerusalém — é Israel. Compreende?

— E sua mãe? Você teve notícias dela depois?

— Não. Eu não podia procurá-la? Poderia? E a minha posição? E o meu cargo?

— Claro. Mas ela nunca mais lhe procurou?

— Não. Nem ela faria isso.

— Então você não teve mais notícia alguma dela?

— Ela morreu para nós. Não quis saber! (E já irritado:) Não poderia! Como é que eu poderia procurar uma aproximação? Ia botar por terra tudo que eu almejava. Não, meu amigo. Essas coisas, não. Foi uma escolha que ela fez. Eu ainda fui muito bom em não denunciá-la...

— Você tinha outros irmãos?

— Não. Éramos só eu e ela. Meu pai já havia morrido.

— Meu querido Naim. Vamos para frente. Foi uma vida muito longa?

— Foi longa... longa. Eu vi a volta dele. E então fizemos um processo para ele.

— Como assim? A volta? Como?

— Claro! Para o Saulo! Eu participei. Fizemos um processo... Porque se ele tivesse admitido a loucura, ou se tivesse admitido a influência de um demônio qualquer, ele teria sido salvo. Mas ele, não... Aquela boca maldita que falava... Ele falava *muito bem!* Você não sabe como ele fala!

Mas ele não foi executado. Por que?

— Não. Não foi. Ora, não foi por causa dos conchavos políticos. Ele tinha influência, tinha amigos...

— Ele foi para Roma. ..

— Foi, mas depois que ele voltou, não. Ainda ficou preso... Depois eu não me interessei mais por ele, porque eu queria defender a causa ... A causa nossa.

— E você foi falar com ele?

— Fui à prisão.

— Sobre o que vocês conversaram? Você foi fazer algum apelo?

— Me disseram que, como tínhamos sido jovens juntos, que eu talvez pudesse ajudá-lo.

— E o que foi que ele lhe disse?

— Ele . . . foi um espetáculo lamentável! *Lamentável*... Ele era um rapaz elegante, que se trajava bem, muito altivo... E estava outro... A mesma altivez! Mas diferente... Não a altivez com orgulho, mas aquela altivez... Não sei lhe dizer...

— Mas o que foi que ele disse a você?

— Ele disse pra mim que fora cego e agora via. E que eu continuava cego.

— Você não entendeu aquilo, não é?

— Entendi que era loucura dentro dele. Só podia ser!

— Naim, vamos, então, mais para frente a ver como terminou essa existência aí. Você como sacerdote, membro do Sinédrio, respeitado. Vamos em frente...

— Respeitado, sim. *Respeitado*... Eu queria muito isso.

— Vamos em frente?

— Em frente para onde, meu amigo?

— Para o mundo espiritual, onde você compareceu como Espírito, não como sacerdote encarnado. Você sabe disso. Como você foi recebido depois da sua morte?

Pausa. Parece consultar os arquivos e depois retoma a palavra algo hesitante:

— Eu tive... eu tive... Eu encontrei a minha mãe, mas ela...

Estava linda! Estava jovem! Usava uma túnica linda azul, à moda das mulheres... Você sabe como as mulheres usavam... Aquela túnica, linda, que se prendia à cabeça e descia pelos ombros.

— E que foi que ela disse a você?

— Ela estava triste. Ela disse: “Meu filho, você viu a luz e preferiu as trevas”. E eu não entendia e perguntei: “Como, minha mãe? O Talmud era a luz, A Lei era a luz. A Lei, os profetas.” E ela disse: “Mas veio *um profeta que era a luz* e este você não aceitou”.

— E então? O que você resolveu fazer?

— Bom. Eu, então, pensei que ela fosse ficar comigo, mas ela disse que não podia. Que só tinha podido me dar aquela palavra. E eu disse: “Minha mãe, você não está no seio de Abraão?” Ela disse! “Meu filho o seio de Abraão não existe. Não há seio de Abraão”. Ela falou de coisas que eu não entendia. Ela falou de mundos, de esferas, de... E eu não entendia isso. Não sei o que ela quer dizer. Sei que ela saiu caminhando e, de repente, era como se ela subisse por uma escada que eu não via. E aí, depois que ela saiu, foi uma coisa terrível. Eu comecei... Fiquei no escuro. Ouvia gritos. Comecei a ver... Oh... tanto sangue! Tantas cabeças cortadas... E eu estava com uma espada, mas nunca cortei cabeça de ninguém! Mas eu via a espada na minha mão. As pessoas se ajoelhavam e diziam: “Sou cristão”. E eu passava a espada... Coisa horrível! Uma alucinação louca! E não sei quanto tempo fiquei *aqui* assim. Até que um dia me disseram que era o Cristo que tinha me levado para ali. E eu pensei: “Ah, então ele está se vingando, não é?” E saí como um louco atrás dele, procurando-o. Queria estrangulá-lo com as minhas mãos. Foi uma loucura! É uma loucura! Uma coisa

horrível!

— E você nunca mais se encontrou com a sua mãe? Em outras vidas, no futuro...?

— Não sei. Eu combati o Cristo por muito tempo. Combati a luz.

— E o nosso Saulo? Você o viu em outras oportunidades?

— Vi uma vez. Acho que era ele.

— No mundo Espiritual?

— Não. Eu estava em Roma, *vivendo*... Depois daquela... daquele horror que passei. Havia uns cristãos e eu vivia em perseguição e um dia eu estava caminhando... Eu era um centurião. Então encontrei... Agora que você me diz... Agora eu sei, mas na ocasião eu não sabia. Eu estava caminhando para dar uma batida num lugar (catacumba) e numa curva do caminho vi. Eu vi... uma coisa aterradora...! Vi, assim de repente, surgir uma bola, uma bola luminosa e aquela bola foi ficando como um ovo que crescia... crescia e esticava... Uma forma elíptica e de repente, parei assustado e meus soldados também pararam atrás e então eu vi aquele moço que eu não sabia quem era. E ele disse: “Naim... — (Eu não entendia. Eu não era Naim!) Disse: “Naim, lembra-te da luz? Lembra-te de Sara?” Eu não sabia o que era a luz e quem era Sara.

— Sara é sua mãe?

— Devia ser. Eu disse: “Quem é Naim, senhor?” Fiquei com medo. E ele: “Naim és tu. Procura e saberás. Não combata a luz”. E mostrava com o dedo assim, coisas que eu não entendia. Eu via um livro aberto e o livro era iluminado, tinha uma cruz que brilhava



mais que o livro. Eu não entendi aquilo... E voltei dali. Fiquei muito perturbado. Tinha medo de contar. Naquela noite, então, sonhei e vi Naim e via muito sangue que Naim tinha feito correr. E *Naim era eu!* E vi de novo o jovem, mostrando para mim que aquela era minha oportunidade. Acordei. Mas não se podia... Roma! Roma era uma cidade para se viver, não para renunciar, Eu queria viver. E vivi muito, com o sangue dos cristãos. Sei que vivi. Mas eu precisava sobreviver.

— E encontrou o amor também?

— Encontrei.

— Meu querido, você não precisa dizer mais nada...

Mas ele prossegue:

— Encontrei o amor. . . (suspira) numa cristã que eu vi sacrificar. “Eles” tinham coisas horríveis. Você sabe... Eu não posso ter sentimentos. (Retoma neste ponto o fio do seu pensamento de antes da regressão). Você tem que ter uma mente lúcida para sobreviver. Precisa.

— Então você não sentiu a morte dela...

— Eu não *queria* sentir. Tive febre durante três dias e no quarto dia me levantei e disse: “Hoje quero matar mais cristãos. Hoje me vingarei.” E diziam aqueles que acreditavam no Cristo... “Sabe quem é o Cristo?” Contavam a história que ele... que tinha havido uma matança por causa dele e eu fui um dia num lugar onde havia muitas crianças cristãs... (Oh! isto foi a coisa pior que já fiz... Uma mulher as tinha recolhido, porque não se sacrificavam as crianças, pois diziam que elas não estavam contaminadas. Não podiam escolher. E eu naquele dia degolei vinte crianças. Degolei...

Você sabe o que é isso?

— Meu querido companheiro. Aí estão, pois, as suas dores maiores. Você nos perdoa...

— Nunca entendi o que é Cristo. O que é isso? O que é... sentir?

Você nos perdoa se foi necessário levantar isso tudo. Vamos agora voltar a este momento presente, para que, lembrando-se de tudo, você possa concluir com a sua própria razão o que significa isto para o seu espírito atualmente.

Faz um muxoxo e diz:

— O mundo é uma estrada que tem crateras ao longo. Se você não se defender, você cai. Você não pode cair lá dentro.

— Mas escuta, meu irmão: defender-se matando crianças? Isso é defender alguma coisa?

— Eu estava ferido... Tive uma noiva massacrada.

— E para isso é preciso ferir? E as criaturas que você sacrificou?

— Eu pensava: “Quem sabe o Cristo não tenha renascido.” Podia ser um deles!

— Depois disso, as vidas foram mais difíceis e sacrificadas, mais tormentosas.

— Sempre o Cristo se vingando em mim.

— E qual a sua decisão agora? Aqui, enquanto estamos falando? Você vai continuar fugindo?

— Há de haver outro caminho que não seja... (hesita).

— A dor?

— Onde você pensa que vai me levar?

— Não posso levá-lo meu querido. Você tem que ir por suas próprias forças. Se pudesse eu lhe levaria. Não posso...

— Tenho uma mente lúcida, vigorosa...

— Não bastante lúcida, senão você já teria visto a luz.

— Que luz, meu amigo? Não estou em trevas. Que é a treva?

— Não está...

— Vivi com o Profeta (Maomé). Você ouviu falar nos sarracenos? Sabe o que eles faziam? Sabe? Era tudo em nome do Profeta, em nome da Lei, que a gente queria defender.

— Antes foi em nome do Talmud, depois em nome de Roma, em seguida, em nome do Profeta. E quando você vai falar e agir em nome de Deus, de seus interesses espirituais?

— Mas o homem é um joguete nas mãos das forças. A gente não controla.

— Não controla porque não quer. Como é que o seu amigo Saulo controlou?

— Você é levado pelos seus sentimentos, pela sua força, pelo que você é... pelas circunstâncias, por tudo!

Que sentimento? Você diz que não existe sentimento.

— Você é levado pela força mesma das coisas.

— Não. Isso é desculpismo. O nosso irmão Saulo — que você conheceu tão intimamente — também teve uma tomada de posição, uma decisão e mudou o rumo da vida. Por que você não pode mudar o seu? (Pausa). Meu irmão, nós lhe amamos muito. Você é um companheiro...

— O Profeta — interrompe ele — pelo menos era mais centrado no homem, na terra, no ser...

— E também se deu mal, não é? Você sabe.

— Você não pode viver num plano ideal. Quando você é homem tem instintos, tem sensações, tem sentidos, tem uma vida pra viver.

— Mas tem amores, também. Tem ideais, tem sonhos... Meu querido irmão, não quero forçá-lo a nenhuma decisão. Por favor... Nosso tempo está terminado e queremos que você, por favor, nos aceite...

— O homem é uma presa indefesa de seus próprios instintos.

— Não. Não é verdade. Indefesa, não. Deus está conosco e está em nós, como você nos disse aqui mesmo.

— Eu sei, mas...

Por que você não quer, então, tentar algo melhor? Vamos fazer uma coisa: fica conosco para revisar tudo isso e depois você tomará sua decisão livremente, como quiser. É claro que você pode continuar seguindo esse caminho, mas aceita o apelo de amigos, companheiros espirituais de sua mãe, daquela a quem você amou em Roma... Como se chamava ela? (Silêncio)! Escuta: você me conheceu também lá?

— Em Roma, não. Nem na Palestina...

— Em outras oportunidades, por certo. Nossas vidas estão todas entrelaçadas. Somos todos espíritos em luta contra suas próprias imperfeições. Fica conosco, então...

— A gente está no mundo não é para viver no mundo?

— Não precisa viver loucamente, não é? Sem respeitar as normas da vida, degolando, matando, roubando, mentindo. Esse não é o caminho...

— Veja bem: o Criador nos cria e aí está a fatalidade.

— Eu não discutiria os objetivos do Criador, diz o doutrinador, que prossegue: Não. Não é uma fatalidade. Ele nos cria todos simples e ignorantes. Nós é que fazemos o nosso destino. Mas, caro irmão. Não podemos conversar mais com você. Fica com nossos companheiros e se você quiser, voltaremos a nos falar. Agora você deve adormecer e repousar. Vamos lhe ajudar a adormecer.

Este querido companheiro, tão bem dotado intelectualmente, não mais voltou ao nosso grupo, mas afastou-se das tarefas que vinha realizando no mundo espiritual junto ao seu núcleo de trabalho. Outros viriam também para protestar, para ameaçar, propor acordos impossíveis, tréguas inaceitáveis, mesmo porque não estávamos em guerra com eles.

Como percebe o leitor, seu drama, ou melhor, sua tragédia é a da inteligência farta acoplada ao escasso amor. Passamos a entender melhor a sua complexa psicologia após o penoso relato de suas angústias. Tentando demonstrar a superioridade do intelecto sobre a emoção, invocou o exemplo do alienado que — a ser verdade a doutrina do amor — teria que ser bom e manso e pacífico, porque a inteligência se calara nele. No fundo, porém, estava tentando demonstrar-nos o reverso da sua própria medalha: ele fizera calar o coração — uma simples válvula hidráulica, disse — para que brilhasse a inteligência. Ou pelo menos assim pensava, mas em

verdade, sufocava os apelos do coração porque tinha em suas memórias um mundo de horrores, de crimes inomináveis, de tenebrosos remorsos. Para fugir dessas aflitivas recordações, virou as costas aos apelos do amor e durante alguns séculos — que foram muitos — somente ouviu, falou e fez falar a inteligência que, realmente, tornou-se um prodigioso instrumento de trabalho que ainda mais o envolvia e comprometia com o lado negativo da vida. Quanto mais inteligente e culto, mais artificioso, mais ambicioso, mais duro e frio.

Interessantes suas informações sobre Paulo de Tarso, de quem teria sido companheiro de estudos. É fato que Paulo — ainda Saulo — estudou com Gamaliel e que disputou com todo o seu ímpeto o posto no Sinédrio, pois era ambicioso e vaidoso. É certo que acabou substituindo Gamaliel, seu mestre, que renunciou o posto em seu proveito, como nos diz Emmanuel. Não há, porém, informação documentada, ao que se saiba, de que Saulo tenha sido parente de Gamaliel, o que não quer dizer que a informação seja falsa. É possível. Mas que admira seu rival é também evidente.

A narrativa tem coerência, uma sequência racional e não conflita com os princípios que aprendemos na Doutrina dos Espíritos: os reencontros no Mundo Espiritual entre uma vida e outra, os fenômenos mediúnicos, como a sua visão de Paulo, posteriormente complementada e explicada pelo que chamou de “sonho”, ou seja, no desprendimento do sono fisiológico; as retomadas, as reincidências... e, por fim, a desorientação, a desarmonia, o desalento e, por sobre tudo aquilo, o temor, o medo, acovardado ante a dor que o resgate vai inexoravelmente suscitar.

— Meu filho — dissera-lhe a mãe — você viu a luz e preferiu a treva...

NOTAS:

1 — *SINÉDRIO*

“O termo — aliás Sanhedrim — é uma hebraização da palavra grega *synedrion* (junta, sessão, assembleia, conselho, senado). Fontes rabínicas, no dizer da Enciclopédia Britânica, identificam dois conselhos — o Grande Sinédrio, com 71 membros e o Sinédrio Menor, com 23. O Grande Sinédrio era uma instituição permanente e funcionava como Corte Suprema em matéria legislativa e judicial. Era dirigido por uma dupla de sábios. Fontes não-rabínicas caracterizam o Sinédrio como instituição político-executiva e judicial sob a chefia do Sumo Sacerdote. Em verdade, o que parece acertado é identificar a existência de dois corpos distintos: um de natureza estritamente religiosa e outro secularizado e voltado para o exercício do poder civil.

Segundo a mesma fonte, Jesus e alguns de seus discípulos foram julgados pelo Sinédrio sacerdotal, ou seja, religioso, e a sentença teve de ser sancionada ou referendada por Pôncio Pilatos. A execução do Cristo como “Rei dos Judeus” se caracteriza assim, juridicamente, como problema da lei romana e não do Grande Sinédrio, pois este, embora tendo condições para aplicar a pena de morte, só poderia fazê-lo no âmbito da lei religiosa.

Cabia ao Grande Sinédrio expedir decretos relativos às práticas religiosas, bem como julgar as violações cometidas, na qualidade de Corte Suprema, e, ainda, supervisionar as cortes

menores e controlar o cerimonial do Templo. Era, portanto, o organismo que velava pela santidade lei tradicional, mesmo nas suas interpretações orais baseadas no escrito do Torá.

Como se pode observar, até nas suas funções secularizadas de natureza civil, a predominância da Lei era indiscutível, o que reduzia qualquer orientação pública ou particular, bem como decisões em disputas pessoais ou coletivas ao arbítrio da lei escrita. Os homens que compunham o Sinédrio e participavam, de suas discussões e deliberações tinham que ser, pois, do melhor gabarito.”

(Transcrito do livro *A REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA*, Hermínio C. Miranda, Edição Pensamento. S. Paulo)

## 2 — *GAMALIEL*

“Ao cair sob o impacto da visão de Damasco, Paulo reavaliou num segundo, os amigos que até então possuirá. Não é homem de meias medidas: corta num só golpe suas amarras com o passado e projeta-se corajoso num futuro que desconhece, mas no qual pode entrever dificuldades e sofrimentos”.



## O EXILADO

Já disse alhures que são muito rígidas as especificações de um bom doutrinador, tão rígidas e complexas que temos de nos contentar em sermos apenas razoáveis, quando muito. Dentre os seus vários atributos há dois pelo menos que ele *não* deve ter: o orgulho e, logicamente, sua parceira constante: a vaidade. Muitas vezes nosso doutrinador sentiu-se inadequado, insuficiente, incompetente mesmo no exercício de sua tarefa. Poucas vezes, contudo, foi tão evidente a sua insuficiência quanto naquela noite de segunda-feira.

Habitados à tarefa do diálogo com os companheiros trazidos ao nosso Grupo, aprendemos com o tempo que, de maneira usual, eles dão logo de início o *tom* da conversa. Como alguém que chega para dar um recital de piano, senta-se, abre a partitura e informa aos ouvintes:

— Vou executar uma sonata em Ré Menor.

A não ser que iniciem a manifestação com uma tentativa de mistificação, eles costumam logo deixar bem claro ao que vieram, seja pela irritação, pela revolta, pela angústia, pela atitude de orgulho e presunção. Aliás, até mesmo a mistificação é uma tomada de posição, é também uma tonalidade daquele espírito em particular

ou daquela situação específica. Não sei se me faço entender com clareza com estas reflexões, que já se alongam mais do que eu esperava ou pretendia. Talvez o exemplo elucide melhor do que toda essa exposição. [19](#)

Logo que se acomodou à organização mediúnica o visitante daquela noite falou claro e firme com um toque inequívoco de ironia:

— Pois muito bem! Estou à sua disposição. Prefiro ouvir. Já que o senhor tem o renome de ser tão sábio e conhecer tantas coisas que ignoro e tem tanta experiência das coisas da vida e dos fatos da morte, me apraz ouvi-lo.

Não era difícil perceber que ele trazia um plano de conversação cuidadosamente elaborado, uma estratégia bem definida na batalha dialética que pretendia travar conosco. Logo se via que não era homem de improvisações e nem lhe faltavam inteligência, conhecimento, poder verbal e autoridade.

Quando o doutrinador lhe diz, com toda sinceridade e convicção, nada ter a ensinar-lhe, ele ironiza também a atitude que, obviamente considera de falsa modéstia, mas prefere classificar o seu interlocutor como “profissional da humildade”. E prossegue: afinal de contas, se o doutrinador está ali e “convida” alguém para vir falar com ele é porque se coloca na posição de mestre, conselheiro, orientador ou o que seja. Se insiste em dizer que não é, então, por que o chamou; qual a finalidade daquele encontro? O doutrinador diz que se trata de um intercâmbio afetivo, pois estamos ali reunidos para oferecer-lhe o nosso amor fraterno. E esse é o novo tema que ele passa a explorar à exaustão, em todas as suas

nuances e consequências, expondo suas variações em torno da ideia central de que não sabe o que fazer da nossa oferenda e deseja que expliquemos em termos práticos e objetivos para que serve o afeto que lhe transmitimos.

Mais adiante — bem mais adiante — pergunta, sempre irônico: “O senhor se considera um escritor, não é?” Faz uma pausa e prossegue, desejoso de saber com que finalidade ele escreve. O doutrinador responde que procura transmitir ideias que, aliás, não são suas e sim da doutrina de Jesus e da Espírita. Não é essa, porém, a resposta que ele deseja receber. E, sempre sarcástico, observa que o escritor com o qual conversa não sabe nem por que e para que escreve. De fato, confirma este, pois nunca pode um autor assegurar como o leitor vai receber ou porque vai rejeitar o que ele escreve; cabe-lhe somente veicular suas ideias; nada mais.

Mas o nosso caro companheiro não se dá por satisfeito e informa que não é nada disso — o objetivo do escritor é *influenciar* o leitor.

E daí volta ao tema inicial de nossa conversa e que se resume no seguinte, em linhas gerais: o nosso doutrinador é um mero aprendiz, pouco sabe dos mistérios da vida e da morte e, portanto, nada tem a ensinar a alguém. No que estão de acordo, afinal, manifestante e doutrinador.

Ainda há pouco dizíamos que o doutrinador sentia-se inadequado e insuficiente. E é verdade pura. Que pode ele ensinar que este Espírito não saiba? Revelou-se ele um ser inteligente, experimentado, culto, dinâmico e de grande agilidade mental. Tanto quanto o doutrinador, está ele convicto de alguns dos “mistérios”

básicos da vida e da morte, como sobrevivência, reencarnação, existência de Deus e até mesmo o princípio fundamental da responsabilidade pessoal em face de lei universal da ação e reação. A divergência está apenas — e isto é um dos importantíssimos *apenas* — em que o nosso querido companheiro não quer admitir para si mesmo o conceito da responsabilidade cármica. Esse é o núcleo, o cerne de toda a sua filosofia de vida. Por isso uniu-se ele a inúmeros outros companheiros, igualmente obstinados quanto a essa premissa, para destruir de uma vez por todas, se possível, a obra saneadora do Cristo, assentada, de um lado, no conceito do amor e, de outro, no da responsabilidade de cada um perante as leis divinas.

Em vista da importância deste aspecto, parece-me conveniente deixá-lo expor com suas próprias palavras o pensamento.

— Se o senhor quer ajudar realmente o homem, o senhor passe a orientá-lo no sentido de buscar o que os senhores chamam de libertação ou liberação *no conhecimento*.

E mais adiante:

— A religião tem um traço fundamental de pessimismo. Toda religião tem um traço pessimista que marca os seres, marca como ferro em brasa e evita que ele avance mais depressa.

E muito solene:

— Os senhores precisam entender: o necessário é que o homem se conscientize de que existe esse universo imenso que é força e poder e que o homem é parte dessa imensidão; portanto, o homem é força e é poder; e que ele deve, para liberar-se ou libertar-se, penetrar esse universo — e há uma só maneira de penetrá-lo, que é

pelo seu intelecto — penetrá-lo, conhecê-lo, *con-quis-tá-lo!* O homem não tem que ficar esperando liberar se através do sofrimento. O sofrimento é uma invenção. Não existe sofrimento; existe movimento no universo; existe força, poder, energia. Essa é a realidade. Se o senhor disser que o amor é força, é poder e é energia, o senhor pode incluir o amor. Para mim tanto faz. O que quero que fique claro é que o amor não é subalternidade; o amor não é submissão, como o senhor diz. Se é, não serve para mim.

Todo esse poder quase inconcebível, na sua opinião, aí está ao alcance do homem que, infelizmente, não sabe como utilizá-lo, “porque está sendo doutrinado a ser inferior! O homem está sendo manipulado pelas forças contrárias à inteligência, para que se subalternize. Para que se diminua.”

É por isso, aliás, que ele declarou que o doutrinador está se tornando um profissional da humildade. E é isso, no seu entender, que estamos desejando fazer das criaturas.

Vê-se, portanto, da veemência com que fala, da facilidade com a qual encadeia seus argumentos — ainda que discordemos deles — que se trata um espírito autoritário, inteligente e que tem devotado aos problemas humanos uma importante quota de meditação, ainda que deliberadamente deformada, pois se destina ao fim exclusivo de justificar tudo o que ele é e faz, bem como a rejeitar o que ele não deseja ser ou fazer.

— Isto não está certo! Os senhores não tem o direito! Os senhores não estão sendo honestos com a própria doutrina que professam, porque, segundo ouvi, o Codificador era um homem do intelecto, um homem da razão.

— É verdade, mas ele também escreveu que “fora da caridade não há salvação.”

Faz uma longa pausa e retruca:

— Até os grandes homens podem ter seus momentos infelizes, seus momentos de má inspiração. E ainda não terminei! Se os senhores querem ainda salvar alguma coisa da doutrina que estão ensinando, façam isso mesmo. Tirem o pieguismo; coloquem a parte racional do próprio Kardec dos senhores para funcionar. Mandem o homem pesquisar. Construam laboratórios nos seus centros de estudos. A base do universo, meu senhor, é a ciência, queiram os senhores ou não.

— Então, meu querido, como eu dizia de início, nada tenho realmente para lhe ensinar. Por que você se colocou aqui na posição do aprendiz?

Diz irônico que veio aprender, sim, porque o doutrinador está na condição de mestre, e que ali está para “dar o seu amor”...

— Eu não vim aqui dar nada!

— Não? O que veio fazer, então?

Deixa escapar um pequeno sorriso, mas nada tem a dizer. Antes de nossa prece, pede licença para dizer mais alguma coisa. Assim:

— O que eu lamento é que o senhor vai ainda ter uma decepção tão grande! Por mais que *os senhores* — deixa-me dizer assim — os senhores façam, por mais que lutem, vão ter de compreender que não poderão embargar a marcha do tempo, da ciência. O que tem que vir, virá. Já sei que o senhor vai me perguntar: “Se somos tão insignificantes e se o que tem de vir, virá,

porque o senhor está aí, reclamando?” Porque, meu senhor, urge elevar a criatura. É necessário que o homem se levante o quanto antes. E os senhores podem atrapalhar. Os senhores já tem atrapalhado. Olhe, os senhores têm derrubado nossos muros muitas vezes. Nós os temos levantado novamente e os senhores voltam a derrubá-los. Por isso, perdemos tempo, mas acabamos levantando. E quantas vezes os senhores derrubem, quantas vezes levantaremos. Nós somos muitos. Somos muitos mais... Vou lhe dizer uma coisa: somos muitos mais e cinco de nós valem pelo menos por cinquenta dos senhores. Sabe por que? Porque somos sinceros, honestos e unidos naquilo que somos e todos pensamos como um. Digamos, cinco pensam como um e então é um com a força de cinco. E os senhores podem ser cinquenta, mas um pensa assim, outro pensa assado... E por isso, os senhores são cinquenta com a força, às vezes, de cinco, ou de um.

— Pois é, mas se cinco pensam errado, o erro fica multiplicado por cinquenta, na sua opinião.

Mas ele não é de ceder fácil e exemplifica seu ponto de vista:

— Um dos senhores acha que a doutrina deve ser explicada assim; o outro acha que deve ser explicada *ligeiramente* assim; o outro acha: “Bom, pode ser assim, desde que se modifique um pouquinho aqui.” Então, no fundo, os senhores não conseguem nem cinco pensando igual.

Mesmo assim, com essas dissonâncias, ele admite que os tais “senhores”, podem, sim, interferir, atrasando.

E prossegue:

— E eu tenho interesses também *no mundo*. Tenho sim, no

mundo dos vivos e defendo meus interesses.

— Mas você não, disse que o conceito fundamental é libertar o homem? Como é que tem de pensar tudo igual? Não pode variar um pouquinho aqui e acolá?

O doutrinador fica sem resposta a essa questão.

Concluída a prece, ele declara:

— Não tenho mais nada a dizer. Poderia fazer-lhe um convite, para que o senhor também considerasse essa opção, utilizando-se das possibilidades suas e de seus companheiros em favor do conhecimento, em favor da ciência.

— Acho que estamos fazendo isso, meu irmão. E como você me faz esse convite gentil e amável, aceite o nosso — considere também a opção do amor.

— Por que o senhor não esquece os mortos?

— Devo esquecê-los?

— Deve sim. O senhor os atrapalha muito... Deixe os mortos viverem, meu senhor. Isto é, aparentemente, um paradoxo, mas para o senhor, não. Deixe os mortos viverem em paz.

— Você está vivendo em paz?

Novo silêncio significativo.

Sua tese está em que cuidemos nós dos vivos, que os mortos cuidarão de si mesmos, esquecendo-se de que os “mortos” estão cuidando dos “vivos”.

— Você não está dizendo que tem interesses aqui? — pergunta o doutrinador.

— Claro, tenho. O senhor não tem interesses aqui?



— Tenho. Por que, então, devemos abandonar os nossos e vocês não os seus? Os interesses são intercomunicáveis, meu caro. Somos todos uma só família de espíritos. Temos amigos e irmãos aí, como vocês têm aqui, amigos, irmãos e companheiros. Como temos amores. Aqui é o nosso campo de provas; aqui erramos muitas vezes e se hoje você prega a doutrina da irresponsabilidade, é porque as suas dores são muitas, meu querido.

E mais adiante:

— O ser humano é uma criatura que traz em si a fagulha do amor. Sem isto não existiria. Você não se criou sozinho; não se produziu. Tudo o que você sabe e mais o que sabe e não quer dizer, você aprendeu nas múltiplas existências que viveu aqui entre nós e no mundo espiritual. Você é um ser igualzinho a nós, com dores, com mágoas, com esperanças, com erros... isso é tolice. A gente não precisa desse mundo daí para evoluir.

— Mas precisou sempre não é? Onde você aprendeu o que hoje sabe? Não foi aqui?

Bom sinal. Começa a ouvir mais e já não parece tão convicto.

— Vocês são muito radicais — diz ele, a certa altura. Tomam uma coisa pela outra. . .

— Meu caro, tomar uma coisa pela outra não é ser radical.

— ... e transformam aquilo em lei.

— Você não acabou de dizer que o que fortalece vocês é exatamente o radicalismo da posição que assumem? Novamente você está em contradição.

Pausa. E em seguida:

— É, o senhor é muito esperto em achar erros nos outros.

— Nós nos explicamos pelos nossos erros; não pelos acertos, que são tão poucos... Não acha?

Pouco depois inicia-se a indução magnética. Ele começa a bocejar e em alguns momentos mais, mergulha na sonolência, a voz vai se arrastando e as palavras surgem espaçadas, embora o pensamento continue lúcido. Ainda insiste na necessidade de atualizar os processos de comunicação entre os dois planos, abandonando técnicas “primitivas” como a da incorporação e a da psicografia, para utilizarem-se do método mente-a-mente, sem interferências, ou seja, uma espécie de fascinação, na qual o instrumento mediúnico e aqueles que o cercam, longe de perceberem o envolvimento, não o admitem e até aplaudem sem exame crítico tudo quanto vem por aquele canal, o que, aliás, o Espírito corrobora com o seu comentário final antes de mergulhar no transe:

— Assim ninguém vai ficar sabendo quem está falando, porque não havendo comunicação verbal o mesmo espírito... está compreendendo o que estou dizendo? — o que vier do emissor humano é aceito como do emissor humano, um emissor para os outros humanos.

Ou seja: uma vez preparado um ser encarnado para funcionar como porta voz das suas ideias e comandos tudo fica mais fácil, pois se torna quase impraticável distinguir o que provém do encarnado, do que provém dos espíritos, mesmo porque ora ele fala pelos espíritos e ora *julga* falar por si mesmo, quando está apenas transmitindo um recado muito bem implantado na sua mente. Daí o combate sem tréguas aos chamados trabalhos de doutrinação ou de

diálogo, nos quais o espírito se incorpora e, de certa forma, fica um tanto limitado às condições que o processo lhe impõe.

Momentos depois, após a necessária indução, ele começa a falar:

— Tirem essas cabeças da minha frente, essas mandíbulas, esses dentes trancados! É horrível! Essas cabeças secas, com essas expressões horríveis, secas... Acho que essas cabeças são curdas [\(1\)](#).

— Alguém cortou essas cabeças, não é?

— Não sei. Horríveis. . . (Pausa) Deixa eu ver: vou acender a tocha aqui para poder ver. Está muito escuro.

— Isso é uma caverna?

— É, eu moro aqui. Ah! ali está, naquele canto ali. Ah! eu preciso... Eu faço... bem... ora... faço remédios, faço tudo. Ungentos, óleos... Eu uso... aquela ali já pode jogar fora; aquelas ali também. Já não servem mais. Por que não servem mais? Por que, sabe?, existem substâncias que são muito úteis. Eu faço... com essas cabeças... como direi? não sei as palavras. Eu faço com que elas sequem, elas escorrem, eu as aqueço até que saem todos os óleos e preparo unguentos que são úteis.

— Úteis para que?

— Sim, para curar, para... ora... para muitas coisas.

— Quer dizer, você é um feiticeiro, um mago, um alquimista...

— É isso. Preciso misturar esses ingredientes.

— E como você obtém as pessoas?

— Ora, você as caça.

— Onde?

— Ora, por aí... Escravos... fugidos...

— Você vive onde?

— Vivo aqui nesta colina.

— Que país é este?

— País? Existe país? Que é país?

— Não há um governo aí? Um rei, uma autoridade, enfim?

— Não sei. Talvez lá embaixo, outras tribos... Todos me respeitam.

Muita gente vai aí te procurar?

— Alguns.

E você vive sozinho aí?

Vivo. Seria impossível ter alguém.

Onde você nasceu?

Onde eu nasci? (Pausa). De onde eu vim? Engraçado... Não sei bem. A velha dizia... a velha... Não, não era minha mãe. A velha me criou. Ela sempre contava uma história: que eu tinha vindo das águas. Me apanhou no mar... na água... Porque eu tenho uma pele diferente. Sou muito diferente deles. Sou mais claro.

— Mas aí vivem pessoas de cor?

— Não, mas são mais escuros.

— E você nunca conseguiu saber de onde veio?

— Não, não sei. E para que essa conversa toda? Nunca me fez falta saber disso. Nunca precisei saber.

— E a velha, morreu?

— Já. Ela me ensinou tudo o que sabia.

— É, mas ela não te ensinou a cortar cabeças, não é?

— Não. Ela não ensinou, mas ela... é que eu às vezes gosto de saber o que tem dentro dessas cabeças. Quero ver que cor é o cérebro...

— Mas não importa destruir uma vida?

— Não, não... São escravos fugidos. Não faz diferença nenhuma.

— Não são criaturas humanas?

— Ora, que diferença faz? Eles não contam — um a mais ou a menos...

— E você nunca foi incomodado por isso? Nunca ninguém lhe interpelou sobre pessoas que sumiam?

— “Eles” têm medo de mim.

— Você não sabe, então, o nome dessa região aí? Que língua eles falam aí? Como é que você se entende com eles?

— Que língua eles falam? Língua? Ora...

— Eles entendem bem você?

— Eu aprendi com eles. A velha me criou. Eu falo igual a eles. Só sei que aqui tem essa colina cá no alto. Lá embaixo, tem um nome qualquer. Fidi, Fuji... Que é isso<sup>(2)</sup>. Fuji. Lá embaixo passa a grande água. Bem lá embaixo...

— Você nunca foi lá?

— Não. A velha não deixava.

— E como chamam a você? Que nome lhe dão?

— Como me chamam? Saba.

— E você é muito idoso? É velho?

— Velho? Você não está me vendo? Tenho uma linda barba e esses cabelos...

Como se vê, uma estranhíssima história. Uma criança de origem desconhecida e raça diferente é apanhada na praia e criada por uma velha feiticeira que instrui o menino nas suas artes, mas ao que parece, ele não fica limitado às suas práticas primitivas e se dedica ao que já então, poderia chamar-se de “ciência”. Quer saber o que há dentro dos cérebros humanos, para que servem e que se pode fazer das substâncias que eles contêm. Que importância tem se para isso tem de matar gente? Afinal de contas, não são meros escravos?

Aspecto curioso de sua narrativa observa-se no fascinante problema do anacronismo que, com relativa frequência, ocorre com pessoas em regressão: ao mesmo tempo em que revela ignorar os conceitos de país, nação, ou língua, parece saber muito bem o que é cérebro.

O doutrinador procura projetar para frente, no tempo, os sensores da sua memória, a fim de saber como terminou aquela história.

— Para frente para onde? Aqui não tem frente! Tem cá em cima e tem lá embaixo. Que é caminhar no tempo? — pergunta ele.

Faz uma pausa e retoma a palavra:

— Estou cansado. Estou aqui me arrastando. Não posso andar. Eu vou morrer? É isto que é morrer?

— Não sei. Vamos ver.

Longa pausa e de repente, noutro tom:

— Olha aquele ali. Sou eu outra vez (Mostra-se perplexo).

Estou cá embaixo. Que horror! Que coisa horrível isso! Homens... homens sem cabeça. Sem cabeça! E todos correndo atrás de mim! Me tira daqui, me tira! Onde está a velha? Que coisa horrível... Homens sem cabeça... sem cabeça... homens...

Faz uma pausa maior e pronuncia outra palavra-chave.

— Java <sup>(3)</sup>. Tenho um barco. Estou aqui. Eu... eu não sei.

Outra história terrível. Tem enorme dificuldade em articular a palavra, ou melhor, em transmitir seu pensamento. Aliás, parece que pouco sabe do que se passa com ele e em torno dele, pois o pouco que percebe está além de uma névoa que não consegue penetrar e romper. Sente vagamente a vida em volta, mas não tem a mínima condição de comunicar-se com quem quer que seja. Está literalmente aprisionado num corpo muito deficiente, no qual o cérebro é tão atrofiado que praticamente não existe ou pelo menos não funciona senão para manter um mínimo de coordenação, um fio tênue de vida vegetativa. É pouco mais do que uma *coisa* viva.

Nesse ponto foi retirado.

Na semana seguinte foi trazido ainda magnetizado. Despertou já incorporado à médium e no auge da indignação.

Pouco a pouco, no entanto, vai ficando mais razoável, a partir da lembrança de uma pessoa que lhe foi (e continua sendo) muito cara, “uma joia”, diz ele.

— Não pude evitar que me tirassem essa joia — prossegue ele. E não pude evitar que me levassem essa joia para o mundo. E o pior ainda — diz já em altos brados — é que não pude evitar que pusessem essa joia numa ilha... É como se fosse uma ilha, com o mar à sua volta! E eu não posso transpor esse mar, porque não

posso! Estou isolado.

— Mas você diz que ela está numa ilha.

— Sim, é um isolante, para isolá-la de mim. Aliás, porque fui falar nisto aqui, não sei. Por que fui parar nisto aqui? Não sei. Onde eu estava que, de repente, fui parar nisto? Fui apanhado na rede de vocês. Eu, o cauteloso! Eu, o sabido! Eu, o experiente! Olha onde me foram colocar. Mas que coisa mais peculiar! Mas como? Como fui falar dessas coisas? Não tinha a menor intenção de falar disto. Mas que coisa.

Só podemos imaginar, ante a sua convincente perplexidade, que ele tenha recebido no mundo espiritual uma sugestão pós-hipnótica para falar daquilo logo que despertasse, já incorporado. Outro aspecto curioso nisto: sabemos a quem ele se refere, ou seja, a uma pessoa encarnada que identificamos prontamente.

— Meu caro irmão — diz o doutrinador — é importante sabermos que você também tem suas afeições, seus interesses pessoais. O sentimento de afeição, de amor é legítimo, meu caro. Não é vergonhoso, não. Nós lhe respeitamos ainda mais por isto. Se pudermos fazer alguma coisa, transmitir alguma mensagem a este ser, por favor... Se alguma coisa podemos fazer, ajude-nos a fazê-lo. Alguma coisa que você queira dizer. Você a ama... É uma criatura muito querida ao seu espírito... Nós entendemos, meu querido irmão. É claro que entendemos...

— Ora vejam só! Que coisa! É que essa gente não compreende. Há limites, o senhor sabia? Há limites. Há barreiras. E, afinal, não somos tão todo-poderosos como queremos parecer. Ora vejam só!

Suas frases são espaçadas; parece pensar mais do que



consegue dizer. Pouco depois, já algo recuperado do estupor em que mergulhou ante sua inesperada e involuntária revelação, começa a dizer que conhece bem a Doutrina Espírita e conheceu pessoalmente Zollner<sup>(4)</sup>.

— Tive oportunidades, mas você sabe qual é o problema? O maior problema — acho até que será o eterno problema do homem — é você não querer admitir que exista algo mais real do que a realidade da sua ciência. Que exista algo mais profundo do que a profundidade da sua ciência, está entendendo? Você admitir que exista algo que esteja acima da ciência. E talvez seja a própria ciência... não sei...

— Algo que ainda não alcançamos, mas que poderemos chegar lá se tivermos suficiente humildade para aprender. A gente evolui, mudando.

A rigor a história desse querido e valoroso companheiro termina aqui, ou seja, estaria nesse ponto concluída a tarefa do doutrinador junto dele, no entanto, consideramos tão importante o debate que a partir desse ponto foi travado com ele que resolvemos abrir espaço para reproduzi-lo, pela ampla colheita de ensinamentos que a sua experiência revela no dilatado curso de muitos milênios.

Dizíamos no início deste relato que o nosso doutrinador se sentiu insuficiente perante este companheiro. Pois agora, vamos demonstrar por que foi assim.

É de supor-se que a regressão da memória obtida na sessão anterior tenha sido de considerável importância no seu despertar, como sempre acontece, mas o que mais o deixou atônito foi a revelação — inesperada e involuntária — das suas

remotas e repetidas ligações com uma pessoa encarnada que conhecíamos. Não saberia dizer o que houve ali. Posso apenas imaginar que, ao se ouvir falando daquilo, daquele segredo tão íntimo e bem guardado, que ele não tinha a mínima intenção de desvelar, ficou tão impactado que perdeu o controle da situação. Foi como a rachadura inesperada em um dique — rompeu-se tudo e a água correu impetuosa e sem freio pela encosta abaixo. Havia, portanto — deve ter pensado ele — situações sobre as quais não estava em seu poder exercer domínio. Havia mistérios acima da sua ciência, havia enigmas que transcendiam o entendimento. Não sei se é isso; é o que penso.

Vamos, pois, ao seu relato. Imagine-o o leitor a falar em tom de perplexidade e até de humildade; pensando muito nos intervalos das frases e até das palavras; inteligente, lúcido, e mesmo com vigilante senso de autocrítica e, acima de tudo: finalmente, tocado pela emoção. Parece que, afinal, aceitara o afeto que desde o primeiro momento vínhamos tentando oferecer-lhe. Parece que sabia agora o que fazer dele. E ainda; o doutrinador não era mais um aprendiz bisonho ao qual ele viera humilhar, mas um companheiro que ele como que levantava ao seu nível intelectual, aceitando-lhe conceitos e ouvindo-o com atenção, ainda que discordando aqui e ali. Em suma: foi uma noite inesquecível.

Sua perplexidade maior, contudo, ainda está em contemplar as limitações que finalmente, vê em si mesmo, em face do conhecimento que ele pensava dominar.

— Ele, (o cientista) não pode admitir — prossegue ele — que a ciência, a deusa que ele cultuou a vida inteira, de repente, tenha

algo que esteja acima disso. A ciência que ele *domina*, compreende? A ciência de que ele é *senhor!*

— Senhor até aquele ponto, não é, meu querido? Ela prossegue, ela continua. É a ciência sem o amor...

E nós que somos homens de ciência, não podemos admitir que o que chamam de Verdade seja uma coisa *tão simples* como uma fonte de água inocente! *Não pode* ser tão simples! E por isso, um homem como Zoellner, que queria provar que aqueles fatos eram de ciência (fatos mediúnicos, espíritas) teria que ser combatido, para provar que existem fatos que podem ser místicos ou qualquer coisa... Se você aceita essa realidade, a ciência vai perecer.

— Não, não...

— Ou você vai nivelar a ciência, sei lá.

— Não, meu querido. A ciência é um instrumento para o conhecimento. Ela não é uma finalidade em si mesma. E ela tende naturalmente para Deus, porque a ciência é uma decifração de Deus. Não vamos chegar lá nunca, mas o que é aprender? É como você disse em nossa primeira conversa, é ler o livro do Universo. Não é proibido cultivar a mente.

— Mas quanto mais você lê o livro do Universo, mais você se sente grande.

— Não. Mais se sente pequeno.

— Não, porque você sente que é parte daquele todo.

— É parte, sim. Um grão de pó em todo esse infinito. O conhecimento do Universo deve nos trazer é humildade, não orgulho.

— Mas o infinito é pó e eu sou um grão de pó; logo, eu

participo da grandeza do infinito.

— Sim, meu caro, mas quanto mais você se apercebe da grandeza do Infinito, mais você deve se convencer da sua pequenez diante dele. Isso não impede que você cultive o conhecimento, a ciência. Mas é preciso que você faça acompanhar tal conhecimento do amor, da emoção. Para que você quer o conhecimento? Para dominar ou para entender? Para servir ou para ser servido? Depende das suas opções. Você está chegando agora à conclusão de que toda a sua ciência não o levou a nada, pois continuam a existir diante de você certas limitações. Claro que vai havê-las sempre. A aceitação desta nossa grandeza... Sim, somos criados filhos de Deus com todo o potencial da grandeza. Mas o que é grandeza? Vamos definir bem o que é isso. É ser mau, é impor a sua vontade?

Embora ele ouça atentamente, é óbvio que o seu pensamento segue um curso inexorável que nem mesmo ele consegue deter. Parece desejar subitamente repassar tudo, aproveitar a presença de ouvintes complacentes para dizer o que pensa. O leitor me perdoe algumas observações intercaladas que acabam quebrando o fluxo do diálogo, mas me parecem importantes à inteligência do que se diz. Pelas referências a Zoellner, o nosso caro visitante daquela noite deve tê-lo combatido tenazmente, pois a seu ver, o grande astrônomo e físico alemão enveredara pelos atalhos de uma ciência espúria só porque esta ciência demonstrava fatos que a “outra” não conseguia admitir por pura vaidade de seus arautos.

Prossigamos, contudo, dado que ele nos transmite mais uma importante informação.

— Você alguma vez já olhou para o sol? — pergunta ele.

— É difícil olhar, mas podemos fazê-lo, se o fizermos com rapidez.

“— E já imaginou se você tiver consciência de que é parte daquele sol? Eu uma vez vi a Luz e fiquei fascinado por ela. Fiquei tão fascinado...

— A mariposa também se fascina pela luz e pensa que é parte dela até que se queima e descobre que não.

— Mas eu sou parte dessa Luz!

— É, meu caro, é parte dessa Luz, mas não é a Luz, como dizia o Cristo. Somos, sim, parte da Luz. Temos em nós aquela centelha divina do amor — porque sem ela não seríamos o que somos — mas o fato de Deus ter colocado em nós a sua centelha de luz não quer dizer que sejamos deuses; continuamos sendo *criaturas* e não o Criador de Universos. O dia em que tivermos a ciência superior e também o amor, então, sim, partilharemos desse ato universal da criação. Mas quando chegarmos lá, já não teremos mais o desejo de dominar, de destruir, de construir tronos para nos sentarmos neles ou pedestais para nos colocarmos neles.

— Oh, como, de repente, isso está tão estranho! É estranho... Que estranho! O que você provocou em mim?

— Meu caro companheiro e irmão, não é nossa intenção aqui humilhar ou arrancar você dos seus pedestais, tirar a coroa de sua cabeça, desvestir os seus mantos; desejamos apenas mostrar a você que além da grandeza da ciência, estão outras grandezas, outros poderes.

— Estou vendo tanta coisa! Mas está tudo confuso na minha cabeça... tanta coisa estou vendo!

— O que você está vendo, por exemplo? Vamos procurar ordenar isso.

— Tudo partiu desta visão da Luz.

— Que luz era essa? Algum ser especial?

- Não. Quando digo visão da Luz quero dizer... eu tive um lampejo da Verdade, compreende? A visão da Verdade. E aquilo me enlouqueceu.

— Mas essa visão, esse lampejo, essa luz continua a sua espera. Chegaremos lá por aproximações sucessivas, As conquistas que você realizou em termos de conhecimento, de pesquisa, de estudo, não estão perdidas para você, Elas são válidas até o ponto em que...

— Agora me veio tudo isto na minha mente. Sabe? É por isso que eu... Meu Deus! Eu já fui deus, compreende? Pelo menos, assim me julgava.

— Você foi endeusado, não é?

— Não, eu me sentia deus, eu me sentia o poder, a força... (Longa pausa. Parece recordar). Eu me sentia dono da vida e da morte. Você sabe que os chefes egípcios todos não eram simplesmente chefes do povo; eles eram deuses também.

— E você foi um deles... Mas quando eles eram realmente iniciados nos mistérios profundos da sabedoria antiga, sabiam que não eram deuses.

— E foi de lá que os romanos <sup>(5)</sup> herdaram o conceito da divindade para os chefes.

— Sim, mas insisto em dizer que não eram os verdadeiros

iniciados; eram espíritos ainda com uma dose muito grande de vaidade pessoal que se *punham* como deuses. É um processo de auto-hipnose em busca de poder para oprimir e conquistar. Não estamos julgando nem condenando — estamos procurando analisar fatos no sentido puramente histórico.

— É uma loucura isso! Quando você se sente tão grande, quando você quer ser tão grande, você tem que criar pequenos à sua volta.

— Não, meu caro. Pelo contrário. Isso me parece uma deformação ótica de nosso espírito. O Cristo não apequenou ninguém para que ele se tornasse grande; ele simplesmente é grande. O que ele deseja é o contrário: é elevar todos a um padrão superior de qualidade espiritual para que todos... (sejam grandes).

— Vou lhe falar com franqueza: não tenho grande estima pelo Cristo.

— Sim. É compreensível. Não estamos tentando impingir-lo a você. É uma aceitação que tem de ser espontânea.

— Aliás, não sei se devo dizer que é falta de estima. Não sei...

— Não importa. Pelo fato de sermos — de estarmos tentando ser amigos, companheiros, discípulos, servidores dele, não quer dizer que você tenha também, aqui entre nós, de aceitá-lo de qualquer maneira. Você não está sendo obrigado a isso. É uma decisão que você tem de tomar sozinho, pelas suas próprias condições espirituais.

Segue-se outra informação curiosa:

— Eu sei quem o Cristo é. Eu sei... Eu sei! A dificuldade não está aí. Eu sei...

— Está em você, claro; não pode estar nele, não é?

— A dificuldade está em que...

— Tem que reconhecer que ele é maior?

— Não... A dificuldade está em querer ser o iniciador. em achar que sou tão grande quanto ele... Ou que eu poderia ser tão grande quanto ele, que eu *posso*, que eu *sou*!

— Que você pode ser, chegar lá, é claro que pode. Todos nós podemos. Ele disse certa ocasião, como você deve estar lembrado, que qualquer um de nós poderia fazer tudo aquilo que ele fazia e até mais. Ou seja, temos uma perspectiva muito ampla, muito consistente, de evolução espiritual.

— Vou lhe dizer uma coisa: antes do Cristo ser o Cristo, antes do Cristo vir ao mundo, eu já sabia... Eu já sabia da grandeza do ser.

— Sim, sabemos da existência dele. Ele nos precedeu...

— Não. Não estou dizendo que eu sabia *dele*, eu *sabia* a verdade. A verdade da origem do homem, eu sabia.

— Por isso você achou que não precisava dele...

— Só que eu vivi neste mundo querendo de volta um trono que não estava no mundo e eu não sabia.

Esta informação, como outras que constam desse diálogo, somente faria sentido para nós um pouco mais adiante no debate.

— Mas aqui você ocupou muitos tronos, não é? Botou várias vezes a coroa na cabeça. Você sabe que para chegarmos aos tronos passamos por cima de muitos cadáveres, precisamos derramar muito sangue. Então, meu caro, não sei se vale a pena essa



conquista puramente terrena, que fica toda aqui.

— Por que você me fez lembrar essas coisas todas?

— Meu caro companheiro, às vezes é necessário essa busca interior...

— Venho de uma linha de conquistadores...<sup>(6)</sup>. Só que eu estava no mundo querendo conquistar uma coisa que não estava no mundo.

— Enquanto isso você conquistou o mundo, naquilo que lhe parecia mais real: os territórios, as pessoas... destruindo tudo à sua passagem. Mas, meu caro, não queremos dizer com isso que esteja tudo perdido.

— Você me conheceu?

— Eu sei quem você é, mas vejo também em você inúmeras virtudes...

— Não. Eu só estava vendo tudo de maneira errada.

— Você tem um grande amor pela arte, pela beleza, pela arquitetura. Você tem um grande respeito pelas pessoas que...

— Meu Deus por que agora estou vendo as coisas assim? Acho que por isso sempre fui um insatisfeito no mundo! Quanto mais eu conquistava... não estava ali... Eu sabia que não era aquilo que eu queria. E não há coisa mais decepcionante do que a posse daquilo que você desejou. Quando você tem aquilo na mão, você vê que quer mais além. Não era bem aquilo...

— O mais além também não vai ser aquilo que você quer, porque não é ali que está a felicidade, a maneira de entender a vida.

— Conquistei gente, dominei povos...

— Mas como dizíamos há pouco, essas realizações não estão

perdidas pelo que representam de lição, de aprendizado...

— Oh, como podemos ser tão ridículos!

— Não, meu querido. Não se trata disso. É que você mudou muito subitamente sua visão espiritual por causa do choque emocional...

— E quanto mais eu sabia, eu via... é como se você quisesse subir uma montanha para tocar o céu, compreende? E quanto mais você sobe, mais ele está longe de você. E fui subindo as montanhas do mundo, subindo nos troncos, para tocar naquela grandeza que eu *sabia* que estava lá. Mas esqueci que ela não estava lá; estava *aqui*, em mim. Esteve em mim o tempo todo. Só que eu não soube vê-la. E ainda continuo querendo tocar o céu com as mãos... Mas por que o céu é tão inatingível? Se você tomar um avião e sair, ainda assim não tocará o céu, você não tocará o céu nunca. Você *nunca* tocará o Infinito...

— Mas como você diz, você estava procurando fora de si mesmo as coisas que estão em você. Você tem de construir a sabedoria da paz em seu próprio espírito. O que você busca não está no mundo.

— Eu me perdi!

— Não. Você perdeu tempo, isso sim.

— Eu me perdi duas vezes, quantas vezes, meu Deus! Preciso ver tudo. Preciso. Você me ajude, Me ajude! É algo que está aqui dentro. Preciso ver...

Ele agora quer ir até o fundo do poço escuro da memória. Faz-se uma longa pausa e ele retoma a palavra:

— Meu Deus! já fui tão grande! Mas a própria grandeza me

apequenou. Sabe qual o problema com todos nós, os seres em evolução? É a *impaciência*. Eu vi a grandeza do ser e quis conquistá-la de imediato. E achei que para isso precisava subir nas coisas do mundo, subir no mundo, porque a grandeza estava lá, porque eu era grande. Esqueci que quanto mais eu subia no mundo, mais longe ficava daquela grandeza que eu queria tocar...

Nova pausa, longa e tensa. Por fim, uma declaração que parece vir do fundo do ser:

— Eu sou um exilado! Você compreende? [\(7\)](#)

— Sim, meu querido. Sei. Muitos de nós somos.

— Sou um exilado — repete ele — Meu Deus, e não fiz nada, não fiz nada; na verdade, nada fiz.

— Isto significa, portanto, que você já veio para cá em virtude de uma experiência falhada alhures. Mas você não está sozinho nessa dificuldade. Muitos de nós cometemos as mesmas falhas e é sempre tempo de recomeçar.

— Ah! não é tempo de recomeçar...

— Claro que é. Você é um espírito imortal. E sabe que nesta hora, em que nos aproximamos de um novo ciclo...

— O conhecimento pode ser uma arma terrível!

— O conhecimento em si, é neutro. Tudo depende da utilização que lhe damos.

— É uma arma terrível. Muitas vezes tentei sufocar o conhecimento nos outros porque eu sabia... Queria ser o único a saber, porque sendo o único eu teria sempre o domínio sobre os ignorantes, compreende? Vou lhe dizer: muitos daqueles que

combatem a Verdade não é por ignorância, não; é por saber, é por reconhecê-la, e ter medo do que ela possa fazer a você. E por isso combatemos, por sabermos que ela é uma realidade e por isso é preciso que ela desapareça porque se ela surgir estaremos perdidos. Porquê deixaremos de ser aquilo que queremos fazer crer que somos. Você compreende de que estou falando?

— Compreendo perfeitamente. Mas aí está outro engano de ótica em que nos colocamos: a gente pensa que a verdade vai nos destruir; mas não; ela vai destruir a mentira em nós, não a nós, O conhecimento que você tem de ciência, de filosofia, de estratégia, de governo, de comando, de administração é todo válido.

— Você sabe porque muitos combatemos as ideias Espíritas? É justamente porque sabemos que elas são verdadeiras. Porque o dia que o mundo inteiro aceitá-las, nós acabamos, compreende?

— Não. Aqui é que está o seu engano.

— Não poderemos ser mais os oráculos, não poderemos mais ser a fonte, o guia, aquele a quem se procura para saber da verdade porque não seremos mais *donos da verdade!* Compreende?

— Não, meu querido. Vocês não são *donos* da verdade. O grupo a que você pertence são os oráculos da mentira e ela por si só cai; não pode subsistir porque não é da essência divina. Deixem que a mentira se destrua e permaneçam espírito, imortais, que são, destinados à Verdade e ao Amor. Isso você pode fazer.

— Queremos ter *hoje* a conquista da ciência que ainda não podemos ter sem isto. Não tivemos paciência de esperar, meu amigo. Não temos humildade para reconhecer que somos parte da Verdade, mas não somos a *Verdade...* Somos parte da Luz, mas não

somos a Luz! Que temos força, que temos poder, mas não *somos* a força, nem *somos* o poder.

— Mas temos também que entender meu caro, que a nossa destinação é a luz, a força e o poder. E quando soubermos utilizar inteligentemente e *com amor*, desses recursos, desse potencial, então, sim, estaremos em paz. Aquele que pode e sabe e ama, não destrói, não bota coroas na cabeça, não deixa atrás de si um rio de sangue. O Cristo deixou atrás de si um sulco de luz para que nós o seguíssemos.

— Oh, você fala em rio de sangue! Realmente, deixei muitos rios de sangue, mas sabe que, no fundo, foi porque eu sabia dentro de mim que a morte não existe. Então não fazia diferença matar.

— Sim, é um raciocínio também de ótica confusa, como você próprio reconhece. Mas ficou aí um conceito que é válido, ou seja, o da imortalidade do espírito. A utilização foi errada, mas o conceito é válido. E conceitos assim você tem muitos deles.

— É como se você tivesse o conhecimento, mas houvesse entre ele e o seu cérebro, uma cortina que impede a visão correta. Você sabe. Alguma coisa dentro de você diz que é assim, que você pode matar que ninguém morre, ou melhor, alguma coisa dentro de você diz que ninguém morre e, então, você mata!

— Bem, meu caro. Você tem muita coisa em que pensar. Quero apenas, se você me permite, reafirmar...

— Meu Deus! Vejo tudo tão claro na minha mente! Eu já tive um mundo tão bom! (Pausa).

— Você se lembra ainda disso?

— Eu me lembro... Não sei por que mistérios estou me

lembrando, não sei por que sortilégios... Mas vejo tudo tão claro!  
Meu Deus, estou vendo!

— Muitos de nós não pudemos ficar lá exatamente porque não nos afinávamos com as harmonias que estavam programadas para aquele mundo. E se não demonstrarmos boa vontade para com este agora, seremos exilados de novo, não é?

— Meu Deus! Tanto tempo que se perde! Como se você já tivesse construído um arranha-céu e, de repente, botasse tudo embaixo e você tivesse que começar da choupana, ou melhor, nem é da choupana, você tem que começar de uma *caverna*, compreende? Primeiro fazendo um buraco no chão. E você sabe que pode construir um arranha-céu! Dentro de você, você sabe! Meu Deus!... Que coisa louca!

— Vamos então começar tudo de novo?

— Não tem por onde começar!

— Tem sim. Claro que tem.

— Se eu pudesse desintegrar-me. Se pudesse voltar ao seio que me criou, para começar de lá! Voltar ao seio da Mãe Natureza, da Mãe Criadora, da Mãe Divina! Não ter sido criado para ser criado outra vez!

— Um momento. Você não está sendo justo. Decorridos todos esses milênios de milênios, você dispõe hoje de conhecimento que o ajudará a reconstruir sua vida muito mais depressa do que... (voltando para recomeçar)

Mas ele interrompe, agitado:

— Muita gente fala em Mãe Divina, mas você sabe o que é isso? É aquela certeza interior que você veio de um Criador... Eu

sei. Não posso voltar ao seio da Mãe Divina.

— É claro, mas se fosse possível, seria muito mais longo o tempo para o seu aprendizado, do que você partindo do ponto em que se encontra hoje. Não lhe parece aceitável isso?

— Meu Deus! Há tanto conhecimento no Universo e esse mundo em que vocês vivem está todo partido; um pouco aqui, um pouco ali, um pouco lá. E cada um deturpou um pouco e por isso é tão difícil encontrar uma unidade de pensamento. Cada um quis uma fatia maior da verdade e cada um quis ensinar aquilo que trazia no seu íntimo, mas não sabia bem o que era, nem onde estava! Era um conhecimento vago. E acabamos nos perdendo cada vez mais, cada vez mais. .

— Mas, meu caro. Vamos ao seu caso específico, por favor. Me permita,

— Não posso pensar no meu caso específico, porque *eu sou muitos!*, compreende? Eu sou legião, eu sou grupo, eu sou arquipélago; não sou uma ilha.

— Sim, meu caro, mas o seu exemplo vai servir para muitos. E nós mantemos a nossa individualidade. Escuta. Dá licença. Deixa eu dizer-lhe uma coisa importante. Você, e inúmeros de nós, fomos exilados uma vez porque não aceitamos determinadas condições que o nosso mundo exigia. O tempo é escasso, realmente, em termos de mudança de ciclo, aqui, onde estamos hoje. Mas se demonstrarmos aos nossos amigos espirituais, aos poderes que nos orientam a boa vontade de fazer uma retomada honesta, seremos conservados aqui. Não precisamos voltar para as cavernas de outros mundos para recomeçar tudo novamente. E você está

demonstrando hoje aqui essa boa vontade. Vamos nos agarrar nesta esperança.

— Eu uma vez quis conquistar o Universo... Meu Deus! Que pensamento! O Universo é inconquistável, compreende? Saiba isso de alguém que sabe. O Universo e como um oceano, é como a água que, se você colocar na mão, escorre pelos dedos... Você mergulha nela, mas não a possui, compreende? Você jamais possuirá o Universo. Você está mergulhado nele mas não o possui.

— E isso é alguma tragédia? Precisamos possuir o Universo para sermos felizes?

— Mas você não entende que não pode, compreende? Quando você entende isso já é tarde.

— Não é tarde, não. Você está enganado mais uma vez. Está cometendo mais um erro. Você é um espírito imortal.

— É tarde — choraminga ele — Muito tarde! Agora compreendo porque a puseram numa ilha magnética: para que eu não me aproximasse dela! Você sabia que os Espíritos podem construir uma ilha magnética em torno de uma criatura?

— Sei.

— Você não pode tocá-la; seus pensamentos não podem atingi-la...

— Alguma coisa que possamos fazer, meu querido?

— Não. Creio que não.

— Por ela, ou para ela... Uma mensagem sua...

— Para que? Que poderia eu dizer?

— Isto que está nos dizendo aqui hoje. É importantíssimo.



Escuta: ela está numa boa posição espiritual?

A pergunta é um teste, para confirmar ou invalidar mero lampejo de intuição que tivéramos quando pela primeira vez ele falou nessa pessoa. E ele nos confirma a intuição com a sua resposta lenta e sofrida:

— Ela participou muito das minhas batalhas. Ela partilhou muito do meu poder, da minha glória...

— Então ela não está bem. Não se aflija, meu querido. Todos nós chegaremos lá. Sei de quem você fala. Estamos procurando fazer tudo que é possível para que tais coisas se modifiquem em nós. Precisamos ter paciência. Você não disse que um dos nossos grandes males está em sermos impacientes? Com as falhas e erros alheios precisamos ser pacientes. Temos de ser intransigentes é com os nossos.

— Caminhei tanto pelo mundo com coroas na cabeça...

— E espada na mão...

— E espada na mão — confirma ele. E cetros... Tenho uma longa caminhada...

— Pois é, meu caro. Você tem muitas qualidades positivas. Nós lhe respeitamos pelos seus erros também, porque o erro é uma condição que suscita em nós não a comiseração, mas a empatia, não é assim? Respeitamos você, portanto, pelos seus erros, mas também pelas suas qualidades que sabemos serem muitas. Você dispõe de conhecimentos muitos, de sensibilidades...

— Me sinto tão idiota! Corri tanto atrás de uma grandeza que estive o tempo todo dentro de mim. E no entanto, eu não sabia! Não soube... Não soube desenvolvê-la.

— Agora que você desceu dos pedestais e apeou dos cavalos e abandonou a espada e tirou a coroa, vamos começar a construir outro tipo de imagem para você mesmo.

— Você pensa que foram só os cavalos?

— Não. Sei que os cavalos foram utilizados nos tempos bravios da Idade Média, mas depois disso sei que você galgou outras posições.

— E antes disso, também. Muito antes... Só que, na verdade, nunca saí do chão do mundo. E mesmo agora estou aí, estou no chão.

— Então, somos velhos amigos e companheiros! Serei, tanto quanto possível, o portador da sua mensagem junto ao ser a quem você ama.

Ele tem um riso incrédulo e desalentado:

— Ah, meu amigo... Que é isto, que é isto? Você está falando com um homem que não tem mais ilusões. Acho que há muito tempo não tinha mais ilusões.

— Não acho que estou falando com um homem que não tenha mais ilusões. Nem estou pedindo a você que tenha ilusões. Pelo contrário, estamos exatamente tentando desfazer as suas ilusões. Você é que está cheio de ilusões... ou *estava*, pelo menos até agora, como você mesmo reconhece.

— Engraçado, todos dizem que procuram a Verdade, uma Luz, mas muitos, como eu, ao encontrarem a Luz, querem apaga-la porque têm medo dela; para que os outros não vejam. Que, sim, esteve ali e a Verdade era aquilo...

— Coisa muito parecida disse o Cristo sobre a paz: os homens

queriam a paz mas não procuravam as coisas que traziam a paz. Vamos procurá-la, então, onde ela está? A paz, a verdade, o amor...

— Onde?

— Em nós, em Deus... Você não sabe ainda onde está?

Suspira fundo e diz desalentado:

— Eu sempre soube, meu amigo.

— Então fica mais fácil a sua procura.

— Acho que teria de voltar a ser um molusco, para esquecer que fui um homem e tive inteligência. Para esquecer que a mente está corrupta, porque mente corrupta é poluída, meu amigo. É um “handicap” terrível.

— Sim, mas a água poluída também se filtra pelos filtros do Universo e se purifica para voltar a ter serventia.

— Ah, se o molusco soubesse o quanto é feliz! Porque ele não tem inteligência... Porque o seu único problema é arrastar-se para alimentar-se e procriar.

— Mas você já avaliou o tempo que levaria um molusco para chegar até onde você chegou, em termos de conhecimento e de realizações pessoais?

— Que importa se ele não sabe da existência desse tempo? Pior é estar eu aqui e saber da existência do tempo. Ele não tem consciência — o tempo não lhe pesa, mas para mim o tempo pesa. Eu sei...

— Quer dizer também, que você dispõe do tempo infinito à sua frente. Você não é imortal? Não é indestrutível? O tempo aí está à sua espera.

— Ah, meu Deus! (Longa pausa). Que eu vou fazer agora? Para *onde* ir? *Como* ir? Que bagagem levar? Eu não tenho *nada*! Eu conheci. Ah, você não sabe...

Longo silêncio, que o doutrinador respeita. Por fim, novo desalento:

— Meu Deus, o pior castigo! Eu queria perder a consciência, mas não consigo. Queria perder a inteligência, mas parece que esse vai ser o meu castigo. Vou continuar com todo o meu conhecimento. Meu Deus! Não posso me livrar disto! Quero, neste momento, esvaziar a minha mente e não consigo! Quero tirar tudo de dentro dela e não posso! Está tudo aí. É como um salão em que estivessem amontoados todos os tesouros do mundo e agora não me servem de nada. Quero me livrar deles porque tenho fome! É a maldição de Midas<sup>(8)</sup>. É assim que me sinto. Não posso nem comer... E não posso me livrar deste poder que eu criei! (Chora). Não posso me livrar, você compreende? Não posso! Queria não pensar e não consigo. Continuo vendo o que eu sei. Eu sei! Eu conheço! Eu soube e conheci o tempo todo. Não posso me livrar disso. É a maldição de Midas! Tudo o que toco transformo em algo inútil. Quis tanto o poder do conhecimento e da mente e agora que tenho o que sempre quis ele não pode me valer de nada! É uma maldição, é uma praga!

O doutrinador ora e depois lhe diz que ele precisa repousar. Adormece-o por meio de passes e ele é retirado, deixando entre nós, uma profundíssima impressão. Sua palavra vai se extinguindo aos poucos.

— Quero me livrar disso! Apague essa luz! Quero ficar no

escuro! Apague... esta luz... Preciso do escuro... Por favor, apague essa luz... Tenho medo de saber... Eu tenho a maldição...

Aí está o dramático relato do nosso caro irmão. Como o leitor percebe ele viveu no lendário mundo que aqui conhecemos pelo nome de Capela, uma experiência prodigiosa. Galgou elevado nível de conhecimento, teve lampejos fugazes da verdade integral, pura, luminosa quanto às vastíssimas potencialidades da criatura humana, mas falhou porque foi impaciente. Queria tudo, chegar logo, “tocar o céu com a mão”, dominar o Universo. Não percebeu que a grandeza estava nele mesmo a ser desenvolvida e não nas coisas exteriores, como também não percebeu ou não quis admitir que a Verdade era simples demais para ser verdadeira!

E como o mundo em que vivia (“um mundo bom”, diz ele) estava em fase de transição para uma condição melhor e mais avançada e ele era um dos rebeldes, foi exilado para a Terra. E aqui, com as matrizes mentais de seus vastos conhecimentos, sabendo no íntimo que era capaz de construir um arranha-céu, teve de contentar-se em cavar um buraco no chão e ali viver, pois não havia alternativa senão aquela. Ele que fora grande, que *ainda era* e continuava sendo grande...

Só que entre a sua fantástica experiência espiritual e a sua rude condição de ser fisicamente primitivo, desceu uma pesada cortina que tudo velou, menos a vaga intuição de que ele um dia vira a Luz...

No correr dos milênios lançou-se novamente no enalço da grandeza e novamente buscando-a nas coisas exteriores: o poder, a

força, a opressão, as coroas. Mas não era aquilo que ele queria... Ele queria o universo interior, queria desenvolver suas potencialidades, e não sabia como.

Via tudo agora inútil, o tempo perdido, o desalento pelo recomeço. Achava-se ridículo. E até no combate à verdade equivocou-se, não porque a ignorava, mas porque a sabia verdadeira, porque achava que se ela vencesse por toda a parte, como irá inexoravelmente vencer, ele e os seus companheiros — somos legião, disse ele — estariam perdidos. Mais um engano.

Tudo quanto desejava agora, era uma espécie de suicídio espiritual, uma desintegração de si mesmo, tentando o impossível: voltar ao seio de Deus e recomeçar a jornada, sem memória e sem erros, a partir de um simples molusco. Desejava, no mínimo, passar uma esponja cósmica na memória, esquecer tudo quanto sabia, calar o pensamento para sempre. Nada disso conseguiu. Por isso, não sabia o que fazer, para onde ir, como ir e que bagagem levar, pois nada tinha, em realidade, senão todo aquele tesouro inútil acumulado, quando apenas ansiava por um pedaço de pão para saciar sua fome espiritual...

Sobre sua identidade, ou seja, sobre as suas identidades, deve sobrepairar o silêncio, em respeito às suas decepções e angústias. Pelo menos em uma delas, no entanto, foi confirmada a intuição de nosso doutrinador pela presença de um Espírito já de elevada condição que, mesmo não se manifestando, deixou-nos algo assim como o seu “cartão de visita”. Transmitiu à nossa médium o nome que teve numa antiga encarnação na França, onde desempenhou importante tarefa junto dele. O nome em si nada significava, mas

para o doutrinador foi como que um “recado” silencioso e discreto.

Quanto à querida irmã nossa que foi sua companheira em muitas das suas memoráveis e dolorosas experiências, o leitor certamente compreende que devemos também nos calar. Curioso, no entanto, o comentário dele acerca do isolamento magnético a que ela foi levada, a fim de colocá-la fora do alcance dele — e até de seus pensamentos — para não envolvê-la mais na sua aflitiva problemática. O benefício aqui parece duplo: tanto ela fica resguardada de novos e graves desenganos e tem novas chances de recuperação, quanto ele fica sem o estímulo que certamente ela sempre lhe proporcionou para suas arremetidas, e, conseqüentemente, para novos fracassos espirituais.

Estava em elaboração este relato quando me foi proporcionada a oportunidade de ler a comunicação número 144 de “Caminho, Verdade e Vida”, de Emmanuel. Destaco da página 304 os seguintes tópicos:

— Não somente o corpo da criatura humana padece a obsessão de Espíritos perversos. Os agrupamentos e instituições dos homens *sofrem muito mais*. E quando Jesus se aproxima, através do Evangelho, pessoas e organizações indagam com pressa: “Que temos com o Cristo? Que temos a ver com a vida espiritual?”

É preciso permanecer vigilante à frente de tais sutilezas, porquanto *o adversário vai penetrando também nos círculos do Espiritismo evangélico, vestido nas túnicas brilhantes da falsa ciência*”. (Destaques desta transcrição)

Notas

## 1 — *CURDOS*

Em sentido lato e do ponto de vista etnológico, o Curdistão é a região habitada pelos curdos, numa área que se estende do Monte Ararat até o Diyala, tributário do rio Tigre, nas cercanias do paralelo 28. É um território de 600 milhas de comprimento e cerca de 120 a 150 milhas de largura, hoje dividido entre Irã, Iraque e Turquia, com uma população curda estimada no início da década de 60 em 1.500.000 habitantes. Há, contudo, comunidades curdas espalhadas por várias regiões, além da que está acima indicada.

Pouco tem a História a dizer de suas origens. Sabe-se que antigos registros sumerianos revelam que aí pelo ano 2.000 antes do Cristo os curdos viviam numa região no curso médio do Tigre. É uma história longa, fragmentada, algo confusa e certamente agitada a dos curdos, povo de tradição pastoral nômade, organizado em tribos. Somente em tempos mais recentes começou sua gente a fixar-se em comunidades sedentárias.

Seu mais famoso líder político-militar foi Saladino, que teve destacada atuação na cruzada do século XII, ao tornar-se o principal chefe muçulmano da época. Os curdos, porém, jamais conseguiram um governante que os unisse a todos num mesmo território sob uma só autoridade.

Não nos foi possível apurar se havia curdos em Fiji, como nos disse o Espírito, mas não encontramos igualmente evidência em contrário.

## 2 — *FIJI*

Trata-se de colônia britânica constituída por um arquipélago no



Oceano Pacífico entre os paralelos 15 e 22. São mais de 300 ilhas com uma área total de 7 mil milhas, sendo a maior delas a de Viti Leva com 4.114 milhas quadradas, onde fica a capital, Suva. As ilhas, especialmente as maiores, são montanhosas e de formação vulcânica.

Em 1956 — último censo de que temos notícia à mão — a população era de 345 mil habitantes, com a seguinte distribuição, em números redondos:

Fijianos	148 mil
Indianos	169 mil
Europeus e/s	
descendentes	14 mil
Chineses	4 mil
Outras raças	10 mil.

A elevada percentagem de povos estrangeiros explica-se pela aguda necessidade de mão de obra que atraiu grande e contínuo fluxo de imigrantes até 1919. Não há indicação específica da presença de curdos nessa composição, mas não é absurda tal suposição, em face dos motivos que levaram tantos forasteiros ao arquipélago.

Tal como diz o Espírito, a população originária é predominantemente de pele mais escura vinda de troncos melanésios e polinésios. Em algumas regiões, outras fontes etnológicas produziram tipos de pele clara e cabelos lisos, como parece ser o caso de Saba, o feiticeiro. Não há dúvida, por outro lado, de que o mar é importante fator na geografia e na história locais, como também nos assegura o Espírito.

Dados mais recentes indicam que grande parte dos fijianos aderiu ao ramo metodista do protestantismo, enquanto que os indianos conservaram suas crenças de origem. Há minorias

católicas, anglicanas e muçulmanas. (Estaria nesta última categoria o provável grupo de curdos locais?)

Certas cerimônias e ritos tradicionais, contudo, sobrevivem por todas as ilhas. Seriam práticas remanescentes de magia dos tempos em que ali viveu Saba.

### 3 — *JAVA*

É uma das regiões mais importantes — a quarta em tamanho — do arquipélago indonésio, separada de Sumatra por um braço de mar de 14 a 50 milhas de largura e de Bali por outro estreito de apenas uma milha e meia. Em 1951 a população era de 53 milhões de habitantes.

A primeira referência histórica a Java parece ser a de Marco Polo no século XIII. Consta que os indianos começaram a visitar Java durante o primeiro século da era cristã. Muitos ali se estabeleceram e constituíram família com as mulheres locais, desenvolvendo notável civilização. Conta João de Barros que os navegantes portugueses do século XVI encontraram em Java “o povo mais civilizado da região”.

### 4 — *ZOLLNER*

Johann Zollner (1834-1882) foi professor de física e astronomia da Universidade de Leipzig. Seu livro sobre a Natureza dos Cometas atraiu considerável interesse dos filósofos contemporâneos pelas ideias originais que continha. Já a sua famosa *FÍSICA TRANSCENDENTAL*, na qual Zollner relata suas experiências com o médium Henry Slade, provocou verdadeira celeuma suscitada pelos seus colegas cientistas.

Zollner foi duramente contestado e até perseguido, desprezado

e ridicularizado. (Ao que tudo indica, o nosso manifestante desta história estaria lá entre os que combateram tenazmente as ideias de Zollner).

Nando Fodor (AN ENCYCLOPAEDIA OF PSYCHIC SCIENCE, Edição Citadel Press) lembra que as conclusões de Zollner ficaram um tanto prejudicadas por haver ele trabalhado com um médium de reputação algo duvidosa — opinião, aliás, de Schiaparelli, em carta a Camille Flammarion — e em segundo lugar, por causa de sua insistência em explicar os fenômenos de efeito físico obtidos, pela teoria da quarta dimensão, o que, ainda segundo Schiaparelli, subtrairia aos fenômenos mediúnicos toda a sua aura de misticismo (?!).

## 5 — *ROMANOS*

Interessante, no mínimo, a observação de que os líderes romanos “herdaram” dos egípcios “o conceito da divindade para os chefes”. É, pelo menos, o que ocorre no caso de Júlio César que, tão fascinado pelos encantos de Cleópatra e de sua corte, permaneceu durante nove meses em Alexandria, assumindo logo a paternidade de um filho dela, ao qual deu o nome de Cesário.

Quando César morreu — pois até os deuses morrem — a disputa de seu vasto legado acabou confrontando Marco Antônio e Otaviano. Antes disso, porém, Marco Antônio, igualmente fascinado pelo “charme” da rainha egípcia e pela pompa de sua corte, pensou até em transferir a capital do Império para Alexandria, o que reduziria a orgulhosa Roma a uma cidade provinciana de segunda categoria.

Sabemos como tudo isso terminou.

Convém lembrar, ainda, que Alexandre, o Grande — aliás encarnação anterior de Júlio César e posterior de Napoleão — sentiu o mesmo fascínio pela pompa das cortes orientais, que consideravam seus reis e faraós como descendentes dos deuses quando não um deles em pessoa.

Por tudo isso, vários Césares decretaram sua própria divinização ou permitiram que assim fossem considerados. Não se afigura, pois, fantástica a hipótese de que se hajam inspirado no procedimento e nas tradições da corte egípcia, como nos diz o Espírito.

## 6 — *CONQUISTADORES*

*Há*, sim, uma longa linha de conquistadores. Foram eles, aliás, que desmontaram o poderio do já decadente Império Romano. Vinham do norte, em hordas louras e valentes, tudo avassalando com ímpeto irresistível.

Mais tarde vieram da Ásia e das nações muçulmanas. O Dr. Maurice Percheron em seu *LES CONQUÉRANTS D'ASIE* — Edição Payot, Paris, 1951) relata as aventuras de Átila, Gensérico, Ye-Lin Ta-Che, Gengis Khan, Tamerlão e Jehanjir.

No curto prefácio escrito em Urga-Samarkande, o autor diz que seu livro rememora a “fantástica epopeia de certos homens que encarnaram, alguns, uma raça; outros, o espírito de seu tempo e de seu contexto. A todos sorriu a glória. Mas o Destino lá estava para manipular seus planos e realizar o que eles jamais haviam concebido”.

O diálogo com o Nosso Exilado nos proporcionou uma visão inteiramente nova de pelo menos um conquistador — em vez de um

frio e sanguinário guerreiro, ele nos desvela imagem de um espírito de vasta e profunda experiência e considerável amplitude de conhecimento, ainda que situado numa ótica que, num súbito clarão que o deixa perplexo, ele descobre ser falsa e necessitando de urgente revisão.

### 7 — *EXILADO*

Uma boa referência acerca do exílio a que se refere o Espírito está em *A CAMINHO DA LUZ*, de Emmanuel/Francisco Cândido Xavier, Edição FEB, capítulo III — As raças adâmicas.

Segundo o respeitável autor espiritual, “há muitos milênios” um dos planetas que giram em torno da estrela que conhecemos aqui pelo nome de Cabra, ou Capela da constelação do Cocheiro, “atingira as culminâncias de um de seus extraordinários ciclos evolutivos”.

Tal como na Terra dos anos finais deste século XX, milhões de espíritos rebeldes ali se opunham, dificultavam ou retardavam a marcha evolutiva dos demais. Estando já programadas as modificações cíclicas necessárias à implantação de uma era de paz e felicidade coletivas, não havia alternativa senão a de exilar “aquelas entidades que se tornaram pertinazes no crime”. O local escolhido pelos que para isso dispunham de autoridade foi a Terra, aquele minúsculo planeta a 42 anos/luz de Capela.

Passamos agora a palavra a Emmanuel neste trecho revelador:

“Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos

deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito de sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.”

Nessa leva de espíritos desarmonizados mas de indiscutível experiência, veio nosso querido irmão daquela noite. (E quem sabe, também a companheira, à qual ele considerava uma preciosa joia?). E por isso ele dizia saber quem é o Cristo, desde antes. Mas, por melhores que fossem as suas intenções e propósitos regeneradores naquele dramático momento em que Jesus lhes falou pessoalmente, mergulhou fundo na matéria densa e agreste dos seres primitivos e viveu “neste mundo *querendo de volta* um trono que não estava no mundo e eu não sabia”. Trazendo em si as matrizes remotas dos “arranha-céus”, tinha agora que cavar uma simples toca, um mero buraco onde pudesse abrigar-se das ásperas intempéries terrestres,

ele que dominara e frequentara palácios de beleza inenarrável.

Creio que tudo isso explica e justifica nossas emoções e alegrias naquela noite memorável em que vimos diante de nossos olhos realizar-se mais uma vez o doce e sempre renovado milagre do amor, no despertar daquele valoroso companheiro.

Não poderíamos afirmar que ele certamente se salvará de um segundo exílio, mas seguem junto dele até hoje nossas esperanças de que, em face da sinceridade de seus novos propósitos, possa ele ser recrutado como um dos obreiros da undécima hora de que nos falou o Cristo, que nos assegurou igualmente que o salário do retardatário seria igual ao do que amanheceu na labuta e persistiu até a hora do crepúsculo. A remuneração acertada entre o dono da seara e o trabalhador é o privilégio de aqui ficar com os que vão, em breve, reconstruir o mundo em vez de partirem para o exílio. . .

#### 8 — *MIDAS*

A engenhosa mitologia grega, tão fértil na tessitura de suas lendas didáticas, criou em torno da figura de Midas uma de suas obras-primas de elegância e clareza.

Midas misturou vinho e água da fonte e embebedou Sileno (filho de Hermes com uma ninfa) e o induziu a revelar-lhe um pouco de sua sabedoria. Ao restituir Sileno a Dionísio (deus da natureza, um deles), foi recompensado com uma graça à sua escolha. Midas desejou que tudo quanto tocasse virasse ouro, mas como esqueceu-se de excluir os alimentos dessa condição, quase morre de fome, pois, evidentemente, não podia comer nem beber ouro.

Certamente que muito a contragosto, pediu que o dom lhe fosse retirado. O deus mandou que ele se banhasse no rio Pactolus,

que a partir desse momento, passou a ter ouro nas suas areias.

Mas não estavam terminadas as desventuras de Midas. Indignado pela sua preferência pela música de Pan em detrimento de sua própria, Apolo fez crescer nele orelhas de burro, deformidade que só o barbeiro de Midas ficou conhecendo. Este, contudo, não conseguiu guardar o segredo por muito tempo: fez um buraco no chão, ali sussurrou a grande notícia que lhe queimava os lábios e tapou novamente o buraco, do qual nasceram as hastes de uma planta que, ao sopro do vento, murmurava para quem desejasse ouvir:

— O rei Midas tem orelhas de burro!

Obviamente, o nosso amigo manifestante daquela noite não se refere ao episódio das orelhas, mas sim, à maldição de estar morrendo de fome espiritual porque tudo quanto desejou foi a posse insensata da matéria bruta.



## O DISCÍPULO DE GALILEU

Concluíamos ainda há pouco uma de nossas habituais tarefas junto a uma instituição espiritual devotada ao combate sistemático à ideia religiosa, quando integrantes de outro grupo começaram a comparecer aos nossos trabalhos. Caracterizavam-se, como os anteriores, pela formal rejeição aos conceitos de natureza religiosa, mas deles se distinguiam em importantes aspectos. Os primeiros (Ver, a propósito, a narrativa intitulada REENCONTRO COM HONS), náufragos de colossais equívocos no campo religioso, no passado, traduziam sua ojeriza em ação, combatendo com indiscutível competência toda e qualquer seita religiosa, na esperança também equivocada de apagar da face da terra e do coração dos seres humanos as marcas deixadas pelos inúmeros tipos de crença. Já aqueles com os quais começávamos a negociar os longos e difíceis entendimentos, também se apresentavam como antirreligiosos convictos, mas não estavam aparentemente empenhados em nenhuma campanha sistemática de desmantelamento de instituições religiosas da terra ou do espaço; limitavam-se a atuar junto a indivíduos, procurando atraí-los para seus postulados negativistas. Como viemos a descobrir, mantinham conexões um com o outro.

O Espírito do qual trata esta narrativa demonstrava o mesmo

desencanto e desprezo pelas religiões em geral e pela católica em particular, mas seu pensamento apresentava-se com nuances que logo nos chamam a atenção. Não estava agitado ou colérico. Falava com segurança e inteligência, demonstrando conhecimento filosófico e científico. Via-se logo que suas preferências estavam dirigidas para as ciências físicas e matemáticas, para as manifestações materiais da vida.

Era o início de um longo debate que se estenderia por várias sessões. Para poupar espaço no livro e tempo ao leitor, limito-me a apresentar um resumo da nossa primeira conversa, a fim de que possamos dedicar maior atenção a certos aspectos da sua história pessoal.

Estava ainda muito viva na sua memória a existência que vivera junto do grande Galileo Galilei<sup>(1)</sup>, como um de seus discípulos e colaboradores mais chegados. Ajudava o grande físico e astrônomo em seus estudos, fazia cálculos e levantava mapas, gráficos e desenhos de variada natureza. Sua admiração pelo famoso cientista contaminara-se no entanto, de invencível desgosto ante a retratação de Galileu perante a Igreja para livrar-se das tenebrosas masmorras da Inquisição e, possivelmente, da morte. Achava ele que isso fora um gesto de acomodação, de covardia mesmo. O sábio tinha plena convicção da verdade que descobrira ao verificar que, longe de ser o centro do universo em torno da qual giravam todos os corpos celestes, a Terra era apenas um diminuto grão de pó cósmico subordinado ao campo magnético do Sol que, por sua vez, não era um gigante estelar.

Por isso, guardava ele áspero ressentimento em relação ao

grande homem. Mas havia outros aspectos a considerar. A convivência com um dos mais brilhantes gênios da sua época e os estudos em que se aprofundou, deram-lhe nova dimensão da vida e colocaram-no, pelo menos no seu modo de entender, muito acima da média intelectual da massa ignara. Embora se empenhasse em disfarçar, de início, acabamos por identificar nele traços marcantes de uma vaidade doentia, uma supervalorização dos conhecimentos adquiridos. Ressaltava a crueza de tal postura no relacionamento com sua pobre e devotada mãe que considerava, ainda agora, uma mulher ignorante, beata e assustada. No desesperado esforço de preservar o envolvimento do filho com os temíveis agentes da Inquisição, ela não hesitou em incinerar seus documentos, desenhos e estudos científicos logo que se iniciou a pressão sobre Galileu. O jovem jamais perdoara esse gesto de amor e devoção da parte da mãe, pela qual conservava, mais de três séculos depois, um desprezo ainda não superado.

Tocado pela corajosa beleza daquela atitude, nosso doutrinador entreviu na memória do tempo a pureza e a doçura daquele coração generoso de mãe e disse ao seu interlocutor que se encontrasse juntos os dois — a mãe e o próprio Galileu — beijaria primeiros as mãos dela.

Ele riu. Achou bonita a frase, mas obviamente considerava aquilo uma tolice, homenagem desproporcional a uma pobre velhinha ignorante e tímida.

Quanto a Galileu, o doutrinador não estava suficientemente preparado para debater o seu gesto, ainda mais com alguém que conhecia o problema em primeira mão como testemunha

privilegiada de uma dramática experiência humana, da qual participara.

Em suma: a mãe era uma tola, Galileu um grande homem acovardado e ele próprio, o nosso manifestante, um ser superior e esclarecido. Seja como for, a conversa foi mantida em nível satisfatório, com mútuo respeito e na tonalidade da cortesia. Despedimo-nos fraternalmente, prometendo ele meditar sobre as nossas observações, ao mesmo passo em que nos pedia que meditássemos sobre o que ele havia dito, o que prometemos fazer.

Após uma semana de meditações de parte a parte, ele voltou, ainda com as suas amarguras e desalentos, confirmado na sua superioridade. Não via condições de uma reformulação de suas ideias e de sua vida. Julgava talvez haver alcançado um 'point of no return' Não havia como recuar mais. Adotara um tom áspero, receoso provavelmente de que certa cordialidade com o doutrinador lhe acarretasse um amolecimento na atitude, com todas as consequências que isso pudesse implicar. Era tudo urna enorme perda de tempo, achava ele, única coisa que, uma vez perdida, ninguém mais recupera. Cada um escolhe seu caminho e de nada adiantaria continuarmos uma conversa sem propósito e sem rumo.

O doutrinador, contudo, tinha propósitos e rumos a seguir. Falou-lhe das conquistas já consolidadas no espírito dele, do privilégio que lhe fora concedido de conviver com figuras humanas de elevada condição. Ele fingiu-se surpreso. 'Como é que o senhor sabe?', foi a pergunta. 'Você mesmo o disse', retrucou-lhe o doutrinador. Parece que julgara ter ido longe demais nas suas confidências anteriores e tentara retroceder, mas acabou por render-

se: 'Ah! sim, aquela história do Galileu. Eu poderia estar mentindo'.

Claro que poderia, mas não fazia muito sentido para o doutrinador que um espírito como aquele comparecesse ali para desenvolver uma gratuita impostura. Ele teve um sorriso sem graça e insistiu dizendo que ele poderia até não ser ele mesmo.

— E nesse caso, quem seria você? — pergunta-lhe o doutrinador.

Novo sorriso oblíquo. “O que teria a perder com uma mistificação?”, perguntou.

— Nada — responde-lhe o doutrinador —, a não ser a sua dignidade.

Seu terceiro sorriso sem graça serviu para indicar que na ágil esgrima verbal, ele fora tocado. O doutrinador aproveita-se da momentânea pausa para seguir em frente com o roteiro de sua conversa. Como dizia ainda há pouco, o nosso irmão tinha conquistas importantes e recursos para dar continuidade à sua tarefa evolutiva. Galileu, por exemplo, uma vez no mundo espiritual, dera prosseguimento ao seu trabalho, sem descrer de Deus e sem rejeitar a mensagem de Jesus.

Ele se mostra novamente surpreso e apela para a ironia. Teria o doutrinador mantido contato com tais espíritos como Galileu? Sim, claro, pois há documentos mediúnicos subscritos pelo eminente cientista na Codificação Espírita.

— Eu também não nego a ideia de Deus — concede ele. Só que a ideia que tenho dele é a de um Deus mais universal do que o seu. Porque é Deus de bons e de maus, de atrasados e de adiantados, enfim, um Deus que permite tudo. O senhor tem um

Deus, digamos assim, mais preconceituoso, um Deus que... Como eu diria?... que só aprova determinadas atitudes, quando, na verdade, se Deus é o criador, criou tudo, inclusive o mal. Tudo é criação divina...

— Não. O mal é criação humana, meu irmão. Procedimento nosso. Tanto é assim que as leis divinas nos corrigem para que possa ser mantido o equilíbrio universal.

Ele concorda com a existência de leis reguladoras, leis que o doutrinador até mesmo ignora, inclusive para reger o mal que, no fundo, não é mal, é um bem, segundo ele. Como, por exemplo, certas essências vegetais podem matar ou curar, dependendo da dosagem, sem que a planta tenha opção ou culpa. Sem desejar inibi-lo na manifestação do seu pensamento, mesmo porque é através do diálogo que eventualmente poderemos entender-nos, o doutrinador retoma pacientemente sua linha de raciocínio a cada interrupção, divagação ou digressão. Assim ocorre ao cabo de uma longa dissertação acerca da necessidade do mal por causa do seu efeito catártico, libertador, para os que sofrem. Hitler, por exemplo, não teria sido apenas um mal necessário, como se saiu muito bem da sua tarefa, pois trouxe a catarse da dor para muitos que, a não terem sofrido em suas mãos, estariam ainda presos aos seus compromissos. Filosofia essa que justificaria qualquer atrocidade... Falou-lhe o doutrinador da sua admiração pelo grande vulto de Galileu, que descobriu importantes leis cósmicas. Lembrou-lhe, porém, que tais descobertas, embora basicamente corretas, sofreram revisões significativas nos três séculos e pouco desde então; no entanto, as leis do amor que impulsionaram o generoso coração de

sua mãezinha continuavam intactas, perfeitas, maravilhosas.

— Onde estaria ele, esse companheiro a quem você amou e respeitou? Você procurou saber o que ele anda fazendo, no que anda pensando? — pergunta-lhe o doutrinador.

— Provavelmente ainda acovardado.

— A única mensagem que o seu espírito tem para este ser é a de que ele foi um covarde?

— Não. Eu tenho respeito por ele, mas acho que ele acovardou-se.

No intervalo daquela semana decorrida o doutrinador procurara refrescar sua memória em relação ao episódio Galileu e descobrira nele aspectos interessantes e reveladores. O velho mestre rebelde, já muito doente e desalentado ante a intolerância da ignorância, resolvera atender ao apelo de uma filha amada, aliás, uma freira, que o convenceu da inutilidade do gesto de obstinação suicida. Não estava ele convicto da validade do seu achado científico? A sua verdade, portanto, haveria de prevalecer, ao passo que o obscurantismo era transitório. Por outro lado, não era com a sua morte que ele iria provar a validade das leis que desvendara no movimento dos corpos celestes. Que diferença faria um desmentido? O futuro rasgaria tranquilo a sua 'confissão' e restabeleceria a verdade que não era sua, mas das leis que regem o fantástico mecanismo da relojoaria cósmica.

O nosso visitante daquela noite não podia ignorar esse episódio. Havia, porém, outro aspecto a considerar. A despeito da sua aversão pela atitude assumida pela Igreja, sobre a qual ele descarregava toda a sua revolta, a verdade é que a campanha contra

Galileu partiu de denúncias formuladas pelos seus colegas cientistas, enciumados, ante a sensacional descoberta. Diga-se de passagem, aliás, que Galileu não fazia muita questão de ser simpático e cortez. Seus biógrafos nos falam de um homem irascível e dotado de rude franqueza quando algo lhe desagradava. Seja como for, a Igreja não tomara a iniciativa da perseguição, embora não o deixasse mais, levando às suas últimas consequências o procedimento inquisitorial. Não se tratava, pois, de uma ‘coisa de padres’, como afirmava o nosso companheiro. Pelo menos assim não fora de início. Parece que, ao transferir todo o peso das suas acusações à Igreja, o nosso manifestante como que preservava a imagem dos cientistas seus colegas, aos quais tinha em alta conta.

Este, aliás, era um elemento a mais na montagem daquele painel aflitivo de equívocos. Nossa experiência no trato mediúnico sempre nos ensinou que nenhuma aversão dessas é gratuita ou inexplicável. Todas têm suas raízes, suas razões e suas motivações. É o que veríamos mais adiante. O nosso irmão, contudo, tinha de si mesmo conceito extremamente elevado. Punha-se como uma espécie de *revelador* do mal nas criaturas para que no *expurgo* — palavra sua — que se aproxima, fosse facilitada a tarefa da separação. Era um instrumento divino, um promotor da lei de Deus entre os homens. Considerava-se ainda uma espécie de ‘free lancer’ universal, sem compromissos com sistemas religiosos ou filosóficos em especial. Num universo de estrelas, astros, satélites e galáxias regidos todos por rígidas e exatas leis matemáticas, ele era um meteoro solto no espaço, livre da ditadura dos roteiros predeterminados. Se, por acaso, se chocasse com a Terra, por



exemplo, causaria um abalo de natureza negativa — isso reconhecia — mas, mesmo assim, necessário, pois até o meteoro que destroi é uma criação divina e, como tal, um instrumento, como insistia em afirmar. Quanto ao amor, entendia-o como uma energia, uma força, não manifestação de um pieguismo tolo, com o que tentava explicar, senão justificar, seu desprezo pela sua mãe daquele tempo. Curioso que, em vez de ajudar no resgate dos que se transviaram como ele, procurava, ao contrário, confirmar ou revelar aqueles que se haviam dedicado ao mal, a fim de serem expurgados, mesmo porque, no seu entender, o mal também é criação divina.

Como se vê, uma criatura de abordagem extremamente difícil, de vez que sua privilegiada inteligência tecera em torno de si mesma uma fina e resistente rede de justificativas e explicações inegavelmente engenhosas que lhe anestesavam a consciência e o mantinham prisioneiro de si mesmo. Naquele pequeno universo particular, sentia-se seguro e à vontade. O mal era uma realidade no mundo, uma necessidade, tanto quanto o Cristo com a sua luz. “Temos de condenar a noite somente porque é escura?” — perguntava ele. Por isso, considerava-se um ‘agente da vida’, um ser necessário, um instrumento divino na promoção da catarse universal, tarefa essa, aliás, na qual não tinha de sair à cata de prosélitos porque os semelhantes atraem os semelhantes e por isso tanto se afinizavam com ele e com seus companheiros. Ele apenas os ‘convidava’.

Essa a sua filosofia básica da vida. E daí, nem um passo para lá ou para cá.

No fundo, sentia até certa simpatia pelo que caracterizou como

*ingenuidade* do doutrinador. Além desse ponto, nada mais tinha a dizer-lhe, pois tudo já fora dito e debatido. De sua parte, o doutrinador não via como prosseguir indefinidamente a conversa a girar em torno dos mesmos problemas e conceitos básicos que constituíam o núcleo do pensamento do nosso querido irmão visitante. Não havia argumento que o convencesse, não havia atitude que conseguisse vencer o bloqueio cauteloso de suas emoções, guardadas severamente por um sistema defensivo de ironias, de condescendência, de superioridade que ele mantinha com admirável coerência e aparente convicção. Em suma: não queria mesmo mudar o rumo dos seus pensamentos e das suas convicções, que lhe pareciam sólidas e insubstituíveis.

Restava o recurso final da regressão de memória.

O doutrinador começa a magnetizá-lo. Aos poucos ele vai cedendo, não sem antes dizer que nada seria conseguido com ele por ser conhecedor de certas leis, com as quais neutralizaria a magnetização que, a seu ver, iria apenas adormecer a médium, mas nunca ele próprio. Além do mais, na sua opinião, aquilo era um recurso à força, uma vez que os argumentos não conseguiram movê-lo. Respeitamos integralmente sua opinião e o pleno direito de formulá-la e expressá-la. De alguma forma, contudo, era preciso tentar ajudá-lo, ainda que contra a sua vontade consciente.

Ao cabo de algum tempo, começou a bocejar e acabou por mergulhar no transe magnético por meio do qual nos seria possível conversar com a sua própria realidade última, em busca das razões mais profundas das suas aflições.

Com muita dificuldade de articulação, consegue dizer que

deseja sair de onde se encontra. Parece estar aprisionado em alguma cela, em situação de penúria física e moral. Instantes depois, contudo, mergulhado mais fundo na revivescência do passado, já não consegue falar. Emite apenas sons guturais inarticulados, apontando desesperado para a boca aberta. É evidente que está sem a língua.

Cabe aqui uma pausa digressiva para algumas observações esclarecedoras.

Regredido no tempo, o espírito encarnado ou desencarnado recai em duas condições diferentes: ou apenas *se recorda* do passado, ou realmente *revive* com todo o seu impacto e realismo as situações desse passado recente ou remoto. Quando apenas se recorda, tem melhor controle sobre as emoções e conserva o suficiente da sua consciência presente para o trabalho crítico do que relata, embora perca um pouco na nitidez das evocações. Quando revive — situação que costumamos caracterizar como ‘estar lá’, no passado — aí, então, produzem-se fenômenos dramáticos. Ele passa outra vez pelas dores e alegrias, ocorrem-lhe minúcias esquecidas, emergem remotíssimas emoções não mais apenas lembradas, mas revividas em toda a sua intensidade. Por outro lado, como observou o eminente Coronel Albert de Rochas (Ver meu livro A MEMÓRIA E O TEMPO, Edícel, S. Paulo), o perispírito do ser regredido vai assumindo as formas que teve em cada época revivida. Se atravessa a fase infantil, o perispírito é o de uma criança. Se tem uma deformação física, esta se apresenta no corpo espiritual. Se é uma mulher e está grávida, o ventre se mostra dilatado e assim por diante. Se alcança o estágio fetal, até o corpo físico assume a

postura correspondente.

Nosso companheiro daquela noite regredira a uma situação na qual lhe fora extirpada a língua, como apuramos depois. Antes de mergulhar mais fundo nessa condição, ainda conseguiu articular seu desesperado desejo de livrar-se da prisão. Depois tornou-se impraticável qualquer forma de articulação da palavra falada.

É o momento em que necessitamos do passe magnético curador para concentrar sobre a parte perispiritual afetada os recursos ectoplasmáticos que os diversos participantes do trabalho possam oferecer. Eis a razão pela qual duas condições importantes devem ser aqui consideradas: a primeira é a de que grupos que realizam esse tipo de trabalho precisam de ambiente onde não haja luz mais intensa, principalmente luz branca, que dissolve instantaneamente as formações de ectoplasma necessário à recomposição do organismo perispiritual dos seres manifestados. A segunda observação consiste em lembrar àqueles que julgam não estar prestando serviço algum na composição do grupo mediúnico, uma vez que não dispõem de mediunidade ostensiva, que isso não é verdadeiro. Ofereçamos a nossa boa vontade e deixemos que os dirigentes espirituais do trabalho se utilizem dos nossos recursos na medida das necessidades do momento.

Restaria, ainda, um aspecto a especular. Por que e para que recompor um perispírito deformado ou mutilado se a situação presente desse mesmo perispírito talvez nem guarde mais tais mutilações ou deficiências? Não pretendemos ter resposta para tudo. Supomos, porém, que estamos ali perante uma realidade viva e incontestável: recuado no tempo, aquele perispírito assumiu uma

forma mutilada que o impede de comunicar-se pela palavra falada, como então o impedia. Se não o socorrermos com os recursos à nossa disposição, ele não conseguirá falar. Temos, portanto, de fazê-lo. Se depois disso, os fluidos se dispersam ou são reabsorvidos pelos circunstantes que o ofereceram, ou se fica com o Espírito manifestante, é questão que não tenho condições de solucionar.

Feita a digressão, voltemos ao fio da narrativa.

Vencendo suas compreensíveis dificuldades, o espírito começa a falar, sacando penosamente as palavras, sílaba por sílaba e explicando que lhe haviam cortado a língua.

— Que houve? pergunta o doutrinador.

— Por causa dos sermões que eu pregava — diz ele arrastadamente. Eu pregava e me mandaram cortar a língua.

— Mas o que você pregava?

— Eu pregava (dizendo) que aquelas coisas eram todas erradas. Eu dizia que era errado vender aquelas indulgências. E que era errado proibir o estudo das coisas da vida (ciências). Que a mulher não era o pecado, e que ela (também) tinha alma...

— Você era um sacerdote?

— Paolo Giovannini.

A palavra começa a soltar-se mais, vencendo inibições e bloqueios que resistem, mas ainda é lenta e penosa.

Nova e breve interrupção se faz necessária para lembrar que o pensamento mais obscurantista da Idade Média achava que a mulher não tinha alma, como o homem. Resultava essa postura da fria e rígida interpretação literal da Bíblia, segundo a qual Deus criara o homem do barro e *soprara* nele a alma. Somente mais tarde achou

que o homem precisava de uma companheira. Resolveu, então, adormecê-lo, tomar dele uma costela e modelar a primeira mulher. O texto, contudo, não diz que também nela o Criador soprou a alma. Daí a conclusão de que somente o homem a tinha.

A narrativa, obviamente, simbólica, era tornada ao pé da letra e, infelizmente continua a sê-lo para muita gente...

Retomemos o diálogo.

— Quem mandou cortar a sua língua? — pergunta o doutrinador.

— O Senhor Arcebispo.

— Mas você não é um sacerdote católico?

— Eu era, mas eu pregava contra a Igreja. Não era contra a Igreja — corrige ele, a seguir —, era contra as coisas que estavam erradas. Como que a mulher podia não ter alma? Ela é uma criação divina! Por que o homem era um produto de Deus e a mulher tinha de ser uma costela? Eu não concordava com isso. Eu achava que o Evangelho não estava sendo pregado certo. E então falei nesse sermão contra as hierarquias da igreja.

— Onde você vivia? Na Itália, sim, mas onde? Em Roma?

— Não. Não era Roma. Era uma pequena cidade e o povo me escutava e eu disse que não pagassem indulgências. E que não dessem as coisas... (Donativos? Dízimos?) E, então, quando terminei fui para a minha cela. Depois, tarde da noite, vieram os frades com seus capuzes e me levaram a um lugar que tinha embaixo da abadia, um subterrâneo. E me puseram lá. E eu falei e praguejei. Eles traziam um crucifixo e botaram-no na minha frente. E diziam: ‘Sai, demônio!’ Mas não havia demônio... E eu não parava

de falar e dizia que ele (o Arcebispo) é que era o demônio. E ele então mandou que me cortassem a língua para que eu nunca mais falasse aquelas coisas.

— E você ficou lá, preso?

— Fiquei. E com uma dor horrível. Cortaram a minha língua! Sangrou tanto que pensei que ia morrer, mas não morri. Fui a-ban-do-na-do pe-lo Cris-to — acrescenta ele com um estremecimento de horror.

E prossegue, gaguejando desesperadamente e sacudindo-se de aflição:

— Ele deixou que fizessem aquilo comigo. E o Arcebispo ficou com... com... É horrível falar disso. Eu não acredito... Eu defendia a verdadeira religião e me fizeram isso. E os meus escritos, eles queimaram tudo na minha frente para que eu visse que a semente da discórdia que eu queria lançar não ia ter divulgação. Compreende?

— Compreendo e lamento profundamente.

— E onde estava o Cristo, que eu defendia, que deixou fazerem essas coisas? Eu acredito que o mal é mais forte do que o bem. *Eu sei*. Eu sei que o mal é mais forte do que o bem.

— Vamos conversar um pouquinho. Descansa um momento. Põe a sua mão aqui. (As mãos da médium pendiam ao longo do corpo, sem apoio na mesa).

Mas ele insiste:

— Não quero pensar. Minha cabeça... Não quero. Não creio mais na bondade. Eu não queria que tivessem aquelas imagens.

— Sim. Escuta. Você é um espírito imortal. Aquela vida passou, você foi para o mundo espiritual. O que aconteceu lá

depois disso? Você continua a viver.

— Tinha um homem que se chamava Huss, que depois de mim também falou as mesmas coisas. Foi depois que já tinham me matado e quando chegou o tempo dele, queimaram-no. Queimaram!

Continua a falar com enorme dificuldade, espasmodicamente, por meio de frases incompletas, mas o pensamento é coerente e lúcido. Só que ainda não consegue entender e nem aceitar por que passou por tudo aquilo por pregar a verdade óbvia que resultava da observação dos fatos da vida, nas suas longas e silenciosas horas de meditação. A perplexidade maior, contudo, era a aparente indiferença de Cristo pelas suas trágicas aflições pessoais. O mal, então, era mais forte do que o bem e ele nunca mais acreditara na bondade. Pois se até o Cristo aparentemente lhe falhara no momento mais dramático da sua vida!

— Mas o Cristo é quem está errado nisso, meu irmão? — pergunta o doutrinador. Foram culpas do Cristo essas atrocidades todas?

— A vida não vale o sacrifício de uma inteligência. Não se pode pensar! É proibido pensar. Não se pode... ‘Eles’ não deixam a gente pensar! Não se pode pensar.

A voz vai-se apagando, enquanto ele repete essa frase desalentadora.

É evidente, porém, que ainda não estão ali as origens daquele terrível processo emocional e mental que o levou à elaboração de uma implacável filosofia de rejeição sistemática do amor, da bondade, da verdade, da ética religiosa, da própria vida, enfim.

Na trágica existência como Paolo Giovannini, o pregador



rebelde e destemido, ele sofrerá as consequências de uma situação cármica anterior da maior gravidade que nos cumpria ainda pesquisar na sua memória integral, se é que estávamos realmente empenhados em ajudá-lo. Ele fora vitimado pela intolerância mais estreita e cruel. Sofrerá por pensar certo e expressar com clareza suas legítimas convicções. Que haveria por detrás de tudo aquilo?

Seguem os preparativos para nova regressão, ou seja, para novo recuo no tempo, em busca de memórias mais remotas mais remotas ainda, onde quer que se encontrasse o núcleo daquela agonia multissecular. Após uma pausa mais ou menos longa, ele retoma a palavra, já agora com total facilidade de expressão, nenhum vestígio de gagueira.

— Eu conheço um homem - diz ele. Sabe? Ele é meio revolucionário, meio maluco, até!

— Conte.

— Contar? Mas quem é você? De que lado você está? Você viu para o Senado? Você também é do Senado?

Sou um amigo seu. Não se preocupe. Você é um senador?

— Então você não percebe? Você vive aqui? Então você não vê que este homem... Ora, dizem que é um sábio, mas não é. É um subversor da ordem. Ele vive pregando à juventude ideias de liberdade, de não sei que mais. E não se pode, porque não podemos deixar que os nossos jovens se guiem por uma influência dessas. Porque... afinal, concordo até com ele. Ele é contrário à aristocracia. Ele o disse, certa vez, em praça pública, num pronunciamento. Um amigo meu me disse. Conheço muito bem os regimes e conheço a natureza humana. Sei do que você é capaz de

fazer com essas influências. Ele disse assim: ‘Homem, nada conhecerás enquanto não conheceres a ti mesmo’. Eu fui lá e ouvi.

Estamos novamente perante uma regressão total. Nosso manifestante encontra-se, de fato, pela magia fantástica da memória, em plena Grécia dos tempos áureos. É uma figura destacada na sociedade e na política locais, onde exerce mandato de senador. É óbvio, também, que fala de Sócrates<sup>(2)</sup>, o subversivo que prega aos jovens e, a seu ver, os corrompe. Não, porém, porque discorde das ideias do grande filósofo, mas porque elas são claramente *perigosas* e ameaçadoras ao seu ‘status’.

— Temos de ter cuidado — prossegue ele. Amanhã seremos a velhice e essa juventude, com essas ideias... Nós temos direitos adquiridos. Há legislação a respeito.

— Você tem autoridade...

— Claro, Temos de manter os jovens sob controle.

— Bem, e como foi o diálogo com ele?

— É isto que lhe estou dizendo. Ele falou e então... Fomos, eu e mais um companheiro, visitá-lo e propor até que, se ele quisesse, com todo o prestígio que ele tinha... Posso dizer que ele *tinha*? Porque já não tem mais...

— Ah, não tem mais? Que aconteceu?

— Tivemos que... dar um jeito, não é? Então... Nós lhe demos uma oportunidade para que ele se retratasse, que dissesse que aquelas ideias não eram... Onde já se viu? Mas ele não aceitou, não. Depois, como já era um velho, decidimos. Se o condenarmos, será um exemplo para outros. E aqueles discípulos todos dele que

ficarem, são inofensivos. Ele é que é o perigo!

— Mas que ideias eram essas? Não era somente sobre a liberdade que ele pregava, não é? Era sobre a existência da alma...

— *É*, mas isso acabava com os deuses! Não podia. Não podia... Acabava com os deuses e com as oferendas. Que seria de um país sem deuses?

— E também a metempsicose...

— Pois é, mas como se iriam castigar as almas se elas não viessem e não voltassem em seres que se chamam inferiores?

(Era crença corrente naqueles tempos que um ser humano poderia reencarnar-se num animal para expiar suas faltas mais graves).

— Como então, vocês resolveram? Debateram o assunto no Senado?

— Ele foi condenado.

— E você votou pela condenação?

— Ah, votei! Se ele se retratasse não faríamos nada, lhe daríamos a liberdade. Quer dizer... talvez o exilássemos para uma das ilhas por aí, qualquer, onde ele ficasse por lá metido num canto. Até pensamos que poderíamos exilá-lo e que ele trocasse de nome e fosse aprender um ofício qualquer, mesmo porque um homem que não trabalha, que vive de ficar pensando... um homem que vive de pensar...

— Ele pregava contra as coisas existentes, contra o sistema predominante.

— Não estava certo! Foi o sistema que o alimentou. Ele já

estava velho. Ele foi alimentado por aquele sistema. Foi sustentado, nasceu naquele sistema. Então, era uma ingratidão, uma injustiça. Ele não podia fazer isso! Pensa bem: ele podia fazer? Já imaginou você perder todas as suas regalias porque queriam um governo impossível, democrático? Impossível isso! Não podia! E onde fica a hierarquia? Já imaginou você perder todas as suas regalias de Senador?

— E vocês votaram, então, pela condenação, pela pena de morte...

— É. Votamos — diz ele algo hesitante, após uma pequena pausa.

— E como era a execução da sentença?

— Você não sabe? Você não mora aqui?

— Pela cicuta, não é?

— É uma maneira indolor. Olha, sabe que aquilo foi até uma coisa que fizemos com... (relutância?) Eu particularmente preferia não ter tomado parte, mas eu também tinha de pensar na minha posição, na minha vida, na minha família. Eu achei: 'Vamos declarar o velho insano e vamos exilá-lo...' Mas ele era impossível!

— Ele não quis nem fugir, não é? A sentença não foi prontamente executada. Teve de esperar a volta do navio...

— Ele não quis fugir.

— Você sabe que foi feita uma tentativa para que ele fugisse?

— Ah, soubemos.

— Você conhece a pessoa que foi lá falar com ele?

— Não, não sei.

— Conhece, sim. Você sabe quem é.

Ele faz um meio sorriso e prossegue:

— Soubemos, sim, mas ele não teria conseguido fugir. Também se ele tivesse fugido teria até resolvido um problema para nós. Não teria sido executado e nos deixaria em paz, desde que mudasse de nome e esquecesse daquelas ideias. Como se pode viver numa sociedade sem hierarquia, sem regalias, sem privilégios?

— E os discípulos não prosseguiram com as ideias dele?

— Olha, eu sei que pelo menos durante algum tempo eles ficaram calados. Também eram mais discretos. Bem mais.

— Mesmo aquele que foi tentar libertá-lo?

— Nenhum deles tinha a influência que ele tinha. Ele tinha isso que se chama...

— Carisma?

— Carisma, confirma ele.

— Não era só isso: ele era um gênio.

— Carisma e isso que se chama magneto: atraía.

— E não atraiu a você, com as suas ideias?

— Não. As ideias dele acabavam com todos os meus privilégios! Ele queria o povo no poder. Se o povo vai para o poder, o que será de nós? As outras ideias não eram tão importantes. Mais um deus, menos um deus, isso não faria muita diferença. E acreditar se você vai para o *hades* (inferno) ou para outro lugar, se você fica aqui ou se fica ali, não faria diferença, nem ia mudar a nossa posição, nem alterar a nossa sociedade em nada.

— Quer dizer que com a morte dele tudo se aquietou. Não

houve mais problema algum?

— Não. Não houve. Político, não. E se houve algum, digamos de caráter religioso, aí não importava... Como lhe disse, mais um deus, menos um deus...

— Escuta. Você teve oportunidade de estar com os discípulos, com alguns dos amigos dele, depois que ele morreu?

— Não. E por que? Eles se desgarraram, eles não tinham aquela coragem.

— Você conheceu alguns deles pessoalmente?

— É. Conheci — admite ele com pouca vontade. Conheci. Nós convivíamos ali, tínhamos de conhecer.

— Crito, por exemplo.

— Ah, sim. Era um jovem sentimental, como todo jovem, um admirador... Se não fosse jovem... Até se pensou em segregá-lo por algum tempo na prisão, porque ele tentou fazer um movimento, mas depois, deu em nada. No fundo... nos disseram depois: “Ah, vocês mataram um grande homem”. Mas o que é um grande homem? Grande é aquele que está lá no trono, que comanda.

— No Olimpo? — pergunta bobamente o doutrinador.

— Não. No Olimpo estão os deuses. Não estou falando dos deuses. Estou falando dos homens. Quem é grande aí? Até os deuses mesmos; eu acho que ter o poder aqui é melhor do que tê-lo lá no Olimpo.

— Mas, meu caro Senador... Qual é o seu nome mesmo?

— Ora, não importa. Se você não está me conhecendo, como vou dizer meu nome?

— É que *você* me conhece...

— Você acha que isso foi uma coisa errada? O que fizemos?

— Não, meu querido. Não estamos condenando ninguém. Compete a você decidir. O importante é você saber que ele morreu *porque pensava*.

— É. Pensava. E agora, já que estou falando disso, vou lhe falar de outra coisa. Eu era uma pessoa que estava muito interessada em que esse movimento morresse porque eu tinha possibilidade de subir... E depois disso, tive um amigo que era também aficcionado desse... desse homem, desse pensador. (É óbvio que evita pronunciar o nome do grande filósofo) Pensador, nada! Esse amigo ensaiou um protesto e quis me... praticamente me desrespeitou, me desacatou e fez uma série de coisas... Eu lamentei. Tínhamos sido amigos de infância e como é que um amigo faz isso com outro, não é? Por outro lado, ele passou a ser uma ameaça para mim. Então... houve uma noite que... Primeiro falei com uns amigos do Senado: 'Fulano está fazendo isso e está promovendo uma rebelião. Temos de ter cuidado. Ele está aliciando pessoas'. Então, nós o *silenciamos*.

— É? Como foi isso? Também com a cicuta?

— Não! Pagamos alguém que o eliminou de forma que parecesse...

— Um acidente?

— Não, não. Acidente nenhum. Naquela época, você era assaltado em qualquer lugar. E... pronto! Ele foi assaltado...

— Quem era esse amigo seu? Pode dizer o seu nome?

— Não. Era um amigo. Os mortos não tem mais existência.

Não preciso dizer. Deve estar lá pelo *hades*...

Faz-se uma pausa. O doutrinador se prepara para despertá-lo, trazendo-o de volta, finalmente, à sua realidade presente, sugerindo que conserve a lembrança desses dois episódios dramáticos de suas vidas — a existência na Itália de Frei Paolo Giovannini e a remota existência como Senador grego ao tempo de Sócrates.

Mas ele ainda tem algo a dizer:

— Sabe que uma vez me disseram que eu... Não sei quem, nem quando, nem onde, mas isto é uma coisa que está aqui dentro de mim. Me disseram que eu tinha perdido a oportunidade de aprender com um grande homem. Que tinha convivido com um grande homem e não soube. Não sei quem me disse. É alguma coisa aqui, na minha cabeça.

— Você vai lembrar-se de tudo. Por favor, conserve isso na sua memória. Vamos despertar.

— Lembrar? Como lembrar? Que quer dizer lembrar-se? Onde você está? Que quer você dizer com lembrar? Que quer você dizer com voltar? De repente você me diz... Vem cá, para onde? Para onde? '

Perdeu-se no tempo e no espaço e na identidade. Faz uma pausa, na qual se percebe grande perplexidade. Baixinho, pergunta-se a si mesmo:

— Para onde ele quer me levar?

Um momento depois, está completamente despertado.

— O que é isto aqui que me está incomodando? Parece que a minha língua estava paralisada. Que coisa estranha!

— Ela foi cortada. Você se lembra?



— Ela foi cortada... Aqueles desgraçados!

— Você se lembra do outro episódio também na Grécia?

— A Grécia? Eu lá não matei ninguém. Não mandei cortar a língua de ninguém.

— Mas paralisou a língua de um que tinha ideias.

— Eu paralisei? Você sabe o que é cortar a língua de alguém só porque está falando a verdade?

— Você sabe melhor do que eu porque mandou paralisar a de alguém só porque estava falando a verdade.

— Ora, você... Está satisfeito agora, não, não? Você queria me apanhar em falta. Então, me apanhou.

— Não, meu querido. Não é isso.

— Como não é isso? Você queria me apanhar em falta e me apanhou. Isso não justifica e nem modifica nada porque... Não tinham o direito de cortar a minha língua. E prenderem-me naquele calabouço e queimarem meus escritos na minha frente. Aquilo foi pior do que cortar a minha língua. Eram as minhas ideias que estavam sendo queimadas, compreende? Eram o fruto das minhas meditações, dos meus estudos... Eu queria tanto publicá-las em livro e não consegui. Queimaram tudo. Sabe o que? É como um filho seu. Estava ali tudo. E eles queimaram... E você não diz nada? Eu não tenho razão?

— É hora de você dizer a si mesmo o que acha. Não eu.

— Agora ninguém mais vai cortar a língua, nem vai queimar os meus escritos.

— Nem te darem cicuta?

— Ninguém me deu cicuta e eu não a dei a ninguém.

— Mandou dar. Embora tivesse um momento de piedade, de compaixão, você subscreveu a sentença de morte.

— Não foi subscrever. Nós votamos.

— Meu caro irmão. Como você vê, nossas ligações são bem antigas. Estamos juntos tentando seguir em frente. Quando lhe dizia que éramos irmãos e companheiros, você rejeitou a ideia, mas como você observa, está tudo aí: os reencontros, as esperanças, as retomadas...

— E a vida continua a mesma coisa, não é?

— Não, não continua a mesma coisa.

— O tempo não passou.

— Perdemos já muito tempo... Você tem aí dois mil e trezentos anos, ou dois mil e quatrocentos e que adiantou?

— A única diferença é que já não se queimam mais os Jan Huss, já não se matam mais os Sócrates e não se cortam mais as línguas dos pregadores. O mundo continua o mesmo.

— Meu querido, é melhor morrer pela verdade do que viver pela mentira. Você não acha? Você é um homem inteligente e sabe que isto é verdadeiro. Você próprio disse aí que conviveu com espíritos grandiosos e perdeu oportunidades. Não foi só lá na Grécia. Foi depois também.

— Lembro-me muito de Galileu. Um homem, realmente um homem!

— Sim, mas a única palavra que você tinha para ele até há pouco era a de que ele fora um covarde.

— Sim, poderia ser um covarde, mas ter valores outros. Ou o

senhor acha que os covardes não têm o seu valor? Continuo achando que ele deveria ter-se defendido. Eu perdi a língua porque defendi minhas ideias. Ele não poderia ter perdido a vida?

— Sócrates também perdeu a vida pela cicuta porque defendeu ideias. Não se trata de ser covarde ou não. Galileu atendeu a um apelo sentimental. Não por covardia, por amor.

— A humanidade até hoje ainda não está preparada para o verdadeiro conhecimento, a verdadeira ciência. Sempre haverá Galileus, inquisições. . .

— Você não acha que já é tempo de acabar com isso, de arrancar línguas e matar os seres com a cicuta só porque pensam? Não acha que basta?

— (Pausa) É. Talvez você tenha razão. Mas o que fazer se não fizermos alguma coisa?

— Você acha que o nosso irmão Sócrates, na sua posição, tomaria as atitudes que você está tomando? Você votou pela sua condenação, meu querido amigo e companheiro... Isso não está sendo atirado contra você. Você não está aqui em julgamento, não está sendo condenado.

— Está tão longe e ao mesmo tempo está aqui, agora.

— Os amigos que viviam lá, seus companheiros, estão por aí também. Alguns caminharam um pouco mais, outros resolveram parar... Você não acha que é tempo de fazer uma revisão nisso tudo, repensar essas coisas? Você dá essa alegria de fazer um reexame?

— Sabe de uma coisa? A humanidade não vai mudar.

— NÓS podemos mudar. Não digo a humanidade. Nós, você, eu...

— Os homens vão continuar assim.

— VOCÊ pretende continuar assim?

— Sei. Continuo achando que há necessidade de um instrumento punitivo...

— Meu querido irmão, você diz isso depois de ter tido a sua língua arrancada? Acha que continua a precisar punir aqueles que pensam? Que pregam que a mulher tem alma? Você acha isso certo?

— Aquilo não foi punição foi um ato bárbaro.

— Por que fugir das palavras, meu irmão?

— E tudo porque eles tinham medo. Medo da minha língua que podia retirar-lhes os privilégios.

— Você teve medo, na Grécia, daqueles que também ameaçavam seus privilégios. Exatamente igual. Não somente a ele, mas você mandou matar o outro também. É preciso que você saiba que aqueles que, por sua participação, morreram não lhe detestam, não lhe odeiam; pelo contrário, estão estendendo as mãos a você.

— Hoje, pensando bem, acho que poderíamos ter deixado Sócrates viver.

— Tanto faz ter deixado como não, as ideias dele estão aí, meu querido. É um ser imortal, como você o é também. Só que ele cresceu e nós ficamos com as nossas miudezas, com as nossas insignificâncias.

— As ironias da vida! Depois que eu morri, fui verificar que as ideias dele estavam certas. Não se ficava preso no *hades* toda a vida com o cérebro ali à porta impedindo a passagem. Fui ver que não havia isso.

— E o outro amigo, também você o encontrou por lá? Não? Nunca mais?

— Não. Para que desencavar essas coisas?

— Isso é importante para que compreendamos nossas próprias dificuldades e problemas. Para saber que o amor está ali, e a afeição e o respeito, o desejo de servir.

— Cérbero, o cão com muitas cabeças... Sabe que teria sido muito mais simples se as nossas lendas fossem verdadeiras?

A observação tem a sua razão de ser e sua inesperada profundidade. Se fosse verdadeiro aquele tipo de expiação, ele não estaria hoje tão desencantado, perdido, aflito.

— Nossas fantasias — comenta o doutrinador — são sempre engendradas pelo comodismo.

— Seria mais simples... Pesavam-se as almas e umas iam para um lugar e outras para outro. E estava resolvido.

— De certa forma, as lendas são válidas, porque há um peso nas nossas ações no tribunal da consciência e a gente responde por aquilo que fez. O fato de cortarem a sua língua é uma sentença que a lei aplicou em você. Mas a lei lhe concedeu novas oportunidades, junto a outros espíritos também extraordinários.

— Acho que Galileu veio daquela época. (Reencarnação de um grego sábio)

— Sem dúvida alguma. Também acho.

— Não me lembro dele lá, mas ele veio de lá. Era um homem simples.

— A grandeza é simples.

— Eu o admirava, mas revoltei-me contra a atitude dele, porque matou tanta coisa que se poderia fazer. Eu mesmo queria fazer um nome com as (suas) ideias, com o desenvolvimento, enfim... (do que ele iniciara).

— Mas isso, meu irmão, ainda é consequência da sua dificuldade na Grécia. Você não teve a língua arrancada dessa vez, mas teve dificuldade em divulgar suas ideias, porque de outra vez você as sufocou no próximo. Agora não. Agora isso passou. Você pode fazer a opção do conhecimento...

— Hoje ninguém me impede de divulgar as ideias que quero divulgar.

— A sua consciência, sim, reclama; agora, impedir, não. Ela diz que não está bem isso aí, mas dizer que não faça, ela não diz. A decisão tem de ser sua.

— Sabe? Se não encontrássemos aí no plano de vocês tantas pessoas vaidosas, *talvez fosse mais fácil para nós nos desligarmos de determinadas coisas....*

— Concordo com você.

— ...mas encontramos veículos e então nos lembramos de que há qualquer indício dentro da gente que mostra que você quer veículos para divulgar o que pensa. E você os encontra, as pessoas querem... Assim, fica difícil...

(Permita-nos o leitor chamar sua atenção para a importância desta surpreendente confissão. Ela nos alerta para insuspeitados aspectos de nossas paixões que nos faz corresponsáveis pela cristalização de muitos em seus lamentáveis equívocos precisamente porque oferecemos campo para tentações ainda

incontroláveis naqueles que do mundo espiritual, nos observam).

— E você — continua o doutrinador — toma o veículo que vai para o buraco, para o abismo, em vez de tomar outro que vai para cima? No século 12 ou treze, por aí... Quando foi? Você tinha ideias tão bonitas a respeito do Evangelho: que a mulher era um ser criado por Deus tal como o homem, que estavam traindo o Cristo e você morreu por essas ideias. Você tem uma estrutura filosófica limpa, decente, desde aquela época. Por que agora você opta deliberadamente por iludir-se a si mesmo? Já não é tempo de mudar?

— Vivi anos com aquela língua cortada. E sabe o que alguns deles faziam? Vinham, aos domingos, ler para mim os sermões que tinham feito. E me diziam que haviam perguntado por mim — o povo — e diziam que eu tinha adoecido e que o Senhor me tinha levado. Que ironia! O Senhor me manteve ali preso!

— Mas o Cristo não lhe abandonou, meu irmão.

— Como ele permitiu que me tivessem cortado a língua quando eu o defendia?

— Não. A LEI o permitiu, porque quando você mandou calar aquele outro, ninguém lhe impediu que o fizesse.

— Nós não lhe cortamos a língua — insiste ele.

— Silenciaram a língua que dizia todas aquelas belezas. É a mesma coisa.

— Disseram aos fiéis que apagassem de suas mentes tudo aquilo que eu falara porque eu estava possuído pelo demônio.

— Sim, mas isso não impede que as teses que você então defendeu fossem verdadeiras e continuem verdadeiras hoje. Aquilo

foi um episódio no qual você respondeu por um compromisso espiritual seu. As ideias eram legítimas e continuam legítimas. Você tem condições de realizar o trabalho da reconstrução do seu espírito.

— Você tanto fez que conseguiu me pegar, heim?

— Não fui eu que lhe peguei. A sua própria consciência está exigindo de você alguns reparos ao seu modo de ser. Estou apenas tentando falar com você aquilo que sua consciência também fala, do que seus sentimentos falam. O Amor é uma chama que não se extingue em nós. A amizade e a afeição que uniram em outros tempos, continuam válidas hoje, como também o amor da sua mãezinha do século XVII. Somos seres dotados de razão, sim. Nada impede que prossigamos na busca do conhecimento.

— Eu não tinha desrespeito por aquela velhinha, não. Compreendi até o seu gesto de queimar as minhas coisas, porque, numa inspeção, se alguém encontrasse meus papéis, ela sabia que eu talvez não negasse e ela temia por mim.

— Meu caro irmão. Sou muito grato a você por ter vindo até aqui e ter trazido esse depoimento...

— Por duas vezes minhas ideias foram queimadas...

— Você devia muito perante a lei. Você fez calar um homem que teria revolucionado toda esta civilização talvez, se fosse ouvido mais, se vivesse um pouco mais. Sua responsabilidade foi muito grave. A lei lhe deu oportunidades para mostrar-lhe como é grave fazermos calar aquele que diz a verdade. E você, daí em diante, acostumou-se com a mentira, meu irmão.

— Você não acha que foi uma punição severa demais?



— A lei não cobra NADA que não devamos.

— E me cobrou por duas vezes?

— Da segunda vez não lhe arrancou a língua, nem lhe fez calar.

— Mas me queimou as ideias. Amordaçou-me.

A essa altura do diálogo, nosso tempo esgota-se e o doutrinador dirige-lhe algumas palavras finais.

— Agora, meu caro irmão, não temos mais tempo nesta noite. Quero agradecer a você por ter vindo e ter-se tranquilizado em relação a nós. Leva o nosso carinho, o nosso respeito e o nosso apelo. Vamos trabalhar juntos para reconstruir esse mundo e não contribuir para que ele vá cada vez mais para as profundezas do abismo. Esse expurgo de que você falou, realmente poderá ocorrer...

— Já está ocorrendo...

— Está, mas a misericórdia divina nos concede a oportunidade de chegar até você para que possamos dizer-lhe que você não deve ir para lá, que precisa ficar conosco. Há o que fazer aqui, na reconstrução do mundo que vem aí. É este o apelo que lhe estamos levando. Você não está sendo obrigado, meu irmão, está sendo *convidado*. Entende?

— Entendo.

— Aceite o meu carinho fraterno, meu respeito, meu afeto. Lembre-se de mim com uma expressão de tolerância.

— Diga-me uma só coisa: Qual o seu interesse em tudo isso?

— É porque nós lhe amamos, meu irmão. Só isso. Cada vez

que ganhamos um companheiro, alguma coisa acontece de bom entre nós,

— Você me lembra um beduíno que estivesse no deserto com a única função de dar água aos passantes. Seria isso? Sem interesse nenhum?

— É uma bonita imagem.

— É difícil hoje alguém fazer qualquer coisa sem interesse nenhum.

— Estamos aqui com o nosso grupo quando você achar e se achar que deva voltar. Aqui estaremos. Você será recebido com o mesmo respeito pelas suas ideias, pela sua maneira de ser. Isso não impede que a gente conteste um ponto ou outro. Eu o admiro e o amo.

— *Alea jacta est!* — é a sua palavra final.

Embora sem compreender muito bem as nossas motivações, que lhe pareciam inexplicáveis, resolveu apostar no amor. Seja como for, pelo menos revelou indiretamente que tinha sede e reconheceu que ali estava alguém disposto a dar-lhe um pouco de água fresca.

Retirava-se, portanto, disposto a certas reformulações na sua filosofia de vida. Estava lançada a sorte. Sabia muito bem que nada seria fácil, nem haveria atalhos para encurtar caminhos ou anestésias para a sensibilidade para atravessar espinheiros e cruzar terrenos pedregosos. Não nutria ilusões e não estava fortalecido pelo otimismo. Tinha, não obstante, à sua disposição uma

riquíssima experiência humana. Cometera, sim, o equívoco lamentável de ajudar a promover a eliminação de Sócrates porque o ‘Pai da Filosofia’ pregava ideias que punham em risco regalias e privilégios seus. No fundo, bem sabia ele que tais ideias eram justas, como acabou por confirmar no mundo espiritual após o processo inexorável da desencarnação, que não respeita nem senadores com as suas mordomias ou reis com as suas prepotências.

Não negava a existência de Deus, apenas procurava ‘acomodá-la’ às suas conveniências pessoais, ou seja, àquilo que entendia ser de seu interesse particular. Não desconhecia o Evangelho de Jesus, antes conhecia-o muito bem, tão bem que certa vez mandaram cortar-lhe a língua porque proclamava destemidamente que a mensagem do Cristo estava sendo aviltada de mil maneiras diferentes, precisamente pelos que juraram divulgá-la e defendê-la na sua integridade e pureza.

São incontáveis, em longos anos no trato com problemas desta natureza, as vezes em que testemunhamos a fantástica precisão das leis divinas na caprichada elaboração dos programas de reajuste. É sempre com a mesma renovada surpresa e profunda reverência que contemplamos o perfeito arranjo das simetrias retificadoras. Sabia muito bem do que falava o Cristo em tudo quanto nos ensinou, como ao advertir-nos de que ‘não sairíamos de lá’ (da dor) enquanto não tivéssemos pago até o último centil e de que seria ferido pela espada aquele que a usou para ferir o irmão, onde quer que seja, no tempo e no espaço. Estava ele absolutamente certo, preciso, verdadeiro, até o último dos pormenores e o mais sutil dos matizes.

Repassemos resumidamente o caso do nosso querido senador.

Votou pela condenação de Sócrates para fazê-lo calar-se, porque sua palavra destemida ameaçava instituições consagradas pela tradição interesseira, bem como prestígios e privilégios e contestava estruturas hierárquicas dominantes. Não era possível deixar falando alguém que pensava daquela maneira subversiva e perigosa, mesmo sabendo que ele pregava a verdade.

Volvidos os séculos, é a vez do antigo senador enfrentar situação simetricamente idêntica. Como sacerdote católico, prega destemidamente a verdade evangélica tal como a vê, e como contesta hierarquias e põe em risco instituições que proporcionam prestígio e privilégios a muitos, arrancam-lhe a língua e queimam-lhe os escritos para que não germine no coração dos outros a semente daninha da 'subversão' dos princípios ditos religiosos da época. Acharam que também ele não deveria continuar falando daquela maneira.

Parece, contudo, que a lição não foi assimilada, de vez que não houve aceitação da sua parte. Convicto das suas posturas filosófico-religiosas, entregou-se à revolta, acusando ao Cristo que, a seu ver, abandonara-o à sanha criminosa de seus companheiros de hábito.

Uns poucos séculos adiante, novamente o nosso irmão se vê envolvido nas dobras escuras da intolerância. Desta vez a disputa gira em torno de questões científicas com implicações religiosas. Proclamando que o Sol era o centro do sistema planetário, Galileu, seu amigo e mestre, foi considerado perigoso herético que punha em xeque milenares estruturas, nas quais viviam acomodadas verdadeiras

multidões de parasitas do Evangelho.

Mais uma vez, a lei vai à minúcia, ao ceitel que faltava. O antigo senador grego que tentou levar Sócrates à retratação, agora fica indignado porque Galileu retratou-se. Seja como for, algum progresso se realizara no episódio da tenebrosa abadia medieval e, por isso, desta vez, a lei coloca junto dele o espírito amoroso de uma generosa mãe que o protege das garras dos inquisidores e da tortura certa e da morte provável.

Mas ele continua a rejeitar as lições que a lei lhe proporciona. Daí em diante, sua programação de vida consistirá em ser um promotor de Deus, um 'free lancer', um revelador autônomo do mal nos outros, certo de que estava colaborando com a divindade no 'expurgo' final, na grande separação anunciada. Se ele caíra, por que não poderiam outros tantos cair com ele nos abismos do desespero? Achou que se tornara impossível a conciliação entre conhecimento e fé, entre saber e amar, entre ciência e religião. Optou pelo conhecimento sem sabedoria e sem amor.

Decorridos mais alguns séculos, ainda nos pergunta se não achamos que a lei fora severa demais com ele. Nota-se, porém, que começa a ver as suas experiências de um ponto de vista renovado. Algo mudou *dentro* dele. Chega mesmo a achar o que o doutrinador é um beduíno incompreensível que fica ali no deserto a oferecer água aos viajores. E de graça! Será que isso é mesmo possível e verdadeiro? Gente que serve sem tomar nada da gente?

Em um dos seus muitos momentos de indiscutível lucidez chega até a reconhecer que seria mais fácil para ele e outros tantos companheiros, tão transviados como ele, desligarem-se de

determinados equívocos se não encontrassem ‘aí, no plano de vocês, tantas pessoas vaidosas’.

A história propriamente dita termina aqui. Há, contudo, lições tão sugestivas e aspectos tão curiosos em outro encontro que tivemos, que julgamos oportuno dar notícia a respeito. É que, decorridos alguns dias de meditação e reexame, nosso querido companheiro espiritual voltou a falar conosco. Sua postura ante a vida era ainda de profundo desencanto e amargura. No entanto, algo mudara nele. Logo após a saudação habitual com a qual acolhemos todos os manifestantes, falou com voz pausada e grave, como se medisse bem as palavras que, obviamente, resultavam de extensas e cuidadosas reflexões.

— Quero agradecer as vibrações de simpatia que os senhores me enviaram — começou ele. Estive pensando naquilo tudo que conversamos aqui, mas tenho muitas mágoas, compreende? É difícil voltar a crer em algo sobre o qual você perdeu completamente a fé.

Concordamos com ele, pois de fato compreendíamos sua dificuldade. Como voltar a cultivar uma fé ou aderir a uma comunidade religiosa que no passado ficou tão vivamente identificada com a injustiça, a opressão, o obscurantismo dogmático, as técnicas de tortura moral e física e de verdadeiro terrorismo?

Achava ele, ademais, que mesmo com um componente de vaidade, o cientista é uma pessoa basicamente interessada no bem estar da humanidade. Por que desconfia tanto a Igreja da ciência, do conhecimento, da pesquisa?

Durante a semana, voltara aos seus gráficos e mapas, desta vez

para projetar visualmente o roteiro de suas vidas pregressas, incluindo as que haviam sido há pouco resgatadas da profundidade esquecida da sua memória integral.

— É verdade — disse ele — que as linhas vão dar num ponto.

Aceitava, portanto, o que lhe havíamos dito. Conjugando os incidentes da existência que vivera ao lado de Galileu com o que agora sabia de sua participação na vida (e morte) de Sócrates, descobriu um estranho paradoxo — o de que sempre admirara Sócrates — ‘o Sócrates que via por trás de Platão”, acrescentou. Algo lhe dizia existir ali uma vinculação qualquer, um envolvimento pessoal seu que ele não conseguia caracterizar e muito menos definir. E o admirava. Tinha agora na consciência ‘aquele quadro triste’ a mostrar-lhe que ele contribuía para que “um homem daquele porte” se calasse porque dizia a verdade incômoda.

Ainda questionava, porém, a proclamada simetria das leis cármicas, porque a condenação de Sócrates fora um caso político, enquanto que o dele, na abadia medieval, fora um caso religioso. Reconhecia sua culpa agora e se arrependia do que fizera, mas, sem tentar justificar-se, lembrou que vivia num contexto social, político e econômico que pelo menos explicava as situações.

— Nós o víamos como uma ameaça — observa. Ele queria o povo no poder e isso era inconcebível naquela época. Se o povo subisse ao poder, para onde iríamos nós?

O doutrinador argumenta que não importa muito se a motivação do processo tenha sido política ou religiosa; o que importa é a lição que ficou, ou seja, a de que ele contribuía para que Sócrates fosse eliminado para calar-se. Ambos falavam a

verdade. Além do mais, o problema medieval era ainda político, de vez que os senhores dignitários da Igreja viram seu poderio ameaçado, tal como ele o vira na Grécia ante a pregação de Sócrates. Lá era a política do estado laico, aqui a política do estado eclesiástico sediado no Vaticano.

Fora tão intensa a revolta que experimentara com o horrendo castigo medieval que ficara fixado ali, como que prisioneiro daquele contexto, detestando qualquer coisa que tivesse o mais tênue vínculo com aquele período da história.

— A Idade Média — disse — foi uma fase negra. Tudo o que fizemos na Grécia ficou perdido. Depois dessa amaldiçoada idade é que foi renascer tudo, recomeçar tudo. E nesse recomeço perdeu-se muito do original, muito do autêntico.

É verdade que o grupo de estudiosos que ele integrava sob a liderança de Galileu, não acreditava na divindade de Jesus, mas não saíram a pregar isso. Estavam fascinados pelo estudo do universo, uma coisa concreta, não um princípio teórico, uma concepção abstrata.

— Não éramos ateus — acrescenta. Galileu não era ateu. Só não éramos religiosos.

Acontece que ninguém podia pensar, era proibido. O pensamento tinha de ser vigiado, policiado. Até a simples investigação ou pesquisa estava sob severa suspeita. Bastava estar a pessoa na posse de um papel, um documento misterioso ou incompreensível para correr riscos imprevisíveis. Descobertas as grandes verdades, ou leis importantes da vida universal, o brado de alegria tinha de morrer na garganta do descobridor.



— Sorrio agora quando vejo, desta posição, — diz ele — a Igreja querendo reabilitar Galileu, declarando que ele estava certo. Digo-lhe uma coisa: ainda é por motivo político.

Idade Média, obscurantismo e Igreja parecem sinônimos para ele, um só jogo de sombras, fundidas numa só nuvem de trevas.

Quando o doutrinador declara que mesmo essa tardia revisão ainda é um gesto de certa grandeza, ele tréplica, candente:

— Sim, e esses anos todos de atraso da humanidade de que ela é responsável? Ela se retratou? Que fez ela? Que faz ela hoje? O senhor sabe que há pouco tempo um padre, um sacerdote, só porque teve o que eles chamam de audácia de falar, nas entrelinhas, da sobrevivência, da reencarnação... o senhor sabe... teve de ser calado, excomungado, sei lá...

Refere-se ao eminente e genial Padre Teilhard de Chardin, obviamente, que, sem ter chegado aos extremos da excomunhão, de fato sofreu pressões implacáveis e viveu o tempo todo sob suspeita, com livros, teses e estudos engavetados porque não conseguia licença para publicá-los.

Segundo o nosso visitante, a religião continua, pois, contra a ciência. Chardin fora um homem de ciência que ‘estava lá dentro’. Chegara o momento de dizerem: (Para subitamente neste ponto e acrescenta em voz baixa: ‘estou me exaltando’). E prossegue em tom normal, observando que chegara o momento de usar aquele homem para promover uma renovação, publicar seus escritos, dar-lhe o apoio de que ele precisava e merecia.

Eram essas as coisas que lhe suscitavam desencanto.

O doutrinador propõe-lhe uma opção:

— Use sua inteligência o seu talento para construir. Não há conflito algum entre ciência e religião. Vamos construir uma religião que pensa, que ama, que ajuda, que serve, que caminha.

Seu pensamento, contudo, segue o roteiro pré-traçado.

— E quanto amávamos as estrelas! E quanto queríamos penetrar os mistérios do universo! Galileu era um grande homem! Alma de criança... Era puro de sentimentos. Não mereceu aquilo que fizeram com ele. Ficou naquela hipócrita prisão domiciliar e nem os amigos podia receber. Não podia ver ninguém, não podia sair. E não é só isso. A Igreja também atingiu a mim, indiretamente, através de amigos e parentes. Até uma noiva que eu tive foi queimada na fogueira. O senhor há-de convir que tenho mágoas legítimas.

Lembra o doutrinador que sim, as mágoas são legítimas e que a Igreja estava errada, pois o Cristo não pregou nada disso, não autorizou o assassinato, nem a tortura, ou a opressão. Não poderíamos esquecer, contudo, que isso faz parte de um contexto de responsabilidade pessoal nossa.

— Alguma coisa no seu passado explica essas perdas, essas agonias e angústias. Nada disso nos acontece gratuitamente. Tudo faz parte de um esquema.

Entende ele, ainda, que para mudar e reconstruir é preciso antes destruir. 'Como pode o senhor construir em cima do que está errado?'

— Não é *em cima* — diz o doutrinador. É começar tudo de novo, em outras bases, com outros propósitos.

Seja como for, a semana de meditação lhe fora proveitosa e ele

nos agradecia. Sua mente abria-se como um leque: 'Não via apenas o passado de erros, mas também, as coisas boas que realizei. Vi de novo as nossas reuniões com Galileu. Vi nossos gráficos. Vi meus papéis que a minha mãe queimou, tudo como se nada tivesse perdido”.

Conversara com o companheiro espiritual que dirige os nossos trabalhos e que observara que ninguém poderia 'apagar o universo. Tudo está no seu lugar, mesmo que o homem o negue. Tudo o que você estudou e pregou continua lá à sua espera para que você continue. As estrelas estão nos mesmos lugares.. .'!

E o doutrinador acrescenta:

— Muitas coisas estão à espera de explicações e entendimento. Estamos precisando de gente para penetrar os segredos da vida. Deus não sonega a informação. Tudo está à nossa disposição. A natureza é um livro que podemos ler. Precisamos de inteligência e de conhecimento para lê-lo. Precisamos utilizar esse conhecimento com amor, para servir, para fazer o homem caminhar. Por que esmagar os que estão errados? Vamos ajudá-los.

Diz ele, a seguir, que teve muitas esperanças no Espiritismo nascente, que se propunha a reabilitar a ciência, colocando-a no seu devido lugar, mas acha que a realidade tem sido outra. Teme, talvez, que recaia tudo no antigo equívoco dos dogmas e na estruturação de um poderio político.

— Que dogmas? — pergunta o doutrinador. A reencarnação? A imortalidade?

E ele, convicto e lúcido: ‘Não. Isso são verdades!’

— Se o ser sobrevive — insiste o doutrinador —, se é

responsável pelos seus atos, se ele se reencarna, então não existe aí uma estrutura de pensamento religioso? Que é religião, então?

Ele parece aceitar a argumentação e suscita com brilhantismo e propriedade outro aspecto do maior relevo:

— Diga-me uma coisa com toda sinceridade — pede ele. Embora nunca tenha sido religioso, estudei o Evangelho e realmente não vi como o Evangelho contrariasse a ciência. E por que os homens a combateram em nome desse Evangelho?

— Uma boa pergunta — retruca o doutrinador.

— O Evangelho nunca teria condenado Galileu, nunca teria queimado meus papéis, ou cortado a minha língua.

Mais uma vez o doutrinador está de acordo e lembra que o que está errado, portanto, não é o Evangelho, mas as pessoas que agem em nome do Cristo, os profissionais da opressão, aqueles que desejam reter a humanidade em estado primitivo de ignorância. E uma pergunta final:

— Vamos ficar presos a isso, em vez de construir um mundo melhor ao qual todos aspiramos?

O nosso visitante acha ainda que se a ciência houvesse ocupado sempre o lugar que lhe compete, talvez a juventude 'do mundo dos senhores de hoje, não fosse tão desajustada'.

— O Evangelho é uma ciência, — diz ele pouco diante — mas o jovem quer saber. Ele quer conhecer e não lhe ensinam a *conhecer* o Evangelho: fazem-no repetir e engolir todo, como a um remédio amargo. Engula, aceite... Mas não mostram...

— O Espiritismo não pensa assim — diz o doutrinador.

Queixa-se ele de que no mesmo equívoco recaiu a Reforma

Protestante: 'não fez que o povo *conhecesse* o Evangelho, fez que o povo o repetisse e o decorasse, mas não mergulhou nele, compreende?'

— Não havia chegado o momento de fazer esses desdobramentos que você, por exemplo, está em condições de fazer — replica o doutrinador. É fácil criticar o que está errado no passado. E nós? Que estamos fazendo? Você tem uma belíssima doutrina e estou de acordo com ela. O Evangelho é ciência e precisa ser desdobrado como tal, porque a doutrina do amor é científica. Então, meu Deus, se sabemos disso, porque vamos ficar olhando para trás, para aqueles que estavam errados? Os que estão em erro precisam de ajuda, não de crítica.

O tempo destinado ao diálogo Vai-se esgotando e o doutrinador previne do fato o nosso irmão. Ele se torna mais nostálgico:

— Gostaria de saber onde está Galileu. Gostaria de ouvi-lo de novo. De saber o que mais ele descobriu, o que mais ele ampliou, que sistemas delineou.

— Uma coisa imagino — diz-lhe o doutrinador — Ele não deve estar preocupado em combater a Igreja que o fez sofrer. Deve estar cuidando de criar alguma coisa nova. Continuar investigando o universo para que o futuro seja melhor do que o passado. Você estava até agora muito cristalizado no passado. Vamos olhar para frente.

— Acho que eu estava muito faminto, porque a mente que se dedica à ciência real, ao saber pelo próprio saber, acostumava-se a alimentar-se do conhecimento.

— Não é necessário que você abdique dessa busca. Ao

contrário, quanto mais você souber, mais útil será à sociedade humana, desde que utilize esse conhecimento com sabedoria.

— Veja que ironia! Galileu foi condenado por estar — segundo os cânones da época — criando uma teoria contrária ao Evangelho e foi justamente o oposto. Ele provou que o universo é muito maior, que Deus era muito mais poderoso do que se acreditava.

Encerramos neste ponto nosso diálogo. As palavras finais foram de afeto e mútuo respeito. A conversa fora franca, um tanto veemente, aqui e ali, com algumas divergências, mas concordante nos conceitos básicos.

Com este companheiro querido, vivemos estimulantes horas de emoção. Dele nos separamos com otimismo e esperança. Como bons amigos que há muito não se viam e que tiveram de ‘botar a conversa em dia’. Amigos que se despedem por algum tempo, em seguida, um tempo talvez breve, porque estão sempre a encontrar-se aqui e ali. Pois não estão seguindo juntos para a mesma destinação? Não foi precisamente isso que ele acabara de observar no traçado dos gráficos e mapas que levantara a partir da sua própria história espiritual?

## 1- GALILEU GALILEI

Foi a partir das oscilações de um candelabro na catedral de Pisa que Galileu começou a revelar a pujança de seu gênio altamente dotado para matemática e ciências físicas, bem como de acurado poder de observação acoplado à faculdade de deduzir inventos práticos de suas experimentações. Por ocasião do episódio na catedral, em 1581, tinha apenas 17 anos, pois nascera em 15 de fevereiro de 1564.

Era filho de Vincenzo Galilei, representado em suas biografias como um nobre arruinado que vivia de vender tecidos na sua loja. Também ele muito bem dotado para matemática, entendia, contudo, inúteis tais conhecimentos e como o filho manifestasse semelhantes inclinações, ele resolveu empregá-lo na loja, na esperança, talvez, de fazer dele um bom comerciante.

Alguns autores gostam de dizer que Galileu *herdou* da mãe o temperamento colérico e sarcástico e do pai o talento para a matemática. A verdade é que não herdamos tendências e disposições, embora elas possam ser cultivadas e até desenvolvidas sob supervisão e influência dos pais e dos mestres. É certo, porém, que Galileu Galilei não era de trato muito ameno, o que lhe granjeou não poucos inimigos, especialmente entre seus colegas cientistas e professores.

Com a intenção de fazê-lo médico, o pai matriculou-o na Universidade local, mas o jovem preferia pensar com a sua própria cabeça e começou logo a contestar a filosofia de Aristóteles que, foi, era e seria ainda por muito tempo, uma espécie de sagrada

escritura nos meios universitários. Galileu queria comprovações experimentais para as formulações teóricas do respeitado filósofo, o que chegava quase a cheirar a heresia. E deu logo início às suas muitas e importantes invenções. Seus estudos são cheios de desenhos e projetos, aos quais se refere o Espírito cuja história é aqui contada.

Em 1589, com apenas 25 anos, era tal o seu prestígio que foi nomeado professor de Matemática da Universidade e não hesitou em servir-se da cátedra para continuar suas críticas às ideias de Aristóteles^ Inaugurando, por assim dizer, a era da pesquisa, Galileu preferia partir da observação para as leis, em vez de limitar-se a formular teorias.

Chocava-se, dessa maneira, com o ‘establishment’ da época. Seus adversários não o perdoaram e acabaram conseguindo prejudicá-lo, o que não foi muito difícil por causa do seu temperamento desinibido e sarcástico. A gota d’água foram seus irônicos comentários acerca de uma engenhoca dispendiosa, complicada e inútil inventada pelo meio-irmão do Duque da Toscana para dragagem de portos — o salário de Galileu foi reduzido e ele resolveu demitir-se e ir ajudar o pai na loja, mas seus amigos conseguiram-lhe nova cátedra na Universidade de Pádua.

Durante os próximos 18 anos ele teria mais liberdade e paz para prosseguir com seus estudos. Projetou fortificações e instrumentos bélicos, bem como pontes e outras construções, Inventou uma regra de cálculo, ainda primitiva, é certo, mas com a qual extraia raízes quadradas e cúbicas, bem como um transferidor de ângulos. Combinando esses instrumentos, conseguiu aperfeiçoar



consideravelmente a bússola astronômica. Foram tantas as encomendas de seus inventos, especialmente destes últimos, que ele teve de contratar gente para produzi-los em mais larga escala. Objetos desses, construídos com indiscutível competência e precisão, existem até hoje em vários museus.

Sua fama atraía tantos alunos de toda a Europa, ansiosos por ouvi-lo discorrer sobre os enigmas da física e da astronomia, que suas aulas passaram a ser dadas ao ar livre.

Informado de que alguém na Holanda havia observado que um objeto qualquer parecia muito mais perto quando visto através de duas lentes colocadas a certa distância uma da outra, montou rapidamente um pequeno telescópio, por meio do qual as autoridades locais puderam contemplar maravilhados as ruas de Veneza, do alto da famosa Igreja de São Marcos. Quando o jovem cientista virou o seu instrumento ótico para a amplidão dos céus, a astronomia moderna começou a nascer. O que fora apenas uma suposição mais ou menos intuitiva de Copérnico e Giordano Bruno, aos poucos se confirmou como verdade demonstrada aos olhos de Galileu: era a terra que girava em torno do sol e não o inverso como estabelecia a ciência oficial da época, com todo o apoio da Igreja. Durante 16 anos Galileu obedeceu à proibição de ensinar essa verdade, o que pode considerar-se surpreendente para um temperamento rebelde e contestador como o seu, ainda mais quando sustentado pela pesquisa, pela evidência do fato observado. Em 1632, contudo, publicou ele o livro DIÁLOGO SOBRE OS DOIS PRINCIPAIS SISTEMAS, no qual apresentava um estudo comparativo das teorias de Ptolomeu e Copérnico. A defesa do

sistema ptolomaico coube a uma personagem chamada Simplício, que invocava argumentos tolos e ridículos. Não faltou quem fosse soprar aos ouvidos do Papa Urbano VIII que Simplício era um mero disfarce para ridicularizar Sua Santidade.

A Igreja condenou prontamente o livro e mandou suspender a sua venda. Galileu, já idoso (70 anos) e vitimado por mazelas orgânicas mais ou menos graves, foi chamado a depor perante uma comissão de cardeais. Ou retratava-se das suas ideias inaceitáveis ou seria torturado. Após quatro meses de prisão, cedeu e assinou o documento de retratação que tamanha revolta suscitou no discípulo que iríamos conhecer quatro séculos depois, na personalidade do Espírito de que cuida este relato.

Não deve ter sido nada fácil para este ver seu venerando mestre ajoelhar-se e ler em voz alta e depois assinar, o documento no qual 'confessava' ser falsa a teoria de Copérnico e de comprometer-se a nunca mais ensinar ou falar dela, sob pena de morte. Em suma: para os 'cientistas' e para os senhores cardeais da época permanecia tudo em paz porque a terra continuaria a girar obedientemente em torno do sol.

Ainda assim, Galileu não escapou à prisão e nem o seu livro ao Index, do qual somente iria ser retirado em 1835. Por interferência pessoal do Duque da Toscana, o velho e alquebrado gênio deixou, afinal, o cárcere e foi vegetar durante os últimos anos de vida em prisão domiciliar, vigiado por espiões como um perigoso bandido.

Mas o velho cientista continuou escrevendo e remetendo seus estudos clandestinamente para onde pudessem ser publicados, pois

a vista começava a falhar também e ele temia ficar cego antes de concluir as tarefas que a si mesmo propusera. Seu último livro **DIÁLOGOS SOBRE DUAS NOVAS CIÊNCIAS**, é considerado o marco inicial da moderna física experimental.

Galileu morreu em 1642, aos 78 anos de idade. Temiam tanto suas ideias geniais e revolucionárias que tudo fizeram para destruir sua herança cultural e perseguir tenazmente seus discípulos.

Esse foi o homem, um gigante espiritual, ao lado de quem viveu e sofreu o companheiro com o qual mantivemos movimentados debates. O nosso caro irmão amou tanto o seu mestre e tanto o admirava que não lhe perdoara ainda pelo que considerou uma indignidade: ajoelhar-se perante um poderoso grupo de fanáticos ignorantes para dizer que se enganara naquilo que sabia muito bem ser verdadeiro.

PS. Chamamos a atenção do leitor para **A GÊNESE**, de Allan Kardec, especialmente para o Capítulo VI — Uranografia Geral, ‘extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título **ESTUDOS URÀNOGRÁFICOS**, e assinados ‘Galileu.

Funcionou como médium dessas comunicações ninguém menos que o famoso astrônomo Camille Flammarion.

É a esses textos que se refere o doutrinador no seu diálogo com o Espírito.

## 2- SÓCRATES

Se aí pelas décadas finais do século quinto antes do Cristo, o amigo leitor chegasse a Atenas e começasse a andar pelas ruas da

bela cidade-estado e lá encontrasse um sujeito feio, de baixa estatura, atarracado, nariz curto e chato, calvo, barbudo, mal vestido e descalço, provavelmente estaria na presença de Sócrates, que a si mesmo considerava-se apenas uma pessoa ‘interessada’ em filosofia. Como, porém, os espíritos sabem das coisas, ao serem interrogados por alguém, em Delfos, quem era o homem mais sábio da Grécia, responderam pela pitonisa e para surpresa de muitos, que era Sócrates.

O Filósofo não se deixou impressionar pelo valioso testemunho mediúnico. Limitou-se a comentar que era considerado sábio apenas porque tinha consciência da sua ignorância.

Em verdade, não tinha ele o hábito de fazer longas e verbosas preleções sobre os grandes temas da filosofia; preferia fazer perguntas, técnica que ficou para sempre ligada ao seu nome — o método socrático. Dizia modestamente que não conhecia as respostas, pois somente sabia fazer perguntas, mas não se contentava com meias resposta, nem meias-verdades; desejava conclusões claras, firmes, inequívocas, ainda que contrariando convicções mais ou menos consagradas e tradicionais.

Consta que herdou do pai — um modesto escultor — uma casa e aplicou em negócios diversos, com auxílio de seu amigo Crito, cerca de 70 minas. (Will Durant, em LIFE IN GREECE, estima que cada mina correspondesse a cerca de 100 dólares de 1945). O filósofo trabalhava apenas o suficiente para manter, com o mínimo possível do necessário, a família composta de Xantipa, a esposa e três filhos. Xantipa faz o tipo tradicional da mulher rabugenta e ranzinza, sempre a reclamar daquele marido “desligado”

que somente queria saber de conversar sobre assuntos de que, provavelmente, ela não tinha a menor ideia. Os filhos do casal foram considerados intelectualmente medíocres. Sócrates trabalhava na pedra. Alguns dizem que foi escultor, como o pai, mas o mais provável é que tenha sido apenas um modesto oficial de cantaria, técnica hoje quase desaparecida.

Sem ter escrito uma só página, deixou a marca do seu gênio em quase tudo quanto se pensou depois dele e muita coisa sobre a qual ainda não se pensou a sério, como reencarnação, comunicabilidade dos espíritos e sobrevivência do ser, bem como conceitos outros, desse nível e importância. Ele próprio tinha um espírito-guia, severo nas eventuais reprimendas, mas que se recusava a dizer-lhe que atitude tomar entre as várias opções que se lhe apresentavam aqui e ali.

Como muitos, lamenta Will Durant que se saiba tão pouco e tão mal acerca do grande filósofo. No dizer do brilhante historiador americano, ‘Platão compôs, na realidade (sobre Sócrates) dramas de imaginação, enquanto Xenofonte escreveu novelas históricas. Não se pode tomar por verdadeira história o que escreveram eles’.

Ficamos, assim, com fragmentos esparsos de sua vida, certos, também, de que nem tudo que lhe foi atribuído é realmente seu, pois autores que discorrem sobre ele, atribuem-lhe, com frequência, ideias e conceitos que o genial pensador jamais formulou.

Mesmo assim, ficou dele o suficiente para se tornar o pulso do gigante do pensamento universal e que a Doutrina Espírita considera acertadamente um dos mais importantes precursores do próprio Cristo e, por extensão, do Espiritismo. Em verdade, suas

convicções eram nítidas, inequívocas e inteligentes acerca dos princípios hoje consagrados na Doutrina dos Espíritos.

A respeito de todo o seu reconhecido talento, Platão transmitiu-nos apenas uma imagem esmaecida e até distorcida de seu mestre. Em breve entrevista concedida, no mundo espiritual, a Humberto de Campos (Espírito) — (Ver CRÔNICAS DE ALÉM TÚMULO, Francisco Cândido Xavier, Edição FEB, 1975, pág. 151 e seguintes), Sócrates mostra-se, de fato, descontente com Xenofonte e com Platão:

— ... é de lamentar — declarou o entrevistado a Humberto — as observações mal avisadas de Xenofonte, lamentando eu, igualmente, que Platão, não obstante a sua coragem e o seu heroísmo, não haja apresentado fielmente a minha palavra junto dos nossos contemporâneos e dos nossos pósteros.

— A História — prossegue ele, numa espécie de desabafo — admirou na sua Apologia os discursos sábios e bem feitos, mas a minha palavra não entoaria ladainhas laudatórias aos políticos da época e nem se desviaria para as afirmações dogmáticas no terreno metafísico. Vivi com a minha verdade para morrer com ela. Louvo, todavia, a Antístenes, que falou com mais imparcialidade a meu respeito, de minha personalidade que sempre se reconheceu insuficiente, julgáveis então que me abalançasse, nos últimos instantes da vida, a recomendações no sentido de que se pagasse um galo a Esculápio? Semelhante expressão a mim atribuída, constitui a mais incompreensível das ironias.

Ê certo que as ideias do filósofo chocavam-se com os cristalizados conceitos sociais, políticos e religiosos da época em

que viveu. Sua contestação ao sistema não podia deixar de fascinar aos jovens e colocar na defensiva todos aqueles que se deixavam embalar pelas mordomias e privilégios que se haviam transformado em direito de poucos à custa da penúria de muitos, mesmo numa cidade regida por importantes princípios democráticos. Daí a perseguição que moveram as autoridades contra ele.

Há nisto, contudo, interessantíssimos aspectos que convém ressaltar em proveito do melhor entendimento do testemunho pessoal do nosso visitante espiritual. Duas acusações específicas foram formalizadas contra Sócrates: a primeira dizia que ele não acreditava nos deuses reconhecidos pelo Estado e a segunda declarava que ele corrompia a juventude.

Em um pequeno texto reproduzido em GRANDES VIDAS E GRANDES OBRAS (Edição Seleções, Portugal, 1974), Max Eastman declara que ‘ainda hoje não está bem esclarecido o que os acusadores queriam dizer sob a forma da última acusação (corrupção da juventude).

Não me parece que o mistério seja tão denso, principalmente depois que o nosso companheiro espiritual desta história fez os comentários que vimos ainda há pouco. Um grupo de jovens do melhor nível intelectual e até social interessou-se profundamente pelas ideias do mestre. Como nos assinalou o Espírito, aquela era a geração que, volvidos os anos, estaria no poder. Não seria surpresa para ninguém que, uma vez alcançado esse estágio, acabassem com regalias e privilégios de que seus beneficiários não estavam preparados para abrir mão.

Quanto ao problema religioso parece ter sido mais um aspecto

meramente demagógico para obter apoio popular contra o filósofo, tido por 'demolidor' das estruturas religiosas locais. Isso porque os próprios formuladores da acusação também não ligavam a mínima importância às tais estruturas e crenças. Regredido no tempo, o nosso irmão deixou claro que eram úteis as crenças no *hades* e na metempsicose (reencarnação punitiva em animais), a fim de conter os mais desabridos e rebeldes.

O grande inspirador e promotor das acusações contra Sócrates foi Anitos. Méletos, que por sua instigação, deu corpo e voz às denúncias, era cidadão obscuro e medíocre. Anitos, ao contrário, era figura de destaque. Suspeitamos — sem que disto tenhamos tido qualquer evidência — que o nosso companheiro tenha sido precisamente esse Anitos, que ambicionava postos ainda mais elevados na política local, como o de *arconte*, que era praticamente um rei. Lembra-se o leitor que ele se identifica como membro do Senado.

Como nos assegurou o Espírito, os acusadores do filósofo não queriam sua eliminação a qualquer preço. Esperavam que ante a ameaça de uma condenação à pena máxima, Sócrates recuasse e se retratasse. Sabemos do depoimento do Espírito que essa retratação foi formalmente negociada com o pensador, ou melhor, tentada, em visita que teriam feito a ele. Sócrates, contudo, estava convicto de que desempenhava uma missão divina junto dos atenienses (alguma revelação espiritual?) e estava disposto a autenticá-la com a sua própria vida.

Na verdade, declara ele, como Espírito, a Humberto de Campos que não condena ninguém pelo que lhe aconteceu:



— De modo algum — disse. Méletos e outros acusadores estavam no papel que "lhes competia, e a ação que provocaram contra mim nos tribunais atenienses só podia valorizar os princípios da filosofia do bem e da liberdade que *as vozes do Alto me inspiravam*, para que eu fosse um dos colaboradores na obra de quantos precederam, no planeta, o pensamento e o exemplo vivo de Jesus-Cristo (Destaque meu).

Foi condenado por 280 votos contra 220. O acusado tinha direito a apelar por uma sentença mais branda, mas recusou-se, de início, a fazê-lo. A instâncias de vários amigos, inclusive Platão, resolveu, afinal, propor uma multa de trinta minas (3.000 dólares de 1945), mas em nova votação foi condenado com oitenta votos a mais do que na primeira. Restava a opção de evadir-se da prisão enquanto aguardava a execução da sentença. É certo que seus amigos armaram um esquema nesse sentido, como se lê no interessantíssimo diálogo que leva o nome de Crito. Este, subornando os guardas, introduziu-se na prisão durante a noite. Sócrates dormia como um anjo, sem cuidados ou problemas. Crito esperou pelo seu despertar ao amanhecer e tentou, sem o menor êxito, convencer o mestre e amigo a fugir.

Discípulos, amigos e a esposa acompanhada dos filhos visitavam-no na prisão, pois um episódio fortuito forçara o adiamento da execução.

— Sua morte é imerecida — lamentou alguém inconsolável.

— E querias que eu a merecesse? — perguntou o filósofo imperturbável.

Debateu temas vitais à filosofia até o fim, sem vacilações e

temores. Cumprira com dignidade sua missão e sabia muito bem que a morte é apenas a transição de uma forma de vida para outra bem melhor, para aqueles que têm a consciência em paz.

— Com a morte de Sócrates — comenta Durant — encerra-se a idade de Ouro. Esgotara-se Atenas de corpo e alma.

Caracteristicamente, ao capítulo final do seu Livro III, Durant intitulou com muita propriedade e realismo O SUICÍDIO DA GRÉCIA.

Por tudo isso e com todos esses aflitivos problemas na consciência, o nosso querido irmão espiritual vivia por obrigação, desalentado e infeliz. Por isso atribuíra a si mesmo a tarefa de ‘promotor’ de Deus, para revelar a maldade que julgava intrínseca nos seres humanos, a fim de que a humanidade se depurasse de todos, inclusive dele próprio.

Seu resgate de tal situação foi dramático e intensas as alegrias que vivemos ao ajudá-lo a dar um novo sentido à sua vida imortal.

PS. Quanto ao Senado, valho-me da autorizada palavra de Will Durant, no já mencionado volume LIFE IN GREECE:

— Os oligarcas Eupátridas, ou seja, os poucos e bem nascidos que governavam, exerceram o poder político na Ática durante quase cinco séculos. Sob esse regime, a população era dividida em três classes políticas: os *hippes*, ou cavaleiros, proprietários de cavalos e que podiam servir ao exército nas tropas de cavalaria; os *dseugitai*, donos de juntas de bois e que podiam equipar-se por conta própria para lutar como *hoplitas*, ou seja, na infantaria pesada; e os *zetes*, trabalhadores comuns que combatiam na infantaria ligeira. Eram considerados cidadãos apenas os membros

das duas primeiras classes e somente os cavalheiros poderiam ser nomeados arcontes, juizes e sacerdotes. Concluído o mandato e mantida sem mácula sua honorabilidade, os arcontes se convertiam automaticamente, e em caráter vitalício, em membros do *boulé*, ou Conselho, que se reunia nas horas frescas do entardecer, no Areópago, ou colina de Ares. Eram estes os responsáveis pela eleição dos arcontes e pelo governo do Estado. Este Senado do Areópago já desfrutava de considerável importância no antigo regime monárquico, chegando mesmo a limitar a autoridade do rei; sob o sistema oligárquico, chegou a ser o organismo supremo do Estado, como o órgão equivalente em Roma.

Como se vê, gozavam os senadores de grande prestígio e exerciam substancial parcela de poder. Acima deles, apenas o arconte, espécie de rei, em regime parlamentarista, posto a que certamente ambicionava o Espírito, nosso visitante.

Já o organismo que julgou e condenou Sócrates era um tribunal popular denominado *dikasterion*, integrado, na época, por cerca de 500 membros, muitos deles das camadas mais importantes da sociedade como, obviamente, os senadores.

## Súmula

1 PREFÁCIO

2 A INTELIGÊNCIA NÃO CURA

3 QUEM AMA CHEGA PRIMEIRO

4 TESOUROS EM CUSTÓDIA

5 FREI JERÔNIMO

6 NOITE DE TREVAS NA CHARNECA

7 O IRMÃO QUE VEIO DA ATLÂNTIDA1

8 “SERÁ QUE DEUS ACREDITA EM MIM?”

9 O POSTE DAS CULPAS

10 O TRISTE BALIDO DA OVELHA DESGARRADA

11 NAIM VIU A LUZ E PREFERIU A TREVA

12 O EXILADO

13 O DISCÍPULO DE GALILEU

DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.

Av. N. Senhora do Ó, 1782, tel. 857-6044

Imprimiu

COM FILMES FORNECIDOS PELO EDITOR

[{1}](#) Sócrates

[{2}](#) Sócrates

[{3}](#) Criar vida é atributo de Deus, mas é certo que a Divindade delega a seres superiores a faculdade de modelar e dirigir as correntes da vida.

[{4}](#) Nota digital: Destaque desta versão.

[{5}](#) Nota digital: páteo: s.m. Grafia antiga e atualmente incorreta. Forma atual e correta: pátio...

[{6}](#) Ver a história: “Frei Jerônimo”.

[{7}](#) Um tipo de bola especial para crianças brincarem.

[{8}](#) Ver História: Reencontro com Hans.

[{9}](#) “Diálogo com as sombras, Edição FEB”.

# Índice

Título	2
Edição	3
Editora	4
1 Prefácio	6
2 A Inteligência Não Cura	11
3 Quem ama Chega Primeiro	25
4 Tesouros em Custódia	42
5 Frei Jerônimo	58
6 Noite de Trevas na Charneca	73
7 O Irmão que veio da Atlântida I	94
8 “Será que Deus acredita em Mim?”	114
9 O Poste das Culpas	143
10 O Triste balido da Ovelha desgarrada	167
11 Naim viu a Luz e preferiu a Treva	191
12 O Exilado	217
13 O Discípulo de Galileu	265